

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

ARILDA INES MIRANDA RIBEIRO

A EDUCAÇÃO FEMININA DURANTE O SÉCULO XIX:

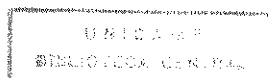
O COLÉGIO FLORENCE DE CAMPINAS (1863 - 1889).

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

Campinas

1993

1200024



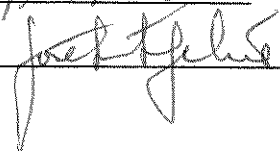
Tese apresentada como exigência parcial
para a obtenção do Título de DOUTOR EM
EDUCAÇÃO, na Área de Concentração
Filosofia e História da Educação, à
Comissão Julgadora da Faculdade de
Educação, da Universidade Estadual de
Campinas sob a orientação do Prof. Dr.

José Luís Sanfelice. (t)

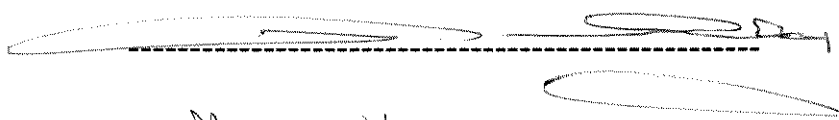
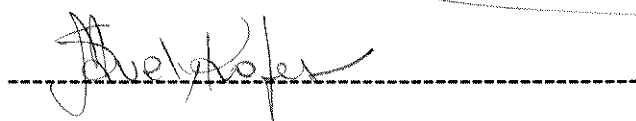
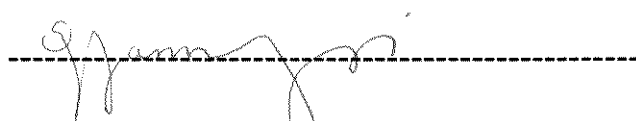
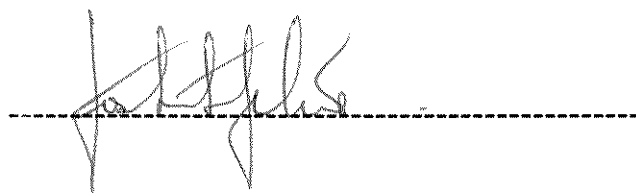
Sanfelice, José Luiz

Este exemplar corresponde à redação
final da Tese defendida por ARILDA
INÊS MIRANDA RIBEIRO e aprovada pe
la Comissão Julgadora em _____

Data: 22/11/93

Assinatura: 

COMISSÃO JULGADORA:

A handwritten signature in black ink, appearing to be "J. A. K. S.", written on a set of three horizontal lines (top solid, middle dashed, bottom solid).A handwritten signature in black ink, appearing to be "J. A. K. S.", written on a set of three horizontal lines (top solid, middle dashed, bottom solid).A handwritten signature in black ink, appearing to be "J. A. K. S.", written on a set of three horizontal lines (top solid, middle dashed, bottom solid).A handwritten signature in black ink, appearing to be "J. A. K. S.", written on a set of three horizontal lines (top solid, middle dashed, bottom solid).A handwritten signature in black ink, appearing to be "J. A. K. S.", written on a set of three horizontal lines (top solid, middle dashed, bottom solid).

AGRADECIMENTOS

Ao Prof. Dr. José Luis Sanfelice, pela confiança e amizade, não poupando esforço, dedicação e sobretudo palavras de encorajamento na orientação desse trabalho.

À Profa. Dra. Gilberta M. S. Jannuzzi, amiga e ex-orientadora por sua preocupação, valiosas sugestões e o entusiasmo contagiante pela História da Educação.

Ao pessoal de casa: aos manos Elisa, Cida e Geraldinho, aos cunhados Gigi, Marião e Denise e aos "subras" Clayton (Zé), Letícia, Julinha e Giovana pela paciência e o estímulo durante todo o processo de elaboração.

Um abraço especialmente carinhoso a Ana Maria da Costa Santos Menin, amiga e companheira de casa, viagens e trabalho, leitora e revisora dos primeiros textos, por ter acreditado que valeria dar mais um passo, seguir em frente, não recuar...

As queridas e sempre amigas Angela, Carol, Dorinha, Lili, Rég, Con, Loira e Flora e ao Luís Paulo, aqueles que acompanharam e compartilharam angústias e ansiedades típicas de quem faz tese.

Agradeço especialmente a Leila E. Florence de Moraes, por me acolher em sua casa em S.Paulo, ceder inúmeras manhãs e tardes na coleta e tradução criteriosa da farta documentação de sua família. Pela amizade que nasceu do respeito e admiração à sua pessoa.

À Profa. Maria do Rosário M. Magnani, pela correção criteriosa e crítica ao trabalho.

Aos colegas, professores e funcionários da UNICAMP especialmente a Sandra, Sueli, Marina e "à turma" da Nadir (Unicamp) e da UNESP - Campus Presidente Prudente, à Sueli e Nair.

Ao Centro de Memória da Unicamp, através do Prof. Dr. Roberto do Amaral Lapa, historiador cuidadoso sobre a cidade de Campinas. Agradeço a seus funcionários, em especial a Paula, bibliotecária.

Ao Arquivo Edgar Leuenroyth, pelos microfilmes dos jornais e a utilização de suas leitoras. Também a D. Maria Luisa, do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas.

Agradeço ao CNPQ - Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico- que me auxiliou financeiramente durante o doutoramento e ao FAEP - Fundo de Assistência ao Ensino e a pesquisa, da Unicamp, com os recursos destinados a impressão e confecção da tese.

"A cultura como o amor, é a única coisa
que só cresce na medida em
que vai sendo compartilhada."
(Javier Perez de Cuellar).

Ao meu pai Ary Escobar Ribeiro e
minha mãe Eliza Miranda Ribeiro

Dedico esse trabalho.

RESUMO

A presente tese em Educação, que leva por título **EDUCAÇÃO FEMININA DURANTE O SEC. XIX: O COLÉGIO FLORENCE DE CAMPINAS (1863-1889)**, tem por objetivo resgatar a história de uma instituição destinada às mulheres da Província de São Paulo e dessa forma recuperar aspectos relativos à educação feminina.

A opção pelo estudo da Educação Feminina no Colégio Florence definiu-se através do critério que envolvia o tempo de permanência durante o Império Brasileiro. Sendo um dos primeiros a ser fundado no II Império, ao contrário dos seus contemporâneos, permaneceu vinte e cinco anos em Campinas.

Utilizou-se como fontes para a pesquisa os jornais publicados na época, principalmente "A Gazeta de Campinas" e o "O Diário de Campinas", além de cartas e diários de professores, alunas e parentes.

A intimidade com esse documentação possibilitou o resgate da riqueza de aspectos do que ocorria no II Império, tanto na esfera pública, como na esfera privada.

Para atingir tal objetivo, o trabalho ficou estruturado em cinco capítulos: 1. Antecedentes históricos do Colégio Florence. 2. Colégio Florence de Campinas: aspectos formais e informais da Educação feminina. 3. O corpo docente. 4. As discentes e o Colégio Florence. 4. A mudança do Colégio Florence para Jundiaí e seus desdobramentos posteriores.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	01
CAPÍTULO I - ANTECEDENTES HISTÓRICOS DO COLÉGIO FLORENCE	08
1.1 Imigração Alemã: Influências educacionais e culturais.....	14
1.2 A lavoura de café como fator de desenvolvimento de cidade de Campinas	25
1.3 Fundação do Colégio Florence	39
CAPÍTULO II - COLÉGIO FLORENCE DE CAMPINAS: ASPECTOS FORMAIS E INFORMAIS DA EDUCAÇÃO	54
2.1 Os primeiros colégios em Campinas	68
2.2 A Pedagogia adotada no Colégio Florence	75
2.3 Programas de disciplinas	105
2.4 Considerações Preliminares	121
CAPÍTULO III - O CORPO DOCENTE DO COLÉGIO FLORENCE	127
3.1 Os professores do Colégio Florence	132
3.1.1 Padre Vieira	133
3.1.2 Theodoro Jahn	134
3.1.3 Emílio Henking	135
3.1.4 Campos da Paz	137
3.1.5 Francisco Caldeira	140
3.1.6 Rangel Pestana	140

3.1.7	Julio Ribeiro	143
3.1.8	Miguel Alves Feitosa	146
3.1.9	João Kopke	148
3.1.10	Emílio Giorgetti	158
3.1.11	Hércules Florence	162
3.1.12	Amador Bueno Machado Florence	165
3.1.13	Henrique Florence	165
3.1.14	Augusta e Isabel Florence	167
3.1.15	Paulo, Guilherme, Jorge e Ataliba	169
3.1.16	Anna Krug Kupfer e suas filhas	171
3.1.17	Armeline Lamaneres	172
3.1.18	Leonor Gomes	174
3.2	Outros professores	174
3.3	Novas considerações preliminares	175
3.4	Remuneração dos docentes	178
CAPITULO IV - AS DISCENTES DO COLÉGIO FLORENCE		184
4.1	Procedência das alunas	189
4.2	Dificuldades com professores e alunas	200
4.3	Despesas do Colégio com alunas	207
4.4	Relacionamento das alunas na instituição	213
4.5	Alunas notórias	217
4.6	Maria Monteiro	220
4.7	Atividades artísticas e culturais	226
CAPÍTULO V - A MUDANÇA DO COLÉGIO FLORENCE PARA JUNDIAÍ E SEUS DESDOBRAMENTOS POSTERIORES		235
5.1	A transferência do Colégio Florence para Jundiaí	244
5.2	Falecimento de Carolina Florence	256
5.3	Desdobramentos do Colégio Florence	260
5.4	O Ressurgimento do Colégio Florence na capital	262

CONSIDERAÇÕES FINAIS	264
BIBLIOGRAFIA	276
ANEXOS	286
Anexo 1- Entrevista com professora do Colégio Florence	
Anexo 2 - Relação das ilustrações	

INTRODUÇÃO

O presente trabalho surgiu dos resultados apresentados na minha dissertação de mestrado, defendida em 1987, "A Educação da Mulher no Brasil-Colônia". Esta tratava de resgatar a gênese do processo educativo feminino brasileiro.

A conclusão daquela pesquisa, no que se refere à Educação formal feminina, indicou que apenas algumas mulheres das famílias abastadas tiveram acesso à instrução e, sempre limitadas nos espaços dos conventos que as alfabetizavam apenas para obterem o acesso aos livros de rezas.

Dessa forma, ao perceber que no período do Brasil-Colônia não se impunham as condições necessárias à implementação da Educação para as mulheres, resolvi dar continuidade à pesquisa no período do II Império Brasileiro, visto que no I Império o país possuía características muito semelhantes àsquelas analisadas no período anterior.

Delimitado o período histórico, escolhi o local da pesquisa. Nesse sentido, a cidade de Campinas foi privilegiada, considerando o fato de que foi, no período analisado, uma das regiões culturalmente mais desenvolvida do país. Também foi considerado o fato de residir há dezesseis anos no município. Graduada em Biblioteconomia, obtive facilidades de acesso aos documentos que eram armazenados em bibliotecas e centros de documentação dirigidos por antigos professores do curso de graduação.

Isso não significa que não tenha havido dificuldades na localização das fontes. A Biblioteca da Loja Maçônica Independência, rico acervo doado pelos campineiros do séc.XIX, impossibilitou-me por exemplo, a pesquisa.

O Centro de Ciências, Letras e Artes encontrava-se na época com o acervo relativo à cidade de Campinas, um dos melhores em termos de periódicos, amontoado em pilhas, numa sala do sótão da instituição. Apesar da precariedade, reconheço o esforço da bibliotecária D. Maria Luisa, no sentido de possibilitar a consulta de alguns jornais.

Delimitados o tempo e o espaço geográfico, restava decidir a instituição que seria o objeto a ser pesquisado porque, ao contrário de outras regiões, Campinas possuía várias escolas e colégios destinados à educação de mulheres no período em questão.

A opção pelo estudo da Educação Feminina no Colégio Florence definiu-se através do critério que envolvia o tempo de permanência durante o Império Brasileiro. Sendo um dos primeiros a ser fundado no II Império, ao contrário dos seus contemporâneos, permaneceu vinte e cinco anos em Campinas.

Haidar, no livro "O Ensino Secundário no Império Brasileiro", afirma que somente um estudo detalhado e uma pesquisa minuciosa poderão realizar o levantamento das escolas particulares existentes na Província de São Paulo nos finais do século passado porque os historiadores, que se debruçaram com mais afinco na História da Educação Brasileira, omitiram estudos a respeito da história feminina.

Na Província de S. Paulo, a partir de 1860, há notícias da criação de diversos colégios secundários destinados à educação feminina: todos fundados por particulares. A literatura educacional entretanto, continua com a ausência de estudos que evidenciem a importância que os mesmos exerceram na historiografia educacional brasileira.

Ao estudar o Colégio Florence, analisei a vida de sua fundadora, Carolina Florence, pois os colégios particulares, possuíam, implicitamente, a pedagogia de seus fundadores.

Este trabalho pretende ser relevante na medida em que resgata a história de uma instituição destinada às mulheres da Província de São

Paulo e, dessa forma, busca recuperar aspectos relativos à educação feminina.

Por se tratar, o Colégio Florence, de uma instituição particular e muito antiga, o resgate da documentação foi, quase na sua totalidade, realizada por persistência e sorte em encontrar a documentação preservada.

As leis protegeram a ausência de documentação pois os estabelecimentos de ensino, fundados pela iniciativa privada, eram dispensados de enviarem relatórios sobre a situação dos mesmos.

Com dificuldades em encontrar dados nos documentos relativos aos aspectos legais, restaram como fontes alternativas os jornais publicados na época, principalmente "A Gazeta de Campinas", "O Diário de Campinas", o "Constitucional" e os jornais da Capital. Destes, basicamente foram pesquisados "A Província de S.Paulo" e um dos mais antigos no II Império: "O Correio Paulistano".

Os jornais "A Gazeta de Campinas" e "O Diário de Campinas" foram pesquisados minuciosamente em microfilmes, observando-se o cotidiano das publicações. Todas as indicações referentes a temas como: Educação, Mulheres, Carolina e o Colégio Florence durante o período de 1870 a 1892 foram transcritas, catalogadas e finalmente doadas ao Centro de Memória da Unicamp.

Na análise, as diversas seções (editorial, noticiários, particulares, anúncios) foram vistas ponderadamente, isto porque os jornais não eram absolutamente "isentos" e "neutros" na maneira como publicavam as notícias. Estavam essas, de alguma maneira, associadas à postura política adotada pelos jornais. Por outro lado, as notícias trazem "pistas" que indicam outras interpretações ligadas ao contexto social da época podendo evidenciar o seu imaginário coletivo.

Como afirma Schwartz, que também utilizou a imprensa para observar as representações do negro nos jornais do século XIX, "*a partir de um só artigo é possível apreender dimensões diversas, diferentes imagens*

que nos falam sobre a condição negra nesse momento" (Schwartz, **Retrato em Branco e Negro**, p.14). O mesmo pode se dar com relação à educação das mulheres. A comparação, possível de ser feita entre alguns periódicos, constitui-se em forma de evidenciá-los como segmentos da sociedade que produziam, refletiam e representavam.

Os jornais constituem-se em fonte histórica complexa, já que a Imprensa Paulista de finais do século é tida pela elite, como fórum de opiniões sobre as questões centrais da época.

As cartas e diários têm um papel fundamental neste trabalho. Eles complementam as notícias encontradas nos jornais e nos livros de historiadores sobre o período.

A intimidade que essa documentação contém, possibilita o resgate da riqueza das representações sobre o que ocorria no cotidiano do II Império. As impressões, às vezes, falam muito mais do que os documentos oficiais, pois trazem embutido o descomprometimento com a esfera pública. São assim, portanto, fiéis a significados afetivos e à pura expressão subjetiva do que ocorria na época.

Foi preciso analisá-los sempre com atenção dado ao fato de que eles, assim como os jornais, trazem internamente a ideologia que professam. O conteúdo revela geralmente a posição da mulher na família, associado a papéis domésticos de filha, esposa, mãe, trabalho dentro do lar e a relação que se estabelece socialmente entre a família, os parentes e a vizinhança. Se por um lado o conteúdo enaltece os chamados atributos femininos, como a suavidade, a dependência, a fraqueza e a passividade, de outro denota um discurso diferenciado em relação à mulher. *"Quando a louvação de um autor masculino se refere a ações femininas, muitas vezes trazem implícitas as idéias de que existem algumas mulheres diferentes do que consideram que a mulher deva ser."* (Mulher Brasileira, **Fundação Carlos Chagas**, p.41)

Ao serem lisongeados, o espírito combativo, a

capacidade de exprimir amor, a necessidade de realização que as mulheres sentem, percebe-se que esses atributos não são aceitos como características femininas, porém são admirados nas mulheres que se destacam através delas. Nesse sentido, nem sempre é fácil verificar se o elogio implica uma aceitação destes traços ou se limita-se ao espanto de que estes sobrevivam num ambiente que lhes é hostil.

Importante também a ressaltar é que, através dos jornais, das cartas e dos diários, tem-se a possibilidade de reunir as mesmas informações a respeito de um fato, dentro da esfera pública e privada. O interessante, nesse caso, é somar as informações das diferentes fontes e cruzá-las a fim de obter resultados satisfatórios. Na medida do possível, já que é um exercício bastante complexo, tentou-se a sua realização neste trabalho. De qualquer forma, a riqueza dessas fontes primárias por si só constitui a maior contribuição que esta pesquisa resgatou. Através delas, o leitor poderá "viajar" pelo tempo e vislumbrar situações relativas ao século passado.

Nesse sentido, mantive as citações na sua grafia original para reforçar as diferenças gramaticais que também constituem um resgate histórico.

O acesso às cartas e diários, assim como notas fiscais, livros de contabilidade do colégio, etc., foi conseguido por intermédio dos descendentes dos fundadores da instituição, especificamente através da Sra. Leila Evangelina Florence de Moraes, bisneta de Hércules e Carolina Florence.

O trabalho, em pauta, foi realizado em sua residência, na capital, em visitas periódicas. De posse de um gravador, as cartas eram lidas, traduzidas pela Sra. Florence de Moraes e selecionadas para a transcrição. Privilegiei nas cartas e diários as mesmas questões relativas aos jornais: mulheres, educação, Carolina e o Colégio Florence.

As fitas de um total de 150 cartas gravadas foram transcritas em Campinas, catalogadas, e também doadas ao Centro de

Memória da Unicamp, para pesquisas posteriores. Junto às cartas, anexeí toda a documentação sobre a cidade de Campinas e o Colégio Florence, entre eles, os almanaques.

Este texto, resultado final da pesquisas, está organizado em 5 capítulos.

No primeiro capítulo, há um resgate dos antecedentes históricos do Colégio Florence. Para tanto, retornei à origem da fundadora da instituição, sua teia de relações afetivas e profissionais. Introduzi o contexto histórico da cidade de Campinas, bem como a formação e o entrelaçamento das famílias. Tratei também da fundação do Colégio Florence.

No segundo, trabalhei os aspectos formais e informais da educação feminina no Colégio Florence de Campinas. Foi necessário resgatar a concepção da educação feminina durante o período do II Império e uma síntese dos primeiros colégios em Campinas. Procurei também resgatar a pedagogia adotada na instituição, através das influências de Carolina Florence e outros docentes. Introduzi os programas das disciplinas e das festividades realizadas anualmente, bem como articulei uma reflexão em torno dessas atividades.

No terceiro capítulo, relacionei os professores que mais se destacaram na instituição, suas atividades e os reflexos posteriores, do Colégio Florence, nas suas carreiras de educadores. Cito a participação dos familiares de Carolina Florence e a importância de suas atuações. Encerro o capítulo, tratando do pagamento dos salários dos professores.

No quarto capítulo, procurei recuperar a procedência das alunas que frequentaram o Colégio Florence e as dificuldades que viviam: doenças, afastamentos, despesas que a instituição enfrentava, entre outros. Citei também as alunas que tiveram notoriedade e as atividades culturais e artísticas desenvolvidas por elas.

No quinto e último capítulo, tratei dos motivos da retirada do Colégio Florence da cidade de Campinas para a cidade de Jundiáí,

o falecimento de Carolina Florence e os desdobramentos posteriores do Colégio Florence.

Finalmente, escrevi as considerações que julguei procedentes.

CAPÍTULO I

ANTECEDENTES HISTÓRICOS DO COLÉGIO FLORENCE

" Ó meu Deus, esclarecei meu
espírito, elevai minha alma,
mostrai o verdadeiro caminho de
sabedoria e bondade.(...)"

(Oração rezada no Colégio Florence -
Carta de Carolina Florence Mayer)

CAPÍTULO I

ANTECEDENTES HISTÓRICOS DO COLÉGIO FLORENCE

O Colégio Florence foi fundado em Campinas em 3 de novembro de 1863, por uma imigrante alemã de nome Carolina Krug Florence.

Por ser de origem teuta e ter qualificativos profissionais que a diferenciavam da maior parte daqueles, que como ela, fundaram instituições destinadas à instrução, acho que registrar sua origem seja um fator positivo para a compreensão do Colégio Florence.¹

Assim, acredito ser importante recuperar sua trajetória educacional na Alemanha, a fim de que esses dados sirvam de subsídios para a compreensão de sua experiência pedagógica bem como do êxito da instituição por ela criada.

Os dados a respeito de sua vida foram coletados por descendentes e registrados no Álbum que a Prefeitura Municipal de Campinas confeccionou em função da comemoração aos 200 anos de fundação da cidade. Apresento-os, a fim de preservar as informações.

Carolina Krug (Caroline Mary Catherine) nasceu em 21 de março de 1828 no sul da Alemanha, numa cidade denominada Cassel, próxima a Floresta Negra. Filha de um fabricante de mosaicos artesanais de madeira, João Henrique Krug e Elizabeth Debus Krug, iniciou seus estudos com a idade de seis anos em uma escola dirigida por três irmãs. Frequentou

¹ Álbum do Bi-Centenário de Campinas.

também a Escola Ruppel até os quatorze anos e fez com essa idade a primeira comunhão. (Florence. **Album Bi-Centenário**. s.p.)

Concluídos os estudos médios, Carolina Krug frequentou curso superior dirigido por um Pastor de nome Jatho, dedicando-se principalmente às disciplinas História Universal e Literatura. Nessa época, em seu interesse pelo estudo, sobressaía a vontade de dar continuidade ao que aprendera até então. No entanto, Cassel não oferecia condições suficientes para seu desenvolvimento pedagógico. Assim, seus pais resolveram enviá-la à Suíça, ao Instituto de Madame Niederer, esposa de um antigo colaborador e amigo de Pestalozzi, já considerado, na época, um grande pedagogo moderno.

É interessante observar que seu deslocamento para outra região implicava em atitude de coragem e persistência, considerando que a viagem era muito difícil, devido aos meios primitivos de transporte, mesmo na Alemanha. Outro fato que chama a atenção se refere ao desprendimento dos pais em confiar a travessia de uma filha, mulher, muito jovem ainda, para tão longe, e sozinha.

Todo o trajeto foi feito em diligência, exceto uma pequena parte, de Frankfurt sobre-o-Meno até Manhein, um dos poucos pontos que naquele momento possuía estrada de ferro. Hospedou-se em várias cidades onde seus pais tinham conhecidos, até que finalmente chegou ao Instituto de Madame Niederer. Este situava-se num dos arredores de Genebra, chamado La Servette.

Neste estabelecimento, Carolina Krug teve a oportunidade de conhecer melhor o método de Pestalozzi e também vivenciá-lo na prática. Pela descrição de uma de suas antigas colegas de internato, percebe-se que havia respeito e dedicação tanto da diretora do Instituto em relação às alunas, como destas entre si. Em uma carta enviada por uma amiga que estudou com Carolina naquele estabelecimento é possível verificar o grau de afetividade e reconhecimento pelo trabalho pedagógico realizado por Madame Niederer:



Ilustração 01 - A Educadora Carolina Krug Florence (Coleção Cyrillo Hércules Florence)

Carolina ...

*"Agradeço toda a bondade e toda a amizade que você manifestou durante minha última estadia junto a Madame Niederer. Aqueles dias que tive a felicidade de passar com ela deram-me um novo impulso, para seguir com coragem a cadeira de educadora. **Tenho novamente sido testemunha de sua bondade a todas as suas alunas, do interesse que dedica a cada uma delas, dos cuidados que ela toma para bem dirigir a educação destas.**"*.(Carta de Suzete Kaessler para Carolina Florence, em francês, Coleção Cyrillo Hercules Florence. Genebra, 9 jan 1847.)

A preocupação com a educação transcendia os ensinamentos de conteúdos nas disciplinas. Havia por parte da direção deste estabelecimento o desejo de que as educandas aprendessem a se comportar na sociedade e a respeitar o outro como companheiro de conhecimentos. Infelizmente Madame Niederer, que tinha confiado à Carolina Krug a redação de sua correspondência particular, cedeu a Madame Broglia et Flaction seu instituto, na primavera de 1847. O instituto mudou-se para uma casa situada perto de um lago, chamado Deux Paquis. Após a sua retirada desse instituto, Carolina manteve com esta senhora, que se ocupava exclusivamente do ensino, correspondência por alguns anos. Na troca destas missivas é possível verificar que a jovem aluna teve êxitos nos estudos, preparando-se para a sua carreira de docente.

Em carta de Madame Flaction enviada à mãe de Carolina Krug, ainda quando esta residia no instituto, é possível verificar o desenvolvimento que Carolina Krug obteve tanto nas disciplinas lecionadas como na formação do seu caráter:

*"M.Elizabeth Krug,
... eu fico feliz em poder vos dizer madame que*

Caroline fez grandes progressos naquilo que estuda, e principalmente na língua francesa, desenho etc. Nós só podemos lhe dar, para além das qualidades sólidas de seu caráter, a segurança que sobretudo entre nós ela está perfeitamente preparada de completar com sucesso (...) a vocação para a qual ela se prepara."(Carta de M.Fraction para Elizabeth Krug, em francês, Coleção Cyrillo Hércules Florence, Genebra, 21 ago 1847).

Nessa carta, a educadora coloca para a mãe da aluna seu desejo de que Carolina Krug partisse para Colônia ou Prússia, para lá iniciar sua carreira. Entretanto, a ligação com a família trouxe-a de volta à cidade natal de Cassel, em 1848. Durante algum tempo trabalhou como professora em uma casa de família, na propriedade campestre de Holstein. Deu aula para moças durante um ano e ao fim deste aconselhou aos pais de suas alunas que as matriculassem em um colégio onde, em companhia de outras colegas, encontrariam mais estímulo para o estudo. Esse conselho foi aceito e as meninas entraram no colégio em Altona, cuja diretora, Mlle.Biernatriski, achou-as tão adiantadas que indagou sobre a pessoa que as ensinava. Informada a esse respeito, a diretora ofereceu um lugar a Carolina Krug, que lecionou nesse instituto durante três anos.

As observações sobre o que tinha aprendido e o que ensinava era dividido com as antigas companheiras de internato. Através da correspondência com Berth, por exemplo, podemos observar que as matérias que as alunas do instituto aprendiam eram tidas como avançadas, em uma época em que as mulheres conquistavam lentamente o direito de assimilar conhecimentos científicos. Assim, Berth menciona que continuava a tomar, com grande interesse as lições que Carolina conhecia tão bem, como astronomia com M. Wartalltmann ou as comédias que M. Perret as fazia interpretar. (Carta de Berth I. para Carolina Krug, em francês, Coleção Cyrillo Hércules Florence - Genebra, 19 mar 1848.)

Ainda em 1850, Carolina Krug continuava mantendo

correspondência com M. Broillat. Nessa época, sua antiga diretora do Instituto Suíço, agora casada (o sobrenome foi substituído por Breitonager) lhe escrevia sobre o papel de educadora, da necessidade do aprimoramento intelectual e fundamentalmente sobre as potencialidades de sua antiga discípula, elogiando-a no domínio do francês:

*"Cara Caroline,
... estou bem contente minha cara criança, por você se encontrar bem no estabelecimento Biernatriski. A vida é tão difícil para todos nos tempos em que vivemos que é preciso contentar-se com o seu trabalho. Entretanto minha cara pequena não negligencie de sonhar com o futuro e não se descuide dos conhecimentos. Veja, não se é sempre jovem e as forças se esvaem muito rápido na carreira de professor. Eu vos asseguro: você é melhor professora para ensinar nossa língua (o francês) que a maior parte dos nossos compatriotas. Nós temos é que escrever muitos trabalhos e sobretudo ler bons autores, é assim que se forma o estilo. (Carta de M.Broillat para Carolina Krug, em francês, Coleção Cyrillo Hércules Florence. Genebra, 27 jul 1827).*

Quando M.Biernatriski resolveu retirar-se do magistério, ofereceu a Carolina Krug o seu Instituto. Essa ponderou o convite e recusou-o por se achar ainda muito jovem para assumir esse cargo, ao que a diretora lhe respondeu: **"Isso é um defeito que se vai remediando com o tempo."**

Nessa mesma ocasião, os pais de Carolina desejavam reunir-se ao filho mais velho, Jorge Krug estabelecido como farmacêutico no Brasil, na cidade de Campinas desde 1846, e que nessa época já havia adquirido fortuna razoável na América, participando da vida social e política campineira. Ele exerceu, por muito tempo, em toda a Província de S.Paulo, o cargo de Vice-Cônsul da Suíça. Maçon (grau 33), de tendência liberal, ajudou

a fundar estabelecimentos de ensino na cidade de Campinas. Entre eles, o Colégio Culto à Ciência para o sexo masculino, a Escola Alemã para filhos e filhas de descendentes germânicos e o Colégio Florence, para o sexo feminino. Assim como sua irmã Carolina, Jorge Krug dedicava-se com afinco às causas da educação. (Jornal "A Província de S.Paulo", seção noticiário, 7 mar 1875).

1.1 - IMIGRAÇÃO ALEMÃ: INFLUÊNCIAS EDUCACIONAIS E CULTURAIS.

Em consequência dos fortes laços familiares, Carolina Krug se juntou ao restante da família e embarcaram para o Brasil em setembro de 1852. Saindo de Hamburgo em um navio à vela, pois nesse tempo não havia ainda navios a vapor para o Brasil. Levaram dois meses na travessia.

Aliás, muitos alemães emigram para o Brasil nessa época. A causa dessa emigração se deve a diversos fatores. Muitos abandonam a cultura germânica em plena mudança para a industrialização, outros por causa dessa mudança. Boa parte da emigração germânica é composta de cidadãos. Era uma forma de prevenir ou modificar situações econômicas indesejáveis pois, com a industrialização, havia o medo da proletarização.

O pai de Carolina, João Henrique Krug, por exemplo, pertencia à classe média. Era artífice, possuía um estabelecimento que produzia mosaicos de madeira, trabalho muito apreciado na Alemanha, *"sendo que muitos assoalhos, em vários castelos, são ainda admirados como verdadeiro primor de arte."* (grifos meus). (Florence, **Album do Bi-Centenário**, s.p.).

Seria, porém, como cita Willens, um erro considerar questões econômicas ou administrativas como únicos motivos de emigração, pois *"freqüentemente não eram os mais pobres que emigravam, e a emigração continuava mesmo quando a situação do país já se havia tornado favorável, mais favorável às vezes, do que a situação do país de emigração."*

(Willens, **A aculturação dos alemães no Brasil**, p.34).

No caso dos Krug, além do desejo de encontrar uma terra propícia à implantação de suas realizações no campo profissional, havia a vontade de unirem-se ao filho e irmão mais velho, que certamente lhes contava das oportunidades que surgiam no novo continente, principalmente em Campinas, onde o desenvolvimento parecia mais acentuado.²

Tschudi, viajante que esteve no Brasil na década de 60, descreveria as razões da mudança dos Krug para o Brasil por razões políticas:

"Em Campinas, hospedei-me na casa do farmacêutico dr. Georg Krug, pois esta cidade, de grande movimento e indiscutível importância, uma das maiores da Província, não possuía sequer um hotel. O pai do sr.Krug emigrara da Alemanha, devido à triste situação política do Ducado eleitoral de Hessen-Kassel, onde exercia, na cidade de Kassel, a profissão de marceneiro, que lhe dera grande fama, como ártifice hábil e competente. Cometera, entretanto, o grave crime de abrigar idéias demasiado liberais, o que lhe valeu ser forçado a abandonar a pátria, ele e sua família. Veio para o Brasil e fixou residência em Campinas. Seu filho mais velho estabeleceu-se com uma farmácia e o mais jovem exercia, com muita habilidade, a profissão paterna." (Tschudi, **Viagens à Províncias do Rio de Janeiro e S.Paulo**, p.158).

O relato que se segue abaixo deixa claro que essa

² Era muito comum naquela época a família trocar correspondências com notícias sobre as condições favoráveis do novo continente. Infelizmente não consegui traduzir, para esse trabalho, as correspondências de Jorge Krug. Escritas em alemão gótico, era necessário um projeto para o financiamento desse trabalho, que inclui em média, setenta cartas. Espero que no futuro a pesquisa sobre este material que se encontra inédito com os descendentes dos Florences, seja realizada. No entanto, constatam-se os questionamentos sobre a nova terra em cartas de Hércules Florence para seu filho Arnaldo, anos depois, sobre a facilidade de encontrar trabalho na cidade de Campinas.

família, diferentemente dos imigrantes contratados pelo regime de parceria, recebeu uma acolhida condizente com a classe a que pertenciam. Os amigos de Jorge Krug foram-lhes muito hospitaleiros:

*" Chegando ao Rio de Janeiro, os viajantes deixaram o veleiro, seguindo para Santos em um vapor costeiro de nacionalidade brasileira, depois de se terem demorado alguns dias em casa de uma família, à qual tinham sido recomendados. Nesse pôrto foram recebidos pela família Batista, amiga do filho mais velho Jorge Krug, onde os recém-chegados tiveram a ocasião de conhecer e apreciar uma grande e sincera hospitalidade, virtude característica dos brasileiros, hospitalidade da qual gozaram durante 15 dias, no fim dos quais, tendo chegado a condução de Campinas, os viajantes seguiram para essa cidade, todos a cavalo, com exceção da mãe de Carolina, já idosa, que fez a viagem de banguê. Em São Paulo a família parou, a fim de descansar em casa do sr. Gérard, amigo de Jorge Krug. Justo três meses depois da partida de Hamburgo, tendo a viagem de mar durado 9 semanas, aos 18 de Dezembro de 1852 a família Krug chegava a Campinas. O trajeto de Santos durara 4 dias. Uma légua antes de chegarem na cidade, vieram-lhe ao encontro vários cavaleiros. Eram amigos de Jorge Krug o qual privado durante tantos anos de seus velhos pais e dos seus irmãos, vinha agora ao encontro destes.."(Florence, **Album do Bi-Centenário**, s.d.).*

Além de Carolina Krug, vieram com os pais seus irmãos: Francisco Guilherme Henrique Krug e Anna Krug (posteriormente Anna Kupfer).

Francisco Krug, como seu pai, aprendera a arte da marcenaria e trazia, além da experiência na arte do entalhe na madeira, conhecimentos políticos, econômicos e sociais que o tornaram figura de

destaque na sociedade campineira. No decorrer do trabalho, retornarei a sua atuação nos diversos setores da sociedade mencionada.

Sua irmã, Anna Krug, também era professora. Não se sabe ao certo seu grau de especialização. Entretanto, em seu diário, relata que teve aulas com uma preceptora alemã na cidade de Limeira e que nessa mesma época ensinava às crianças:

*Frau Gê era muito boa senhora, tinha afim de aumentar a renda de seu marido fundado um internato, uma pensão onde parte das filhas do país como também estranhos recebiam instrução. Éramos internacionais. **Durante o dia ensinava o ABC aos pequenos porém a noite era a minha vez.** (grifo meu). E ainda hoje lembro com alegria nas belas horas nas quais Frau Gê ensinava com prazer. Muitas vezes durava até meia noite, mas não nos causava cansaço. Línguas estrangeiras me davam muito prazer. Frau Gê sabia ligar a isso História e Geografia e hoje estou muito agradecida por isso. Aqui quero apenas lembrar o quanto estou muito agradecida por isso. Aqui quero apenas lembrar o quanto considero importante o estudo de línguas estranhas não é apenas o traduzir das palavras, não. É porque com isso você adquire facilmente grande parte cultural dos valores de respectivo povo."*(Kupfer, **Diário**, s.d.)

Mais tarde ela conheceu o dr.Otto Kupfer, amigo de seu irmão, com quem casou-se e viveu parte da sua vida na cidade de Campinas e na Alemanha. Deu aulas por um período no Colégio Florence, assim como suas duas filhas.³

³ Leila Evangelina Florence de Moraes, bisneta de Carolina Florence e historiadora da família que me colocou em contato com a documentação da Família Florence, reconstituiu a trajetória de Anna Kupfer da seguinte forma: ela foi com a família para Campinas, estudou em Limeira com uma família alemã (Os Gunther), casou-se e morou em Piracicaba, Campinas e com os filhos jovens voltou para a Alemanha. Em seu diário, Anna Kupfer diria:

É possível observar que todos os Krug emigraram com um certo grau de erudição, profissões definidas, podendo ser considerados representantes da classe média alemã. Nesse caso, de acordo com Willens:

" (O) imigrante citadino representa classes sociais bem diversas. Não apenas proletários, mas também pequenos e médios burgueses que fogem à proletarização iminente, representantes da burguesia intelectualizada e liberal que se envolvem em lutas políticas; enfim, quase todas as classes sociais, ainda que em proporções desiguais, fornecem seus contingentes e emigrantes, contribuindo assim para a heterogeneidade cultural daqueles que tencionaram radicar-se no Brasil."(Willens, **A aculturação dos alemães no Brasil**, p.31).

Outro fato que os distinguia dos nacionais, além da questão erudita ou a qualificação profissional diz respeito à forma como esses emigrantes encaravam a escravidão no Brasil. Quando se estabeleceram em Campinas, no final de 1852, todo o trabalho manual era realizado por escravos, fato que foi relatado nos seguintes termos:

*" Os criados brancos não existiam naquela época no Brasil. As famílias (dos colonos) tinham necessidades de suas filhas em suas casas. **Embora a contra-gosto dos meus (grifo meu) teve meu irmão** de comprar um casal de escravos em Itú e sem poder conhecer certas circunstâncias mais de perto. Estas duas pobres criaturas chegaram, o marido José, cozinheiro, negro de boa índole como todos os outros escravos..."*(Kupfer, **Diário**, s.p.).

"Nossas filhas cresceram e nosso desejo de lhes dar o desenvolvimento completo de nossa nacionalidade só poderia ser completo se nós voltássemos para a Alemanha. Eu considero impossível educar os filhos sob as diversas influências estranhas em país estrangeiro." Dezesete anos depois voltaram ao Brasil, ficando aqui 3 anos, quando retornaram para a Alemanha definitivamente. Suas filhas estudaram e lecionaram no Colégio Florence.(Diário de Anna kupfer - Coleção Cyrillo Hércules Florence)

Posteriormente, os Krug adquiriram outros escravos que, com o passar do tempo e da oferta de criados brancos, foram vendidos ou alforriados, provavelmente em função do aumento de oferta de trabalhadores livres. Nos jornais "A Gazeta de Campinas" e no "Diário de Campinas" encontrei menções a esses atos, na década de 80, tanto por parte dos Krug como da família dos Florences.⁴ É também nessa mesma época que surgem anúncios de moças alemãs à procura de emprego doméstico.⁵

Estabelecidos em Campinas e procurando amoldar-se à Cultura Brasileira sem deixar de manter a Germânica, a família Krug foi adaptando-se paulatinamente. Dois anos mais tarde, em 1854, Carolina Krug casou-se com Hércules Florence, também amigo de seu irmão mais velho.

Hércules Florence era francês, nascido em Nice em 1804. Inteligente e culto, foi o primeiro estrangeiro a fixar residência em Campinas. (Duarte, **Campinas de Outrora**, p.140). Participante da Expedição do Barão de Langsdorf, do Tietê ao Amazonas, entre 1825 a 1829, escreveu um livro sobre a viagem, além de farta documentação iconográfica, reproduzindo aspectos da selva brasileira.⁶ Foi também responsável por

4

"O sr. Amador Florence passou carta de liberdade a seu escravo Barnabé, com a condição de lhe prestar serviço por mais dous anos." (Jornal "A Gazeta de Campinas" seção noticiário, 22 maio 1884).

5

"Precisa-se de uma criadinha alemã para serviço domestico. É casa de pouca familia; para informações na rua do Bom Jesus, n.10" (Jornal "A Gazeta de Campinas" seção anúncio, 23 out 1873.) Ver também Jornal "A Gazeta de Campinas" seção anúncio, de 25 mar 1871, onde uma criada alemã se oferece para serviços domésticos com boa instrução.

⁶ Expedição sob os auspícios do Czar Alexandre I, o naturalista e Cônsul Geral da Rússia, Barão de Langsdorf organizou uma expedição que deveria ir por terra pelo antigo caminho dos bandeirantes, hoje via Anhanguera. Alterada a rota, preferiu o Barão de Langsdorf a via fluvial, a partir de Porto Feliz, no ano de 1825. Tinha a expedição, além de Hércules Florence, o astrônomo Rubtsov, o botânico Riedel e o desenhista Taunay. A expedição malogrou com a morte no Rio Guaporé, do primeiro desenhista Adriano Tauany, por afogamento, mas principalmente em consequência da insanidade mental de seu chefe. Hércules Florence deixou o manuscrito da longa viagem que terminou em Belém do Pará, sob o título "Esboço da viagem feita pelo sr. Langsdorf no interior do Brasil, desde setembro de 1825 até março de 1829", escrito em francês e traduzido duas vezes, a primeira pelo Visconde Taunay, e a segunda pelo bisneto de Hércules, Francisco Álvares Machado e

inventos importantes, como a Zoofonia "estudo sobre o canto dos animais" ⁷, a Poligrafia, o papel inimitável (para cédulas monetárias e notas de bancos - inventos relativos à impressão) e o principal de todos: **a fotografia**. Ainda hoje é desconhecido por muitos o fato de Hércules Florence ser o inventor da fotografia. Porém consta que fez em 1832, dois anos após estar residindo em Campinas, experiências pioneiras com a câmara escura e a fixação de imagens, cuja glória coube, em 1839 a Daguerre, seu compatriota. Isso porque Hércules Florence não deu divulgação em tempo oportuno dos seus resultados obtidos seis anos antes. Campinas, naquela época, não oferecia meios fáceis de comunicação. E assim:

*"...tendo conhecimento dos resultados das experiências de Daguerre, encerrou suas atividades nesse campo. No entanto, a palavra **fotografia** lhe pertence. Obteve-a com a colaboração de Joaquim Correa de Mello o Joaquinzinho da Botica como era conhecido. Ao aconselhá-lo a formar a palavra, utilizou-se de elementos do grego e a usar nitrato de prata em suas experiências."* (Suplemento Especial. "Correio Popular", 9 nov 1978). ⁸

Vasconcelos Florence. Ambas as traduções têm o título de "**Viagem fluvial do Tietê ao Amazonas**"

Recentemente, em junho de 1992, foi editado pelo professor da Sorbonne, Mario Carelli, pela editora Gallimard o livro "**A La Decouberte De La Amazonie**". Hércules reproduziu aspectos da selva brasileira, além de farta documentação iconográfica.

⁷ "**A Zoophonia**", livro lançado em julho desse ano, em Campinas, pelo ornitólogo Jacques Viellard, trata dos documentos de Hércules Florence sobre a identificação, classificação de sons dos animais e trazem idéias modernas de metodologia científica para o estudo de espécies animais. Os documentos permaneceram esquecidos por mais de 100 anos nos porões do Arquivo de Ciências da Rússia, em Moscou. Viellard, professor do Departamento de Zoologia da Unicamp, relata que no século passado, enquanto os estudiosos se limitavam às descrições morfológicas das espécies, Florence escrevia sobre a importância de se estudar também o comportamento dos bichos em seu "habitat". Mais que isso, ele criou um método de descrição em partituras musicais do canto das aves que ganharia o reconhecimento científico apenas na década de 60, com o surgimento de modernos equipamentos de registro e estudo do som. Também existe o artigo de Alfredo Escragnolle Taunay (Visconde de Taunay) "Zoofonia", publicado na **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**, Tomo 39, 2a parte -1876).

⁸ Em seu livro, editado em 1977 pela Faculdade de Comunicação Social Anhembi, da Capital, sob o título "**Hércules Florence -1833:a descoberta isolada da Fotografia no Brasil**", Boris Kossoy registra os resultados positivos da repetição que promoveu, das



Ilustração 02 - Hércules Florence, em fotografia sem data
(Coleção Brígida Florence)

Casou-se em primeiras núpcias com Maria Angélica Machado Florence em 4 de janeiro de 1830, logo após seu retorno da expedição Langsdorf. À convite do sogro, Francisco Alvares Machado Vasconcellos, homem público de influência em Campinas, estabeleceu-se nessa cidade.

Com sua primeira esposa viveu vinte anos e teve treze filhos.⁹ Muitos infelizmente faleceram, sendo que o que ocupou papel de maior destaque, tanto na política como na educação, foi Amador Bueno Machado Florence. Professor e homem público, participou da fundação do Colégio destinado à educação de meninos, o "Culto à Ciência" e foi presidente da Câmara Municipal de Campinas durante o período do Império. (Florence, Francisco Alvares Machado e Vasconcellos - in: Silveira, **Notas Genealógicas e outras notas**, p.143).

Hércules Florence, para além de suas qualidades de desenhista, escritor, inventor, também era comerciante e fazendeiro em Campinas. Proprietário da Fazenda "Soledade" e posteriormente de outra de bom porte, foi, juntamente com outros fazendeiros de café, um dos primeiros a introduzir a vinda para Campinas dos primeiros colonos, através do sistema de

experiências fotográficas de Hércules Florence nos EUA, nos laboratórios do Rochester Institute of Technology em 1976. Nos manuscritos em poder da família Florence em Campinas, Hércules anotaria a gênese de seu invento: *"Neste ano de 1832, no dia 15 de agosto, estando a passear na minha varanda, vem-me a idéia de que talvez se pudesse fixar as imagens na câmara escura, por meio de um corpo que mude de cor pela ação da luz. Esta idéia é minha porque o menor indicio nunca tocou antes o meu espirito. Vou ter com o sr. Joaquim Correia de Melo, boticário de meu sogro, homem instruído, que me diz existir o nitrato de prata."*

⁹ Hércules teve com Maria Angelica Machado e Vasconcellos os seguintes filhos: 1.Amador 2.Celestina 3.Adelaide 4.Francisco 5.falecido no parto. 6.Francisco 7.Candida 8.Antonio Hercules 9.Arnaldo 10.Angelica 11.Arnaldo 12.Paulo 13.Ataliba. Sendo que Paulo e Arnaldo, que foram estudar na Europa, não regressaram ao Brasil, falecendo em terras estrangeiras. (Florence, Francisco Alvares Machado e Vasconcellos - Amador Bueno, o Aclamado e os Descendentes de Hércules Florence in:Silveira, **Notas Genealógicas e outras notas**, p.143).

parceria.

Não bastasse sua atuação no campo econômico e social, participou também das questões políticas através da sua tipografia ou "autografia", a primeira instalada em Campinas. (Mariano, **História da Imprensa em Campinas**, p.21). Com ela, coube-lhe imprimir e dirigir o órgão da Revolução de 1842, encabeçada em território paulista, pelo brigadeiro Rafael Tobias de Aguiar:

*" ... folha de duração efêmera, quatro ou cinco números se tanto, preparada e distribuída em Sorocaba e imediações, em meio aos curtos mas febricitantes episódios do levante, que Caxias abafou em São Paulo e Minas. O jornal da revolução denominava-se " O Paulista ". (Silveira, **Notas Genealógicas e outras notas**, p.143.)*

Dezesseis anos depois, Hércules Florence vendeu a tipografia aos irmãos João e Francisco Teodoro de Siqueira e Silva, e nela se imprimiu o primeiro jornal, a "Aurora Campineira", no ano de 1858.

Em 1854, com cinquenta anos de idade, viúvo há quatro anos e morando nos arredores da cidade de Campinas com seus filhos, alguns ainda pequenos, Hércules Florence sentiu-se atraído pela possibilidade de casar-se novamente com uma jovem de vinte e quatro anos, culta e disposta a criar seus filhos dentro de uma educação fundamentada nas modernas teorias pedagógicas européias. Era Carolina Krug, que também oferecia uma certa ascensão social à sua família, como ele mesmo relataria a sua mãe, em carta de apresentação de sua nova esposa:

*"Minha
mãe,
Eu vos escrevi uma vez que eu me casaria*

*novamente, mas que não deveria ser logo. No dia quatro de janeiro do ano corrente eu me casei com Mlle. Caroline Krug, irmã de meu amigo Jorge Krug, farmacêutico estabelecido há oito anos em Campinas. Ela chegou de Cassel, com seu pai sua mãe e seus irmãos e irmã, e eu fui absorvido por suas qualidades, seu talento e suas maneiras distintas. Tendo feito sua educação durante três anos em um Instituto de jovens moças em Genebra, ela adquiriu um perfeito conhecimento de Frances. Ela sabe a história, a geografia, os elementos de matemática, a pintura e a música. Todas as ocupações de seu sexo. Ela saiu do instituto e foi ser professora em Altona, na Suíça-Holstein. **Seu objetivo era de se ocupar do ensino e soube aproveitar disso em alto grau.** (grifo meu). (Carta de Hércules Florence para sua mãe residente em Nice. Em francês. Campinas, 10 jun 1854).*

Com relação à situação dos seus filhos perante a sociedade campineira, Hércules reconhece que o casamento com Carolina Krug favoreceu a ascensão que esses tiveram, após o casamento:

"Meus filhos são tão bons para mim e minha esposa e minha escolha parece ter sido feliz. Eles tem verdadeira afeição por sua segunda mãe. A condição dela na sociedade os fez ganhar, pois antes eles viviam no abandono, quase sem relacionamento social e hoje a minha casa é frequentada por toda a boa gente da sociedade da cidade."

(Carta de Hércules Florence para sua mãe residente em Nice. Em francês. Campinas, 10 jun 1854.)

O casamento de um homem maduro, de mentalidade e temperamento incomuns, com uma mulher dotada de muitos qualificativos resultou em uma relação de igualdade entre os parceiros, ao contrário do que se via nos laços matrimoniais estabelecidos na família patriarcal brasileira.

Dentro do patriarcalismo, como é sabido, o homem é o senhor de todos os bens. A fazenda e os escravos lhe pertencem, assim como a esposa e os filhos. Dessa forma, a mulher lhe deve submissão e obrigações.¹⁰

Na família alemã, entretanto, sobretudo a urbana, a posição da mulher é elevada. *"Em outras palavras, o tratamento dos dois sexos é, em todos os sentidos, mais homogêneo na Alemanha do que no Brasil."* (Willens, **A aculturação alemã no Brasil**, p.306).

Assim, a união de Hércules Florence com Carolina Krug resultou muito mais numa ligação de respeito e companheirismo, do que um sexo subjugando o outro, coisa que comumente ocorria no Império Brasileiro.

Não havia receio por parte do esposo pela emancipação de sua mulher, estimulando a propagação de seus conhecimentos científicos, uma vez que o próprio Hércules Florence impulsionava as novas ciências, através de seus inventos.

Na carta que Carolina Krug Florence envia a sua sogra, mãe de Hércules Florence, solicitando as bênçãos pelas núpcias, o companheirismo evidencia-se, na forma como ela percebia sua relação com o marido e enteados:

*"Mãe,
Peço a permissão de vos nomear por esse nome tão doce do qual eu conheço melhor ainda o valor depois do casamento com meu bem amado Florence. **Aceitando sua mão eu não somente ganhei o melhor e o mais desinteressado dos amigos.** (grifo meu), mas também eu encontrei nos seus filhos uma afeição que acolhe de muito minha*

¹⁰ Na sua origem, a palavra **Famulus** quer dizer escravo doméstico e a família é o conjunto dos escravos pertencentes a um mesmo homem. A família patriarcal acrescentou à submissão dos escravos, a esposa e os filhos, e a monogamia ficou sendo apenas feminina: *"ao homem se concebeu o direito de ser infiel na vida conjugal, sancionado pelo costume, (exemplo disso é o código napoleônico, que outorga essa infidelidade, desde que ele não traga a concubina ao domicílio conjugal) e esse direito se exerceu cada vez mais, à medida que se processou a evolução da sociedade."* (Ribeiro, **A Educação da Mulher no Brasil-Colônia**, p.38).

alegria." (Carta de Carolina Florence para a Mãe de Hércules Florence, em Nice. Campinas, 12 jun 1854.)

Após o casamento, Hércules Florence continuou a viver na fazenda " Soledade " com sua nova esposa e os filhos do primeiro casamento. Um ano depois, sentindo necessidade de rever a mãe, parte para a Europa deixando Carolina com a responsabilidade da propriedade e a guarda das crianças. Uma atitude, que acredito só ser possível, devido ao fato de haver um perfeito entrosamento entre o casal. (**Almanaque Histórico e Estatístico de Campinas de 1914**, p.51).

Viveram nesse local durante oito anos e tiveram sete filhos: cinco homens e duas mulheres. Nesse sentido, é interessante observar que além do cuidado com os filhos do primeiro casamento de Hércules, Carolina Florence gerou seus próprios filhos, vivendo assim intensamente o papel de mãe de uma imensa prole.

1.2 - A LAVOURA DE CAFÉ COMO FATOR DE DESENVOLVIMENTO DA CIDADE DE CAMPINAS

Em 1863, a família resolveu mudar-se para a cidade. Essa mudança estava relacionada, de certa forma, com fatores sociais e econômicos. Sociais, porque com o crescimento dos filhos, Carolina Florence sentia que a instrução lhes era indispensável; econômica, porque o cultivo do café exigia de Hércules Florence, assim como de outros fazendeiros, o deslocamento para a cidade em função das diversas atividades urbanas exigidas por essa cultura, desde as transações da comercialização do produto, até o trato com bancos, transporte, etc.

Campinas, nessa época, estava começando a modificar-se e a cidade começava a progredir. Como já foi dito, a região sofre

transformações profundas em decorrência da cultura do café, que substituiu a cana de açúcar na primeira metade do século XIX, e em pouco tempo tornou-se a base dos rendimentos da população agrária paulista.

De acordo com Wilson Cano, *"A produção paulista de café até o início da década de 1870, representava apenas 16% do total brasileiro, a partir desse momento, ingressava num período de vigorosa expansão, perfazendo, em 1875, cerca de um quarto da produção nacional, saltando, dez anos depois, para 40%"* (Cano, **Raízes da Concentração Industrial em S.Paulo**, p.31).

Aliás, segundo Caio Prado Jr. não era somente Campinas que teria seu progresso marcado. A segunda metade do século XIX vai se constituir num dos momentos de maiores transformações da economia brasileira e o decênio 1870-1880 será marcado por sensível prosperidade nacional. (Prado Jr, **História Econômica do Brasil**, p.178).

Diferentemente de outras regiões brasileiras empobrecidas, que viviam de pequenos plantéis de cana e outras culturas, a Província de São Paulo era constituída, nesse período, de grandes oligarquias monocultoras de café.

Até então o Rio de Janeiro tinha sido o grande empório do comércio de café, entretanto, a situação, nesse período, começa a se modificar com o empobrecimento das terras. Avançando para o Oeste Paulista, o café atingiu a região de Campinas que não corresponde rigorosamente ao oeste geográfico, mas este tem sua entrada através dela: *"O café vai abrangendo a área que vai de Campinas a Rio Claro, São Carlos, Araraquara, Catanduva, na linha férrea da Companhia Paulista; e de Campinas para Piraçununga, Casa Branca e Ribeirão Preto, na Estrada de Ferro Mogiana. É de Campinas, portanto, que se alastrará pelo Oeste Paulista."* (Cano, **Raízes da Concentração Industrial em São Paulo**, p.31).

Como sede desse avanço, a cidade tem necessidade de implantar benfeitorias. Viotti afirma, nesse sentido, que:

"À medida que os fazendeiros mudaram-se para os grandes centros, cresceu a tendência em promover melhoramentos urbanos. Aumentou o interesse pelas diversões públicas, a construção de hotéis, jardins e passeios públicos, teatros e cafés. Melhorou o sistema de calçamento, iluminação e abastecimento de água. Aperfeiçoaram-se os transportes urbanos. O comércio ganhou novas dimensões, bem como o artesanato e a manufatura. O processo foi favorecido pelo interesse que o capital estrangeiro teria nesse tipo de empreendimentos urbanizadores." (Viotti da Costa, **Da Monarquia à República**, p.197).

Não era somente o café que trazia o desenvolvimento e transformações para a região, apesar de ser este o elemento fundamental. A vinda dos imigrantes também contribuiu para as mudanças, principalmente as de cunho cultural.

O viajante Tschudi,¹¹ quando esteve em Campinas, por volta de 1860, concluiu sobre a imigração alemã nesta parte da Província, que ela não deixou de exercer influência favorável sobre a população nacional, despertando, por assim dizer, essa gente da letargia em que vão caindo todas as cidades situadas em regiões afastadas das vias de comunicação. Acrescenta o autor:

"Diversas pessoas importantes de Campinas e em Rio Claro referiram-se, com inteira sinceridade, à benéfica influência que o elemento germânico exercia na região, lamentando ao mesmo tempo que os desastrosos manejos com o sistema de parceria tivessem feito cessar a corrente imigratória na Província".(Tschudi, **Viagens as Províncias do Rio**

¹¹ O Barão João Tiago Tschudi, diplomata suíço, ministro da República Helvética no Brasil, foi nomeado em 1860, pelo governo da Confederação Helvética, ministro plenipotenciário no Brasil, cabendo-lhe em missão especial, estudar os problemas de imigração Suíça no Império. Escreveu "**Viagens às Províncias do Rio de Janeiro e São Paulo, durante o tempo em que esteve no Brasil**", resultando esta obra em importante documento para estudos sobre o sistema de parceria e essas localidades.

Também menciona que certos ofícios, certas indústrias, foram introduzidos por imigrantes alemães, durante o Regime de Parceria. As pequenas indústrias caseiras e agrícolas, como a de laticínios, o cultivo de legumes, a apicultura, etc. revelaram-se tão úteis para os colonos, como para os habitantes da cidade. *"Antes da chegada desses "parceiristas", as donas de casa não sabiam onde obter manteiga, verduras, leite, mel, uma vez que não possuíam hortas próprias e vacas. Agora, os colonos levam esses produtos às suas casas".* (Tschudi, **Viagens as Províncias do Rio de Janeiro e São Paulo**, p.159).

De acordo com Alba Vidigal, em "Folclore em Campinas: Artesanato", houve a contribuição alemã no uso da salsicha, chope, cerveja e batatinha. Sobre o uso desta última no dia-a-dia, uma sua ex-aluna por ela citada, de pais e avós alemães, radicados em Campinas, diria:

"Minha avó também fazia fermento de batatas, segundo relata mamãe. Era assim: ralava-se uma batata grande, acrescentava-se um pouco de fubá em um pouco d'água . Punha-se tudo numa garrafa de um litro e deixava-se fermentar, para depois usá-lo para fazer pão preto." (Vidigal, **Folclore em Campinas**, Artesanato, 39).

Tschudi menciona em seus registros de viagem que, ao ler um jornal austríaco, chamou-lhe a atenção um artigo que dizia que o povo alemão parecia desempenhar para os habitantes do mundo a função de sal." *Assim como o sal, de uma comida insípida ou mesmo intragável, faz aceitável ao paladar, assim também age uma dose, convenientemente proporcionada, de alemães no seio de outro povo, exercendo influência benéfica, como é fácil verificar em qualquer parte do globo."* (Tschudi, **Viagens as Províncias do**

Rio de Janeiro e S.Paulo, p.159).

Diria o autor ainda que tanto os colonos como os imigrantes livres despertaram vida nova na população, criaram indústrias, aumentaram o movimento comercial, melhoraram o padrão de vida, situações estas que influíram na vida intelectual.

Oberacker, profundo conhecedor da influência germânica no Brasil, diz em sua obra que:

"A colonização teuta diferia da portuguesa, principalmente em que ela jamais teve finalidade meramente econômica. Mesmo nos povoados germânicos, mais primitivos, logo surgiam, no mínimo, comunidades religiosas, organizações escolares, jornais, bibliotecas, sociedades múltiplas, como de ginástica, desportivas, de música e de canto. Colonização teuta significava, pois, sempre metamorfose de regiões naturais, cobertas de mata virgem, em paisagens de cultura, o que, de modo geral, não se pode asseverar da lusa." (Oberacker, **A contribuição teuta à formação da Nação Brasileira**, p.265).

Além daqueles engajados nas profissões liberais (farmacêuticos, médicos, dentistas, agrimensores, arquitetos), em número considerável, havia também os dos setores de artesanato, indústria e comércio. Oberacker enfatiza que:

"No interior da província, os meeiros germânicos liberados e que muitas vezes dispunham de conhecimentos nos ofícios, fixaram-se em número tão considerável nas pequenas cidades de Campinas, Rio Claro, Jundiaí e Piracicaba, na época ainda de pouca importância, que, em

algumas delas até se falava de bairros alemães. Pelo ano de 1873, por exemplo, existiam comprovadamente em Campinas aproximadamente quarenta alemães mestres-de-ofício, trabalhando por conta própria e trinta estabelecimentos fabris e comerciais nas mãos dos teutos." (Oberacker, **A Contribuição teuta à formação da Nação Brasileira**, p.290).

Hércules Florence tinha noção da influência que os alemães traziam à região. Além da própria esposa e parentes, seus amigos eram também, muitos deles, de origem teuta. Também ele era emigrante.

As transformações, portanto, que ocorrem na cidade de Campinas são favorecidas pelo advento do café e da influência da imigração. Hércules Florence percebia que aquele era um momento de grandes modificações na estrutura da cidade. Sabia que mudanças estavam ocorrendo rapidamente, tanto que, em 1871, ao responder a uma carta de seu filho Arnaldo que se encontrava residindo e estudando em Mônaco, evidencia sua concepção em relação ao desenvolvimento no Oeste Paulista.¹²

Seu filho pergunta-lhe como encontraria trabalho com bons rendimentos, no Brasil, um estudante disposto a vir para a nova terra. Hércules Florence faz uma análise bastante criteriosa e séria em suas informações e que dão um retrato do que poderia ser a realidade daqueles tempos.

*"Arnaldo,
Eu penso que desde que venha para cá, encontrará
trabalho. As companhias se formam para caminhos
de Itú, Sorocaba, Rio Claro e Limeira. As cias.de
bondes de Santos e São Paulo já existem e nelas se
pode ganhar dinheiro. Algumas usinas se*

¹² Arnaldo Florence era o 11o. filho de Hércules Florence com sua primeira esposa, d.Maria Angelica Machado e Vasconcellos. Foi estudar em Monaco, juntamente com o seu irmão Paulo. Gostava muito do Brasil e pretendia voltar assim que terminasse os estudos. Infelizmente ambos faleceram antes. (Jornal "A Gazeta de Campinas" seção noticiário, 03 mar 1872).

*estabelecem tais como aquelas de M.Bierrembach e S.Paiz e de meu cunhado Francisco Krug. Uma fábrica de tecidos de algodão montadas com maquinas estabelecidas em Itú. A Indústria poderá se desenvolver, porém a agricultura não tem ar de prosperar, **porém é ela a única que pode fazer a indústria avançar.**(grifo meu) Uma grande crise se aproxima. É a sessão da escravatura. Já os escravos e as terras perdem os seus valores. Se pretende que as terras vão ser subsidiadas pela força das coisas, em que os proprietários trabalharão eles mesmos. O Brasil é desacreditado na Europa. Não se envia mais colonos. Nos faltam braços, mas há a esperança sob a bondade do clima e das terras que afirmam sobre a emigração espontânea. Para isso é preciso tempo. Quanto ao que você me disse sobre o carvão da terra, não creia em nada disso, que tais riquezas existem a flor da terra, e não darão facilmente, pois tudo aquilo que é novo tem necessidade de se criar estradas, agentes.. e aqui isso não se cria rapidamente.**É na mesma que se dá a instrução. Se faz grande alarde e não se avança nada.** (grifo meu). Eu te direi o que me disse um dos tres fabricantes de Campinas: Diga a esse jovem estudante se ele está pronto a trabalhar que não lhe falem as mãos, que ele venha, senão que fique na França. Eu te digo que um simples operário ganha 3.500 a 4.000 réis por dia, um contra-mestre 5.000 a 6.000 mil réis, um servente de maquina de 5 a 6 réis, um inspetor 6 a 8 réis, mas este deve se prover de montaria para ir ver os trabalhos no sitio, etc. Esses preços são magníficos...(Carta de Hércules Florence para seu filho Arnaldo, França. Campinas, 19 ago 1871).*

A lucidez que Hércules Florence possuía com relação à questão do trabalho e às transformações ocasionadas pela extinção da escravatura foram responsáveis por sua participação na vinda de colonos estrangeiros para a região.

Com o fim do tráfico e a abundância de terras para a

plantação do café, os fazendeiros começaram a trazer colonos de outros países em regime de parceria. Aliás, essa prática de convidar, através de cartas, conhecidos residentes em outros países para trabalhar no Brasil foi uma constante na família Florence. Em 1885, período próximo da da Abolição da Escravatura, Candida Florence, filha do primeiro casamento de Hércules, escreve para um parente estudante no exterior sobre as possibilidades de trabalho, assim como seu pai fizera quatorze anos antes:

" Vocês hão de ter lido nos jornais a marcha que vai tomando a política brasileira com a emancipação que acelera todos os dias. As terras tem caído imensamente de valor. A meu ver seria melhor ocasião de virem para cá. Milhares de famílias alemãs agricultoras que teriam um lindo futuro se os governos se entendessem para a felicidade dos povos, pois para mim apesar de não ter viajado creio que não teria um país em toda a América que mais vantagens oferecessem aos imigrantes, se não fossem o malfeito egoísmo que planta sua raiz em toda parte." (Carta de Candida Florence a Paulo Florence, Itália, 1885).

A primeira tentativa de trabalho livre paulista foi do Senador Vergueiro com a vinda de colonos portugueses, porém com as revoltas políticas na Província de São Paulo,¹³ esses colonos abandonaram as fazendas e dispersaram-se. Em 1846, novamente Vergueiro traz novas levas de colonos; os primeiros suíços e alemães. *"Cerca de 364 famílias na sua maioria prussianos, bávaros, camponeses do Holstein foram contratados para a sua fazenda de Ibicaba, aí chegando em 1847"* (Viotti da Costa, **Da Monarquia à República**, p.156.) Em 1852 novo contrato, agora vinculado ao governo provincial, sendo que em 31 de julho de 1854 comunicava ele ter cumprido integralmente seu contrato.

¹³ Em 1842, comandados por Tobias d'Aguiar se ergueram em atividades bélicas os paulistas contra a prepotência do governo imperial, no que a Província de Minas Gerais, veio logo a seguir.

Outros fazendeiros, como Hércules Florence, também adotaram esses contratos, e, a princípio, as cláusulas foram seguidas à risca. Parecia que o problema de braços para as plantações de café estava resolvido. Porém, com o passar dos tempos, esses contratos começaram a sofrer modificações que beneficiavam o fazendeiro em detrimento do colono. Souza Queiroz, fazendeiro, por exemplo, incluiu em seus contratos que o café deveria ser entregue depois de seco, cláusula esta que acrescentava mais trabalho ao colono.

A secagem de café necessitava de dias seguidos e dependia das condições climáticas e, com o decorrer dos anos, outras regras foram introduzidas, colocando sempre o colono em situação desconfortável frente ao seu "*parceiro-proprietário*" que adquiria novas vantagens com o sistema de parceria.

Joaquim Bonifácio do Amaral, o Barão de Indaiatuba, foi um dos primeiros a introduzir colonos alemães em Campinas. Entretanto, "*ao providenciar a transferência de alguns colonos que tinham vindo pelo contrato de Souza Queiroz, para a sua fazenda, julgou necessário introduzir uma cláusula pela qual os colonos se obrigavam a conservar os cafezais sempre limpos.*" (Viotti da Costa, **Da Monarquia à República**, p.159). Isso exigia a capinação da plantação cinco vezes ou mais, durante os dois primeiros anos do plantio. É certo que um sistema nessas condições tenderia ao fracasso. Os colonos começaram a revoltar-se, e o descontentamento deu-se em ambas as partes. Nos jornais da época encontrei notícias de colonos alemães cometendo suicídios, enforcamentos em árvores, ou perambulando bêbados pelas ruas da cidade. Apesar do tom pejorativo utilizado pelos jornalistas, nota-se que alguns desses alemães assim procediam por se encontrarem em situações limite devido ao endividamento.

" O regime de parceria, que em princípio, tudo levava a crer, seria a solução ideal para o problema da mão-de-obra nas regiões de economia

cafeeira, fracassava na sua realização prática. A ambiguidade dos contratos, as injustiças e abusos cometidos de parte a parte, minavam o sistema de parceria cujas bases já eram por si só frágeis."(Viotti da Costa, **Da Monarquia à República**, p.171).

Os motivos do fracasso desse sistema somam-se a um grande conjunto de causas. Além de o colono alemão não ter a mesma experiência do escravo na cultura do café, colhendo-o muitas vezes ainda verde e com isso acarretando enorme prejuízo à lavoura, havia o desconforto de se sentirem enganados. Eram iludidos em seu país de origem por homens de má fé, que prometeram que o governo lhes daria terras produtivas quando aqui chegassem. Na realidade, ao chegarem ao Brasil, descobriam o engodo e ficavam expostos a intempéries na nova terra.

Além disso, havia o problema da mentalidade do senhor patriarcal herdada desde os tempos da descoberta do Brasil. Dono de tudo que lhe rodeava, acostumara a viver no regime escravocrata. Para ele era difícil mudar a concepção do trabalhador escravo para o trabalhador livre. Viotti da Costa exemplifica a dificuldade da compreensão desses latifundiários quando: *"Um velho proprietário , diz ele, cuja nobreza desde a juventude foi sova e troncos, não pode tolerar o trabalho livre, pode no máximo inventar um extropiado sistema de parceria"* (Viotti da Costa, **Da Monarquia à República**, p.172.)

Entretanto, como já foi mencionado em páginas anteriores, Hércules Florence foi, assim como outros fazendeiros (Florianos de Camargo Penteado, Luciano Teixeira Nogueira, Benedito Antonio de Camargo, além do próprio Barão de Indaiatuba) responsável pela vinda dos primeiros colonos pelo sistema de parceria em Campinas. Contrariamente ao que ocorreu com seus pares, o sistema de parceria empregado em sua propriedade trouxe resultados satisfatórios para ambas as partes: parceiro-colono-emigrante e parceiro-proprietário.

A explicação para tal situação se encontra no fato de que Hércules Florence possuía uma mentalidade diferente do fazendeiro escravocrata, além da sua formação e caráter expressarem uma concepção de mundo avançada para a época, como já tive a oportunidade de explicitar.

Tschudi, que visitou no início dos anos 60, várias fazendas, que estabeleceram o Regime de Parceria e fiscalizava como se davam as relações entre os parceiros, deixou um registro interessante sobre Hércules Florence e os imigrantes que trabalhavam em sua fazenda:

"A légua e meia de Laranjal, encontra-se a fazenda Soledade, pertencente ao sr.Herculano (sic)Florence, onde pernoitei. Aí só havia duas famílias de colonos suíços, ambas do cantão de Glaurus. Os homens ficaram conversando comigo até as 11 horas da noite, relatando-me suas vidas na Pátria e na emigração. Estas duas famílias foram as mais trabalhadoras de quantos suíços encontrei na Província de S.Paulo. Os resultados que obtiveram foram os melhores que vi. A princípio tinham estado um tanto desconfiados, mas quando se convenceram da sinceridade do fazendeiro, da lisura de suas contas e da possibilidade de se livrarem das dívidas por uma atividade inteligente e contínua, começaram a trabalhar sem descanso."
(Tschudi, **Viagens às Províncias do Rio de Janeiro e S.Paulo**, p.165).

O viajante suíço comenta ainda que foi nessa fazenda que encontrou a possibilidade dos colonos conseguirem acumular capital suficiente para adquirirem suas propriedades, com a confiança nas aplicações realizadas por Hércules Florence:

"Poucas semanas antes da minha visita, um dos colonos adquiria uma propriedade no valor de 2 contos e 925 mil réis, tendo pago mais de dois terços a vista e esperava pagar o restante com o

produto da safra do ano corrente. O outro, que pretendia voltar para sua pátria, depositava seu dinheiro com o fazendeiro. Devo ainda acrescentar que este cafezal não era um dos melhores, porque exposto às geadas, que muito prejudicam as safras. O fazendeiro dava-lhes casa e pasto para o gado e tratava-os com muita correção. Se o Sistema de Parceria fosse aplicado em toda a parte como aí, não deixaria de ser um grande benefício tanto para os fazendeiros como para os colonos." (Tschudi, **Viagens às Província do Rio de Janeiro e S.Paulo**, p.166).

De acordo com Viotti da Costa, somente na fazenda de Hércules o sistema de parceria apresentou êxito com a vinda de colonos alemães:

*" Pela documentação consultada pode-se observar que em geral uma família cuidava de 1.000 a 3.000 pés no máximo. A **única exceção que encontramos e que destoa flagrantemente dessa média é a colônia de Hércules Florence** (grifo meu) considerada aliás modelo, onde dezenove indivíduos componentes de duas famílias tinham a seu cargo 14.000 pés de café, o que correspondia a cerca de sete mil pés para cada um. Uma das famílias colheira 1.850 alqueires de café, o que lhes produzia àrazão de três arrobas, e pelo sistema de parceria um lucro líquido de 308 arrobas e um terço, num valor de 725\$959, segundo informa Hércules Florence em carta datada de Campinas a 9 de outubro de 1859. Outro colono conseguira 289 arrobas e meia, num valor de 706\$960. A média entretanto, como vimos, era muito inferior a esta, daí a péssima situação da maioria dos colonos."* (Viotti da Costa, **Da Monarquia à República**, p.174.)

Por muito tempo, a produção do café, nos termos em que realizava seus contratos de Parceria, lhe deu rendimentos suficientes para a

manutenção da família e o contrato com os colonos persistiu. Tanto que em 1871 ao escrever ao seu cunhado Otto Kupfer, que residia na Alemanha, relata a administração de sua lavoura, o lucro e o êxito dela advindo. Também é possível verificar que uma boa parte do que a família Florence ganhava com a lavoura de café era empregada na Educação dos filhos na Europa. Na correspondência, Hércules Florence se queixa das dívidas que contraiu por conta desses gastos e a preocupação neste sentido revela que a situação econômica não o enquadrava no grupo dos grandes fazendeiros, latifundiários de café:

*"Caro Otto,
Quanto a mim, eu vou cada seis a oito dias ao sítio para fazer o benefício do café. Eu já enviei duas mil e oitocentas arrobas a Santos e me restam duas mil arrobas que totalizam setecentas arrobas a mais que aquilo que eu tirava. Eu devia onze contos e ainda devo seis, que espero pagar com o café. Eu não tinha jamais contraído essa dívida se eu não tivesse enviado Arnaldo e Paulo a Europa contra a minha vontade, porque isso estava acima de minhas forças." (Carta de Hércules Florence ao seu cunhado Otto Kupfer, na Alemanha. Campinas 25 mai 1871).*

Como se vê, a importância que a família atribuía aos estudos, colocava-a, às vezes, em situações difíceis. O dinheiro ganho com as atividades tanto do café, como futuramente do Colégio Florence eram destinados principalmente à educação dos filhos. Em carta ao pai, Arnaldo Florence, que, estudante em Mônaco, ganhou cinco prêmios em um ano por sua aplicação, narraria a importância dos seus estudos, não só para a família, como para o bem dos seus semelhantes. Evidencia também a relação de

afetividade com o pai e o respeito pela família:

"Meu querido pai

Eu me acho bem recompensado do meu trabalho, não somente por ter obtido os melhores premios de minha classe, mas tambem pelo prazer que eu sei que voce terá vendo que eu graças a Deus, posto que fosse tão longe de minha terra e de minha familia, acho-me contente e disposto e o melhor que pode fazer um estudante. Eu tenho dois motivos principais que me animam e me enchem de ardor para acabar logo os meus estudos. Primeiro é a saudade do Brasil e a vontade de voltar o mais cedo possível, outro é a convicção que estudando eu faço a vontade de minha cara família e a minha também. Quão suave nos parece o trabalho e tão rude que seja quando ele é animado pelo desejo de sermos uteis aos nossos semelhantes e ao contentar de alguma maneira dos cuidados e sacrificios que eles se impõem por nós." (Carta de Arnaldo Florence para seu pai Hércules Florence. Monaco, 01 ago 1864).

Nesse sentido, retomo o fato de que a família, ao se mudar para a cidade, sentindo a necessidade de instrução, e contando com a experiência pedagógica de Carolina Krug Florence, dispôs-se à fundação de um colégio destinado a educação de meninas.

1.3 - A FUNDAÇÃO DO COLÉGIO FLORENCE

Carolina Krug Florence, como já anunciei, era uma educadora instruída num dos melhores institutos suíços da moderna pedagogia de Pestalozzi. Sua vontade de criar um estabelecimento no Brasil, nos moldes do que ela vivenciou na Europa a acompanhava desde os tempos em que veio para a América juntamente com seus pais. Passados nove anos do casamento com Hércules Florence, tempo necessário ao nascimento e crescimento de seus filhos, o casal Florence deixa o campo e muda-se para a cidade. Esta mudança favorecerá a fundação do colégio, em decorrência de fatores relacionados a questões privadas e questões públicas. Na esfera privada, a necessidade se estabelece em função do desejo de fazer com que os filhos estudassem e que ela, enquanto educadora, viesse a desempenhar seu papel profissional. Na esfera pública, Campinas inicia um novo ciclo de desenvolvimento cultural. As atenções para o ensino estavam implícitas nas discussões dos políticos "liberais". O irmão mais velho de Carolina, Jorge Krug, fazia parte do grupo que se preocupava com essas questões, estimulando sua opção pela abertura de um estabelecimento de ensino. Em se tratando de uma mulher para desempenhar o cargo de direção de uma instituição educacional, esta deveria ser destinada a mulheres. Assim, contando com a solidariedade do marido, Hércules Florence, e o apoio político e material do irmão mais velho, Carolina Krug Florence funda a 3 de novembro de 1863 o **Colégio Florence**.

Localizado em um prédio cedido por seu irmão Jorge Krug, na Rua das Flores, nos.24 e 26 (atualmente Rua José Paulino, na quadra em que se localiza a Cia.de Telecomunicações de São Paulo) o estabelecimento começou de uma forma bem modesta, com apenas sete alunas, que eram entre outras Amélia Duarte e Ana Carolina Machado. (Florence, **Album do Bi-Centenário**, s.p.)

Essa data de fundação apresenta-se como a mais correta, considerando o fato de que em duas fontes por mim utilizada há



Ilustração 03 - Desenho do Colégio Florence, realizado por Hércules Florence, em 1863 (Coleção Cyrillo Hércules Florence)

menção de que ele teria sido criado no ano de 1865.(Rodrigues, **A instrução feminina em S.Paulo**, p.176) e (Gazeta de Campinas, 19 dez 1872). Faz-se necessário explicitar que o estabelecimento tem suas atividades iniciadas precariamente em 1863, possivelmente em esquema experimental, e que a data de 1865 seria o marco de uma instituição mais sólida, com o prédio já pronto, conforme o desenho que Hércules Florence fez por ocasião do ano da inauguração do Colégio Florence. Observe-se que o prédio era muito grande, começando na rua das Flores, com fundos para a Rua do Teatro e, nas laterais, com outras duas ruas (atualmente Bernardino de Campos e Benjamim Constant).

No início, Carolina Florence teve muitas dificuldades para manter o funcionamento da instituição. Os problemas eram de toda ordem: falta de docentes capacitados e de alunas que permanecessem na escola regularmente durante o ano, a mentalidade da época sobre as questões de Educação feminina, etc.

Aliás, o Colégio Florence vivenciou a mesma situação que outros colégios no Brasil experimentaram na época: o problema da resistência, por parte dos pais, em enviar suas filhas para estudarem fora do recinto do lar.

As elites contavam com preceptoras estrangeiras contratadas para ensinarem nas fazendas. Exemplo disso é o caso de Ina Von Binzer, educadora alemã que trabalhou em diversas fazendas durante a segunda metade do século XIX. Deixou um depoimento interessante e raro sobre a vida dos brasileiros pertencentes a estas classes. Através de uma série de cartas escritas entre 1881 a 1883 a uma amiga na Alemanha, faz diversas considerações a respeito dos costumes e da cultura do país. Relata problemas em relação à escravidão, à conduta solta das crianças brasileiras contrastando com a rigidez dos hábitos germânicos etc. (Binzer, **Os meus romanos: Alegrias e tristezas de uma educadora alemã no Brasil**).

Carolina Florence, por sua vez, foi estruturando a

educação no colégio, nos moldes que havia presenciado na Europa. Realizou viagens à Alemanha e a outros países contratando, lá, professoras, além dos melhores que existiam em Campinas.¹⁴

Outros colégios, que fizeram tentativas de implementar uma educação mais completa, nos moldes do Florence, já existiram no Brasil bem antes de Carolina Florence fundar o seu em Campinas.

Na Corte, em 1834, Nísia Floresta funda o Colégio Augusto para a educação de meninas. Instituição particular, laica, foi muito criticada pelos conservadores e muitos pais que viam o risco da emancipação das filhas. Nísia Floresta enfrentou dificuldades também para impor o seu programa de estudos que incluía disciplinas como o Latim, Caligrafia, História, Geografia, Religião, Matemática, Português, Francês, Italiano, Inglês, Música, Dança, Piano, Desenho e Costura.

*"Nessa experiência educacional, Nísia Floresta empregou novos métodos de ensino (...) Além disso, a seriedade da pedagoga Nísia Floresta ressalta de sua crítica ao ambiente instrucional do Rio de Janeiro da época: Ela se opunha à comercialização do ensino por indivíduos incompetentes que com frequência abriam escolas de bela aparência, de pouca substância em seu interior. (Floresta, **Opúsculo Humanitário**, p.X).*

Na época, os pais, como já foi dito, se preocupavam muito mais em dar às suas filhas uma educação completa, mais de "dona de casa" propriamente, do que escrita e leitura. Compreende-se assim, porque cultivavam o gosto artístico através do trabalho de bordados finos, da música, do canto e da dança; formavam o espírito de apreço ao lar. (Rodrigues, **A Instrução feminina em S.Paulo**, p.165.).

Entretanto, na segunda metade do século XIX, os tempos eram outros. Campinas crescia, e as idéias da difusão do saber, do

¹⁴ Carolina Florence, pelo que se pode constatar na documentação encontrada, contratava docentes do sexo feminino na Europa, em diferentes países: inglesas, francesas etc. No Brasil, ela contrataria, além de educadoras, docentes do sexo masculino.

N. 52

Pagamento até 30 de junho corrente

IMPOSTO DE CAPITAÇÃO PARA O FUNDO ESCOLAR



Lei n. 01 de 6 de Abril de 1887 e Regulamento de 23 de Março de 1888

De acordo com o art. 8º do Regulamento acima se nomeia a Sra. Carolina Florence

Carolina Florence

Recebe do Recebedor

que para esta Escolinha Fiscal foi lançada para o pagamento de \$3.000
anuais de imposto supra. E os seus dados são transcritos no disposto
nos regulamentos deste imposto que contém recibos

Coll.º de Fundação José Albino de \$380

P.O. Encarregado do lançamento,

Antônio de A. Pereira



SERIE

N.

Lançamento a fl. 17

Exercício de 1882 a 1883

1º trimestre

Principal	21.000
Multa de 6 1/2 %	
Mais 4 1/2 %	
	21.000

Certifico que a Sra. Carolina Florence

deve a quantia de cinco mil e cem mil réis —
de trinta e seis mil réis, lançada
pelo caso n.º 14, do ano das Ff. —

Collectoria de Rendas: Grossas de Campanas, em 6 de
Agosto de 1882

C. Escrição.

Ant. de A. Pereira

Pagto em 31 de Outubro de 1882.

C. Collectores.

Ant. de A. Pereira

Ilustração 04 - Exemplos de impostos pagos por Carolina Florence (Coleção Cyrillo Hércules Florence)

conhecimento erudito já encontravam ressonância entre alguns pais de família. E os colégios que surgiam, em regime de internato, começavam a ser vistos como locais de segurança para suas filhas.

Além disso, Carolina Florence ainda tinha a vantagem de ser de origem germânica, propondo por isso um tipo de educação muito apreciada na época. (Rodrigues, **A Instrução feminina em S.Paulo**, p.168).

O Colégio deveria ser responsável não apenas pela difusão dos conhecimentos ditos pedagógicos, mas também pela educação da aluna. Existia, na época, uma diferença básica entre Colégios e Escolas, nem sempre possível de ser identificada. O primeiro significava um internato que oferecia uma educação mais aperfeiçoada, muitas vezes chamado de **Primário Superior**. Wanda Borges, ao citar o Colégio do Patrocínio de Itu, por exemplo, classifica-o como de nível primário superior.(Borges, **A Profissionalização feminina**, p.,107).

Em cada colégio, as disciplinas que eram ministradas ultrapassavam os estudos das primeiras letras, incluindo matérias extras como piano, música,canto , estudos de línguas estrangeiras, além dos trabalhos manuais. (Rodrigues, **A instrução feminina em S.Paulo**, 183).

As alunas, moravam nesses internatos, saindo apenas na Semana Santa, nas chamadas férias de São João, no mês de Junho, e depois dos exames finais em dezembro. O retorno para o início das aulas se dava após o dia 15 de janeiro. Havia três formas de frequência a esses estabelecimentos: as alunas que entravam em regime de internato, as semi-internas e as externas. Estas últimas geralmente residiam na cidade, preferindo desfrutar o repouso na casa dos pais. Naturalmente, os valores das matrículas variavam de acordo com a forma de permanência no colégio. As aulas de música e piano eram cobradas separadamente. (Anúncio no jornal "Gazeta de Campinas", 19 set 1872).

No decorrer desse trabalho tentarei explicitar melhor as características internas do Colégio Florence, isso porque cada instituição

particular destinada a esse fim tinha as suas normas de conduta, regulamentos etc.

Quanto às escolas, estas eram apenas locais de instrução, sempre em regime de externato. Em termos de Educação Pública, por exemplo, o governo e as províncias limitaram-se a criar apenas escolas primárias. O colégio Pedro II, os liceus provinciais e alguns seminários espalhados pelo país, eram os únicos estabelecimentos de nível secundário que existiram durante o Império.

No que diz respeito às leis referentes ao Ensino durante o Império, a garantia à Educação parece que permanecia apenas no discurso. O artigo 32, por exemplo, da Constituição Nacional de 1824 que " garantia a todos os **cidadãos** a educação primária pública ", referia-se apenas aos filhos dos homens livres.

Em 1826, ao redigirem os pormenores dessa lei em relação aos mestres, os deputados solicitaram às mulheres que quisessem ser professoras, os ditos predicativos femininos:

*" Haverão (sic) escolas de primeiras letras, que se chamarão pedagogias, em todas as cidades vilas e lugarejos mais populosos do Império. (..) Serão nomeadas mestras de meninas e admitidas a exame, na forma já indicada, para cidades, vilas, e lugarejos mais populosos, em que o presidente da província, em conselho, julgar necessário êste estabelecimento, aquelas senhoras, que por sua honestidade, prudência e conhecimentos se mostrarem dignas de tal ensino, compreendendo também o de coser e bordar." (Annaes do Parlamento Brasileiro, Câmara dos Deputados, Sessões de 1826 a 1834 in: Saffioti, **A mulher na sociedade de classes**, p.192).*

Uma lei de 1827, ao mesmo tempo em que garantia às mulheres o direito à educação, foi usada sintomaticamente como instrumento de discriminação. Essa lei estabelecia estudos distintos para cada sexo, sendo

que as mulheres teriam o seu primário limitado às quatro operações no ensino de matemática, excluindo a geometria.

Em se tratando de salários, isso representava menos para as professoras, pois o critério de diferenciação dos valores se baseava no conhecimento de geometria. Também foi essa mesma lei que restringiu o sexo feminino ao nível das "pedagogias" que se limitavam aos quatro anos de estudos primários. Aos meninos se reservava o privilégio de ascenderem aos liceus, ginásios e academias.

Ainda se faz necessário citar o Ato Adicional de 1834, através do qual, ao transferir às Assembléias Provinciais o poder de legislar sobre a educação pública primária, o governo central se isentou dessa parte fundamental do ensino, reservando-se a responsabilidade apenas sobre o ensino secundário e superior.

Essa medida seria desastrosa para a educação das mulheres. Como assinala Saffioti:

*"A emenda constitucional de 34 conferia, num país de analfabetos, maior importância aos estudos mais avançados do que aqueles sobre os quais se assentaria o desenvolvimento social e econômico da nação. A formação da mentalidade nacional correria, daí por diante, por conta das iniciativas provinciais, cuidando a União exatamente daquela educação cujos destinos seriam o da diversificação regional".(Saffioti, **A mulher na sociedade de classes**, p.195.)*

Em um país onde as províncias mal davam conta do ensino primário, o ensino secundário ficou a cargo da iniciativa dos particulares. O ensino secundário ministrado do Colégio Pedro II, localizado na Corte do Rio de Janeiro era apenas para os alunos do sexo masculino. Dessa forma, as meninas continuaram excluídas do ensino secundário oficial,

tendo sómente acesso a ele nesse século.

Ao ficarem, então, reduzidas as possibilidades de acesso ao ensino secundário oficial, os colégios particulares lançaram-se à iniciativa de criá-las.

A lei no.34 de 1846, da Província de São Paulo, autorizava a abertura de escolas particulares, impondo apenas as condições do ensino das matérias previstas para as aulas públicas e que o requerente apresentasse documentos legais em que comprovasse bons costumes e, *"no caso estrangeiro, deveria pronunciar corretamente a língua nacional e provar que tinha conhecimento da gramática da mesma"*. (Leis da Província - 16 mar 1846 in: Rodrigues, **A instrução feminina em S.Paulo**, p.170).

Entretanto, os colégios particulares que não fossem católicos, deveriam cumprir algumas exigências para que pudessem funcionar regularmente. A lei sancionada pela reforma de 1851 (sic) exigia que esses colégios estivessem localizados a menos de um quarto de léguas de uma igreja e que tivessem um professor de Religião do Estado, para dar aulas de Doutrina Cristã. (Rodrigues, **A instrução feminina em S.Paulo**, p.171.)

Carolina Florence, seguiu à risca essa regulamentação. O colégio Florence, situado na Rua das Flores, ficava a três quadras da Matriz de N.S. da Conceição de Campinas, em terreno que posteriormente seu irmão Jorge Krug deixou-lhe como herança. (Escritura de Compra e venda em nome de Jorge Henrique Guilherme Krug, em poder da Família Florence. 18 Ago 1872).

Para a disciplina de Doutrina Cristã, em 1867 o colégio dispunha do Padre Viera (posteriormente Bispo do Ceará) e do Padre Lima que, em 1874, viria a ser o Inspetor de Instrução Pública de Jundiaí. Além desses padres, era a própria diretora quem dava aulas de História Sagrada, constando no Relatório de 1869 a observação do relator de que a mesma também dava aulas de Regilião Protestante, *"mas apesar disso é a primeira a dar exemplo de respeito a religião do Estado."* "(Relatório de Luiz Silvério

Alves Cruz ao Inspetor de Instrução Pública da província de S.Paulo. 14 out 1869. Arquivo do Estado).

Infelizmente, como já foi mencionado, em 1868, foi criada a lei no.54 que estabelecia em seu artigo 15 "*que o ensino primário ou superior podia ser livremente exercido por particulares dispensando as escolas privadas de enviarem seus relatórios (grifo meu).*" (Rodrigues, **A instrução feminina em S.Paulo**, p.185). Assim o relatório do Colégio Florence deixou de ser enviado para o Inspetor de Instrução Pública, escasseando os dados daí em diante.

Do que se pôde resgatar até o presente momento, as fontes que revelam dados fundamentais à vida educativa, encontram-se nos jornais da época. Foi através deles que constatei um problema vivenciado pelo Colégio Florence nos primórdios de sua fundação, pois dentre os problemas vivenciados por toda a sociedade campineira, um deles afetava diretamente o Colégio Florence: a insalubridade do terreno e da região em que fora instalado.

Em 1875, a Rua das Flores (atual José Paulino) era muito diferente do que se apresenta hoje. A abertura oficial com esse nome foi em 1855, segundo Benedito Otávio. Não era propriamente uma rua, mas sim um caminho ou picada, acima do famoso brejo da Ponte. Margeava a gleba do Jurumbeval (futuro Largo Correa de Mello) alongando-se da Rua do Picador (Mal.Deodoro) até a Rua das Casinhas (General Osório). Mas por que chamava-se Rua das Flores?

De acordo com Julio Mariano a resposta explica a insalubridade do local onde foi assentado o terreno do Colégio Florence:

"Ampla campo baldio e em grande parte alagadiço, a porção de terreno no qual com intervalo de anos construíram a "Escola Correia de Mello " no alto, e o segundo grande mercado municipal, na baixada, o mato que por ali se alastrava era em maioria jurumbeva e rosinha silvestre. Daí juntar-se o apelido de Jurumbeval e todo o largo denominar-se Rua das Flores." (Mariano, **Badulaques**, p.11).

Pois bem, o fato de o colégio ter sido instalado nesse local insalubre, colocava em risco a saúde de todos que o freqüentavam. Por várias vezes, a direção da escola solicitou das autoridades competentes providências no sentido de sanear o local. Com as chuvas e o forte calor, o brejo exalava "**miasmas**" fétidos. Os pais das alunas que ali estudavam colocavam notas nos jornais protestando por esse estado calamitoso. Em 1875, os jornalistas decidiram colocar uma notícia de desagravo contra aquela situação, informando a população sobre o descaso da Câmara Municipal:

"Nós e os nossos colegas da imprensa temos, por vezes, chamado a atenção da illustríssima camara sobre este ponto, designando os lugares que reclamam prompta limpeza, afim de evitar as consequências que podem sobrevir. São elles: o córrego que atravessa ao longo da praça do mercado e o brejo do Serafim no ponto em que desembocam as ruas da Cadêa e Theatro junto ao quintal do Collegio Florence, franqueado de ha muito ao despejo publico. As matérias ahi aglomeradas constituem um fluxo de emnações pestíferas que muito prejudicam a saúde dos moradores circunsvizinhos, facto este já, segundo nos informa, assignalado por alguns casos de febres. E, agora que vamos entrar para a estação chuvosa, pondere a edilidade nos malles que podem resultar da conservação desses lugares em semelhantes estados. Acresce a tudo isto, para maior gravidade, que são aquelles pontos centraes circundados a poucos passos de um delles o mais vasto e concorrido estabelecimento de educação." (Jornal "O Diário de Campinas", seção noticiário, 26 set 1875).

Após um ano de reivindicações, parece que as

TAXA DOS ESCRAVOS

Lançamento a fl.

3

EXERCÍCIO



SERIE

EXERCÍCIO DE 1887 a 1888

Imposto N. 2656 de 15 de Novembro de 1879
Multa de 6% (Art. 15 do Regulamento)

Mais 4% (Lei n. 2348 de 25 de Agosto de 1875, art. 12)

36,000
24,600

38,160

38,160

38,160

38,160

38,160

38,160

38,160

38,160

38,160

38,160

38,160

38,160

38,160

38,160

38,160

38,160

38,160

38,160

38,160

38,160

38,160

38,160

38,160

38,160

38,160

38,160

38,160

38,160

38,160

38,160

38,160

38,160

38,160

38,160

38,160

38,160

38,160

38,160

38,160

38,160

38,160

38,160

38,160

38,160

38,160

38,160

38,160

38,160

38,160

38,160

38,160

38,160

38,160

38,160

38,160

38,160

38,160

38,160

38,160

38,160

38,160

38,160

38,160

38,160

38,160

38,160

38,160

38,160

38,160

38,160

38,160

38,160

38,160

38,160

38,160

38,160

38,160

38,160

38,160

38,160

38,160

38,160

38,160

38,160

38,160

38,160

38,160

38,160

38,160

38,160

38,160

38,160

38,160

38,160

38,160

38,160

38,160

38,160

38,160

38,160

38,160

38,160

38,160

38,160

38,160

38,160

38,160

38,160

38,160

38,160

38,160

38,160

38,160

38,160

38,160

38,160

38,160

38,160

38,160

38,160

38,160

38,160

38,160

38,160

38,160

38,160

38,160

38,160

38,160

38,160

38,160

38,160

38,160

38,160

38,160

38,160

38,160

38,160

38,160

38,160

38,160

38,160

38,160

38,160

38,160

38,160

38,160

38,160

38,160

38,160

38,160

38,160

38,160

38,160

38,160

38,160

38,160

38,160

38,160

38,160

38,160

38,160

38,160

38,160

38,160

38,160

38,160

38,160

38,160

38,160

38,160

38,160

38,160

38,160

38,160

38,160

38,160

38,160

38,160

38,160

38,160

38,160

38,160

38,160

38,160

38,160

38,160

38,160

38,160

38,160

38,160

38,160

38,160

38,160

38,160

38,160

38,160

38,160

38,160

38,160

38,160

38,160

38,160

38,160

38,160

38,160

38,160

38,160

38,160

38,160

38,160

38,160

38,160

38,160

38,160

38,160

38,160

38,160

38,160

38,160

38,160

38,160

38,160

38,160

38,160

38,160

38,160

38,160

38,160

38,160

38,160

38,160

38,160

38,160

38,160

38,160

38,160

38,160

38,160

38,160

38,160

38,160

38,160

38,160

38,160

38,160

38,160

38,160

38,160

38,160

38,160

38,160

38,160

38,160

38,160

38,160

38,160

38,160

38,160

38,160

38,160

38,160

38,160

38,160

38,160

38,160

38,160

38,160

38,160

38,160

38,160

38,160

38,160

38,160

38,160

38,160

38,160

38,160

38,160

38,160

38,160

38,160

38,160

38,160

38,160

38,160

38,160

38,160

38,160

38,160

38,160

38,160

38,160

38,160

38,160

38,160

38,160

38,160

38,160

38,160

38,160

38,160

38,160

38,160

38,160

38,160

autoridades resolveram transformar o brejo em um local não apenas salubre, mas incrementado de obras que o tornaram valorizado. O desenvolvimento urbano trouxe o gás para a iluminação das ruas e essas transformações tornaram o Colégio Florence um estabelecimento mais acreditado. Hércules Florence - na época responsável pela instituição durante um período de ausência de Carolina Florence, em viagem a Europa - dizia em carta à esposa das vantagens que a mesma receberia com as mudanças que estavam acontecendo na cidade. Observe também que a relação de propriedade difere do contexto da época, quando o esposo relata os benefícios que **ela**, Carolina Florence obterá:

" Lina,

*Continua-se a construir em Campinas. Comprou-se os terrenos do brejo atrás do colégio e se vai construir casas. **Você vai ter para seu colégio uma mudança que aumentará o valor de sua propriedade em seis contos de réis.** A Camara municipal já começou os trabalhos de aterro do brejo e começou a pavimentar a rua do teatro (Ernesto Kulmann-nota minha), que passa diante do fundo do seu quintal. Eu devo pavimentar a calçada. Já começou-se a pavimentação da rua do Caracol e a iluminação à gás. (..) Tenho já um pedreiro, Antonio Exel. Com isso a propriedade tornou-se sólida e o terreno mais firme. A Câmara também vai construir um grande mercado sobre a praça do brejo. Se você desejar construir boxes ou magazines na frente do mercado dobrará o capital."*
(Carta de Hércules Florence, para Carolina Florence, na Alemanha. Campinas, 16 set de 1876.)

Atrelado ao fato de que o Colégio recebia melhoramentos que o tornavam mais asséptico em relação a seu aspecto físico e geográfico, é também nessa época que a instituição começa a tomar impulso na questão educativa, propriamente dita. Carolina Florence, depois de treze

anos de fundação do Colégio, ausentava-se do país em busca de novos métodos e de reformulação do quadro docente, através da contratação de novas professoras, alemãs fundamentalmente, francesas e inglesas. A estabilidade financeira se mantinha dentro dos padrões suportáveis. Hércules Florence administrava e dirigia o Colégio, juntamente com outras professoras antigas e confiáveis. A contabilidade era realizada por ele, através de livros-caixas. Enquanto a diretora estava ausente, a divisão de tarefas envolvia também outros membros da família. Em carta para a irmã de Carolina, Anna Kupfer, residente na Alemanha, Hércules Florence citava D. Helena Becheuser Krug, esposa do irmão mais novo de Carolina, Francisco Krug, como colaboradora nessas atividades:

*"Minha cunhada,
Foi acertado eu ficar com o collégio porque estou
fazendo as cobranças que pouco entrariam se não
houvesse quem cuidasse disso. Temos agora 34
meninas e por ora vai tudo bem. D.Meta tem bem
jeito, d.Zerbst e **Mana Helena** visita-nos a cada
dois dias. Se eu estiver vivo irei a Europa em 1877."
(Carta de Hércules Florence para Anna Kupfer, de
18 de julho de 1876).*

Além do Colégio Florence, outras instituições de Ensino já se encontravam instaladas em Campinas na década de 1870. As transformações não se davam apenas em benfeitorias de saneamento, iluminação, ou relativas a chegada da Estrada de Ferro, em função do café. A população carecia de instrução e da criação de escolas. Apesar de o governo provincial oferecer apenas algumas cadeiras no ensino primário, havia, por parte dos particulares, iniciativas que faziam com que o ensino em Campinas se tornasse modelo a ser seguido na Província. Em 1876, o editorial do Diário de Campinas reporta-se à importância da Educação como mola propulsora das alterações que o país necessitava realizar, e cita os diversos estabelecimentos

existentes:

*"A absoluta necessidade da instrucção é hoje felizmente, uma cousa que todos reconhecem. As estatísticas nos provam que nos paizes onde predomina a ignorância na grande classe média, essa classe que mais tem contribuído para o progresso deste século, nestes paizes é onde se realisão os maiores crimes e onde, a par da tyrania politica, desenvolve todas as suas opressões a theocracia.(..) No Brasil, não chegam a instrucção ao ponto desejado, mas ha batalhadoras infatigaveis nessa cruzada em prol da luz. Todos já estão intimamente convencidos que é a intrucção o meio único de o paiz em estado de receber as reformas necessárias para que elle possa ocupar o lugar que lhe compete entre as demais nações. (...) Isso vem aqui, a propósito dos belíssimos resultados obitdos em todos os colégios e escolas desta cidade, já nas do sexo feminino, já nas do sexo masculino. E já não são poucos os estabelecimentos onde se mistura o pão do espírito à mocidade que representa o futuro. Temos de memória estes: Collegios Culto à Ciência, Internacional, Perseverança, **Florence**, (grifo meu) Externato Culto às Letras, e as escolas dirigidas pelos profs. Malachias Guirlanda, João Bahia, e as escholas sustentadas pela Sociedade Alemã de Instrucção e Cultura e pela Loja Independência."(Jornal "O Diário de Campinas", seção noticiário, 24 Dez 1876.)*

Das escolas e colégios citados nesse editorial sobre a Educação em Campinas, três delas merecem ser mencionadas a título de ilustração para este trabalho: "O Colégio Perseverança" , o "Culto à Ciência" e a "Escola Alemã".

O primeiro deles - "Perseverança", também chamado "Cesarino", porque é o primeiro que surge nos documentos com a denominação "Colégio" - é destinado à educação de meninas. Fundado em data

anterior ao Florence, possivelmente em 1860, de acordo com a **Monografia Histórica de Campinas**, provavelmente funcionou em Campinas até o ano de 1885, pois a partir daí não há referências a este estabelecimento nos jornais e almanaques.

Assim como o Florence, funcionava em regime de internato, sendo que as suas pretensões eram sempre mais modestas. Tinha um número reduzido de alunas, um corpo docente menor e poucas disciplinas no programa de ensino. O valor da mensalidade, por exemplo, era bem abaixo do que o Florence solicitava em seus anúncios de jornal. Dirigido pelas irmãs Balbina (ou Bernardina) e Amância Cesarino, parece que o Colégio privilegiava as classes mais desprotegidas. Por ocasião da morte de Balbina Cesarino, a Gazeta de Campinas prestou-lhe homenagens que revelam a preocupação das diretoras com a educação de orfãs empobrecidas:

" Aos seus elevados dotes moraes, deve principalmente o colégio "Perseverança ", os benéficos resultados que tem produzido em favor da classe pobre da cidade. Muitas meninas orphans pobres, têm recebido ali naquele collegio, ha mais de vinte anos educação, ensino, e os meios de subsistência, formando-se ao influxo d'aquelle excelente regimem, virtuosissimas mães de famílias." (Jornal "A Gazeta de Campinas", seção noticiário-7 abr 1883).

Merece menção nesse trabalho também, O Colégio Culto à Ciência. Entre seus fundadores, destaca-se o irmão mais velho de Carolina Florence, Jorge Krug. Na diretoria da "Associação Culto à Ciência", entidade responsável pela administração e captação dos recursos para a manutenção do Colégio, trabalhou Jorge Krug como guardador de livros durante muito tempo, sem solicitar remuneração por tal serviço. Ao pedir demissão do cargo anos depois, os estatutos dessa sociedade tiveram que ser

alterados, pois não havia quem quisesse substituir tamanho altruísmo. No falecimento deste farmacêutico, o Dr. Campos Salles traçou em linhas gerais a contribuição à Educação desse imigrante, durante 29 anos:

" A instrução publica merecia-lhe a mais alta consideração, e não se poupava a sacrifícios, quando se tratava de semelhante assumpto, confundido os seus melhores desejos com os dos nacionais, e achando-se sempre entre os primeiros servidores de tão santa causa: o que sobre sua qualidade de estrangeiro, realçava-lhe sobremodo os bons serviços e a dedicação providíssima em tal sentido. Também era um dos seus sustentáculos de uma das escholas allemãs que funccionavam nesta cidade. Exerceu por muitos anos o cargo de vice-consul da Suíça para toda a Província." (Jornal "A Gazeta de Campinas" - Seção Editorial - 7 mar 1875).

Outro membro da família dos Florences que teve atuação de destaque no Colégio Culto à Ciência como professor de Latim e que seria um dos seus diretores, foi o filho mais velho do primeiro casamento de Hércules Florence: Amador Bueno Machado Florence.

Quanto a Escola Alemã, esta foi fundada na mesma época que o Colégio Florence. Felizmente existe ainda hoje, com o nome de Colégio Rio Branco, no distrito de Barão Geraldo, em Campinas. Também aí houve a contribuição de Jorge Krug. De acordo com o diário de Anna Krug Kupfer, a fundação desse colégio deu-se em função do esforço da colônia alemã radicada no município de Campinas e unida por diversos interesses, entre eles o educacional:

" Em 30 de dezembro de 1862 sessaram as relações diplomáticas entre o Brasil e a Inglaterra e o povo estava indignado com o caso Christie. Os alemães considerando a situação brasileira, ofereceu-se um

*batalhao para formar em defesa dos interesses brasileiros. Como também para sufocar um levante dos escravos que dizia-se estava no começo. O delegado de policia, o dr.Pinto, concordou com o oferecimento de Antonio Exel e prometeu arranjar armas também. Exel foi nomeado comandante dos primeiros vinte homens, todos casados, enquanto o dr.Otto Kupfer estava encarregado dos negócios civis. Isso já em 1863.Em 19 de abril de 1863, o governo de S.Paulo mandou agradecer a assistência oferecida pelos alemães e assim dissolvía-se o grupo militar. Em seu lugar fundou-se o Clube dos Alemães de Campinas, cuja iniciativa era a fundação de uma escola com biblioteca. Como também um clube de atiradores. A primeira diretoria era formada pelos Dr.Otto Kupfer, **Jorge Krug**, Hubert Armbrust. Em 15 de julho de 1863 abriu-se a escola num comodo cedido por Jorge Krug, com 29 crianças, sendo seu primeiro diretor Franz Veiz, com provento anual de 500 mil réis. A escola foi reconhecida pelo governo de S.Paulo. Após a aquisição do terreno para a escola, foi o título do club modificado em "Escola alemã" e "club de leitura" isso em 1874, onde milhares de crianças até hoje tiveram boa instrução e Educação. Após a morte de Veiz, estava na direção da escola o sr.Hussen-Bacher. e de 1873 até 1879 presidiu o instituto o sr.Theodoro Yahn." (Kupfer, **Diário**, s.p.)*

Como foi possível constatar, as famílias Krug e Florence influíram no desenvolvimento da Educação de Campinas. A contribuição cultural delas e a mentalidade voltada para as mudanças, acompanhando sempre o que de novo acontecia no velho mundo, foram introduzidas em várias instituições. No entanto, para esse trabalho, procurei resgatar as influências que faziam parte da criação e desenvolvimento do Colégio Florence.

No próximo capítulo, procuro analisar como se dava a educação nessa instituição: seus métodos pedagógicos, disciplinas e programas, além das concepções sobre a mulher, propagadas pela imprensa.

CAPÍTULO II

COLÉGIO FLORENCE: ASPECTOS FORMAIS E INFORMAIS DA EDUCAÇÃO

"Até hoje nenhuma descoberta mathematica, nenhuma teoria metaphisica se conhece devido ao bello sexo. Na Grécia, onde os discipulos affluíram às grandes escolas de philosophia, onde Pytagoras contava um grande número de mulheres, d'entre os seus adeptos, nenhum só systema philosóphico apparece devido á intelligência da mulher."

(Dr.Silva Rego - Jornal Diário de Campinas - 30 nov 1875).

CAPÍTULO II

COLÉGIO FLORENCE: ASPECTOS FORMAIS E INFORMAIS DA EDUCAÇÃO FEMININA

É sabido que o ensino secundário feminino durante o Segundo Império permanece como algo ainda visto com pouco interesse pelo governo monárquico. Não fazia parte das intenções oficiais o gasto com recursos para a implementação deste tipo de educação, visto que o objetivo da sociedade vigente era de tornar as mulheres boas esposas e mães "extremosas".

Para as mulheres da elite do Império Brasileiro bastava o curso elementar, sem muito aprofundamento em aritmética ou em conhecimentos científicos. Ao concluírem um curso que lhes desse noções básicas de leitura e escrita, contas rudimentares de aritmética, as mulheres tinham sua educação encerrada, principalmente as de condição financeira inferior.

O ensino secundário público era dirigido aos discentes do sexo masculino e restringia-se ao sistema de ensino parcelado, ou seja, a educação ministrada por aulas avulsas, em disciplinas com conteúdos que não tinham por objetivo um ensino integralizante. Oficialmente, essa educação ocorria basicamente no **Colégio Pedro II**, localizado na Corte no Rio de

Janeiro. Além desse, o mais famoso, existiam alguns seminários espalhados pelo Brasil. Eram, entretanto, em número diminuto.

Criado apenas com o objetivo de preparar jovens rapazes para o ingresso no ensino superior, portanto de caráter propedêutico, possuíam esses colégios um programa fragmentado e multifacetado. (Haidar, **O Ensino secundário no Império Brasileiro**).

Assim, a educação secundária, de uma forma geral, restringia-se aos colégios particulares, pois eram esses que educariam os filhos das classes mais abastadas.

Nos jornais da época, era comum encontrarem-se notícias dos resultados de aprovação dos alunos que cursavam os colégios masculinos, ao final do ano letivo. Em Campinas, entre os colégios secundários, predominantemente propedêuticos, estavam o **Culto à Ciência e o Colégio Internacional**, instituições fundadas por associações.

Com relação às mulheres, entretanto, não era facultado o acesso às Academias de Ensino Superior. A mentalidade que permeia o período do II Império ainda não lhes permitia essa ascensão.

Apesar das transformações que ocorriam no terreno das idéias, em função das correntes de pensamento européias, em se tratando da educação para o sexo feminino, o ideal era a preparação para a permanência no espaço privado.

Havia, no entanto, resistências a esse modelo. Muitas mulheres não satisfeitas com o que era estabelecido pela sociedade da época se rebelavam e procuravam formas de alcançar o espaço público, destinado até então ao sexo masculino. Durante a segunda metade do século XIX, é possível perceber tentativas de brasileiras no sentido de "burlar" essa concepção, arraigada pelo sistema patriarcal da mulher reclusa no lar. Algumas mulheres pertencentes à elite imperial partiam para outros países em busca de educação superior.

Ocorre, contudo, que essa prática já fora bastante usual

em épocas anteriores. No período denominado por historiadores de "Brasil-Colônia", algumas senhoras estudaram em outros países, como é o caso de d.Margarida da Silva e Horta, que compôs a primeira obra da história da Literatura Colonial Brasileira.¹⁵

O que acontecia agora, é que essas senhoras interessadas em frequentarem os cursos superiores começaram a pleitear o direito a ter esses estudos aqui mesmo, no Brasil. Mediante a influência de pais e de atestados de bons costumes, solicitavam à direção dos cursos suas permanências, mesmo que o fizessem acompanhadas de criadas como prova de acatarem as regras da vigilância e controle masculino.

Em 1879, Elisa Elvira Bernard conseguiu ser aprovada plenamente em Odontologia (na época, denominada "arte dentária"), mediante requerimento solicitando exame de proficiência prática, visto que frequentou o curso e por achar-se apta à prova que permitia legalizar seu ofício. Esse documento, foi divulgado pela imprensa como uma grande conquista feminina, o que demonstra que eram poucas as mulheres que frequentavam as Academias de ensino superior no final da década de 70.

"Elvira Elisa Bernard requereu à faculdade de medicina do Rio de Janeiro pedindo ser admitida a exame de dentista. A faculdade resolveu, officiando ao governo em data de 23 do corrente, citando o avizo deste ministério de 21 de março proximo findo, em que manda pôr em execução imediatamente nesta faculdade a disposição do 24 do decreto n.7247 de 10 de abr ultimo, o qual

¹⁵ Durante o período colonial eram raros os casos de mulheres que procuravam estudar e produzir cultura letrada. D.Tereza Margarida da Silva e Orta foi a primeira romancista brasileira. Nascida em S.Paulo, foi freira no Convento de Trinas, Portugal, onde foi instruída em música e poesia, publicando em 1752 o livro: **Máximas de virtudes e formosura com que Diófanes, /Clymeneia e Hemifrena, Príncipes de Thebas, vencerão os mais apertados lances da /desgraça/ oferecidos à princeza/ Nossa Senhora/ A Senhora D.Maria/ Francisca Isabel Josefa Antonia/ Gertrudes Rita Joanna/ Por/ Dorothea Engrassia/Tavareda Dalmira. Lisboa/ Na Officina de Miguel Manescal da Costa/ Impressor do Santo Officio/ Anno MDCCLII/ Com todas as licenças necessárias".** Seu livro. Seu livro teve quatro edições, sendo todas raríssimas em Portugal e no Brasil mais ainda. (Ribeiro, **A Educação da Mulher no Brasil-Colônia**, p.80).

permite de que tratam os & 16,17,18 e 19 e aos indivíduos do sexo feminino, e não havendo ainda curso de dentista, por isso mesmo que não estão em vigor as disposições do mesmo decreto, que lhe são relativas, nem ha nelle disposição alguma que prohiba os exames de dentista, que se faziam e continuam a fazer nesta faculdade, rogo a v.exc. se digne declarar-me se o governo imperial, mandando pôr em execução imediatamente aquela disposição, que teve in mente permitir tal exame e também as pessoas do sexo feminino, afim de que possa resolver."(Jornal "A Gazeta de Campinas", seção Noticiário, 29 jul 1879)

Também na Bahia, em 1887, Rita Lobato Velho, conquistou um título de Doutora em Medicina (Jornal "A Gazeta de Campinas" seção noticiário, 31 out 1887). Contudo, no cômputo geral, poucas foram as mulheres que freqüentaram Academias de Ensino Superior durante o período do Império Brasileiro. A concepção de Educação Feminina, em seus diferentes enfoques, entretanto, era pautada consensualmente por uma mentalidade de uma educação restrita às esferas do espaço privado. Embora muitos acreditassem que não havia necessidade de se dar às mulheres uma educação formal mais aperfeiçoada, havia, na época, precursores de um discurso que privilegiavam o ensino feminino. Por exemplo, o caso dos intelectuais que escreviam artigos nos jornais da cidade de Campinas, durante o período em que o Colégio Florence permaneceu na cidade.

Jorge Miranda, jornalista conceituado, redigiu em 1873 um artigo no Jornal "A Gazeta de Campinas" a favor da instrução feminina. Futuro diretor do "Colégio Culto à Ciência", enfatizava a diferenciação biológica dos sexos como empecilho para a equiparação de conhecimentos entre homens e mulheres. A estrutura orgânica da mulher a impedia de obter instrução semelhante. Porém ressaltava a necessidade de elas freqüentarem os bancos escolares, desde que os conhecimentos adquiridos servissem apenas para o aperfeiçoamento maternal.(Jornal "A Gazeta de Campinas" seção Editorial, 6 e 17 abr 1873).

Dois anos após seus escritos pautados fundamentalmente no Positivismo, Dr. Silva Rego reiterava a necessidade de conhecimentos e ilustração ao sexo feminino, porém dentro dos mesmos moldes propostos por Jorge Miranda: apenas como instrumentos necessários ao aprimoramento da educação que as mesmas deviam dar a seus filhos. Em editorial longo, destacado, editado durante vários dias, o Jornal "Diário de Campinas" publica sua tese de que as diferenças orgânicas, de acordo com as teorias positivistas, influíam preponderantemente sobre a maneira de pensar e sentir das mulheres. Enfatizava a importância da instrução formal, mas enfocava a diferença biológica entre os sexos como uma barreira para a igualdade intelectual. A explicação da fragilidade feminina decorria de questões das diferenças orgânicas:

"o sistema nervoso (da mulher) muito mais delicado, é envolvido por um tecido celular mais humido e frouxo ... é assim que vemos, a doçura, a indulgencia e a submissão, serem as virtudes essenciais desse bello e primoroso filho de Deus: sempre e sempre a intenção do Creador se revelando na organização, nos instintos, pensamentos, e sentimentos da mulher. (Jornal "Diário de Campinas" seção Editorial, 30 nov 1875).

O Dr.Silva Rego colocava através da biologia, os limites que impediam as mulheres de se igualarem aos seus companheiros do sexo oposto: *"Ficou evidentemente provado, nos parece, que a mulher por sua organização, não pode atingir o mesmo sucesso que o homem, na cultura das sciências e artes onde certa perseverança, contenção do espírito e uma imaginação sustentada, representam o principal papel."*(Jornal "Diário de Campinas", seção Editorial, 30 nov 1875). É interessante observar que no seu discurso existe a necessidade de citar a supremacia masculina como dote **"natural"**:

*Até hoje nenhuma descoberta mathemática, nenhuma teoria metaphisica se conhece devido ao bello sexo. Na Grécia, onde os discípulos femininos affluíam de um modo extraordinário às grandes escolas de philosophia, onde Pytágoras contava um grande número de mulheres, d'entre os seus adeptos, **nenhum só systhema phiplosophico appareceu devido áintelligencia da mulher.(grifo meu)**.*"(Jornal "Diário de Campinas", seção Editorial, 30 nov 1875).

Finalmente, o Dr.Silva Rego encerrava seu artigo enfatizando que apesar de a fragilidade orgânica feminina impossibilitar a igualdade de chances no plano intelectual, a necessidade da instrução formal às meninas era condição fundamental para que elas pudessem ministrar aos filhos uma educação mais condizente com a filosofia que a época solicitava:

*"Não se segue, porém, daí, que a mulher não deva ser educada e illustrada, não por certo; ao contrário, nós a queremos instruída e até mesmo sábia se for possível, **mas os seus dotes intellectuais não lhe devem fazer esquecer se sua verdadeira missão (grifo meu)** para querer occupar o lugar que só ao homem é destinado, e que ella não póde convir, nem ella póde, vantajosamente, exercel-o, pela sua própria organização. E esta a verdade."* (Jornal "Diário de Campinas", seção noticiário, 30 nov 1875).

No entanto, não eram apenas os homens cultos que disseminavam, nos meios de comunicação da época, o ideal da educação feminina no sentido de auxiliar na tarefa doméstica. A mentalidade do período, como era de se supor, era partilhada também pelas próprias mulheres. Em artigo de 1876, Damiana Pestana, campineira erudita, esposa de Rangel

Pestana, que mais tarde abriria também, juntamente com o marido, um colégio destinado ao sexo feminino em São Paulo, defende que a educação feminina deveria ser ponderada, destinada à formação para a vida doméstica, junto aos filhos e ao marido. (Jornal "A Gazeta de Campinas", seção editorial, 19 jan 1876.)

A situação das mulheres na Europa no mesmo período, encontrava-se em circunstâncias mais propícias, pois muitas já começavam a conquistar empregos que lhes possibilitavam destacar-se na esfera pública. Eram atividades que permitiam aperfeiçoamento educacional e uma certa erudição. Em 1876, o jornal "A Gazeta de Campinas" registrava a estatística de profissionais do sexo feminino em Londres, que de uma maneira ou de outra, tinham contato permanente com a literatura livresca:

"As mulheres no reinado da rainha Vitória. (grifo meu). Tal é o título de uma obra que acaba de publicar-se em Londres. Refere-se o livro que existem n'aquella capital 1.077 mulheres que exercem o mister de livreiro, 7.557 de encadernador, 7.140 de typógrapho e 7.410 de vendedor de jornais e 1.350 bibliotecárias. A Inglaterra conta com 245 escriptoras." (Jornal "A Gazeta de Campinas", seção noticiário, julh 1876).

No Brasil, entretanto, pelas próprias condições que lhe foram peculiares, demoraria ainda muito tempo para que a mulher pudesse ascender definitivamente à esfera pública e produzir conhecimentos nas mesmas condições do sexo masculino.

Mesmo os artigos estrangeiros que evidenciavam pouco a pouco a igualdade de condições para competir no mercado de trabalho, eram vistos por muitos com sarcasmo. O comentário, por exemplo, sobre o fato de as mulheres galgarem postos ditos masculinos, produzia um tom jocoso e de repulsa:

"A universidade de Londres, diz um jornal

*estrangeiro, pediu ao governo auctorização para conferir grau às mulheres em todas as faculdades. É justa a petição. As mulheres têm aptidão natural para todos os cargos. A mais estúpida exerce a **medicina** quando cura os corações feridos.*

*É **advogada** quando pede penas para seu marido.*

***Juiza** quando sentencia sem appelação as peralvilhas.*

***Philosophia** quando tem uma duzia de noivos sem preferir nenhum.*

***Militar** quando demonstra o seu genio estratégico, illudindo os paes e depois o marido.*

Em breve as teremos na política, e não longe virá o tempo em que se leia em qualquer lugar público:

*"A **sra. ministra da marinha** não poderá comparecer alguns dias na secretaria. Hontem á noite deu á luz a um robusto menino."(Jornal "A Gazeta de Campinas", seção noticiário, 10 mar 1876).*

Os artigos, na maioria das vezes, contestavam a equivalência do grau de erudição para ambos os sexos. Isso não significava que esses autores acreditassem que as mulheres não devessem instruir-se. A educação lhes era necessária para melhor educarem sua família, ou seja, restrita à esfera privada, ao lar. Havia, porém, alguns que defendiam arduamente que o saber formal lhes era absolutamente desnecessário. Como argumento, lançavam mão de exemplos reveladores sobre o quanto as mulheres precisavam saber a respeito da missão a elas atribuída: o mister maternal. Num comentário aos positivistas que propagavam a necessidade da educação para as mulheres, observei um artigo que os criticava:

" Parece-me que, enquanto às meninas, é fazer-lhes grave danno recheiar-lhes muito cedo à cabeça com a semente da sciência.

Desejava-se hoje as raparigas saibam muito, e logo as accusam de positivistas, de pouco ingenuas, de pouco moças, em uma palavra, entretanto, não é isso culpa sua, se não de suas mães de quem as educa por um systhema que consiste em fazel-as estudar todo o dia umas cousas após outras sem

reservar alguns instantes para desenvolver sentimentos do coração. É necessário antes de tudo, procurar desenvolver nas meninas o sentimento do bello e do bom; com a boneca aprende de antemão os deveres da maternidade, e pode-se dizer que este brinquedo é o seu primeiro amor; com a boneca ella diverte-se e instrue-se a um tempo, pois aprende a contar e coser-lhe saias e vestidos, e educal-a, deitando-a, levantando-a, passeiando com ella, etc., repetindo enfim com a boneca tudo que vê fazer com as crianças... (Jornal "O Diário de Campinas", seção editorial, 24 dez 1880.)

Entre algumas mulheres que se destacam com seus artigos sobre a polêmica do tema da Educação Feminina nos jornais da época, podemos citar também D. Maria Amália Vaz de Carvalho. Em 04 de novembro de 1887, tratava da questão, descrevendo a resignação e o sentimento do amor como deveres da personalidade feminina.

Apesar das transformações para a entrada das mulheres na esfera pública, ocorrerem muito lentamente, a realidade começava a evidenciar pequenas aberturas para o trabalho feminino em espaços reservados ao sexo oposto. É o caso do emprego de D. Julia Lopes. Contratada pelo jornal "A Gazeta de Campinas", para escrever artigos relativos a temas destinados às mulheres e a estrutura doméstica, tratava ela de assuntos tais como: moda, novidades do mundo feminino europeu, tratos com criados, casa, filhos etc. (Jornal "A Gazeta de Campinas", fev/mar, 1884). Com sua saída da cidade de Campinas, rumo à Corte no Rio de Janeiro, o jornal sente a necessidade de contratar outra mulher como correspondente desta seção. (Jornal "A Gazeta de Campinas", seção de anúncio, 8 jul 1886).

Também, nesse mesmo ano, o jornal anuncia em várias datas, durante as festividades realizadas no Bosque, shows com a aeronauta Maria Leopoldina. A atividade consistia na descida de um balão que era visto pelos habitantes de Campinas como espetáculo de finais de semana. (Jornal "A

Gazeta de Campinas", seção noticiário, 9 julh 1886). Essas realizações, a meu ver, revelam que as mulheres iniciavam a busca de profissões bem mais interessantes do que as do lar.

Assim, começavam elas a invadir paulatinamente o espaço público, realizavam atividades que antes eram exclusivas dos homens. O discurso positivista, que estimulava uma educação formal limitada, não podia controlar as mudanças que decorriam do surgimento de uma nova mentalidade. O momento era de mudanças, de transformações tanto na Europa como em outros países, e o Brasil recebia essas influências através das diferentes visões que eram propagadas por aqueles que aqui aportavam.

As vilas transformaram-se em cidades, e o interior de São Paulo, por causa do desenvolvimento ocasionado pela cultura do café, exigia novas formas de sociabilidade, principalmente no trato com estrangeiros. Os cafeicultores, pelo tipo de negócio que realizavam, necessitavam de mulheres com algum tipo de instrução. A lavoura de cana dos tempos coloniais tornou as mulheres reclusas. Os registros dos viajantes que as apontaram como seres estranhos, escondidos pelos quartos, espiando através de frestas começavam a mudar: observam que elas passavam a adquirir um pouco de cultura, de erudição. Entretanto, isso ocorria apenas com as mulheres de elite, e com limites. O risco da emancipação feminina freava as mudanças culturais.

A tradição ibérica, transposta de Portugal para o Brasil, considerava as mulheres como seres ignorantes e inferiores, pertencendo assim o sexo feminino ao "Imbecilitus Sexus" (expressão que corresponde aos inferiores natos: crianças, doentes e incompetentes). Essa tradição decorre em parte das influências mouras, em função dos oito séculos de permanência dos árabes naquele país. O valor social da mulher entre esses povos sempre esteve diretamente ligado à limitação do seu espaço ao mundo doméstico.

Dos mouros foi herdada a idéia da reclusão feminina. O ciúme seria o motivo do resguardo da mulher no lar. Ciúme que decorria das

contradições da família patriarcal monogâmica. (Ribeiro, **A educação da mulher no Brasil-Colônia**, p.53). Resguardada, a mulher branca de elite não participaria, no período colonial, da vida social, limitando-se seu espaço geográfico da casa à Igreja. Muitos viajantes observaram com atenção essas reclusões.¹⁶

Dessa forma, os conhecimentos eram, na maioria das vezes, superficiais. Aprendiam-se línguas, principalmente a francesa que era utilizada em bailes e saraus, alguns rudimentos de leitura e escrita, contas de aritmética elementar e sempre que possível, o manejo de algum instrumento musical. Na maioria das vezes, o piano.¹⁷ É compreensível, então, ao observarmos a mentalidade do período imperial, que o ensino secundário feminino estava fora das pretensões governamentais, paternas etc. Ascender ao ensino superior era algo esdrúxulo, incompatível com os deveres da mãe e da esposa. Para as mulheres de condições mais baixas, então, só restava o ensino primário: "*no que tange às meninas pobres, do povo essa educação podia ser resumida em duas palavras: primeiras letras e prendas domésticas*" (Manoel, **Igreja e educação feminina**, p.111).

Aliás, na verdade, nem como donas de casa as mulheres empobrecidas tinham, muitas vezes, condições de se reconhecerem. A prostituição era a possibilidade de vida que elas anteviam. Hércules Florence escrevia em seu diário, em 1828, que:

¹⁶ Luccock, viajante no princípio do Sec.XIX diria que: "*as mulheres das classes altas e médias, e especialmente as mais moças, vivem muito mais reclusas que em nossa própria terra. O pouco contato que os costumes com elas permitem, dentro em breve, põem a nu sua falta de educação e instrução.*" (J.Hahner, **A mulher no Brasil**, p.32).

Ver também Kidder, D., **O Brasil e os brasileiros**, Nacional, 1941).

¹⁷ O piano foi, entre os instrumentos musicais, o mais procurado pelas famílias brasileiras, para representar a cultura musical das mulheres do II Império. Castro Mendes menciona que as vendas de piano em sua loja aumentavam de ano a ano: "*Este sucesso foi tão intensificado ao ponto de ufanar-se a casa de ter vendido desde esse tempo, até agora cerca de 500 pianos, o que representa para uma cidade do interior de Campinas, vendas realmente muito apreciáveis.*" (Castro Mendes, **A casa do livro azul**, p.23). No livro "**Salões e Damas do II Império**" , Wanderley do Pinho também fala do piano como o instrumento de maior aceitação por parte das donzelas aristocráticas.

"as moças filhas de pais pobres nem sequer pensam em casamento. Não lhes passa pela cabeça a possibilidade de arranjar um marido sem o engodo do dote, e como ignoram os meios de uma mulher poder viver do trabalho honesto e perseverante são facilmente arrastadas à vida licenciosa." (Del Priore, **A Mulher na História do Brasil**, p.30).

De acordo com Mary Del Priore, Hércules Florence acabara de captar uma evidência antiga e renitente da vida colonial: as complexas tramas de relacionamento humano tão facilmente confundidas com indisciplina sexual. Assim, sem instrução, o concubinato também permaneceu vigente entre as mulheres empobrecidas, durante muitos anos no Brasil.

Se antes, no período do Brasil-Colônia, o ensino primário era desnecessário tanto para mulheres abastadas ou empobrecidas, nesse período que estudamos o mesmo se dá com o ensino de nível secundário.

As moças de famílias abastadas que desejassem uma educação mais aprimorada deveriam optar por colégios particulares. Ao contrário do ensino secundário masculino, que tinha como objetivo a preparação para os exames de ingresso nas Academias de Ensino Superior, as instituições secundárias femininas representavam a possibilidade de uma educação mais aprimorada.

A contradição nesse caso se dá pelo fato de que, se por um lado a mulher, devido à concepção de sua educação restrita, não ascenderia ao ensino superior e portanto também não tinha a necessidade de conviver com o fantasma da aprovação nas Academias, por outro, essa proibição permitia mais liberdade para que os colégios secundários femininos pudessem realizar um plano de estudos inovador. Sem o limite dos preparatórios, essas instituições, que não tinham o caráter de propedêuticas, progrediram muito mais, no que diz respeito à implantação de novas teorias e novas práticas

pedagógicas. Captavam e estavam abertas às novidades educacionais trazidas de outros países mais desenvolvidos. Tinham, portanto, um intuito verdadeiramente educativo, sem os fins de concorrência na apresentação de resultados positivos em relação à aprovação nos exames de ingresso nas Academias de Ensino Superior.¹⁸

A expansão ou estagnação dos colégios secundários femininos decorria de alguns fatores, como por exemplo o Ato Adicional, que autorizava uma autonomia na legislação do ensino primário e secundário às províncias, porém, como essas dispunham de poucos recursos, tornava-se praticamente sem efeito a iniciativa oficial. Ou ainda, em consequência dos conservadores receiosos de verem desfalcados os cofres do governo central com verbas para o ensino básico. Ao defenderem firmemente a autonomia provincial no campo do ensino primário e secundário, recusaram projetos, apresentados nas décadas de 70 e 80, relativos a uma possível reforma da instrução pública com participação do poder central no desenvolvimento do ensino nas províncias.

Na década de 70, surgia no Império um período denominado por Roque Maciel Spencer de Barros de "**Ilustração Brasileira**". Esse termo refere-se a um amplo movimento em que as idéias poderiam reverter o processo do fracasso educativo em geral. "*A nossa ilustração guardou a crença absoluta no poder das idéias; a confiança total nas ciências e a certeza de que a educação intelectual é o único caminho legítimo para melhorar os homens.*" (Barros, **A Ilustração Brasileira e a idéia de Universidade**, p.22 e 23). As atenções, então, voltavam-se com maior intensidade para os problemas educacionais, principalmente com os

¹⁸ Haidar em sua obra "**O ensino secundário no Império Brasileiro**" diria que a tarefa de educar mulheres estaria a cargo dos colégios particulares. Desobrigados de preparar para os cursos superiores, considerados ainda impróprios para as mulheres, revestiram-se de feições próprias, libertando-se dos vícios decorrentes do sistema de exames parcelados e da tradição que consagrara o predomínio das humanidades clássicas nos estudos preparatórios. Montados nos cursos não humanísticos e clássicos, os colégios particulares para meninas caracterizaram-se pela importância atribuída às línguas e às ciências, especialmente consideradas em suas aplicações práticas.

republicanistas. Também esta crença propiciaria, de certa forma, o desenvolvimento das instituições particulares.

Com a convicção de que a educação poderia tirar o povo da ignorância e criar um país melhor, inicia-se nesse período a fundação de escolas e colégios em algumas províncias mais desenvolvidas, com a iniciativa de associações privadas.

Na Província de São Paulo, privilegiada economicamente por causa da cultura do café, vemos fazendeiros na cidade de Campinas se reunirem com o propósito de arrecadarem fundos para a criação de instituições secundárias. Independentemente de opções políticas, liberais, republicanos, conservadores, escravocratas e abolicionistas, criaram a **Associação Propagadora de Instrução Culto à Ciência**. O objetivo era a arrecadação de fundos para a criação de um colégio secundário que a princípio, ricos e pobres freqüentariam. (O colégio cobrava uma mensalidade, mas havia, pelo estatuto, um número limitado de estudantes subvencionados por essa instituição). Entretanto, a frequência restringir-se-ia apenas à clientela masculina. Às mulheres, bastava a educação em nível primário. Quem quisesse fazê-las estudar em profundidade teria que arcar com o ônus individualmente. Aliás fazia parte da mentalidade da época acreditar que ter filhas representava um problema educativo, como relata **O caipira** em um de seus comentários no jornal "O Correio Paulistano", em 1870: *"Não sendo amigo da educação fradesca de Itú, dou graças a Deus por não me ter dado filhas a minha Eva para não me ver em apuros com a educação dellas, como vejo muitos amigos meus..."* ("O Correio Paulistano", seção interior - Campinas - 01 junh 1870 p.2).

2.1 - OS PRIMEIROS COLÉGIOS EM CAMPINAS

Os primeiros colégios, tanto para homens como para mulheres começaram a surgir em Campinas nos idos dos anos 60. Seguindo a

descrição de Lourenço Rodrigues, em "Subsídios para a História do Ensino de Campinas" (**Monografia Histórica do Município de Campinas**, 1952) até 1860 o município campineiro apresentava apenas escolas particulares e públicas. A partir daí, começam a surgir os primeiros internatos que se denominavam Colégios.

O primeiro colégio, "Cezarino" ou "Perseverança" como já foi dito em páginas anteriores, inicia sua trajetória em 1860. O segundo intitulava-se "Colégio S.J.Baptista" e tinha um programa de ensino adiantado para a época: Ler, Escrever, Contar, Gramática Francesa, Latim, Geometria, Geografia e Doutrina Cristã. Contava com diversos professores e uma média de 30 alunos. Sua data de fundação é imprecisa. Lourenço Rodrigues acredita ser por volta de 1862. Localizava-se na fazenda Laranjal, hoje estação de Joaquim Egydio, e destinava-se à educação masculina. (**Monografia Histórica do Município de Campinas**, 1952, p.397).

Em 1872, o Jornal "A Gazeta de Campinas" imprimiria o nome de alguns estudantes ilustres que frequentaram esse colégio. Aparecem como alunos que se sobressaíram nas duas classes existentes, cursando nelas Humanidades: Candido Ferreira de Camargo, Francisco Teixeira, Bento Quirino, Bernardino de Campos, Alvaro Xavier, Campos Sales e Avelino Antero de Oliveira Valente. Foi um dos melhores colégios do seu tempo, contribuindo, talvez para isso, a sua localização, no meio rural. (**Monografia Histórica do Município de Campinas**, 1952, p.398).

Infelizmente, os documentos oficiais não contém informações a respeito da situação desses estabelecimentos, em decorrência de os mesmos não terem enviado relatórios que possibilitassem um apanhado mais seguro. No relatório que Hércules Florence enviou ao Inspetor de Instrução pública da Província de São Paulo, quando o mesmo solicitou informações sobre outras instituições em Campinas, o próprio Hércules Florence tem dificuldade em dar maiores esclarecimentos:

"Quanto aos collegios e escolas de Campinas, eu declarava que só conhecia o Collegio de meninas da família do Sr. Antonio Ferreira Cezarino; a Escola Allemã, e a Escola do Sr. Malachias Guirlandi, sem que eu pudesse dar mais esclarecimentos."(Relatório de 24 dezembro de 1867 para o Inspetor de Instrução Pública da Província de São Paulo - Coleção Cyrillo Hércules Florence).

Felizmente, a ausência de documentos oficiais é substituída pelas informações que os almanaques da cidade de Campinas publicavam no início dos anos 70. A credibilidade dos almanaques foi constatada por uma publicação estrangeira, conforme noticiava o jornal "A Gazeta de Campinas":

***"Almanaque de Campinas - Credibilidade** -O novo mundo, interessante periódico adornado de gravuras, que se publica em New York, a maior cidade dos Estados-Unidos, diz o seguinte sobre o almanaque de Campinas: O almanaque de Campinas é uma publicação que dá muito crédito não só a indústria de seu edictor; o sr. José Maria Lisboa, mas também a da cidade de que o livro serve de "Guia"(Jornal "A Gazeta de Campinas", seção noticiário, 07 abr de 1872.)*

O mesmo almanaque trazia dados importantes sobre o desenvolvimento de Campinas. Em 1872 a cidade possuía oito dentistas, dez médicos, sete hotéis, dezoito açougues, dois tipógrafos e vinte e cinco advogados.

Se Campinas já era uma cidade desenvolvida, como atesta o almanaque de 1872 porque o governo central não exigiu os mapas sobre a situação das escolas e colégios particulares do município?

Provavelmente retornaremos ao fato de que a descentralização provocada pelo Ato Adicional desobrigou às províncias de adotarem tal medida, visto que cada uma redigia as normas que lhe parecessem cabíveis. Destinando verbas diminutas ao ensino, pouco poderiam exigir da iniciativa particular, que tomava para si a propagação do Ensino. Na cidade de Campinas ficou patente o desinteresse oficial perante o ensino particular:

*"A desoficialização do ensino campineiro na década de 60 não apresenta grande controle e fiscalização. Apesar da legislação provincial refletir teoricamente as idéias da Reforma Couto Ferraz (1854) quanto à fiscalização e controle desse ramo de instrução, **na prática o ensino particular se mantém livre da supervisão do poder público em virtude da inoperância de fiscalização (grifo meu) e da crença de que a total liberdade de abrir escolas favorecia a expansão do ensino particular.**"* (Ferreira, **A expansão campineira e a grande lavoura no fim do Império**, p.176).

A falta de controle e fiscalização sendo praticada seguidamente, acabou por instituir a liberdade de ensino nas províncias, enquanto que, na Corte, isto iria acontecer apenas em 1879, com a Reforma promovida por Leôncio de Carvalho. (Haidar, **O Ensino Secundário no Império Brasileiro**, p. 177).

Assim, o município campineiro além de estabelecer legalmente o que entendia por "descentralização" neste ramo do serviço público, evidenciou também o princípio de liberdade contido nas idéias que permeavam a época e favoreceu o precário ensino às demais camadas, até então desfavorecidas pelo não atendimento de suas reivindicações por parte do poder central. (Ferreira, **A expansão campineira e a grande lavoura no fim do Império**, p.439).

Proporcionar ensino gratuito às classes desfavorecidas,

criar suas próprias escolas sem prestar contas à Monarquia era um dos principais posicionamentos de combate ao governo vigente que a ala radical dos liberais campineiros praticava. A cidade de Campinas, aliás, era considerada reduto dos liberais. Ficou registrado na história o "**Combate da Venda Grande**", levante que contou com fazendeiros da região que se encontravam insatisfeitos com o governo central e se insurgiram. O nome "Venda Grande" provém do local onde os soldados da guarda nacional monárquica os cercaram e os prenderam. Amador Bueno Machado Florence, professor do Colégio Florence e filho de Hércules, do primeiro casamento, escreveria em 14 crônicas no jornal "A Gazeta de Campinas" sobre essa rebelião. (Guimarães, **A Campinas de meus pais**, p.47).

Essa mesma ala liberal, formada e ativa desde 1868, através do jornal "Opinião Liberal" une o liberalismo com a causa da democracia. Entre eles, se destacam Rangel Pestana, Luís Monteiro, etc. Em 1870, se tornariam republicanos responsáveis por mudanças substanciais na política brasileira. Em suas metas, fixadas pelo partido liberal estabelecido em 1869, estariam temas relevantes, como a descentralização, o ensino livre, uma política eletiva, a extinção da guarda nacional etc. (Faoro, **Os donos do poder**, p.447 e 448).

Dentro das metas proclamadas pelo ensino livre, encontrava-se a tônica universal que era o direito da mulher ter acesso à educação.

É importante não se esquecer que quanto aos desfavorecidos, tanto homens como mulheres não ascendiam a esse ensino particular e secundário. A criação de aulas gratuitas, que os fazendeiros campinenses criaram a partir da década de 80, visava apenas a tornar seus empregados melhores servidores. Podemos citar, entre outras existentes em Campinas, as "Aulas noturnas da Loja Maçônica Independência", as aulas do "Asylo de Orfãos", etc. ¹⁹

¹⁹ "Ao lado dos estabelecimentos particulares com fins comerciais e dos grandes colégios

Nesse sentido, a cidade se desenvolvia na questão educacional, ao fornecer educação elementar gratuitamente às camadas populares. Alguns fazendeiros, inclusive, começaram a fornecer escolas para seus escravos, como é o caso do Capitão Bento Dias de Almeida Prado. Como conta o comentarista da "Gazeta de Campinas", em maio de 1880, fundou ele em sua fazenda uma escola, onde os seus escravos pudessem receber:

"as luzes da instrução e esse estabelecimento tem funcionado regularmente até hoje sob a direcção de um professor pago pelo mesmo senhor. A escola começou com 20 alumnos, sendo 15 ingenuos e 5 adultos captivos, havendo aulas durante o dia e, pelo que alli se observa, os resultados produzidos até hoje são os mais satisfatórios pois os alumnos lêem, escrevem, e contam já com alguma presteza. O nosso informante ficou ainda mais impressionado pelo aceio que notou em o vestuário das pessoas e pelo bom tratamento que lhes é dispensado por aquelle benemerito paulista." (Jornal "A Gazeta de Campinas" seção noticiário, 25 fev 1883).

As condições de grandes mudanças econômicas, sociais, políticas, e a concepção favorável que se tinha sobre a educação para mulheres, facilitou a inserção de um estabelecimento destinado a esse fim.

É de posse desse contexto da Cidade de Campinas, que é possível tentar compreender a fundação do Colégio Florence na época.

Encontrando terreno propício à instrução feminina, Carolina Florence contou com a ajuda do irmão Jorge Krug e do esposo. ²⁰

*que compuseram a paisagem educativa campineira, foram criadas escolas totalmente gratuitas mantidas por associações beneficentes. Várias destas, criadas pelas associações particulares, ofereciam cursos noturnos e tinham como objetivo alfabetizar e instruir profissionalmente adultos." (Ferreira, **A expansão escolar campineira e a grande lavoura no fim do Império**, p.188).*

²⁰ Jorge Guilherme Henrique Krug ajudou a fundar o Colégio Florence. *"A instrução pública merecia-lhe a mais alta consideração, e não se poupava a sacrificios, quando se tratava de semelhante assunto, confundido os seus melhores desejos com os dos nacionais." (Noticiário do Jornal "A Gazeta de Campinas" seção editorial, por ocasião do*

Carolina Florence tinha a vantagem de residir em uma cidade em franco desenvolvimento econômico e de contar com os benfeitores do ensino local, favoráveis às idéias do direito à educação para as meninas.

Com o cabedal de conhecimentos acumulados durante anos nos institutos europeus, ministrando a educação de meninas de elite, não foi difícil à esposa de Hércules Florence planejar a execução de um programa de ensino fundamentado nas novas idéias pedagógicas. O colégio Florence permaneceu em Campinas durante vinte e cinco anos e, quarenta, posteriormente em Jundiaí, totalizando sessenta e cinco anos de trabalho educativo. Possivelmente tenha sido um dos mais duradouros estabelecimentos iniciados no Império, com a característica de ser secundário, de iniciativa particular e destinado à educação feminina.

2.2 - A PEDAGOGIA ADOTADA NO COLÉGIO FLORENCE

Carolina Florence provavelmente sofreu influências da mesma pedagogia na qual estudou em Altona, no Instituto de Madame Broglua e que seguia Pestalozzi, amigo do esposo dessa diretora. A documentação oficial encontrada até aqui não me fornece subsídios suficientes que evidenciem com clareza essa afirmação. Há alguns indícios, entretanto, que podem me levar a essa conclusão: São as cartas, os jornais e registros de diretores de outros colégios campineiros de sua época que seguiam orientação semelhante.

Em cartas de alunos, de pais, de professores, é possível vislumbrar procedimentos que colocam a família, por exemplo, como centro da educação. A relação que se criava no colégio, entre os diversos membros que o compunham, era de respeito mútuo e de um trabalho visando a cooperação entre todos.

"Ilma.Sra.d.Carolina. Já se passaram quatro meses que separei-me de minha exma.preceptora e apesar das justas saudades e vivas recordações que guardo de minha amiga, malgrado meu, é essa a primeira carta que lhe escrevo. Nela só lhe envio minha profunda gratidão à reminiscência saudosa do tempo de estudo que passei em sua amável companhia quando recebia junto da esmerada educação o mais fraterno e incansável cuidado. (...) Envio minhas saudades a todas as meninas e professoras e as vossas dignas filhas e muitos respeitos ao sr.Giorgetti. Meus pais e irmãos visitarão a minha respeitável directora. Assina com toda estima e consideração Palmira Correa. (Carta de São José do Rio Pardo, 23 abr 1885).

No anúncio que Carolina Florence colocou no jornal "A

Gazeta de Campinas", aparecia sua preocupação em desenvolver princípios morais: " *O ensino e a Educação da mocidade tem-se tornado nos dias de hoje uma questão do mais incontestável interesse e que merece todo o nosso esmero, visto que n'ella repousam o **progresso moral** (grifo meu) e a felicidade de nós todos.*" (Jornal "A Gazeta de Campinas", seção de Anúncio, 19 set 1872).

Pestalozzi acreditava ser muito importante a convivência entre alunos e professores, realizada através das atividades: " *a vida em comum de mestres e alunos é a finalidade social*" (Luzuriaga, **História da Educação e da Pedagogia**, 175).

É interessante observar que a vida em comum entre professores e alunos no Colégio Florence se objetivava nas atividades do cotidiano. Ao contrário dos colégios religiosos existentes no período, em que as alunas tinham, na maioria das vezes, apenas freiras a ensiná-las, nessa instituição o contato com mestres do sexo masculino favorecia uma educação mais voltada para a realidade social a que estavam inseridas.

Se os pais, como já foi dito, tinham receio de uma educação mista, uma co-educação, no momento em que essas alunas conviviam com os professores do colégio, aprendiam a se relacionar com os mesmo e, portanto, adquiriam também uma educação pautada no convívio das diferenças de sexo.

O trabalho desenvolvido entre professores e alunas se dava em diversos momentos: quando escreviam e tocavam músicas ou realizavam traduções em parceria. Nas conferências para a sociedade campinense, os professores as faziam colocando as alunas como auxiliares na tarefa da interpretação dos dados, sob a forma de perguntas e respostas. Também, por ocasião da montagem de uma publicação trimensal do colégio, apareceram artigos de alunas e do professor que as orientava.

Em uma carta de uma aluna que Carolina Florence adotou, e que posteriormente transformou-se em professora da instituição, é

possível perceber o interesse das alunas na apreensão do conhecimento e, fundamentalmente, como elas tinham afeição pelo mestre:

*"O collégio está enchendo cada vez mais com meninas. Algumas meninas começaram o italiano com o dr.Kopke. E d.Augusta permitiu a mim de começar também, mas não sei se a senhora achará bom eu ter começado. Dr.Kopke é muito bom. **Ele toma muito interesse nas meninas e por isso nós fazemos tudo para agradá-lo.** Estudando bem nossas lições ele nos dá agora duas licoes de ingles de tarde, apesar das que já tínhamos na semana...* (Carta da aluna Leonor Gomes para a diretora Carolina Florence, que estava em viagem na Alemanha, de 15 de out 1883).

Outro aspecto pedagógico que diferenciava o Florence das instituições particulares religiosas era o de ser um espaço de aprendizagem da vida cultural. Contrariamente aos internatos religiosos, onde o estímulo à educação se encontrava na assimilação de dogmas, rezas, abnegação, santificação da mulher, o Colégio Florence, por ter sido laico, tratava suas alunas como mulheres, para viverem no espaço privado e público. Não era uma vida "intra-muros". Participavam, por exemplo, de acontecimentos festivos em outras instituições. Por ocasião das festas ginásticas, por exemplo, no Colégio destinado aos meninos - o Culto à Ciência - as alunas do Florence ao apreciarem o espetáculo teceram comentários a respeito da associação que os alunos daquele estabelecimento formaram:

"No colégio Culto à Ciência houve uma pequena festa no clube ginástico e atlético, que é uma associação dos alunos desse colégio. Nós lá estivemos e achamos bem divertido. Houve diversas párias entre eles, pária de carreira rasa, pulando

barreira em velocípedes, em passo gigante sustentando barras de ferro e os que ganhavam recebiam prêmios.."(Carta da aluna Leonor Gomes a diretora Carolina Florence, 15 out 1883)

Se, antes, no período colonial as mulheres eram enclausuradas em casa ou conventos, só conhecendo o noivo indicado pelo pai às vésperas do casamento, e, portanto, desconhecedoras do sexo oposto, nessa época ocorre uma certa abertura importante. Os colégios, e no caso, o Florence, levava suas alunas a recreações em outros estabelecimentos masculinos e dessa forma elas não só tinham acesso a atividades na esfera pública, como observavam os corpos masculinos, através da grande ênfase que começavam a atribuir aos exercícios físicos.

Outro fator de integração cultural no Colégio Florence pode ser visto na heterogeneidade das origens dos professores que compunham o corpo docente. Cada um trazia consigo, além dos conhecimentos adquiridos nas instituições em que se formaram, a cultura de seu país de origem e as raízes das diversas regiões em que viveram. Tanto os professores estrangeiros e as preceptoras alemãs, francesas, inglesas, como os de origem brasileira possuíam uma visão de mundo que possivelmente pode ter influenciado na formação de gerações de mulheres abertas à valorização da cultura.

A pedagogia adotada por Carolina Florence valorizava as habilidades manuais. Ao contrário do ensino jesuítico, que dava ênfase às Humanidades, a pedagogia sob influência pestalozziana recuperava a ação aplicada à realidade: "*O exercício, a aplicação e o uso de suas forças nas situações e circunstâncias particulares da humanidade, constituem a educação profissional e de classe, sempre subordinada ao fim geral da educação humana.*" (Luzuriaga, **História da Educação e da Pedagogia**, 176).

A atividade, também importante, ensinava às crianças a trabalharem ao mesmo tempo em que aprendessem, ou melhor, a aprenderem

trabalhando e fazendo. *"Conhecimentos sem atividades práticas constituem o dom mais funesto que um gênio inimigo tenha dado á nossa época."* (Luzuriaga, **História da Educação e da pedagogia**, p.176).

Carolina Florence visava incutir em suas alunas, através da educação adotada no Colégio, o sentimento do dever, a energia, a tenacidade, o espírito de observação e as boas maneiras. Nos exames públicos ao final de cada ano havia uma preparação que mobilizava alunas e professores da instituição. O objetivo era o de mostrar aos pais e interessados pela questão educacional, como os conhecimentos eram transmitidos e assimilados. A preocupação e a alegria dessas festividades é demonstrada em carta de Leonor Gomes, quando esta se encontrava na Alemanha em tratamento de saúde: " ... temos logo o fim de ano, sempre em que as professoras ainda mais precisam esforçar-se. Farão exame em dezembro? **Me lembro como tinha medo, mais do que as próprias meninas...** " (grifo meu)(Carta de Leonor Gomes para Carolina Florence - 15 dez 1891). Ou quando perguntou .*" Haverá exame público no colégio agora em dezembro ou as meninas vão representar uma comédia? Oh, se eu pudesse estar lá..."*(Carta de Leonor Gomes para Carolina Florence, 11 nov 1890).

Miguel Alves Feitosa afirma que a educação naquele momento, não sofria influências apenas de Pestalozzi. Grandes contribuições nessa área - e que certamente também exerceram influência na proposta educacional do Colégio Florence - são resgatadas por Feitosa. Tratava-se, principalmente, de concepções educacionais geradas na Europa oitocentista, por Comenius e Montaigne e depois reelaboradas e aperfeiçoadas por Fröebel e Pestalozzi entre outros. Já no século XIX, essas concepções adquirirão novo vigor com a introdução de novos métodos e técnicas de ensino e o início da pedagogia experimental.

"Brilham no séc.XVII vultos pedagógicos como João Comenius, o fundador do método intuitivo; os ilustres solitários de Porto Real; o grande La Balle;

*João Locke... E no séc.XVIII: Rosseau, o grande filósofo de Genebra, autor do "O Emílio" célebre romance pedagógico, que tamanho impulso deu nessa época, na Alemanha, à ciência do ensino, Frederico Rochow, o fundador das primeiras escolas rurais da Prússia; Oberlin, que instituiu as primeiras salas de Asilo da França; e tantos outros notáveis benfeitores da humanidade. No nosso século fulguram no mundo pedagógico, nomes gloriosos como **Pestalozzi**, incontestavelmente o fundador da Pedagogia Moderna; Froebel, o instituidor dos "jardins da infância"; e Almeida Garret, o primeiro português que escreveu um tratado sistemático de Educação, cujas idéias foram bebidas em Montaigne, Locke, Rousseau e outros escritores..." (Feitosa in: Moraes, **O ideário Republicano e a Educação: O Colégio Culto à Ciência**, p.310).*

Feitosa, professor do Colégio Florence, tinha consciência das transformações que ocorriam no campo educacional em função dessas novas idéias e as proclama como elementos que contribuíram para as mudanças pedagógicas ocorridas na Europa e necessárias na Educação Brasileira do Segundo Império. Atribuía a Comenius a origem da intuição, tema básico da pedagogia de Pestalozzi:

"Já no sec.XVII, o imortal João Comenius lança as bases definitivas da Pedagogia natural. Dividindo os estudos em quatro graus ou escolas, instituiu o ensino enciclopédico, isto é, abrangendo a universalidade dos conhecimentos, cuja extensão variará segundo cada um desses graus. O menino nada aprenderá senão por meio de exemplos, regras e exercícios. Mas sempre os exemplos antes das regras. O ensino deve ser essencialmente concreto. As imagens suprirão a falta de objetos, que as crianças deverão ver.

Comenius insiste na necessidade da educação

física, e em que a educação moral deve acompanhar o desenvolvimento do espírito. Reclama um método natural em toda a instrução, isto é, um método que se adapte ao desenvolvimento natural e espontâneo da criança e que não lhe atrofie a individualidade. Comenius é o fundador do ensino intuitivo (grifo meu) e a sua tarefa pedagógica, cujo pensamento predominante é que a educação consiste no desenvolvimento do homem e que nesse desenvolvimento há de ser por tomar por norma a ordem da natureza." (Feitosa in: Moraes, **O ideário Republicano e a Educação: O Colégio Culto à Ciência**, p.310).

O professor Feitosa diria que esses eram os mesmos princípios educativos que pautavam a pedagogia de Pestalozzi, o reformador da educação popular no início do séc.XIX. A intuição também era vista por ele como a base de todo o conhecimento. Nesse sentido, tanto a diretora como o corpo docente do Colégio Florence não introduziram uma pedagogia nova, inusitada ou pioneira. Procuraram, sim, realizarem o quanto que possível as lições do passado, fundamentadas na natureza humana e na experiência desses pedagogos preocupados com a valorização do ser humano, e não mais nos dogmas religiosos.

O prof. Pujol, um dos diretores do Colégio Culto à Ciência durante essa época, em uma fala sobre educação, dizia que é pelas qualidades que o homem se tornava forte, pelas qualidades ativas e pontuais: "*O sentimento do dever, a energia, a tenacidade, o espírito de observação, as boas maneiras, o "savoir faire", conseqüências do princípio racional proclamado por Pestalozzi.*" (Pujol in: Moraes, **O ideário Republicano e a Educação: O Colégio Culto à Ciência**, p.311).

Enquanto diretor, Pujol procurou introduzir essas novas concepções modernas de educação, resolvendo não mais premiar e dar menções honrosas aos alunos que tirassem primeiro lugar nos exames finais:

*"Resolvemos suprimir de uma vez os prêmios e as menções honrosas, a fim de prevenir os ciúmes e o desânimo dos fracos. Em um colégio, nenhum deles deve saber qual o primeiro. Uma doce amizade, diz Pujol, deve unir, todos os corações que não devem perturbar nem as rivalidades, nem a inveja, nem o orgulho." (Moraes, **O ideário Republicano ea educação: O Colégio Culto à Ciência**, p.32).*

No Colégio Florence é provável que desde o seu início não tenha havido premiações. Ao verificar as várias notícias dos exames na instituição não encontrei menção a notas, lugares de honra etc. Ao contrário desse procedimento que só estimularia a competição e a concorrência entre as discentes, os trabalhos finais culminavam com atividades elaboradas coletivamente. As exhibições de comédias, dramas, operetas e musicais eram realizados sempre por alunas em conjunto. O que percebi nas notícias é que, ao comentarem as apresentações, os jornalistas destacavam as que se sobressaíam do grupo.

Em 1886, por exemplo, nas festas realizadas em dezembro, as alunas das séries iniciais exibiram os seus cadernos com os primeiros rudimentos de desenho, ao lado dos mais evoluídos como forma de evidenciar que o desenvolvimento nas artes dependia de aperfeiçoamento, ou seja, de que gradativamente as alunas aperfeiçoariam suas habilidades e conhecimentos com o tempo.

Outra forma adotada no Colégio Florence de evitar rivalidade entre as alunas era não se dar diplomas de encerramento de curso. As alunas passavam para outras séries quando os professores as achavam em condições, mas isso não significava repetências de ano com o tom pejorativo da atualidade: *"... Eu passei agora na divisão de Celestine em Ingles e acho um pouco difficil porque aí as lições são maiores, mas por isso mesmo que eu me esforçarei quanto puder.* (Carta de Leonor Gomes para Carolina Florence

que se encontrava na Alemanha, 15 out 1883).

Não havia, pelo que pude constatar na documentação encontrada até aqui, registros ou certificados entregue às alunas, por ocasião de encerramento de sua instrução.

Carolina Florence provavelmente achava que o diploma poderia ter a função de estímulo ao mérito. Além disso, as alunas das escolas secundárias brasileiras não necessitavam do diploma porque o mesmo não lhes permitiria ingressar no ensino superior. Esse nível de ensino era destinado apenas ao sexo masculino.

As "realschulen" alemãs e os liceus secundários franceses que tinham a cultura e o ensino fundamentado no enciclopedismo tiveram também influências na educação ministrada no Colégio Florence. A necessidade de fazer algo de útil era sempre colocado como fator de aprendizado para as alunas. Nesse sentido, a idéia da utilidade fazia parte dessas novas pedagogias. Um exemplo dado pelas alunas do Colégio Florence, ocorreu com relação ao recebimento dos valores de assinaturas, quando elas editaram uma revista: *"queremos que o seu producto, uma vez feita as despezas da impressão, seja entregue à directoria da Escola Correa de Mello, para applicar-se em benefício das aulas do sexo feminino."* (Jornal "O Diário de Campinas", seção noticiário, 17 out 1882). O diretor Pujol, por exemplo, reforçava a idéia do **fato** e do **útil** como objetivo das sociedades modernas:

*"Daí duas partes ao mesmo tempo distintas, unidas no ensino: uma é o **fato**, a causa real, patente, palpável; a outra a idéia, o tipo interno, a alma do fato. Daí o método intuitivo que se dirige aos olhos, preso ao método racional que se dirige ao espírito. É Montaigne e Froebel o moralista e o escultor. É a educação caminhando para o **útil**, o objetivo das sociedades modernas, objetivo do futuro da humanidade, ficando o agradável no 1o plano; para o **científico**, ficando em 2o plano o clássico."* (Moraes, **O ideário Republicano e a Educação: O Colégio Culto à Ciência**, p.312)

O método intuitivo também era apreciado por parte dos alunos, considerando o fato de que o discurso liberal, que livrava o aluno da rigidez dos castigos e punições severas, propunha-lhe que descobrisse o gosto pelos conhecimentos. A Educação seria algo mais agradável:

"A alma vivificadora de todo o nosso sistema de educação é a liberdade. Deixemos ao adolescente certa liberdade, de modo que possa algumas vezes praticar algum ato de energia pessoal, tomar um partido, uma resolução e executá-la. A vida escolar não deve, diz um notável educador francês, ser regulada pelo relógio, governada pela sineta, não deve ser uma sucessão de atos de obediência, evitando-se desenvolver nas crônicas o hábito e o gosto da passividade...Não se lhes deve recusar essa atividade da vida interior que é a sua força natural e a sua nascente dignidade.

O menino deve se formar à liberdade pela aprendizagem dessa liberdade, à virtude, à justiça, à coragem, à bondade, pela prática delas, sob uma tutela familiar que o dirija sem o constranger."(Moraes, **O ideário Republicano e a Educação: O Colégio Culto à Ciência**, p.312)

Essa liberdade educativa ligada à força familiar tinha possivelmente raízes no ideal educacional alemão. Na família alemã, espera-se dos filhos obediência absoluta e as crianças, de ambos os sexos, participam dos afazeres do lar, no qual o homem auxilia bastante à mulher. Apesar das relações de subordinação entre filhos e pais serem muito acentuadas, no que tange às representações coletivas sobre virgindade, relações pré-nupciais e o casamento ainda muito cedo, são diferentes dos padrões brasileiros.(Mulher Brasileira, **Fundação Carlos Chagas**, p.205-206, vol.I)

Quanto à religião, Pestalozzi reconhece constantemente o valor da educação religiosa; embora sem o caráter dogmático e confessional.

É uma religiosidade de aspiração ao aperfeiçoamento, que não se submete ao dogma ou à seita. Por essa razão não é necessário ser ensinada. *"É um fato que a moralidade e a religiosidade não se adquirem por arte humana, e em si mesmos, tampouco necessitam disso. A educação religiosa baseia-se no amor materno e daí se eleva à crença e ao amor cristãos."* (Luzuriaga, **História da Educação e da Pedagogia**, p.177).

Por ser uma idéia de religiosidade íntima, não confessional, não se sabe ao certo qual a religião professada pela diretora da instituição. Carolina Florence não deixou evidenciada em documentos sua opção religiosa. A biografia realizada anos mais tarde por sua filha caçula e acompanhante da mãe até a morte, menciona que Carolina Florence iniciou sua educação com "Três Irmãs", e fez a primeira comunhão. No entanto, ela e seus filhos posteriormente estudaram com um Pastor de nome "Jatho". (Florence, **Albúm do Bi-Centenário**, s.p.)

Na Monografia Histórica de Campinas, o autor Lourenço Rodrigues afirma que, segundo outras fontes não reveladas por ele, Carolina Florence *"Era protestante, mas -pessoa de grande tato - não fazia do seu colégio instrumento de proselitismo sectário."* (Rodrigues, **Monografia Histórica de Campinas**, p.398)

No relatório de Luiz Silvério Alvez da Cruz, de 14 de outubro de 1869 para o Inspetor de Instrução Pública da Província de São Paulo, Diogo de Menconça Pinto, ao referir-se as aulas de religião que Carolina Florence ministrava no seu colégio dizia: *"directora de Religião protestante, apesar disto é a primeira a dar exemplo de respeito a religião do Estado...(sic) ensinava suas alunas o mais que possível nos princípios da Religião Cathólica e História Sagrada q'ella mesma ensina."* (Relatório de Luiz Silvério Alves Cruz ao Inspetor de Instrução Pública da Província de S.Paulo - 14 out 1869 - Arquivo do Estado).

Carolina Florence contribuiu para a construção de igrejas católicas durante a segunda metade do sec.XIX em Campinas: a Matriz

MATRIZ-NOVA DE CAMPINAS

ANNO DE 1881

N.º 10

RS. 2.000,00

O Sr.ª D. Carolina Florence

pagou a quantia de dois mil reis imposto municipal
 applicado ás obras da Matriz, proveniente de uma casa de triboi-
cas de Capitalista de 1.ª Classe
 e relativo ao anno de 1881

Campinas, 5 de Dezembro de 1881

O proourador,

Pereira Figueira

Typ. da "Gazeta de Campinas"

SOCIEDADE BENEFICENTE DE SENHORAS

PARA AS OBRAS DE

ASSISTENCIA

3.º ANNO

N.º 26

R.º 3.000

A Exm.ª Sr.ª D. Carolina Florence

pagou a quantia de 3.000
 correspondente ao 1.º trimestre de 1.º de Novembro
Oratório
 à 31 de Janeiro de 1882.

O THESOUREIRO

Francisco Antonio de Almeida

Typ. do Livro Azul, Campinas.

Nova e a Igreja de São Benedito dos Pretos. Em ambas, encontramos recibos de suas contribuições.

Encontramos também, na documentação referente ao Colégio Florence, uma prece rezada pelas alunas desejando um melhor aproveitamento educativo:

"Oração rezada no Colégio Florence em Jundiáí, quando fui aluna no mesmo: O' meu Deus esclarecei meu espírito, elevai minha alma, mostrai o verdadeiro caminho da sabedoria e bondade. Dai a todas que estão encarregadas de me instruir e guiar a coragem e a paciência necessária para me ajudarem a ficar. Vossa criatura bem amada concedei a saúde e a felicidade aos meus pais, aos meus bons parentes. Levai as almas para o céu. Dai a vossa santa benção." (Carta de Carolina Florence Meyer - Neta de Hércules Florence de seu 1o. casamento).

A religiosidade da diretora, como é possível constatar, não influenciou a religiosidade de suas alunas. O sentimento parece que era o que importava, e não a seita professada. Em carta que Carolina Florence enviou a sua enteada, Candida (filha de Hércules Florence com Maria Angélica, a qual ela trata por "mana") constata-se seu sentimento religioso, bem como a sua postura com relação ao colégio. *"Responderei amanhã as duas cartinhas das meninas, das minhas filhas do colégio. **Queira Deus** que elas continuem a escrever-me pois a ingenuidade com que exprimem, me diz muita coisa"* (grifo meu) (Carta de Carolina Florence para Cândida Florence - jun 1883).

A carta é enviada da Alemanha, numa das viagens que a diretora faz à Europa. Cândida Florence, nesse tempo, colaborava com seus préstimos para o bom andamento da instituição:

"Meu pensamento quando encontro algo de agradável e belo é sempre: quantas vezes não tenho repetido estas palavras a minha mana e o que seria de mim se a estas saudades se unissem maiores cuidados do que sua presença no colégio só pode aliviar. Diga-me Cândida pois, sem faltar aos meus deveres para com Augusta se eu posso ficar até o mês de outubro. Diga-me francamente como voce se acha no Colégio e se esta vida não a incomoda demais."(Carta de Carolina Florence na Alemanha para Cândida Florence - Cassel 7 jun 1883).

Na continuação da carta, além da diretora revelar o apreço que tinha pelas discípulas que escreviam para ela contando os progressos feitos durante as aulas, também mencionava sua preocupação com o ensino básico utilizado na Alemanha:

*"Como vai Yayá? Espero achá-la muito adiantada. Emílio saberá tirar proveito do talento que Iaiá possui para a música e isso será um grande estímulo para Celestina e as outras meninas. (...) Agora que estou servida por uma boa criada vou ocupar-me a estudar o ensino elementar e **os meios tão diversos que empregam para torná-lo interessante.**"* (grifos meus).(Carta de Carolina Florence em Cassel para Cândida Florence - jun 1883).

Carolina Florence ainda manifestava um grande interesse em conhecer novos métodos do ensino elementar na Alemanha, apesar de já se encontrar com cinquenta e cinco anos em 1883. A renovação dos conhecimentos é como a vida, como nos dizia Lourenço Filho anos depois:

"O ensino, como todas as manifestações da vida, não fica à espera das manifestações de uma nova filosofia, perfeita e acabada, para só então renovar suas técnicas, por novos princípios. O que muda é a vida. Com ela as manifestações gerais das técnicas

e do pensamento. A educação é expressão inelutável da vida social e reflete, a cada passo as transformações da existência humana. Uma nova educação se constitui, em cada época histórica, acompanhando a variação da compreensão da vida."(Lourenço Filho in: Moraes, **O ideário republicano e a educação:O Colégio Culto à Ciência**, p.325)

Dessa forma, Carolina Florence procurava absorver dos novos métodos que foram surgindo, contribuições para a melhoria do ensino no Colégio Florence. Para tanto, permitia que o corpo docente da instituição elaborasse seus programas de ensino livremente. Nas escolas religiosas ou nas fundadas por associações, os professores ficavam sob o controle da direção.

No Colégio das irmãs de São José, em Itú, por exemplo, os objetivos educacionais misturavam-se a religiosidade:

"Além da doutrinação religiosa recebida em sala de aula e dos conceitos e valores morais ultramontanos, hauridos na leitura de textos prévia e conscientemente selecionados, as educandas eram envolvidas em práticas constantes de religiosidade, seja através de orações individuais ou coletivas, seja através de atos litúrgico ou festejos de santos padroeiros ou devocionais. Em resumo, as alunas eram envolvidas por uma atmosfera de religiosidade, de devoção e piedade, de tal forma que essa religiosidade era incorporada à vida da educanda, no colégio ou fora dele. E esse era, de fato, o objetivo preponderante da educação ultramontana." (Manoel, **Igreja e Educação Feminina**,p.202).

Como se vê, o programa de ensino nas escolas religiosas tinha como objetivo a religiosidade. As professoras (Irmãs) reforçavam a sociabilidade e a cultura com seu lastro religioso, e inibiam as

matérias voltadas para o conhecimento científico. (Manoel, **Igreja e Educação Feminina**, p.203). Nos colégios leigos, criados por Associações filantrópicas, a situação, no que tange ao controle do que os professores podiam ministrar, não era muito diferente dos religiosos. O "Culto à Ciência", por exemplo, tinha seus programas de ensino proposto pela diretoria, que muitas vezes limitava as iniciativas dos mestres e sua esfera de atuação pedagógica:

"Quanto aos professores, tudo indica que não participavam nem da elaboração do programa de ensino de sua própria matéria que, como se viu, era um encargo pessoal do diretor. A eles cabia apenas seguir as orientações a priori determinadas. Mas os estatutos isoladamente apreendidos, não permitem que se conclua sobre a quase ausência de autonomia do corpo docente no exercício de suas funções ... indicando o férreo controle da diretoria que se estende aos mínimos detalhes da organização escolar." (Moraes, **O ideário Republicano e a Educação**, p.256).

No Colégio Florence, a abertura às idéias que chegavam com novos professores sempre foram bem recebidas e apreciadas. O papel do professor implicava numa maior flexibilidade da instituição.

Desde a sua fundação o estabelecimento esteve aberto às novidades no que diz respeito aos métodos pedagógicos. Nos anos iniciais da década de 70, quando alguns propagandistas passaram pela Província de São Paulo, fazendo preleções sobre métodos de estudos, Carolina os trouxe para serem difundidos em sua instituição. Divulgaram na imprensa essas palestras, a fim de que a população interessada em Educação pudesse assistir. É o caso do Conde Zaba, que fez demonstrações de seu "Méthodo para estudar História Universal". Consistia ele, em exibir um mapa dividido por quartos e estes por frações mínimas onde estão representados os anos, os homens e as coisas notáveis, refletindo-se em cores, de modo que as informações

transmitidas através de imagens ficassem sempre à mão. (Jornal "A Gazeta de Campinas", seção noticiário, 25 mar 1871).

Com a vinda do Professor João Kopke, por exemplo, no início da década de 80, a instituição teve seu período de franca prosperidade. Adepto também do método intuitivo, João Kopke inseriu várias atividades que tornariam o Colégio Florence reconhecido como uma das melhores instituições educativas da província de São Paulo.

Além de seus grandes conhecimentos pedagógicos, introduziu vários instrumentos, aparelhos, compêndios e outros materiais didáticos. Reconhecido pela Imprensa como um bom pedagogo, foi chamado por Rangel Pestana, de "Mestre dos Mestres". (Jornal "A Província de São Paulo", 21 jun 1883).

Uma das suas primeiras atividades com às alunas do Colégio Florence, de fins filantrópicos, foi a criação de uma revista publicada trimensalmente, contendo trabalhos originais, resumo de leituras, descrição de gravuras, exercícios de construção etc. De acordo com o editorial do jornal "A Província de São Paulo" escrito por Rangel Pestana, essa publicação se apresenta como um arquivo de provas, de estudo e aplicação como um registro do adiantamento das alunas " *de um colégio e das aptidões e esforços de um mestre tão distinto pelo seu saber quanto pela sua prática no magistério.*" (Jornal "A Província de São Paulo", seção editorial, 27 dez 1882).

A publicação foi denominada "Revista Trimensal" e recebeu elogios de toda a imprensa. Editada na gráfica do Jornal "A Gazeta de Campinas" continha o reconhecimento pelos trabalhos efetuados por sua diretora ao longo de sua administração: "*A Revista Trimensal é a melhor prova da proficuidade dos methodos e muito deve ter lisongead o ânimo da exma.directora ao ver realisado tão cabalmente os fructos dos seus esforços.*" (Jornal "O Diário de Campinas", Seção Noticiário, 17 out 1882).

No artigo de apresentação da revista, escrito por uma aluna, apareciam os objetivos culturais e filantrópicos da publicação:

*"Publicando a **Revista**, para afirmar que trabalhamos e que compreendemos a vantagem do trabalho, nós quizemos que a sua publicação, deficiente em luzes, fosse ensejo a alguma boa obra. Deixamos, por isso as condições de assignatura à generosidade do assignante, visto querermos que o seu producto, uma vez feita as despesas da impressão, seja entregue à directoria da escola **Correia de Mello**, para applicar-se em benefício das aulas do sexo feminino."* (Jornal "Diário de Campinas", Seção Noticiário, 17 out 1882).

É necessário explicitar que a Escola Correia de Mello foi fundada por uma comissão de senhores e senhoras das classes abastadas e, em homenagem ao cientista Joaquim Correia de Mello ²¹, sendo o edificio, posteriormente, destinado ao ensino gratuito de ambos os sexos. Depois de muitas dificuldades financeiras, foi sustentado através de verbas do Dr. Coronel Quirino. Vivia de donativos para continuar a se manter como obra assistencial. Nesse sentido, a colaboração arrecadada pelas alunas do Florence contribuiu para manter essa escola.

Além de sua característica filantrópica, a revista suscitou do jornalista Rangel Pestana observações sobre o mestre João Kopke e a iniciativa inédita de algo do gênero:

²¹ Joaquim Correia de Mello trabalhou, como prático, na farmácia do cirurgião-mor Francisco Alvarez Machado, (político e pai da 1ª esposa de Hércules Florence) que se transferira de Porto Feliz para Campinas. Hércules Florence encontrou no boticário um valioso colaborador que o assistiu quando realizava as experiências para fixação de imagens por meio da luz solar. Nascido em S. Paulo, onde estudava direito quando lhe morreu o pai, veio para Campinas, trazido pelo cirurgião-mor, às expensas do qual, posteriormente, estudou farmácia. De volta de seus estudos, tornou-se sócio do seu benfeitor, dedicando-se então a estudos botânicos, especialmente a flora brasileira. D. Pedro II distinguiu-o, ao inaugurar-se a iluminação a gás em Campinas, em 1876, mostrando desejos de conhecê-lo. Da Corte, enviou-lhe, com dedicatória, a coleção da "Flora Brasilienses" de Martius. Faleceu em 1877. Em sua homenagem existe a praça Correia de Mello, onde, também em sua homenagem havia uma escola com o seu nome, demolida há alguns anos. Ficou conhecido como o "seu" Quinzinho da Botica. (Jornal "**O Correio Popular**", Suplemento Especial, 1978, p.2).

*"(Colégio Florence) Não vemos alli a intenção de insuflar a vaidade, de crear para a mulher uma falsa gloria litteraria assente no charlatanismo do meio e na falta de modestia com que se traz hoje a publico escriptos **que deviam ser esquecidos na cesta de costura**. Foi outro o fim o illustre pedagogo, do moço que tem acompanhado, como bem poucos, a marcha do Ensino na Europa e na América.(...)*

Si nos fosse licito lembrar ao distincto professor uma idéia, lembrar-lhe-íamos a conveniência de trazer cada escripto a idade da alumna, como nós ambos já vimos em provas das alumnas nos Estados Unidos.

O conhecimento do tempo de aprendizagem conviria tambem indicá-lo.

Estas circunstâncias completam o valor da prova exhibida e influem muito no julgamento publico.

*Pela nossa parte, confessamos, a **Revista Trimensal** faz subir muito a capacidade do mestre e augmenta extraordinariamente a reputação do collegio **Florence**." (Jornal "A Província de São Paulo", seção editorial, 27 dez 1882.)*

Os artigos contidos na **Revista Trimensal** discorriam sobre temas dos mais variados. Infelizmente não conseguimos localizar nenhum exemplar dessa publicação. No entanto, o jornal "A Gazeta de Campinas" publicou a relação dos artigos contidos na revista, que cito a seguir a fim de que o leitor possa ter conhecimento dos temas abordados:

I-Trabalhos Originaes: O amor materno dos animaes; As Flores; As viagens. A moda; A escolha de um tema; O Balão; Pezames.

II-Resumos de leitura pelo professor: Descrição de uma festa no Japao; O cumprimento do dever; Hypocrisia; Perseverança; Honestidade; A voz da Consciência.

III-Descrição de Gravuras: Um quadro; As Tres Irmãs; Scena militar.

IV- Um acróstico em prosa: Galeria Pedagógica:Sócrates.

V- Resumo de explicações: Fabricação de Cervejas.

VI-Exercício de construção: Descoberta da América.

VII-Collaboração: Um problema; O Oceano Pacífico; A pesca dos diamantes; Aplicação ao Trabalho; Castigo da Imprudência.(Jornal "A Gazeta de Campinas" Secao Noticiário - 14 out 1882).

Todos esses artigos foram escritos pelas alunas do Colégio Florence. Há, junto com cada artigo, a relação dos nomes das alunas.

Como verifiquei nos temas desenvolvidos, as alunas eram preparadas para o convívio na sociedade, não apenas para conversarem sobre esses assuntos, mas principalmente porque adquiriam o conhecimento da arte de escrever e produzir artigos sobre assuntos que aprendiam com seus mestres, na instituição.

Carolina Florence, durante o lançamento dessa publicação, encontrava-se em viagem pela Europa. Na missiva que envia as suas discípulas pergunta pela continuidade da revista. Isso pode significar, que o professor João Kopke tinha a autonomia necessária para aplicar suas teorias pedagógicas com o aval da direção do estabelecimento, o que possivelmente não acontecia com os docentes de outras instituições que tinham suas ações pedagógicas controladas.

Infelizmente, subjacente a essa atividade, o modelo pedagógico adotado parece não ter tido repercussão nas outras instituições da cidade de Campinas. No entanto, o exemplo da revista foi seguido em outra província, que não só acatou a idéia do Florence, como enviou um exemplar à imprensa campinense como resultado da implantação desse tipo de trabalho:

"... não nos consta que algum collegio desta província tenha introduzido os exercícos de composição nas suas classes de Portuguez, a exemplo do collegio campineiro. Mas, as idéias boas e úteis, uma vez dada á luz, não deixam de fructificarem em um lugar ou noutro. É o que agora se verifica.

*A "Revista Escolar" ,contendo exercícios de composição dos alumnos de la.aula publica do sexo masculino da cidade de S.Gabriel, Rio Grande do Sul, publicada pelo retrospectivo professor Sr.João Pedrozo B.de Albuquerque sobrinho, da qual temos o número 1 á vista, é um fructo da **Revista Trimensal**. O digno professor, cujo nome escrevemos, tomou este modelo." (Jornal "A Gazeta de Campinas, Seção noticiário , 30 jan 1884).*

Em termos de investimento cultural,as alunas do Colégio Florence além dos artigos que escreviam na Revista Trimensal, tinham a possibilidade de realizar leituras na biblioteca criada na instituição. Em 1886 esta possuía mil volumes. (**Almanaque de Campinas para o ano de 1886**).

Também pode ser considerada uma prática pedagógica inovadora para o período, as visitas das discentes aos estabelecimentos comerciais da cidade. Sobre esta questão, o diretor do "Colégio Culto à Ciência", professor Pujol, que adotava a pedagogia de Pestalozzi, relacionava essas visitas com os exercícios ginásticos: *"A verdadeira ginástica, porém, éaquela que faz trabalhar os músculos por meio de movimentos frequentemente repetidos, jogos, esgrima, corridas ao ar livre, exercícios militares, **excursões nas cidades e vilas onde existam oficinas importantes, fábricas ou curiosidades naturaes.** (grifo meu) (Moraes, **O ideário Republicano e a Educação**, p.315).*

Em novembro de 1883, as discípulas foram acompanhadas pelo prof.João Kopke em visita à fábrica de chapéus dos srs.F.Hempel & Cia. O jornal noticiou o acontecimento da seguinte maneira:

*"Alli chegando as 11 horas, achando-se presente um dos illustrados professores, daquele acreditado collegio,que nas **lições de cousas** que costuma dar, havia já se occupado com a fabricação de chapeos, as jovens alumnas percorreram as officinas, examinando com attenção as machinas, que cavalheirosamente foram mostradas pelos dignos*

*industriais, proprietários do estabelecimento, que
viam dando as explicações técnicas, precisas para
bem compreender-se o seu modo de funcionar.
Não sendo dia de serviço,(...) os operários puzeram
em actividade algumas machinas, evidenciando o
interessante processo por meio do qual o pello de
castor, recebido do estrangeiro, é naquella fabrica
convertido em elegantes chapéus de todas as formas
e gostos com uma facilidade relativa pelo emprego
de vapor e dos aperfeiçoamentos que a machina tem
introduzido. Assim, **vendo trabalharem os
machinismos e ouvindo as explicações que
lembravam as lições dadas na aula** (grifo meu) as
alumnas do Collégio Florence, estiveram na officina
que visitavam até a 1 hora da tarde, em que se
retiraram." (Jornal "A Gazeta de Campinas, seção
noticiário, 27 nov 1883).*

A propósito da visita a estabelecimentos comerciais, o
Jornal "A Gazeta de Campinas" comentaria, sobre a importância de excursões
para a educação. Dizia que os pedagogistas modernos que seguem as lições de
Pestalozzi e de Froebel, não se cansam de repetir que o único ensino
verdadeiramente proveitoso, que realmente prepara o ser humano para as lutas
difíceis da vida, é o que se adquire pela aplicação da própria faculdade de
observação pela vista das coisas. Por isso aconselham os mestres a levarem
seus alunos a visitar os jardins, museus, e, dessa forma, diante da realidade
despertem o gosto pelas ciências naturais. Da mesma maneira, passem pelos
campos e aproveitem para dar as explicações sobre os acidentes do terreno,
dos cortes das terras, das pedras achadas, para dar-lhes lições de geologia, etc.
Encerra o artigo com uma perspectiva pessimista, com relação ao
aproveitamento das idéias das alunas do Colégio Florence:

*"Infelizmente no nosso paiz não se seguem estes
conselhos. Ainda ha pouco por ocasião da
exposição pedagógica na Côte, os alumnos que a
visitavam, entravam por uma porta - a segunda do*



Ilustração 07 - Foto do prédio Florence na cidade de Campinas, sem data, provavelmente no século XX (Coleção Eurillo Hércules Florence)

fundo - e sahiam pela outra, do mesmo modo, sem ouvir uma só palavra do mestre! Em Campinas tem ecco as idéias pedagógicas modernas: a excursão que com prazer noticiamos o prova. É uma honrosa excepção." (Jornal "A Gazeta de Campinas", secção noticiário, 27 nov 1883).

O professor João Kopke trouxe idéias pedagógicas que conseguiram influenciar não só o corpo discente do Colégio Florence, mas a população da cidade de Campinas. Além da publicação da Revista Trimensal e das Excursões Pedagógicas às fabricas, introduziu na instituição, as chamadas "Conferências sobre anatomia humana".

Em junho de 1883, no encerramento das aulas do primeiro semestre do Colégio Florence, Kopke iniciou a primeira dessas conferências. Demonstrou a necessidade das noções que iria abordar, para o bom exercício das funções representadas pela mulher na família. Dessa forma pretendia dar a elas a oportunidade de conhecerem o corpo humano.

No recinto do estabelecimento havia muitos senhores e senhoras da sociedade campineira, pois essas explicações não eram apenas novidade para as suas alunas, mas também para a grande maioria da população instruída que tinha a curiosidade de saber como funcionava o corpo humano. Assim, de uma forma bem didática, João Kopke procurou mostrar como o alimento e o oxigênio têm papel fundamental como combustíveis. Demonstrou a oxidação e o movimento, através de ligeiras noções de anatomia. A largos passos, descreveu o corpo humano, omitindo, sempre que possível, os nomes técnicos, usando dos vulgares e chamando a atenção sobre dois grandes centros: cérebro e coração. O comentarista, no jornal, sobre a conferência descreveria:

"Feito isso, constantemente em presença das grandes planches muraes de Gervais que representam fielmente os diversos órgãos e

aparelhos do organismo animal, demonstrou que os musculos, solicitados pelo menos, produzem os movimentos, uma vez que o sangue os alimenta, e que a essa potência dos musculos chama-se vulgarmente força.(...) Comparando o sangue a um mercador que sae com o seu taboleiro sortido de mercadorias diversas e que atravessa o organismo de um a outro extremo; imagina que o musculo, o nervo, o osso, o tendão lhe comprem oque precisão para o seu modo de viver, e lhe dão em pagamento aquillo que se lhes tornou inutil, e que elle vai tornar objecto de uma outra venda ou sujeitar a uma transformação proveitosa..." (Jornal "O Diário de Campinas", seção noticiário, 19 jun 1883).

No final da apresentação, agradeceu a presença do jornalista e professor Rangel Pestana, a sua vinda a Campinas para assistir à festa do Colégio, *"o que bem atesta o seu amor ágrande causa do ensino, e prometeu esforçar-se, tendo em vista um curso de hygiene domestica, mais e mais por tornar conhecidas em posteriores lições as maravilhas da machina humana, que, entre tudo o que o homem tem aprendido a conhecer, não tem superiores."* (Jornal "O Diário de Campinas", seção noticiário, 19 jun 1883.)

Ao terminar a exposição, foram executados trechos de música e canto por parte das alunas.

Em agosto desse mesmo ano, o professor João Kopke realizou no Colégio Florence outra conferência sobre as noções de "physiologia", "anatomia" e noções de higiene.

Antes de começar a conferência, o professor dirigiu às alunas diversas perguntas sobre o que tinha exposto anteriormente, em junho, antes das férias escolares, obtendo respostas satisfatórias, o que revelava que estavam preparadas para adiantarem-se no estudo de história natural.

Dessa vez falou sobre a circulação do sangue, com explicações e desenhos na lousa e nas "planches murales" , de Gervais.

"Descreveu também detidamente o coração indicando sua conformação, divisões, modo de funcionar, assim como as válvulas que nelle dão entrada e saída ao sangue, as arterias e veias, cuja estrutura tornou bem evidente. Concluindo sua exposição, o sr.dr.Kopke interrogou as alumnas sobre o que viera de explicar, mostrando as respostas dadas que tinham sido nas palavras aproveitadas pelas jovens ouvintes." (Jornal "A Gazeta de Campinas", seção noticiário, 28 ago 1883).

Kopke utilizava-se de outros aparelhos para suas explicações de anatomia, como o torniquete hidráulico e fonte de Hierao, efeitos de eletricidade como o bobine de Ruhmkorff, além de projeções com o Scioptikon, entre outros.

Além dessas conferências e demonstrações de aparelhos utilizados pelo método experimental, esse professor revelou um interesse muito grande pelo aperfeiçoamento das alunas.

Rangel Pestana, jornalista e proprietário do jornal "A Província de São Paulo", na capital, esteve presente às festividades do Colégio Florence e o comparou com as realizadas nas instituições estrangeiras:

*"As festas escolares nos paizes adiantados em civilização constituem-se pontos de reunião para alegrias e observações. Uns procuram n'ellas o que ha de verdadeiramente de carater festivo; outros, o que atteste o método real do ensino, um bom systema de educação e as condições do estabelecimento de instrucção que dêem a medida do seu valor na ordem dos fatores da civilização de um povo. N'esta qualidade, assistimos a festa que teve logar no **Collégio Florence** em Campinas. (...)"* (Jornal "A Província de São Paulo", seção editorial, 21 jun 1883.)

Julia Lopes, colunista feminina de a Gazeta de Campinas em um de seus artigos descreve a festa, a partir da surpresa inicial: *"Duas meninas, a primeira sentada a uma mesa e a segunda distante della e junto d'uma ardosia, comunicaram ao público por meio de um fio elétrico o seguinte telegrama: Vai principiar nossa conferência."* (Jornal "A Gazeta de Campinas", seção editorial, 19 jun 1883). A comunicação telegráfica representava a nova era da eletricidade e do desenvolvimento.

Depois disso entrou no palco um grande número de alunas que entoaram o canto da Ave Maria, de Mercadante, acompanhadas por colegas ao piano. Quando a música terminou, em frente a um planisfério, duas alunas, alternando-se, prenderam a atenção do público com a descrição das viagens feitas pelas "feiticeiras virgens" ao redor do mundo:

*" Animando os nossos pensamentos que seguiam contentes as interessantes **touristes** através das maravilhosas terras onde se ostenta o alabastro e o porphirio e onde se veem a par de enormes zimboriso os elegantes minaretes que apontam o céu azul (sumptuosos) com as suas agulhas finas, onde ha os mais simphaticos templos e onde o luxo e os costumes põem notas tão originaes na grande simphonia universal. E assim viajamos na civilisada Europa à Florescente América á luxuosa Asia á exuberante África, parando nos pontos principaes para conhecer sua população e riqueza."* (Jornal "A Gazeta de Campinas", seção Editorial, 19 jun 1883).

Pela descrição desses dados geográficos e a utilização das feiticeiras virgens, percebe-se que a questão dos dogmas religiosos estava posta de lado para as alunas do colégio. Enquanto as irmãs de S.José de Chamberry, do Colégio do Patrocínio de Itú, por exemplo, estabeleciam um clima de competição entre as discentes, para pertencerem ao seleto quadro das filhas de Maria e que toda solenidade de ingresso de novas congregadas, era

uma ocasião de extremo júbilo para as novas integrantes e de inveja e até humilhação para as que não conseguiam o ingresso, no Colégio Florence a preocupação era com narrações científicas, a geografia dos contornos do mundo, do social, etc.

Enquanto que para as meninas do Colégio do Patrocínio o trabalho profissional era rejeitado porque a instituição seguia as regras do Ratio Studiorum dos jesuítas e portanto faziam objeções ao novo, ministrando um curso de Humanidades, no Colégio Florence a educação, principalmente dentro dos ensinamentos de Kopke, era baseada nas pedagogias modernas que surgiam através das ciências naturais e científicas.

Muitos pais de famílias abastadas, eram aversos a educação religiosa, e ao perceberem que o Colégio do Patrocínio de Itú tinha como objetivo a vida religiosa, de lá retiraram suas filhas e colocaram-nas em colégios leigos. D.Clélia Fonseca Lima, por exemplo, foi retirada por seu pai do Colégio do Patrocínio, porque sua prima, Olimpia Fonseca, em anos anteriores havia se tornado freira. O pai de D.Clélia, temendo o mesmo resultado, colocou-a no Colégio Florence. (Rodrigues, **A instrução feminina em S.Paulo**, p.176).

Os jornais, frequentemente traziam artigos a respeito dos partidarismos políticos relativos a questões educacionais. Contrários a educação em instituições religiosas, Rangel Pestana, proprietário do jornal "A Província de S.Paulo" assim como Quirino dos Santos, do jornal "A Gazeta de Campinas" eram republicanos e seus veículos de imprensa traziam a propaganda política do partido.²²

O jornal "O Diário de Campinas" de Alberto Sarmento

²² Em 1874, adotaria a "Gazeta de Campinas" uma posição republicana, o que contrariou os conservadores, que lançariam, a 25.3.1874 o "Constitucional", sob a direção de João Gabriel de Moraes Navarro. Esse senhor, que obedecia ao lema "Deus e a Pátria", fecharia as portas do seu jornal em 1875, por falta de publicidade. Em 1885 aparecia o "Correio de Campinas" sob a direção de José Gonçalves Pinheiro, Eduardo Badaró e Gustavo Carge, lentes do "Culto à Ciência", que iria explorar o noticiário das ocorrências do interior da Província. (Guimarães, A Campinas de Meus Pais, p.p.32 e 52).

e Barcellos, era de cunho liberal e vez por outra, trocava farpas com os jornais republicanos. Uma dessas deu-se em 1877, quando no jornal "A Província de S.Paulo", apareceu um artigo sobre os colégios brasileiros. Dizia o texto que os mesmos deveriam ser dirigidos por brasileiros, o que na realidade era uma crítica aos "Irmãos universais", dirigentes do Colégio do Patrocínio de Itú.

O jornal "O Diário de Campinas" após a publicação do artigo no jornal da capital, fez uma crítica dizendo que os colégios brasileiros pouco duravam e os de estrangeiros eram melhores. Cita o fracasso de Rangel Pestana quando este tentou manter o Colégio Pestana em São Paulo e fracassou. O sucesso e a estabilidade do Colégio Internacional de Campinas e o Patrocínio de Itú, dirigidos por estrangeiros.

O jornal "A Gazeta de Campinas", insere-se na discussão, intercede a favor do jornal "A Província de S.Paulo" e responde que os estrangeiros e brasileiros deveriam conviver tranqüilamente, desde que não fossem educados por religiosos. Em outras palavras, a educação da igreja destoava das novas propostas educacionais. Citava as instituições que foram criadas pela iniciativa privada, tanto por brasileiros e estrangeiros, que permaneciam ativas na cidade de Campinas,e, dentre elas, o Colégio Florence:

*"Quaes são os estabelecimentos de ensino existentes na Província, que mais progressos tem apresentado no ponto de vista do adiantamento científico, e mais do que isso, no ponto de vista dos resultados práticos? Do sexo feminino, temos em Campinas, ha talvez 15 anos, dous provados collegios, aonde se tem formado muitíssimas mães de família, que ao mesmo tempo fazem honra a sí e as suas dignas preceptoras: são os collegios **Florence** e **Perseverança**. O que pode a difamação ultramontana achar para incripar a estes dous antigos e notáveis estabelecimentos de ensino, que tanta honra fazem à cidade de Campinas?
(...) Saiba o articulista, que em Campinas pouquíssimas alumnas ha estudando no collegio "Patrocínio" dirigido pelas irmãs de caridade. E realmente o que é que se aprende naquelle*

estabelecimento, além das multiplicadas espécies de reza? Alli não há professores, as professoras que são as próprias congregacionistas de S.José, mal sabem ensinar algumas fábulas em idioma francez, cuja tradução é ensinada extremamente errada.(..) Acrescente a isto o facto muito censurável de aquellas meninas viverem com que segregadas do mundo social, entregues á direção de mulheres fanáticas, e cujo passado e origem são completamente desconhecidos, e temos dito tudo quanto pode influir para tornar bem claro o pronto aproveitamento que este "jezoitico" collegio pode proporcionar ás pobres meninas que lá vão aprender." (Jornal "A Gazeta de Campinas, seção noticiário, 14 dez 1877).

Como se vê, a crítica em relação à resistência dos colégios religiosos em ensinar às alunas ciências naturais e exatas forçava muitos pais a não colocarem suas filhas nessas instituições. Adeptas do ensino jesuítico, as Irmãs de S.José de Chamberry procuravam manter-se dentro de uma educação voltada para a religião. Esse tipo de ensino se explicava da seguinte forma: *"A especialização prematura nas ciências exatas, a técnica que predomina o caráter educativo nessas mesmas ciências de nada aproveita ao espírito feminino, mais apto para as ciências de cunho literário e até filosófico do que para os estudos de orientação profissional."* (Manoel, **Igreja e Educação Feminina**, p.208). Ensinavam portanto, cultura geral e religião e adaptaram pontos fundamentais das regras dos jesuitas. Disciplinas como literatura e estilo. Também incentivavam a emulação, premiação e teatro. De acordo com Ivan Manoel: *"A técnica empregada pelas Irmãs de São José para estimular o estudo e o aperfeiçoamento moral das educandas, também encontrava respaldo no ratio. Tratava-se da emulação (competição) e da premiação."* (Peeters & Cooman in: Manoel, **Igreja e Educação Feminina**, p.234).

O Colégio Florence, não premiava e também não

permitia competições por parte das alunas. A imprensa, nesse sentido, tecia elogios à forma como o colégio e seus professores disseminavam o saber, além de o conteúdo privilegiar conhecimentos necessários à vida social:

*"Resta-nos saudar o Collégio Florence, que, caminhando assim, nas modernas trilhas, esparge claridade nos espíritos das meninas que n'elle se abrigam, e em cuja mente dir-se-hia brilhar já este divino preceito - **aprender para ensinar** -(grifo meu). Desde aquella comunicação telegráfica a cargo de duas meninas até as narrações das viagens ao redor do mundo, tudo indicava que o Collégio Florence entrou no rumo moderno das verdadeiras casas de instrucção. Os conhecimentos alli se alargam, a mulher adquire uma somma de idéias úteis e a forma elegante e atrahente da exposição." (Jornal "A Gazeta de Campinas", seção noticiário, 23 jun 1883).*

Julia Lopes, jornalista do jornal "A Gazeta de Campinas", por exemplo, admirava o professor João Kopke por sua aptidão e esforço e principalmente sua prática e proficiência para o ensino de geografia.

Rangel Pestana também elogiaria o citado professor por seu trabalho com seus alunos particulares. Isso porque, no dia seguinte à festa das alunas do Colégio Florence, houve um julgamento de provas dos alunos que Kopke assistia particularmente. Eram quatro alunas e um aluno. Todos fizeram exames e Rangel Pestana assistiu à prova. Como resultado de sua apreciação, teceu comentários que retratam como esse republicano via a educação, e principalmente, como o professor foi avaliado na transmissão de seus conhecimentos:

"Nessas provas o valor do ensino, a aptidão e os conhecimentos do professor deviam ficar em evidência, porque tratava-se de alunos confiados inteiramente aos seus cuidados e sujeitos ao plano

de ensino de sua livre escolha. (...) Dado um trecho por um dos juizes, o professor interrogou sobre grammática, prendendo as questões á anályse dos mesmos trechos. Nas sciências um dos juizes indicava o ponto e por sucessão de factos ou relacionamento de ideas, o examinando era levado a muitos outros, o que deixa conhecer a força do alumno e o seu preparo para exame, mas um outro para entrar em cheio na vida, munido de uteis e variados conhecimentos. Não se achavam alli simples decoradores de pontos, machinas de fazer exames, repetidos sem comprehensão aquillo que decoravam. Antes das definições as mocinhas e aquele pequeno de 9 annos mostravam conhecer as cousas e depois davam quando necessário, a definição." (Jornal "A Província de S.Paulo, seção editorial, 21 junh 1883).

Os predicados que Rangel Pestana empregou em seu artigo para elogiar Kopke traziam implicitamente, críticas à forma como o governo monárquico encaminhava seu sistema educacional:

"O illustre professor que á sua custa possui hoje os melhores tratados de pedagogia da Alemnaha, França, Inglaterra, Italia, Suissça e Estados Unidos, colleções de quadros para o ensino intuitivo, gabinete de physica e um pequeno laboratório de chimica, á sua intelligencia clara e facil de apprehender reúne muito estudo e a experiência de annos no exercício do magistério.

Quando se conversa com esse moço distincto e trabalhador apaixonado pela reforma dos métodos de ensino, sente-se que n'este paiz não haja governo com a verdadeira comprehensão do serviço de instrucção pública.

Alli está o verdadeiro professor de uma escola normal. A sua palavra hoje, tem a autoridade de um mestre pelo saber, pela experiência, pela prática, pela posição adquirida na luta por amor da reforma do ensino.

Entretanto, o dr. João Kopke, apesar de sua notável

competência para o ensino normal exerce o magistério particular na cidade de Campinas" (Jornal "A Província de S.Paulo, seção editorial, 21 jun 1883).

A Revista Trimestral, as excursões pedagógicas e as conferências de anatomia do Prof. João Kopke, além das festividades que ocorriam ao final de cada ano eram consideradas atividades "extra-classe". O programa das disciplinas que fazia parte do Curriculum do Colégio Florence era composto de matérias que eram modificadas ou acrescentadas de acordo com as necessidades do estabelecimento.

2.3 - PROGRAMAS DE DISCIPLINAS

Os cursos eram seriados e regulares. Não possuíam a característica de serem propedêuticos, como aqueles destinados ao sexo masculino, onde as aulas eram avulsas e realizadas conforme a necessidade do educando em relação ao que iria cursar nas academias. Como as alunas não iriam para os cursos superiores, os conteúdos eram passados seqüencialmente, divididos em três graus: 1a. 2a. e 3a. classes, sendo que a aluna iniciante começava na 3a. classe. Em carta de Isabel, filha caçula de Carolina Florence, e nesse tempo aluna iniciante, para Cândida Florence, a Zinha, que nessa época residia no sítio Soledade, as notícias de sua promoção na instituição, revelam com precisão a importância de se passar de séries:

"Querida Zinha:

Eu sei que vosse ha de ter uma notícia que vos a de alegrar. Eu passei para a primeira classe. Até agora nao tomei nenhuma repreensão nem castigo. Eu quero fazer esforço para continuar sempre assim. Zinha, eu queria tanto ir para o sitio com a Tina porque eu tenho muitas saudades de você e laiá, eu estou com pressa por isso não posso escrever mais. Como estou na primeira classe tenho o que fazer..." (Carta de Isabel Florence para Cândida Florence, em 16 jan 1879).

De 1863 a 1871 os programas de disciplinas do Colégio Florence, arrolados pela Imprensa e Relatórios de Instrução Pública colocavam as abaixo relacionadas como integrantes do conteúdo de ensino ministrado na instituição:

Doutrina Cristã, História Sagrada, Gramática Portuguesa e exercícios de estilo. História, Geografia, Aritmética, Geometria. Trabalhos de Agulha, Crochet ,Bordados e Leitura. Alemão, Ingles e Francês, música, Canto, Piano e Desenho.(Alamanaque de Campinas para o ano de 1871 e Relatório de Hércules Florence para o Inspetor de Instrução Pública, encontrado escrito de cabeça para baixo em seu livro sobre inventos, sem data, com o ano de 1867). Hércules Florence relatava que haviam 42 alunas, sendo 23 internar, 7 meio-pensionistas e 12 externas. No relatório, encontram-se distribuídas as disciplinas entre os professores que lecionavam no período e o tempo de duração de cada matéria:

"Doutrina Chistã - Revdo.Padre Vieira Huma lição de huma hora por semana. História Sagrada - D.Ignácia Camargo. Duas lições de huma hora por semana. Grammatica Portuguesa e exercícios de estilo. Sr.Francisco de Almeida Sales - 4 lições por semana. História. Geographia, Arithmética e

Francez. 1a.classe -D.Carolina Florence. 2a.classe - D.Ignácia Camargo. Primeiras Letras -D.Carolina Pinto. Todos os dias 3 horas. Desenho - Hércules Florence. Piano e Canto - D.Virgínia. Todos os dias. Trabalhos de Agulha e Leitura -D.Carolina Florence e D.Carolina Ferraz. Todos os dias à tarde e à noite, excepto às quintas-feiras."
(Relatório de Hércules Florence, ano de 1867, Coleção Cyrillo Hércules Florence)

De **1873** a **1877** não há informações no quadro de disciplinas. Com relação ao número de alunas, em **1873**, haviam 50 discípulas. (Almanaque de Campinas para o ano de 1873).

Até **1878**, o colégio manteve o mesmo quadro de matérias: Na 3a.classe as alunas iniciavam seus estudos com Noções de Geografia, História Natural, a divisão dos animais; História Sagrada, Aritmética, Leitura, de uma forma que pudessem ter um desenvolvimento das idéias em geral. (Jornal "A Gazeta de Campinas", seção noticiário, 19 dez 1872).

Passando para a 2a.classe, continuavam as noções de Aritmética, utilizando numeração dos maiores números; multiplicação de complexos e sua aplicação; em Geografia, também continuavam as noções gerais de geografia, América, Brasil em particular, Europa; em História Natural, os mamíferos em particular; História Sagrada, o novo testamento; e em História, a história antiga até as guerras púnicas. (Jornal "A Gazeta de Campinas, seção noticiário, 19 dez 1872).

Finalmente, na 1a.classe, em Aritmética trabalhava-se como conteúdos as frações ordinárias e decimais e seu uso para o sistema antigo ²³ e métrico, com exercícios de aplicação das regras, **à vida prática**. Em Geografia, via-se clima, zonas, longitude e latitude, e em História, a

²³ Não consegui maiores esclarecimentos sobre o "Systema antigo" aritmético utilizado pelo Colégio Florence, possivelmente trata-se de um sistema anterior ao Sistema Inglês.

história da Ásia, em particular.

Em outra disciplina como Gramática Portuguesa utilizava-se de exercícios de estilo, gramática, verbos e declamação de poesias.

Infelizmente não tive acesso a registros do conteúdo. A documentação a respeito se restringe aos Almanques da Cidade de Campinas, às notícias que os jornais publicavam após os exames, alguns relatórios do distrito enviados ao Inspetor de Instrução Pública da Província de S.Paulo e publicações de obras dos professores pertencentes ao corpo docente do Colégio Florence.

Havia ainda até 1878, aulas de Desenho, Geometria, línguas: Francês, Inglês, Alemão. Aulas de piano (a quatro e seis mãos) aulas de canto, além das aulas de crochê, bordados e trabalhos de agulha. Nesse mesmo ano de **1878** o jornal "O Diário de Campinas" noticia exames no estabelecimento. O Colégio Florence, nesse período, tinha 35 alunas. Durante as solenidades, houve uma festa, com declamação de poesias, trechos de prosa em português, francês e alemão. As discípulas representaram duas comédias em francês, trechos de música, e foram examinadas em análise gramatical, traduções etc. O Colégio tinha sete professores. Destacou-se entre as discípulas o desempenho de Isolina Soares e Julieta Cintra.

As disciplinas ficaram assim distribuídas:

"História Sagrada - ministrada pela diretora. Aritmética - Emílio Henking -Francez - Mll.Serbst, com declamação -Geografia - pela mesma. Geografia - pela diretora. História Universal - pela diretora - Musica (piano) Mll.Fasser. Gramatica Portuguesa - Amador Florence, com declamação - Alemão, por Mll.Serbst, com declamação - Desenho - Mr.Florence -Trabalhos de agulhas, prendas, etc." (Jornal "A Gazeta de Campinas", seção noticiário, 18 dez 1877.)

Em 1879 não encontrei informações sobre o programa das disciplinas. Em 1880, na comemoração dos dezessete anos da fundação da instituição, iniciou-se a divulgação, através dos noticiários da imprensa, das primeiras "soireés" literárias e artísticas.

Compunha-se o espetáculo programado no Colégio Florence de uma espécie de teatrinho montado numa vasta sala do colégio, onde pais das discípulas, senhores e senhoras da sociedade campineira participaram como observadores dos exames das alunas da instituição.

O professor Julio Ribeiro escreveu uma peça expressamente para as alunas, denominada "A Corda" , *"mimosa composição, cheia de belíssimos conceitos e de profunda moral retratando a vida no collégio, onde há um ou outro espírito não diremos de maldades propriamente, mas de travessias."* (Jornal "A Gazeta de Campinas", seção noticiário, 5 nov 1880).

Descreve o jornalista que as cenas sucederam-se sempre de forma natural, cheias de animação, e perfeitamente coerentes, até o final, *"onde o autor colocou na boca de uma das alunas preceitos acerca da educação da mulher. No final, um coro de alunas, cantaram uma composição do prof.Giorgetti.Sobressaíram no final do primeiro ato, em cuja música o autor, com delicado gosto e fina penetração, soube imprimir as nuances do gênio juvenil."* (Jornal "A Gazeta de Campinas", seção noticiário, 5 nov 1880). Os profs.Julio Ribeiro e Emilio Giorgetti foram chamados a cena e calorosamente aplaudidos:

*"Os resultados desse trabalho são bem patentes, para que tenhamos de os especificar aqui. As alunas, sem o pensarem, adquirem a a boa dicção, a distinção de **maneiras indispensáveis a toda a senhora bem educada.**(grifo meu) . Nesse ano o colégio comemora o 17o.ano de existência. A festa começou as 8 horas da noite e terminou as 11:30hs. Houve recitação de algumas poesias escolhidas, entre as quais a do poeta Guerrera Junqueiro - "A*

Tragédia Infantil". Uma cena em francês "Les Femmes savantes"

Um trecho de Fausto, com piano e violino por Giorgetti e J.Mauricio.

Em uma das peças ao piano, o sr.Giorgetti foi acompanhado por diversas alunas, em uma composição tocada a 14 mãos em tres pianos, sendo o effeito da execução admirável. As alunas que mais se destacaram foram:Olivia de Moraes, Maria Angélica Florence, Maria Amelia Teixeira, Maria Salles, Isabel Florence. (Jornal "A Província de S.Paulo, seção noticiário, 6 nov 1880).

Em **1881** não encontrei notícias sobre festas ou exames no Colégio Florence relacionados na Imprensa. No ano de 1882 inaugura-se no Colégio Florence, uma fase de expansão das atividades pedagógicas. As comédias e peças teatrais representadas em outros idiomas, poesias indicam a preocupação em elevar à educação das alunas.

Em abril de **1882**, as comemorações na instituição foram realizadas no período noturno e incluíram uma Peça de Victor Hugo, muito prestigiado na época pelos brasileiros. O Programa constava de:

*"Musa Colegial" é o título do theatrinho onde as interessantes alunas do Colégio Florence dão suas receitas. Mon revê -peça a 4 mãos. Alunas Arabela e profa.Augusta Florence. Comédia em um ato - de Emílio Souvestre - La Viéllé Cousine, ou Il nefant pas juger l'arbre d'après e 'ecorse. Em Francês. alunas: Arabela, Bettie Krug, Celestina Florence, Leonor Gomes, Isabel Florence, Maria Monteiro, Gertrudes Nogueira, Angelina Salles, Henriette Simon, Julia Mundt e Laura Mundt, Anna Queiroz, Carolina do Amaral e Leonor Backheuser). Também apresentaram uma peça para piano em italiano Souvenir d'Italie. **Peça de Victor Hugo - La grand'Mere** (grifo meu) recitada por Olivia Moraes. Uma noite sobre o lago maior - sentimental composição - As mães - poesia do sr.Hudson. Comédia em 1 ato - O dia dos sinos da vovó." (Jornal "A Gazeta de Campinas", seção noticiário, 6*

abr 1882).

No final desse ano, houve uma festa noturna promovida pelas alunas, que constava da comédia: "Uma antipatia" com as alunas Isabel Florence, Anna Krug, Julia Mundt e Arabela Albuquerque. Do musical - "Fantasias de óperas" - em que tomaram parte várias alunas. E finalmente seguido de uma opereta - "As orphansinhas" peça traduzida do italiano, pelo prof. João Kopke. O coro foi reprisado quatro vezes, a pedido do público que assistiu a festa. (Jornal "O Diário de Campinas", seção noticiário, 17 dez de 1982).

Em dezembro de **1883** os exames no Colégio Florence tiveram que ser realizados em dois dias. Havia um número excessivo de atividades a serem realizadas. No primeiro dia foram realizados os exames das disciplinas estudadas e ao segundo dia ficou reservada a parte artística e cultural.

Inicialmente o exame de línguas: As alunas reduziam mentalmente frases ditas em francês para inglês, italiano e vice-versa. Foram recitadas poesias de autores italianos e franceses. Composições de Piano e Canto - Composição de Delavigne - Le trois jours de Colomb. Também uma peça de teatro, de Molière, "Le Bourgeois Gentilhomme", em forma de diálogo, entre duas meninas.

Como é possível constatar pelo programa, o Colégio Florence começava a incorporar a Educação Francesa aos seus conteúdos culturais alemães. Também acentuou-se a tônica nas disciplinas de história natural. A Imprensa registraria o êxito dos exames das matérias estudadas durante o ano de 1883:

"Em sciências naturaes, particularmente na botânica e zoologia, foram externadas noções muito seguras, e outro tanto se deve dizer acerca do exame de geographia, destacando-se a parte relativa ao Brazil e a Província de S. Paulo, em que as alumnas revelaram possuir conhecimentos

minuciosos e profundados. Isto quanto ao elemento scientifico e litterario." (Jornal "O Diário de Campinas, seção noticiário, 7 dez 1883).

Pelo lado artístico, houveram exibições de música, de desenho e prendas domésticas. No piano, alunas de todos os graus de adiantamento se apresentaram. Trechos de "D.Juan", da "Flauta Encantada", de Mozart e "Sonata" de Beethoven.

Na parte de trabalhos manuais, havia uma sala de exposições com quadros, grande quantidade de trabalhos de agulhas, bordados, obras de talagarça, etc. A imprensa noticiava com satisfação os resultados do trabalho que era destinado às mulheres da época:

"nos quais revelam em toda a sua plenitude o prestimo e a delicadeza artística da mulher. Parabéns á digna directora do collegio, bem como ao illustrado corpo docente que ainda uma vez patentearam-se a sua competência e dedicação para uma das mais nobres profissões em que se pode exercer a atividade humana."(Jornal "O Diário de Campinas", seção noticiário, 7 dez 1883).

Em 1884 também houve dois dias de exames, sendo que no período dia as discípulas apresentaram uma "soirée" com duas composições teatraes. No intervalo de uma peça a outra, foi executado um pequeno concerto, como noticiou o Jornal "O Diário de Campinas":

"Principiou a soirée, sendo executado em ré maior de Mozart a quatro mãos pela exma.sr.d.Maria Candida Ribeiro e sr.Emílio Giorgetti, que iniciaram de modo brilhante a festa, que a todos devia surpreender e entusiasmar. (...) Passou-se depois a parte concertante que constou do seguinte programa: J.Burgumein, Tramway, a 4 mãos, pelas exmas.sras.dd.Lydia e Albina Simões, W.Ganz,

Vision du passé, reverie, pela exma.sra.d.Evangelina Florence, H.Enckhausen, allegro rondó, a 4 mãos, pela exma.sra.d.Luiza Ferreira e sr.Giorgetti; idem polonaise a 4 mãos, pela exma.sra.d.Rita Salles e sr.Giorgetti, Spindler, Le trot du cahier, morceau caracteristique. pela exma.Cyra Proost, Mercadante; Il Sogno, Canto com acompanhamento de piano e violino, pela exma.sra.d.Maria Monteiro e srs.Giorgetti e Henrique Piquet, J.Burgmein, Babau, a 4 mãos, pela exma.sra.Arnaldina Ribeiro, idem E'Glantine, pela exma.d.Celestina Florence; Raverna, Perpetuo Movel, pela sra.d.Betty Krug, Chopin, polonaise, pela exma.sra.d.Anna Pinto, Gottshalk, Obéron de Weber, a 4 mãos, pelas exmas. sras.d.Armelina Lamaneres e Augusta Giorgetti." (Jornal "O Diário de Campinas" seção editorial, 18 dez 1884)

Findo o concerto, foi representado a opereta "Farfadette" em um ato. Letra de Francis Toute e Música de Georges Lway, representada em francês. No final dessas apresentações, o jornal destacou que "*o Coronel Quirino, um dos presentes ao espetáculo, ofereceu um ramalhete para a aluna que mais se destacou no programa: Maria Monteiro.*" (Jornal "O Diário de Campinas" seção editorial, 18 dez 1884).

No segundo dia dos exames, a festa começou com a comédia em 2 atos: "On ne prend pas les mouches avec du Vinaigne". Em seguida foi desempenhada uma cena, "Geografia do Sentimento", traduzida do Italiano pelo prof.Emílio Henking, em que tomaram parte as exmas.sras.d.Evangelina Florence e Adira Paula Souza.

O concerto constou das seguintes composições: Beethoven, sonata, a 4 mãos, pela exma.sras.Leonor Gomes e Emílio Giorgetti. Também outras alunas executaram outras peças como: Bachman - Feuille au vent" (Maria do Carmo), Burgmein - Pierrot e Pierret (Hortência Brunnel, Maria Vergueiro, Risoletta Jorge e Evangelina Florence), Parofka e Bordogni

(Maria Monteiro) e finalmente - Scherzo de Wollenkaupf (Olivia Florence).

Todas essas composições tinham que ser ensaiadas com acuidade e perfeição, pois era o momento em que as alunas mostravam para a sociedade de Campinas, o resultado de um ano de aplicação aos estudos. A importância que as peças musicais, comédias e operetas possuíam na programação, refletem o tipo de educação solicitada às mulheres.

Nesse sentido, o professor de música era muito requisitado. No Colégio Florence, o prof. Emilio Giorgetti além de cumprir sua função com êxito, escrevia músicas adequadas a essas festas de encerramento das aulas, como comentava a Imprensa:

"Foi depois representada pela segunda vez a operetta "Farfadette", terminando a festa com o cântico "Vivam as férias", música do sr. Emilio Giorgetti. A comédia foi muito bem desempenhada, assim como a scena do que na primeira representação, sendo bisadas a copla e cânticos finais. Também foi applaudidíssimo o cântico "Vivam as férias", que por duas vezes foi repetido e sendo o autor da música senhor E. Giorgetti. Chamado à scena, as famílias das alumnas e mais convidados receberam da parte da exma. sra. directora do Colégio as mais obsequiosas atenções, retirando-se todas gratíssimas pelo acolhimento que lhes foi dispensado. Agradecemos o amável convite com que fomos honrados; ao qual devemos o prazer de ter assistido a uma festa a todos os respeito digna de sinceros louvores." (Jornal "O Diário de Campinas", seção editorial, 18 dez 1884).

No ano de **1885**, o Colégio Florence comemorou os 22 anos de sua existência. Foi a data parabenizada por toda a Imprensa Campinense. O Jornal "A Gazeta de Campinas" teceu comentários a respeito do tempo que Carolina Florence tinha dedicado ao ensino:

"O acreditado estabelecimento que, sob aquelle titulo, funciona nesta cidade há nada menos que 22 anos sob a habil direcção da exma.sra.d.Carolina Florence, deu hontem ainda mais uma vez prova positiva e brilhante do resultado dos estudos que alli se fazem, submettendo as respectivas alumnas a exame das materias que constituiram seus labores escolares durante o ano que finda.

Versaram esses exames sobre geografia, lingua portuguesa, arithmetica, lingua franceza, allemã, ingleza e italiana, história natural e história universal, respondendo as alumnas aos arguentes de maneira mais clara e prompta, o que prova ser excellente o methodo de ensino alli adoptado.

Foram examinadoras nas excellentissimas sras.dd.Armelina Lamaneres, Antonio Jesse e os srs.E.Henking, M.Feitosa e Giorgetti.

Nos intervalos dos exames foram recitadas ao piano e cantadas diversas composições, na ordem de um programa impresso que foi distribuído, o que constitui uma secção amena e revelladora do aproveitamento dos estudos musicaes, feitos sob a direcção da exma.d.Anna Pinto e o sr.E.Giorgetti.

No programa figuraram entre as composições musicaes algumas de Beethoven, Mendelson, Spindler, Gorened, Denza e outros: entre as litterarias de F.Varella (Estrella dos Magos e A um sabiá) d.Adelina Lopes Vieira (Menina Au Flor) Victor Hugo (E a presence deDier) Beranger (Les Lirondellas) Nogel (A volta ao Lar) Byron (Childe Harold).

Findos os exames o sr.dr.Cassiano pronunciou uma allocução na qual fez bem saliente os beneficos resultados que tem produzido a existencia desse colegio, declarando que, em seu relatório ao governo, mencionará este facto.

Acharam-se presentes muitas senhoras e cavalheiros, entre os quaes vários paes das alumnas, convidados e o representante desta folha..."(Jornal "A Gazeta de Campinas" seção noticiário, 15 dez 1885.)

Em uma das salas do Colégio, de acordo com os comentários do jornal, encontravam-se trabalhos de agulha, lã, seda, bordados, quadros, desenhos, esboços a penna, crayon, aquarella, representado bustos de perfil e de frente, paisagens, entre outros.

Também havia dois trabalhos de alunas que aplicaram ao desenho, tintas de variadas cores sobre o veludo, circundado de bordadura a seda e uma reprodução fiel de chalet, feita de cortiça. (Jornal "A Gazeta de Campinas" seção noticiário, 15 dez 1885).

Em **1886** aparece pela primeira vez, no Almanaque de Campinas para o ano de 1886 a menção de que o ensino oferecido no Colégio Florence é de nível Primário e Secundário. Registra ainda, 80 alunas o frequentando, contando o estabelecimento com uma biblioteca de 1.000 volumes.

A Imprensa que sempre noticiou as festividades ao final do ano letivo do Colégio Florence e outras instituições de ensino, nesse ano teve seu ponto máximo de atenção à educação produzida na instituição. Três jornais da cidade compareceram e escreveram sobre as festas realizadas no estabelecimento: A Gazeta de Campinas, O Diário de Campinas e o Correio de Campinas.

O corpo docente estava ampliado nesse período: Augusta Florence Giorgeti, Emílio Giorgetti, Armelina Lamaneres, Clara e Margarida Frey-Grand, Anna M.Pinto, Emílio Henking, Amador Florence, Antonia Jesse, Leonor Gomes, Hentz Kupfer, Anna Krug Kupfer, Maria Kupfer e Miguel Alves Feitosa.

O programa artístico de **1886**, apresentado pelas alunas foi um dos mais extensos, incluindo a participação do corpo docente. Isso possibilitava a demonstração de suas aptidões individuais e consequentemente uma integração com o trabalho desenvolvido por suas alunas.

O Jornal "A Gazeta de Campinas" noticiava os exames

COLLEGIO FLORENCE

Programma

I. PARTE

J. Vogt — *Marche solennelle* - a 2 pianos por D. D. Elvira Barros, Maria Paula Junqueira, Maria Angelica Queiroz e E. Giorgetti.

T. Kirchner — *Polonaise* - a 2 pianos por D. D. Eugenia Almeida e Angelina Pentendo.

“O LACAIO”

Comedia em 2 actos adaptada ao portuguez por D. Ruth Fonseca

PERSONAGENS

D. Clara Madureira	D. Narcisa Ferraz	D. Philomena (pedante)	D. Dalmacia Fonseca
Maria Angelica } suas sobrinhas	D. Olympia Amaral	D. Maroca (graca)	D. Marianna Lima
Dorinha (criada)	D. Gertrudes F. Sousa	D. Dorothea (amiga de D. Clara)	D. Hermogenia Pereira d'Aracoe
	D. Ornata Teixeira	Nene (sua filha)	D. Theresa Rolia
	Suzana camponesa	D. Maria Candida Barros	

1.º ACTO

Beethoven — *Egmont* — Ouverture a 2 pianos por D. D. Angelina Pentendo, Noemia Cunha, Herminia Michaelis e E. Giorgetti.

Mendelssohn — *Filiseu*

T. Lack — *L'oiseau-mouche*

C. Beinecke — *Bolero*

D. D. Noemia Cunha e Maria Isabel Alves Lima.

2.º ACTO

II. PARTE

H. Hofmann — *Walker* - a 2 pianos por D. D. Narcisa Ferraz, Carmen Queiroz, Ercilia Pentendo e Arminda Pedroso.

C. M. von Weber — *Op. 48 (Henselt) Grande duo concertant*—Allegro con fuoco—Andante con moto—Rondo - a 2 pianos por D. D. Noemia Cunha e Eugenia Almeida.

QUEM NAO PODE BECHER NAO ESVASIA

SCENA COMICA

PERSONAGENS

D. Alce Silve e D. Alzira Ferraz

Herold — *Le Pré aux clercs* - Ouverture a 2 pianos por D. D. Lavinia Guimarães, Almerinda Engler, Luiza Alves Lima e Christina Rinaldi.

OS PRECONCEITOS DA TIA THERESA

OPERA EM 1 ACTO POR DE CHAMPS

PERSONAGENS

D. Octavia	D. Maria Aurora Freitas	D. Theresa	D. Elvira Barros
Laura	D. Suzana Miranda	D. Amalia	D. Anna Campos
Adelia	D. Fantina Andrade	Branca	D. Leonor Prado
Justina (criada)	D. Antonietta Novais	Diversas amigas de Laura e Adelia	

COROS E DANÇAS

Jundiahy, 14 de Dezembro de 1895

A DIRECTORA

Carolina Florence

Ilustração 08 - Programa Artístico e terário referente comemoração dos e mes finais do Colégio Florence (Colção Cyrillo Hércules Florence)

da seguinte forma:

"As provas que as alumnas manifestaram, conseqüentes de seus estudos, foram a não se poder desejar melhores, o que ainda uma vez confirma os justos créditos de que goza o referido estabelecimento. Como se pode ver do que abaixo damos, a festa constou dos exames propriamente ditos, sendo estes entremeados de peças de musica, executadas ao piano, coros, e poesias em portuguez e linguas estrangeiras. Uma festa brilhante, realmente, na altura do conceito do importante collegio, que conta com um corpo docente digno e habilitado. Eis em summa o resultado da festa a que tivemos o prazer de assistir:

"Coro Marinesca", de Zucchelli. Aulla de Portuguez, 1a.2a. e 3a.classes, professor sr.Feitosa e professora d.Armelina Lamaneres. D.d.Julia e Lydia de Barros -"allegro de Herkausen", para piano. D.d.Maria Caetana e Amélia Gomes - "arias de Lucrecia Borges". Poesias -" Trois jours de Christoph Colomb", d.Isidora França. "Retour de la patrie", de Beranger, d.Julia de Barros. Leitura e Noções de Botânica, professora d.Hentz Kupfer. Francez, professoras d.Jesse e d.Leonor Gomes. Coro "Fate la Carita", de Rotoli, musica esta de muito sentimento e escripta por ocasião das inundações na Itália. "Serenado" de Pienot, d.Maria Vergueiro e sr.Giorgetti. "Serenata", de Spindler, d.Margarida Stein e sr.Giorgetti. "L'orseaux chante", d.Edwina Schoch, Aritmetica, prof.Emilio Henking - Poesia, Sete de Setembro, d.Eulina Sampaio. "As duas estrelas" (de d.Adelina Lopes) recitada por d.Anna Rita. Adieu de Marie Stuart, de Beranger, d.Luizita Sampaio. Geographia, professoras d.Armelina Lamaneres e d.Jesse. Musica - "Le bal de la poupé" - Burgmein, d.Noemia e d.Maria Engler. "Chanson Boheme" de Spindler, -d.Candida Ribeiro e E.Giorgetti - D.Maria Luiza Simão e E.Giorgetti. Melodia "Couppey" - de Lemoine, por d.Luiza Swuinerd e sr.Giorgetti."La reveuse" -Lisberg, d.Alzira Lex. "Sur le lac" -Smith, d.Maria Augusta Vergueiro. Escolha e execução delicadas. Francez 1a.2a. e 3a.classes, professoras d.Jesse e d.Leonor Gomes. História Natural, professor.s.M.Feitosa. História

Natural, professor E.Henking. Geographia 1a.2a. e 3a. classes - professoras d.Jesse e d.Armelina Lamaneres. Poesia - "Para a festa da paz", "Zum Friedensfest", poesia em alemão por d.Zulmira Pereira Barreto. "A mi madre", poesia em Italiano, de E.Amicus, por Alzira Lex. "Sonata (cinco notas) Danke, por d.Carolina Salles. "Esquisses hongroises", de Walkeman, por d.Clotilde Florence e sr.Giorgetti "Simphonia do Guarany", d.Maria Augusta e E.Giorgetti. Poesia Saudades de Palmeiras (d.Adelina Lopes) por Lydia de Barros. Recitaram trechos da Tragédia Infantil, de Guerra Junqueiros: Antonietta Moraes, Arnalda Cintra, Leonor Barreto, Sophia Dumont, Nerina Almeida, Delphina Cintra. Direcção dos trabalhos de costura -d.Maria Kupfer. De desenho - d.Augusta Giorgetti. Estiveram expostos e foram devidamente apreciados interessants trabalhos de desenho a crayon, lã, etc. Uma exposição rica de curiosidades. As pessoas presentes foi ofereccido um delicado lunch. Agradecemos cordialmente o convite que nos foi enviado e felicitamos a exma.directora pelo brilhante resultado dos exames."(Jornal "A Gazeta de Campinas", seção noticiário, 16 dez 1886).

O programa trazia uma quantidade importante de peças musicais, poesias e exames de disciplinas. Era um período satisfatório, em que Carolina Florence pôde contar com boa parte de sua família prestando serviços pedagógicos. Desde sua irmã Anna Kupfer e suas duas filhas, recém chegadas da Alemanha, seus filhos Henrique, Isabel e Augusta e Leonor Gomes e o genro Emílio Giorgetti. Além desses, a diretora do "Florence" tinha como docentes, ex-alunas e professores de expressividade notória.

Em **1887**, os exames foram realizados durante o dia. O jornal "O Diário de Campinas" parabenizava os trabalhos realizados:

"a exma.directora pelo magnifico exito obtido pelas alumnas do seu collegio nos exames de hontem effectuados. Em resultado confirma os

créditos de que goza esse excelente estabelecimento de instrução, certamente um dos melhores que no seu genero ha nesta provincia."(Jornal "O Diário de Campinas, seção noticiário, 15 dez 1887).

O ano de **1888** seria o último em que o Colégio Florence comemoraria sua existência em Campinas, pois em julho de 1889, ele seria transferido para a cidade de Jundiaí, devido a epidemia de febre amarela.

Completando 25 anos dia 3 de novembro, as alunas prestaram uma homenagem à diretora do estabelecimento. Promoveram uma festa aberta ao público:

"Para solemnisarem o 25o.aniversário da fundação deste imprtante e acreditado estabelecimento de instrução, promoveram as alumnas do mesmo, no sabbado último, uma agradabilissima festa dedicada áexma.sra.d.Carolina Florence, directora do referido collegio.

Deu começo a festa uma magnifica composição musical para dous pianos, executadas pelas sras.dd.Anna Pinto Hartung, Armelina Lamaneres, Augusta Giorgetti e o sr.Emilio Giorgetti.

Em seguida, a exma.sra.d.Leonor Gomes, antiga alumna e actualmente professora no mesmo collegio, pronunciou uma bella allocução, exaltando os serviços prestados pela provecta directora do collegio á causa da instrução e educação das futuras mães de família e, em nome de todas as alumnas, offereceu-lhe um magnifico ramalhete de flores naturaes. A exma.sra.d.Carolina Florence agradeceu comovidissima a prova de gratidão de suas alumnas, perfeitamente symbolisada na singeleza do mimo e na grandeza do sentimento que elle exprimia.

*Representaram-se depois o drama em um acto intitulado A **mendiga**, no qual tomaram parte diversas alumnas que desempenharam perfeitamente os seus papéis, e a comédia ornada de música, A **condessinha**, que foi interpretada muito graciosamente.*

Campinas, 30 de Dezembro de 1883

A' TYPOGRAPHIA A VAPOR

DA

GAZETA DE CAMPINAS.

O Alm. Sr. Dr. João Hoppe

(Deve)

2.ª m. da "Revista
Mensal"

66.0

Recibo

Camp., 30 de Dezembro

Carlos Am

N. ~~15.000~~

RS. ~~15.000~~

DIÁRIO DE CAMPINAS

Pagou a Alm. Sr. Dr. Carolina Florence
a quantia de Rs. 15.000 importância de sua assinatura a
começar em 21 de Setembro de 1883 até 21 de
Setembro de 1884.

Campinas, 17 de Setembro de 1883

Os proprietários, R. Antonio Lacerda
Gabriel Ferreira

Ilustração 10 - Recibos d
pesas com a Imprensa, rea
dos por Carolina Florence
leção Cyrillo H. Florence

TYPOGRAPHIA		CORREIO DE CAMPINAS		ENCADERNACAO	
Para todo o paiz e para o exterior		PROPRIEDADE DE UMA ASSOCIACAO COMMANDITARIA		Lendo-se no 1.º e 3.º de cada mes	
PRETO E A CORES		RUA DIREITA-58		ENCADERNACAO EM CAPA DE VELHO	
MIS O PRECO DO 1.º ANNUO		Henrique de Barcellos & C.		ENCADERNACAO EM CAPA DE VELHO	
COPIAS DE TITULOS		Alm. Sr. <u>Dr. Carolina Florence</u>		ENCADERNACAO EM CAPA DE VELHO	
MIS O PRECO DO 1.º ANNUO		Campinas, <u>30</u> de <u>Abri</u> de <u>1890</u>		ENCADERNACAO EM CAPA DE VELHO	
Abri	26	1	ann - Colégio		
Junho	5	1	" - Realidade		
Abri	12	1	" - Missa		

Recebi a quantia a amo a 74
Henrique de Barcellos & C.
Rua - R. de S. J. de S. J.
fundado 20 de Maio de 1890

Tanto o pequeno drama como a comédia agradaram muito, sendo às alumnas calorosamente applaudidas pelo auditório e chamadas à scena. Foi bisado o côro final da comédia.

As exmas. sra.dd. Adelaide Florence, Gertrudes de Arruda, Anna Bayeux, Maria Carolina de Lima, Ruth Fonseca e Amelia de Almeida declamaram poesias em portuguez e allemão.

Nos intervallos foram servidas bandejas de doces e chás aos convidados. A impressão da agradável festa collegial foi excellente, notando-se em todas as alumnas grande contentamento.

Felicitemos sinceramente a distincta educadora, pelo 25. aniversário do seu collegio, e agradecendo-lhe a gentileza do convite com que fomos honrados." (Jornal "O Diário de Campinas" Seção noticiário, 6 nov 1888).

Em dezembro de 1888, também ocorreram os últimos exames realizados no Colégio Florence, na cidade de Campinas. Iniciaram-se às dez da manhã, com a presença do novo Inspetor de Instrução Pública, sr. Castro Prado, que substituiu o sr. Cassiano Noronha Gonzaga, falecido em 1887.

Os exames foram sobre: português, inglês, francês, alemão, italiano, Geografia, História Universal e Natural, Aritmética e Gramática.

Nos intervalos, como era costume, houve recital de poesias em várias línguas e peças de piano a 2 e 6 mãos. Também houve exposição de trabalhos de crochê, bordados, missangas, lã, desenhos e aquarellas, trabalhos a nanquin e "*imitações de marfim embutido de magnifico effeito e artisticamente dispostos*" (Jornal "O Diário de Campinas" Seção noticiário, 15 dez 1888):

"Terminaram os exames pelas 6 horas da tarde, tendo deixado nos assistentes as melhores impressões, a ponto de fazerem esquecer

Gazeta de Campinas

ASSIGNATURAS

CAMPINAS PARA FORA

ANNUAL 18800 ANNUAL 18800
SEMANAL 75000 SEMANAL 80000

REDAÇÃO—RUA DO COMMERÇO N. 42

PROPRIETARIO E DIRECTOR—CARLOS FERREIRA

GERENTE—PEDRO FRANZEN

ANNO XVI

QUINTA-FEIRA, 18 DE DEZEMBRO DE 1884

Correspondente em Paris

PARA ANUNCIOS E RECLAMES

Off. A. Lorette

RUA DE SANT'ANNA N. 51 e 53
PARIS

EUGENIO PELLETAN

Na manhã do dia 14 deste mez, segundo um telegrama que os jornais da corte acabam de publicar, falleceu em Paris um dos mais notaveis e valiosos escriptores da Franca.—Eugenio Pelletan, nome este que durante o longo espaço de mais de quarenta annos, foi alvo de uma admiração sincera e profunda.

Dotado de um talento de primeira ordem, soube, desde o começo de sua carreira gloriosa, gravar em suas obras o selo fidedigno que distingue todas as concepções da intelligencia destinada a despertar a admiração de um seculo.

Politico, jornalista, poeta e philosopho, esse grande obreiro do pensamento pôde em vida acumular os elementos necessários para lhe garantirem a posteridade, graças a um trabalho incessante e a um estado colossal, nunca interrompido por qualquer especie de revés ou cansaço.

Eugenio Pelletan nasceu em Montebelland (Charante Inferieure) a 29 de Outubro de 1813.

Começando a sua vida de escriptor como jornalista, trabalhou por algum tempo ao lado do grande Girardin, e em diversas epochas deu provas irrefragáveis do seu vigoroso talento como escriptor politico.

Influenciado pelo espirito litterario do tempo de sua mocidade, em que todos batiam palmas ao heroismo e mystico poeta de Lamartine, esse illustre batalhador de pensamento adoptou um escripto demasiadamente lyrico, mais todo e mais reforçado por

uma idéa philosophica que foi progressivamente se aperfeiçoando até dar em resultado o famoso livro—*Professo de fl do Seculo XIX* que lambeo ramores em todo o mundo.

E logo o catalogo de suas obras, e entre ellas algumas ha que não do perdurar ao espirito das gerações como produções de um engenho de primeira ordem, caracteristicos de uma convicção e de uma epocha de febre e de controversia philosophica.

A *Nova Babilonia* e as *Cartas a Lamartine—Le monde marche*, além d'aquelle primeiro que citamos, são livros destinados a serem lidos sempre com interesse.

O desaparecimento d'esse valioso notavel que estava longe de ser um espirito superficial, e que como politico cultivava as idéas republicanas, é um lamentavel successo não só para a Franca como para todo o mundo civilizado, que continua a considerar

homens desta tempera luminosos exemplos de valor e dedicação ao trabalho.

COLLEGIO FLORENCE

Para o encerramento dos estudos do anno lectivo, as jovens alumnas do acreditado estabelecimento de ensino que funciona nesta cidade sob a habilitação da exma. sra. d. Carolina Florença, organizaram duas bellissimas soirées que constaram de representações de operetas e parte musical.

A 15 do corrente effectou-se a primeira dessas sympathicas e uteis diversões e ante-hontem a segunda.

O edificio do collegio achava-se elegantemente decorado e repleto de convidadas em ambas as noites, notando-se a presença de não pequeno numero de senhoras.

Por volta das 8 1/2 horas da noite de 15, deu principio a festa um allegro de Mozart para piano a quatro mãos, pela exma. sra. d. Maria Candida Ribeiro e

o sr. "Georgetti", seguindo-se a isto a representação no pequeno, mas elegante palco, preparada a uma das salas, de uma grilante composição, a operetta em 3 actos—*de orphanas*, vertida do italiano para lingua vernacula pelo illustrado sr. dr. João Koppke, e em cuja representação tomaram parte muitas alumnas.

Desempenharam a parte de primeira dama, sobressaia o coro a tres vozes, tornando-se notavel a grilante, uma das maiores difficuldades a vencer nesta operetta.

Ar. intelligente e sensivel, mandou a justiça que se fizesse, comprehendendo as grilantes das suas fôrças as suas papeis, tendo em parte illustrada como "intelligente" e "sensivel" a grilante, mandou a justiça que se fizesse, comprehendendo as grilantes das suas fôrças as suas papeis, tendo em parte illustrada como "intelligente" e "sensivel" a grilante.

Desempenharam a parte de primeira dama, sobressaia o coro a tres vozes, tornando-se notavel a grilante, uma das maiores difficuldades a vencer nesta operetta.

Desempenharam a parte de primeira dama, sobressaia o coro a tres vozes, tornando-se notavel a grilante, uma das maiores difficuldades a vencer nesta operetta.

Desempenharam a parte de primeira dama, sobressaia o coro a tres vozes, tornando-se notavel a grilante, uma das maiores difficuldades a vencer nesta operetta.

Desempenharam a parte de primeira dama, sobressaia o coro a tres vozes, tornando-se notavel a grilante, uma das maiores difficuldades a vencer nesta operetta.

Desempenharam a parte de primeira dama, sobressaia o coro a tres vozes, tornando-se notavel a grilante, uma das maiores difficuldades a vencer nesta operetta.

Desempenharam a parte de primeira dama, sobressaia o coro a tres vozes, tornando-se notavel a grilante, uma das maiores difficuldades a vencer nesta operetta.

Desempenharam a parte de primeira dama, sobressaia o coro a tres vozes, tornando-se notavel a grilante, uma das maiores difficuldades a vencer nesta operetta.

Tomaram parte nessa representação mais as seguintes alumnas: dd. Maria Candida Ribeiro, Cyra Proost, Maria do Carmo Corrêa, Risoletta Jorge, Luiza Ferreira.

A representação correu brilhantemente, notando-se extraordinario desembarazo na pronuncia das alumnas.

Após terminou foi entregue em scena um delicado bouquet a exma. sra. d. Maria Monteiro, offerecido pelo sr. coronel Quintão, a alumna que mais se distinguia.

Assim terminou aquella primeira noite, em que foram grandemente apreciadas as intelligentes jovens, as quaes o auditorio não regateou os mais ardentes applausos.

Ante-hontem as mesmas horas principiou a segunda noite com a exhibição da comedia em francez—*On ne prend les mouches avec du vinaigre*, desempenhada pelas exmas. sras. dd. Arnaldina Ribeiro, Celestina Florença, Isabel Florença, Anna Krug, Maria Paula Souza, Celestina Franca, Leonor Gomes, Virginia Paula Souza, Maria Alves.

Loda, sem discrepância, souberam sustentar devidamente com habilidade os seus papeis.

Foi representada, após essa comedia, uma composição—*A geographia de sentimento*, traduzida do italiano pelo talentoso professor sr. E. Henking, e habilmente interpretada pelas alumnas d. Evangelina Florença e Adina Maria Souza, uma galante e intelligente creança.

Deu-se em seguida a sessão musical ao piano sendo executado o seguinte programma

Sonata de Beethoven, por d. Leonor Gomes.

Fugue au cent, d. Maria do Carmo.

Pierrot e Pierrette, em diversas partes que foram executadas successivamente pelas alumnas dd. Horacianna Bunei, Maria A. Vergueiro, Risoletta Jorge e Evangelina Florença.

Scherzo de Wollnhaupf, d. Maria Monteiro.

Albionhott Krieger, d. Olivia Florença.

Fecho-se o concerto com uma parte de vocalização de Pannofa e Boruigo, confiada a exma. sra. d. Maria Monteiro, o que quer dizer que foi habilmente cantada essa musica.

Em quasi todas as peças a

quatro mãos, as alumnas foram auxiliadas pelo seu habili professor sr. Georgetti.

Perfideite, a mimosa composição, foi representada pela exma. sra. d. Maria Monteiro, a pedido do auditorio, bisado o trecho final.

Para concluir aquella festa brilhante ergo-se o piano e apresentaram-se então muitas das alumnas e, como que a trazer os olhos a alegria que brilhava-lhes n'alma, cantaram em coro, a musica festiva—*Vivez en France!* liada occupação do sr. Georgetti, e digna do seu autor.

No meio daquellas vozes argentinas, frescas, ondulavam claramente estas phrases cantadas com verdadeira alegria:

*Saber é bonito
Brincar é melhor,*

demonstrando o contentamento que lhes davarra no peito, por isso que chegaram as alumnas a cantar.

As alumnas foram chamadas a scena e, a instancia dos circumstantes, repetiram o coro, que terminou no meio de vivos applausos.

As alumnas foram chamadas a scena e, a instancia dos circumstantes, repetiram o coro, que terminou no meio de vivos applausos.

As alumnas foram chamadas a scena e, a instancia dos circumstantes, repetiram o coro, que terminou no meio de vivos applausos.

As alumnas foram chamadas a scena e, a instancia dos circumstantes, repetiram o coro, que terminou no meio de vivos applausos.

As alumnas foram chamadas a scena e, a instancia dos circumstantes, repetiram o coro, que terminou no meio de vivos applausos.

As alumnas foram chamadas a scena e, a instancia dos circumstantes, repetiram o coro, que terminou no meio de vivos applausos.

As alumnas foram chamadas a scena e, a instancia dos circumstantes, repetiram o coro, que terminou no meio de vivos applausos.

As alumnas foram chamadas a scena e, a instancia dos circumstantes, repetiram o coro, que terminou no meio de vivos applausos.

As alumnas foram chamadas a scena e, a instancia dos circumstantes, repetiram o coro, que terminou no meio de vivos applausos.

As alumnas foram chamadas a scena e, a instancia dos circumstantes, repetiram o coro, que terminou no meio de vivos applausos.

As alumnas foram chamadas a scena e, a instancia dos circumstantes, repetiram o coro, que terminou no meio de vivos applausos.

As alumnas foram chamadas a scena e, a instancia dos circumstantes, repetiram o coro, que terminou no meio de vivos applausos.

As alumnas foram chamadas a scena e, a instancia dos circumstantes, repetiram o coro, que terminou no meio de vivos applausos.

As alumnas foram chamadas a scena e, a instancia dos circumstantes, repetiram o coro, que terminou no meio de vivos applausos.

As alumnas foram chamadas a scena e, a instancia dos circumstantes, repetiram o coro, que terminou no meio de vivos applausos.

As alumnas foram chamadas a scena e, a instancia dos circumstantes, repetiram o coro, que terminou no meio de vivos applausos.

As alumnas foram chamadas a scena e, a instancia dos circumstantes, repetiram o coro, que terminou no meio de vivos applausos.

As alumnas foram chamadas a scena e, a instancia dos circumstantes, repetiram o coro, que terminou no meio de vivos applausos.

inteiramente o tempo decorrido, no meio da viva alegria que se notava nas alumnas e que se communicava a quanto alli estavam reunidos para com os convidados, que sahiram todos captivos da affabilidade extrema e da gentileza de que foram alvos.

Mil parabéns enviamos daqui a distincta educadora que dirige o collegio Florence, pelos exames de hontem, e enviamol-os também a todo o corpo docente do estabelecimento.

Em particular agradecemos à sra.d.Carolina Florence a summa delicadeza com que nos tratou e honra do convite que nos deu ensejo para assistirmos aos exames.

Hoje à noute haverá no collegio uma brilhante festa promovida pelas alumnas do estabelecimento, que amanhã entram em férias."

(Jornal "O Diário de Campinas", secão noticiário, 15 dez 1888).

2.4 - CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES

No meu entender, as festas e exames no Colégio Florence refletiam a proposta educacional da instituição. Tanto professores como alunas preparavam meticulosamente as festividades e exames que eram apresentadas ao público, a fim de que a sociedade presente às solenidades, e principalmente os pais das discípulas, tivessem a melhor impressão dos resultados da educação praticada naquele estabelecimento.

Através dos anos, a instituição incorporou conhecimentos, técnicas e matérias que possibilitaram seu programa conter quatorze disciplinas durante o ano letivo.

A música, o canto, as peças encenadas contribuíram não só no que diz respeito a parte artística, mas fundamentalmente para o universo cultural. Para realizar essas atividades havia a necessidade de

conhecer os outros idiomas, os autores, o conteúdo contido e conseqüentemente a cultura de outros países. Aprendia-se e assimilava-se uma gama de conhecimentos através do prazer que o trabalho artístico permite. No programa musical, as peças escolhidas eram de altíssimo nível e portanto de exigência didática. Requeriam alto grau e tempo de treinamento para serem perfeitamente executadas. Autores como Molière, Beethoven, Spindler, Chopin e outros representavam um desafio às alunas que contavam com a ajuda de professores interessados em obter resultados satisfatórios.

As comédias e operetas representadas na língua francesa ou alemã, as influências de Vitor Hugo nas poesias eram trabalhadas durante o ano, no Colégio Florence.

Apesar da influência teuta, francesa, italiana e inglesa ser predominante na formação cultural e artística, parece que havia a preocupação em resgatar obras dos artistas brasileiros. Declamações da obra poética de Fagundes Varella, na música a execução da Sinfonia "O Guarani", do maestro campineiro Carlos Gomes, entre outros.

Nos artigos que os jornalistas escreviam sobre as festividades realizadas no Colégio Florence, percebe-se que além dos fatos ocorridos, havia também a concepção da educação que se pretendia para às mulheres. O Elogio as maneiras educadas, os trabalhos manuais como os bordados e crochê sobressaíam aos comentários sobre os conhecimentos de botânica ou anatomia, que eram parte integrante das disciplinas examinadas. Os artigos dos jornais também registram, através da descrição dos exames, que possivelmente não havia privilégio no tratamento empregado às alunas. Invariavelmente **todas** as discentes participavam das atividades festivas. As que possuíam poucos dotes musicais declamavam poesias ou faziam parte dos coros e as que mais se destacavam, como era o caso de Maria Monteiro, recebiam apenas um ramalhete dos convidados. Não houve, nos documentos consultados, registros sobre premiação, por parte da direção ou dos professores do estabelecimento. Isso apenas estimularia a competição.

As apresentações individuais eram sempre acompanhadas por algum professor, ao piano, ao violino, ou outro instrumento. Nas encenações das comédias, operetas ou dramas participavam geralmente várias alunas, utilizando temas relativos aos conhecimentos adquiridos em aula, de forma que o trabalho socializado visava, eliminar à rivalidade, inveja ou soberba. A pedagogia de Pestalozzi, por exemplo, pautava-se nesses princípios de cooperação entre os educandos.²⁴

Já o Colégio do Patrocínio de Itú, publicava mensalmente as melhores notas de suas alunas e essas tinham como praxe, o costume de oferecer seus cadernos à Superiora da instituição.²⁵

Não havendo premiação ou competição, as alunas poderiam admitir suas limitações e defeitos, assim como manifestar o prazer por novos conhecimentos e atividades que envolviam a sociabilização.

Percebe-se também, pelos programas de exames e festas, editados pela imprensa ano a ano, a interação da Família Florence na instituição e a permanência duradoura dos professores que fizeram parte do quadro docente. O entrosamento constante pode ter contribuído para o desenvolvimento educacional da instituição.

É preciso não esquecer nesse momento que os teutos atribuíam muita importância para a vida em família, como já afirmei anteriormente. Tanto isso faz sentido, que em muitas correspondências é possível verificar que os laços com os parentes se revelavam muito fortes. Na listagem das alunas e professores, além dos filhos e a irmã de Carolina Florence, conforme mencionei, encontrei seu seu esposo, enteados e sobrinhos. Os apelidos,

²⁴ *"Partidários destes princípios, este educador condena a emulação como procedimento pedagógico. Não se deve estimular em excesso a competição e a concorrência entre as crianças. - Os quadros de honra e os boletins acadêmicos publicados pela imprensa com a relação nominal dos alunos mais adiantados são abolidos, da mesma forma que os exames aparatosos e solenes."*(Vidigal de Moraes, **O ideário republicano e a educação**, p. 322).

²⁵ A prática do Colégio do Patrocínio, de Itú, facilitou muito o trabalho daqueles que pesquisaram a instituição, afim de observarem o conteúdo das disciplinas. As alunas do Colégio Florence não deixaram registro de suas atividades nas mãos de sua diretora, tanto na documentação pesquisada, nas cartas e registros em poder dos descendentes da família não encontrei nenhum apontamento das disciplinas.

geralmente afetuosos, também são expressões de intimidade, como Yayá (Evangelina) Lina (Carolina) Willy (Guilherme) Zinha (Cândida) entre outros.

Se a sociedade imperial desejava que a educação das mulheres fosse mais apurada para se relacionarem com grupos sociais distintos, possivelmente o Colégio Florence, além da educação fundamentada em novos métodos educacionais, deve ter atingido esse objetivo.

Além de aprenderem o que lhes era solicitado (línguas, música e trabalhos manuais) as alunas do Colégio Florence tiveram acesso a uma educação diferenciada das ensinadas nos colégios religiosos.

Constatei que a educação do Colégio Florence só pôde ser administrada para as filhas das famílias abastadas. As mulheres empobrecidas ou mesmo da camada intermediária ficaram praticamente a margem do ensino.²⁶ O ensino primário, no período imperial, na cidade de Campinas, era subvencionada pela iniciativa particular.²⁷ As poucas escolas públicas enfrentavam dificuldades para se manterem. Mobiliário de má qualidade, remuneração deficitária aos docentes, e precariedade de material didático e teorias educacionais empregadas. Isso é registrado por Rodrigues:

"...as aulas de primeiras letras, salvo raras exceções, não inspiravam a menor confiança, seja por parte do governo, seja por parte dos pais, pois a incapacidade dos mestres, assim como a mentalidade de que a frequência às escolas públicas era reservada a alunos pobres e sem meios para terem em seus lares professores particulares, comprometiam seriamente a execução dos dispositivos legais. O ensino em S.Paulo tateava entre ensaios e erros."(Rodrigues, **A instrução feminina em S.Paulo**, p.94).

²⁶ O Ato Adicional de 1834, que delegava as províncias o ensino primário, propiciou uma educação pública precária e deficiente. Além disso, no Brasil escravocrata, as mulheres negras não tinham acesso à educação e as brancas empobrecidas realizavam serviços como criadas ou se prostituíam.

²⁷ Na cidade de Campinas, foram fundadas várias escolas gratuitas por iniciativa de associações particulares. Como exemplo, o Asylo de Orfãs, Escola Correia de Mello, Escola da Loja Maçônica Independência, entre outras.

Quanto ao material didático, os compêndios adotados pelas professoras do ensino público, eram adotadas aleatoriamente. Com exceção da Constituição do Império e do Catecismo de D. Antonio Joaquim de Mello, não foram impostos por regulamentações governamentais.

*"Daí encontrarmos, nos diferentes relatórios, uma variedade de títulos de livros. Todavia eram mais apreciados o Silábrio Português de J.R.Galvão, A aritmética de Jardim, Gramática de Cyrillo, História Patria de Américo Brasiliense e os livros de leitura, em três graus, de "Abílio", "César Borges" (Rodrigues, **A instrução feminina em S.Paulo**, p.94).*

Ainda em 1886, quase no final do II Império, o Jornal "O Diário de Campinas" escrevia no seu editorial sobre os móveis escolares públicos. Isso porque, na visita que o Imperador fez à Província, e a cidade de Campinas, pode o monarca observar:

"o quanto é imprestável, indecente, e prejudicial a mobília fornecida às escolas públicas. Compõem-se ella na generalidade de bancos de pares mal feitos e incommodos para as pobres crianças que têm de permanecer na escola por espaço de cinco horas enfadonhas, que equivalem a um supplicio lento que o nosso governo impõe aos que precisam de sua parca e defeituosa instrução gratuita. As mesas destinadas para os alumnos escreverem ou são muito baixas ou então extremamente altas. E em algumas escolas públicas os caixões vãos cobertos com um panno servem de mesa e banco, pois as mobílias que ahi existiam desapareceram imprestáveis" (Jornal "O Diário de Campinas", seção editorial, 24 nov 1886).

Todos esses fatores acima descritos demonstram que a situação das escolas públicas diferia do Colégio Florence. No próximo capítulo, procuro explicitar como se deu a formação do quadro de docentes do Colégio Florence, dificuldades de contratação, bem como os professores realizaram suas atividades na instituição.

CAPÍTULO III

O CORPO DOCENTE DO COLÉGIO FLORENCE

" ... saudosas recordações do meu
passado de professor. D.Carolina Florence e
o Colégio Florence são dois capítulos da minha
história que abro e quando o desalento começa
a invadir minha alma, nunca os
fechei sem ter neles encontrado a animação procurada."
(João Kopke - 1884)

CAPÍTULO III

O CORPO DOCENTE DO COLÉGIO FLORENCE

Desde o início, Carolina Florence procurou ter, em seu estabelecimento, professores da melhor qualificação possível, tanto no que diz respeito aos nacionais como aos estrangeiros. Viajou muitas vezes para a Europa para descobrir educadores que poderiam contribuir com as suas experiências no campo da educação e melhorar o ensino no Colégio Florence. Trouxe da Alemanha muitas professoras novas e com boas idéias, além de exigir referências antecipadas. Dessas, muitas ficaram lecionando por muito tempo na instituição. Quanto aos docentes do sexo masculino, suas contratações ficaram restritas ao âmbito nacional.

A primeira professora alemã de que se tem registro foi a sra.Emília Krafth e, depois dela, vieram outras que aumentaram a experiência da diretora com a contratação de docentes estrangeiros. Em 1895, em carta à Candida Florence ela reconheceria essa prática:

Querida Candida:

"Com a mudança de professora (pois d.Emma e Elizabeth nos deixam por esses dias) tenho trabalho de guiar as novas professoras. Os modos de tratar as meninas na Alemanha são diferentes, mas as

vezes esta senhora faz lembrar d.Emília Kraft, a primeira professora que veio da Alemanha. O que vale é a grande prática que temos no trato das pessoas que chegam novamente."(Carta de Carolina Florence a Candida, filha do 1o.casamento de Hércules Florence. Jundiaí 2 Abr 1895.)

Encontrei registros de duas candidatas residentes na Europa, à vaga de professora no Colégio Florence, quando a instituição ainda estava sendo estruturada. Os conteúdos traziam os questionamentos que estas mulheres faziam, quando pensavam em partir da "civilização ilustrada" para um lugar desconhecido, onde a esperança de conseguir um certo conforto era a mola propulsora de grandes mudanças. Em uma carta enviada logo no início da criação do Colégio, em 1866, para uma pessoa incumbida de contratar uma professora para o Florence, uma candidata da Província de Hadelrsleben narra as condições financeiras e profissionais que possuía para a obtenção do emprego. Nesse relato interessante podem ser vistas as necessidades que o emigrante europeu sentia, suas dificuldades em entender o valor da moeda em diferentes países e também a sinceridade da proposta e seus objetivos concretos:

Mme.Caroline:

"Minha mãe acaba de me comunicar o lugar no Brasil que está a alguns meses vago, porque a senhora que o havia aceitado desistiu do seu contrato. Ao mesmo tempo, entretanto, mamãe me faz conhecer as condições na qual você estaria autorizada a contratar uma ajuda a madame Florence. São estas, muito diferentes das que no tempo de Mlle.Eyler tinha dito. Em um mal-entendido, ela tinha tomado 600 mil réis por 600 escudos da Espanha, o que resultaria um pouco mais do dobro do salário concedido por Madame Florence. Seiscentos mil réis são bons vencimentos para o Brasil. Isso não seria o mesmo para a Alemanha. Se eu aceitasse fazer uma viagem para o

Brasil, nesses lados longínquos, seria pela perspectiva de poder lá reunir um pequeno capital afim de me manter de alguma sorte, pois só assim eu deixaria tudo, pátria, pais amigos, para viver no clima dos trópicos...

Assim eu me decidiria partir logo, caso me garantisse um salário em torno de 150 mil libras esterlinas e pagasse a viagem inteira de primeira classe em barco a vapor e depois da estadia de alguns anos, me pagasse o retorno.

Outra coisa seria necessário: ser hospedada com refeições e lavagem de roupa na casa. E em seguida, após um contrato definitivo, eu pediria um prazo antes de partir da Alemanha, de alguns meses. Esse tempo seria necessário, seja para me desligar do lugar que eu ocupo aqui, seja para me equipar.

Mas na mudança, eu me encarregaria de ensinar tudo aquilo que é necessário a instrução de jovens moças. Assim tão bem quanto o ensino dos conhecimentos geraes tanto quanto das línguas alemãs, inglesas e francesas. Durante uma longa estadia na França eu tive, sobretudo, a ocasião de estudar a língua desse país e poderia por consequência ensina-la especificamente. Quanto a música eu direi francamente que executo pouco, mas como conheço a teoria posso ter um certo sucesso dando as lições de piano e canto. Seria um pouco próximo da mesma coisa para o desenho. Ensino sem desenhar muito bem. Após o que acabo de dizer no começo de minha carta, proponho a aguardar o aceite ou não de minhas pretensões. Mas vos agradeço madame, que vós tendes se dirigido a mim e ter-me permitido expor minha opinião sobre esse assunto. Aceite meus sentimentos mais distinguidos. E. Abensar " (Carta da Alemanha de 17 fevereiro 1866).

Os riscos para o contrato de uma educadora européia envolviam vários fatores que me permite supor que havia bons profissionais trabalhando no Colégio Florence. O vínculo empregatício era muito tênue e de

graves consequências para a instituição. Havia a possibilidade de o docente não se adaptar e o contrato estar firmado por tempo determinado. A experiência profissional relatada em cartas não assegurava que o cotidiano da sala de aula tivesse sucesso. O feitiço rígido da educação dos alemães contrapunha-se à forma com que as brasileiras deveriam ser educadas. Entretanto, as dificuldades inerentes a essas contratações não foram empecilhos para a diretora da instituição, buscar auxiliares da tarefa educativa, nos países europeus. Pensava ela, a meu ver, que com a ajuda desses educadores, que se formaram a partir dos mesmos princípios que ela, poderia solidificar uma instituição de ensino nos moldes que conhecia e acreditava.

Nessas contratações realizadas por Carolina Florence, havia casos de professoras que se encontravam em situações financeiras difíceis e a vinda, para o novo continente, estava atrelada à necessidade de se manter a si própria e àqueles que lhe eram dependentes:

"Paris, 15 mar 1868 (Em francês):

Madame, a carta aqui junto de Mlle. Winkelman vos explicará porque tomei a liberdade de solicitar vosso interesse em me encontrar empregada como educadora do outro lado do mundo. Como aluna de Melles. Biernatriski e Wilkeman, esta me encorajou de vos escrever essas linhas, além do mais eu sempre ouvi falar de vós pelas Mlle. Harries, minha prima que a encontrou em uma de suas viagens. Isso porque vos peço de se interessar, se for possível, em meu favor. Não há mais do que um ano eu me decidi a favor desse empreendimento. A morte de minha mãe quase me deixou sem parentes, excetuando minhas irmãs e irmãos. Alguns estabelecidos, outros estudantes ainda. Como eu não tenho fortuna é preciso trabalhar com todas as minhas forças para obter a minha independência no futuro. De forma que é necessário tentar.

Eu compreendo que é preciso uma grande resignação para renunciar a inteligente sociedade da Europa, mas no nosso país uma educadora não consegue fazer economias. Por outro lado, para poder corresponder as pretensões é preciso ter bons

conhecimentos e como eu vivi longo tempo numa família inglesa onde tive a oportunidade de aprender inglês, desejo aperfeiçoar-me aqui em Paris na língua francesa. Permita-me acrescentar que sei ensinar os diferentes ramos de uma educação esmerada. Uma experiência de vários anos em duas famílias, cujas filhas concluíram seus estudos sob minha direção, assim como em uma das primeiras instituições de Dresden me autorizam a produzir suficientes recomendações. Não me resta nada a dizer além de pedir perdão de vos haver incomodado por tão longo tempo. Aceite, madame, minhas saudações mais distinguidas. Marie Garolthausen." (Carta enviada da França em mar 1868).

Com os qualificativos que os docentes contratados no exterior possuíam, os vencimentos que recebiam não poderia ser pouco, o que aumentava as despesas financeiras da instituição que tinha dificuldades em manter-se no início, por razões anteriormente já apontadas.

3.1 - PROFESSORES DO COLÉGIO FLORENCE

Durante os vinte e cinco anos em que o Colégio Florence permaneceu na cidade de Campinas, foram muitos os professores que por lá passaram e contribuíram para o aprimoramento do ensino. Infelizmente, não tive acesso às informações relativas as atividades de todos os professores.

O número de docentes girava em torno de seis a dez. Em 1872, num anúncio do jornal "A Gazeta de Campinas" o estabelecimento aparece com um corpo docente de sete professores, sem mencionar Hércules Florence, que ensinava desenho. Dos relacionados, apenas o professores de Doutrina Cristã, Reverendo Lima e de Gramática Portuguesa, Sr. Francisco Almeida, eram brasileiros. No cabeçalho do corpo do anúncio, a diretora especifica que o estabelecimento que dirige tem a intenção de proporcionar uma educação nos moldes europeus, bem a gosto do que a sociedade brasileira

solicitava:

"O ensino e a Educação da mocidade tem-se tornado hoje uma questão do mais incontestável interesse e que merece todo o nosso esmero, visto que nella repousam o progresso moral e a felicidade de nós todos. Animada por essa observação, tenho trabalhado constantemente para adequar meu collégio, às exigências da nossa época.

Pela chegada de uma nova professora vindo da França, onde tem ensinado por vários annos depois de ter feito seus estudos na Alemanha, ser-me-ha possível dar mais desenvolvimento ao meu collegio e merecer de mais a mais a confiança dos pais que me encarregaram da educação de suas filhas."(Jornal "A Gazeta de Campinas, seção anúncio, 19 set 1872.)

No mais antigo documento que informa sobre o colégio, encontrei nomes de alguns professores que podem ser considerados os mais antigos.

No Relatório enviado por Hércules Florence, ao Inspetor de Instrução Pública, Diogo de Mendonça, em 24 de dezembro de 1867, havia a menção de **D. Ignácia Camargo**, por exemplo, como professora de História Sagrada, Geografia, Aritmética e Francês. Posteriormente, essa senhora fundaria o seu próprio colégio para meninas.

Ao contrário dos colégios religiosos femininos que adotavam o princípio de terem como professores apenas religiosas, o Colégio Florence contratava docentes do sexo masculino e feminino.

3.1.1 -PADRE VIEIRA

Dos professores mais antigos, o **Padre Vieira**, que

lecionava "História Sagrada", tornou-se mais tarde o Bispo do Ceará.

Joaquim José VIEIRA, nasceu em Itapetininga, em 17 de janeiro de 1836. Filho de Manuel José Vieira e Maria Teodolinda de Souza, ingressou muito moço no Seminário Episcopal e foi ordenado por D.antonio Joaquim de Melo em 1860. Foi nomeado vigário de Paraibuna de onde se transferiu para Campinas. Em 1883 foi indicado para a Diocese de Fortaleza e sagrado em 09 de dezembro de 1884 na cidade de Campinas. Faleceu em 8 de julho de 1917.(Manoel, Igreja e Educação Feminina, p.147).

3.1.2 - THEODORO JAHN

No início da década de 70, ministrava aulas no Colégio Florence e na Escola Alemã, ²⁸ o professor alemão **Theodoro Jahn**. Lecionava, além de Música, Desenho e Aritmética. Era o professor de canto da cidade de Campinas. De acordo com o "Almanaque de 1871", fez parte da primeira diretoria do Clube dos Alemães Concórdia, fundado em 17 julho de 1870. Anna Krug Kupfer cita-o em seu diário como um dos grandes incentivadores dos eventos sociais. Deu aulas particulares na cidade do Amparo: *"Foi aberta pelo prof.Tomazini e sua senhora (espanhóis) uma escolinha na fazenda chamada **Paiol** e mais tarde **São Francisco**, de propriedade de D.Escolástica de Araujo Cintra, entre as terras de Amparo e Serra Negra. As aulas assistiam tôdas as crianças da família. Os professores de música foram o alemão Theodoro Jahn e o italiano Mazzuli..."* (Rodrigues, **A instrução feminina em S.Paulo**, p.167) A autora, infelizmente, não menciona a data em que isso ocorreu.

Theodoro Jahn também foi diretor da Escola Alemã. É interessante notar que além de professor de música e canto, também publicou um livro na Alemanha em 1872, sobre os problemas aritméticos e como

²⁸ A Escola Alemã é atualmente a "Escola Rio Branco" localizada no Distrito de Barão Geraldo, em Campinas.

adequá-los às crianças:

*"Publicação - O sr.Theodoro Jahn, distinto professor residente entre nós, acaba de fazer imprimir na Alemanha a segunda parte da sua colleção de problemas arithmeticos **para uso das escolas brasileiras (grifo meu)**. É um pequeno livro este, mas de bastante importância attenta a sua real utilidade. Contém exercícios graduaes, sempre do mais fácil ao mais difficil, de sorte a desinvolver por um jogo adequado o desenvolvimento das faculdades mentaes da infância, n'um estudo de que só o methodo póde varrer o enfado para cabeças juvenis. Quanto nos pareceu de rapida leitura feita, o sr.T.Jahn alcançou no seu pequeno compendio tornar acessivel átenra compreensão das creanças as materias respectivas adaptando-lhes uma forma simples e estabelecendo na eschola dos problemas todos uma natural conexão, de modo que o seu trabalho presta um valioso serviço á causa da instrução popular.(Jornal "A Gazeta de Campinas, secao noticiário, 07 mar 1872).*

Theodoro Jahn aparece nos documentos como docente do Colégio Florence até o ano de 1876.

3.1.3 - EMÍLIO HENKING

A partir de 1877, o professor de aritmética e de música da instituição Theodoro Jahn é substituído pelo austriaco **Emílio Henking**, que assim como seu antecessor também lecionava aritmética. Presumivelmente ficou no Colégio Florence até 1886. Também foi diretor da Sociedade Concórdia e esporadicamente era convidado para os exames finais em outras escolas. Um exemplo disso se deu no Colégio fundado por D.Ignácia Camargo, quando, em 1878, " examinou a classe de arithmetica" (Jornal "O Diário de Campinas" 01 jan 1878). Também em 1878 aparece como professor das aulas

noturnas da Loja Maçônica Independência: *"A Gazeta de Campinas de 25 de abril de 1878 informa a ampliação dos cursos da aula noturna, que a partir de então constaria de gramática da língua portuguesa, aritmética, geometria, geografia e história pátria, lecionadas gratuitamente pelo sr.Emílio Henking"*(Moraes, **O ideário republicano e a educação: O Colégio Culto à Ciência**, p.110).

Nesse mesmo ano, resolve abrir, com exclusividade em Campinas, um curso de cítara, um instrumento ainda desconhecido da sociedade local:

"O estimável professor sr.Emílio Henking anuncia hoje por esta folha que pretende abrir um curso de cythara, manioso e poetico instrumento de corda que com a maior facilidade pôde se aprender. O sr.Henking reside a muitos annos nesta cidade e goza justa fama de professor activo e habilitadíssimo. Ao publico recomendamos os anuncios que se referem ao curso de cythara."
(Jornal "A Gazeta de Campinas, 21 mar 1878).

Esse professor casou-se com a irmã de Carlos Gomes, d.Joaquina Gomes, também professora de música.²⁹ Dos filhos que tiveram, consta no jornal "A Gazeta de Campinas", o falecimento de sua filha de 3 anos, coisa muito comum na época, considerando as dificuldades de prevenção de doenças no período. Entretanto, desse matrimônio existiriam filhos que também foram músicos, entre eles, destacou-se Ormênio Gomes.

Emílio Henking também fundou, mais tarde, uma escola de música,em parceria com a esposa d.Joaquina, *"que devido a epidemia de febre amarela na cidade de Campinas, mudou-se para Valinhos, onde o*

²⁹ D.Joaquina Gomes tocava muito bem piano. Em 4 de fevereiro de 1871, quando Carlos Gomes regeu no Teatro São Carlos com a grande orquestra da Sociedade Artística Beneficente, o bailado do Guarany, sua prima executou juntamente com ele, a quatro mãos a peça ao piano. (Guimarães, **A Campinas de Meus Pais**, p.27).

marido Henking faleceu. Mudando-se mais tarde para o Sacramento, Minas Gerais. Essa família parece ter se extinguido por completo." (Kupfer, **Diário**, s.d.)

3.1.4 - CAMPOS DA PAZ

Existiram dois Campos da Paz durante a segunda metade do século XIX trabalhando com Educação. As referências encontradas sobre o prof. Campos da Paz não esclarecem qual deles teria sido docente do Colégio Florence. (**Monografia Histórica do Município de Campinas**, p.398).

Diretor do Colégio Culto à Ciência, em 1881, (Moraes, **O ideário Republicano e a Educação: O Colégio Culto à Ciência**, p.190) o Dr. Alfredo Augusto Campos da Paz, pertencia à maçonaria, com grau 09. Arthur Fernandes Campos da Paz causou grande polêmica em 1878 com suas compreensões modernas sobre a maneira de como educar uma criança.

Em 1878, Arthur Fernandes Campos da Paz realizou uma conferência no Teatro Rink, de Campinas, sobre como educar uma criança. Um cronista do jornal "O Diário de Campinas" publicou uma crítica jocosa das idéias apregoadas na conferência:

"Tractando-se da educação moral, o orador occupou-se da "creança" estudando-lhe a índole e procurando provar que o mal da infância reside na obstinação dos paes em contrariar-lhes as inclinações. O orador quer que se abandone a creança a lei da natureza. Se lhe dermos um brinquedo, e a creança depois de lhe tictar os olhos grandes admirados, quebral-o, regosijemo-nos porque o nosso filho estuda-lhe a comprehensibilidade, a elasticidade, todas as suas propriedades physicas..."(Jornal "O Diário de Campinas" Seção particular, 23 jun 1878).

O Jornal "A Gazeta de Campinas", por sua vez comentaria que:

"as opiniões do illustre sr.dr.Campos da Paz são realmente dignas de reparo, e por nossa parte devemos dizer que, conquanto revelem ellas o talento brilhante de seu author, não são todavia absolutamente aceitáveis fóra dos largos dominantes da theoria." (Jornal "A Gazeta de Campinas", seção noticiário, 13 jul 1878).

A resposta veio da seguinte forma, pelo sr.Arthur Campos da Paz:

"Não querendo acreditar que o illustrado Chronista fosse propositalmente levado a uma crítica pouco judiciosa, sou forçado a crer que s.s. não prestou grande atenção ao que ouviu. O que entende s.s. em abandonar uma creança à lei da natureza? Entende sem dúvida o que está no arrimo de todos; isto é: abandonal-o a seus próprios recursos, em luta aberta com os elementos naturaes, em uma idade em que não lhe é dado ainda resistir. Seria isso tão grande absurdo que s.s. far-me-ha a justiça de não acreditar que eu quizesse isso. O que eu disse que a boa educação queria era que, despindo a auctoridade sempre vexatoria, quando não se estriba em real superioridade, guiassemos a creança segundo o processo ensinado pela natureza. (...).

Ora, velar assim constantemente sobre a educação intellectual da creança arredando do caminho as difficuldades que ella possa encontrar, deve ser o papel do preceptor e creio que por isso não éabandonal-a a ter da natureza e sim guial-a segundo a natureza.(..)

Disse o orador: "Quando virdes vosso filho tomar um papelsinho e chegar-o á luz, nao lh'o tires da mão, deixar que o fogo lhe toque os dedos, a creança faz aquilo porque quer conhecer as propriedade do fogo". Nada teria a responder se o illustrado crhonista não tivesse ommitido a parte

mais importante da preposição emittida por mim sob a auctoridade de Spencer. Isto é: Adverti a creança do perigo que a ameaça: se ella insitir deixai-a. Se assim o fizerdes ella adquirirá um conhecimento útil, isto é, ficará sabendo ainda que lhe fallaste á verdade; e se em outras occasiões identicas fizerdes o mesmo, ella se habituará a acreditar-vos e até mesmo a vos perguntar se pode ou não fazer isto ou aquillo sem perigo algum. Se lhe tirardes o papelsinho, perdeis o ensejo de lhe oferecer a natureza de ficar conhecendo uma das propriedades do fogo, e ameaçais com as dores d'uma queimadura que ella desconhece e suffocais (mais tarde, e talvez irromperá forçosamente mais tarde, e talvez, com um fóco de combustão mais enérgico, quando não estiverdes presente para evitar com a vossa intervenção um maior mal. Se vosso filho tiver sido educado por esse systema, não terá desejo de pôr fogo ao barril de polvora em vossa ausencia, quanto mais estando vós presente, vós, que elle venera, porque sois para elle a resolução de todos os problemas que lhe desperta a contemplação da natureza.."(Jornal "A Gazeta de Campinas" seção particular, 13 jul 1878).

Arthur Fernandes Campos da Paz daria vários exemplos da Educação de Spencer, nos quais respaldava-se. Dizia ainda que o bom sistema de ensino não é fazer decorar e **explicar** o que o discípulo tem decor, porque ele teria de decorar antes de compreender.

"O mais rasoável é explicar de modo que em o minimo esforço a creança possa comprehender, e feito isto comprehende o illustrado crhonista que a memória, sem que lh'o encomendamos, incumbir-se-a de reter os conhecimentos adquiridos pelo raciocínio." (Jornal "A Gazeta de Campinas, seção particular, 13 jul 1878).

A teoria propagada pelo dr. Campos da Paz era uma novidade pedagógica para a sociedade campineira que ainda não se encontrava familiarizada com métodos tão diferenciados dos empregados até então.

No ano posterior a essas críticas o jornal "A Gazeta de Campinas" receberia de Arthur Fernandes Campos da Paz, uma cópia de sua tese, como prova de seu progresso pedagógico:

"Fomos obsequiados com um exemplar da these defendida do Rio de Janeiro, pelo sr.dr.Arthur Fernandes Campos da Paz, que ha tempos fez uma brilhante conferência n'esta cidade." (Jornal "A Gazeta de Campinas", 23 jan 1879).

Quanto ao ex-diretor do Culto à Ciência e professor do Colégio Florence, Alfredo Augusto Campos da Paz, este mudaria-se-ia para Lorena em 1882 e faleceria na Corte no ano seguinte. (Jornal "O Diário de Campinas", seção noticiário, 28 jan 1883). ³⁰

3.1.5 - FRANCISCO CALDEIRA

Não tive até o momento dados sobre as atividades desenvolvidas pelos professores Francisco Caldeira. No entanto, o mesmo é citado na bibliografia encontrada como ilustre membro do Colégio Florence. (Florence, **Album do bi-Centenário de Campinas**, s.p. e Relatório de Hércules Florence, para o Inspetor de Instrução Pública da Província de S.Paulo - ano de 1867 -Coleção Cyrillo Hércules Florence)

3.1.6 - RANGEL PESTANA

Causou-me estranheza a passagem silenciosa de Francisco Rangel Pestana como professor dessa instituição apesar de ele ser

³⁰ Os documentos pesquisados referem-se ao professor que deu aulas no Colégio Florence como "Dr.Campos da Paz" (Monografia Histórica de Campinas, p.398). Existindo dois Campos da Paz no período, não consegui maiores informações sobre qual seria o docente do Colégio Florence.

citado como pertencente ao quadro docente. Não há notícias na imprensa ou nos registros oficiais, apesar de ter sido jornalista. É sabido que, em 1872, pouco depois da fundação do "**A República**", jornal republicano, o jornalista e advogado em questão transferiu-se para Campinas:

"a dar creditos às notícias do jornal, o no.6 da "A República", tal transferência deveu-se por motivos de saúde. Evidentemente, Rangel Pestana, em Campinas, participaria do corpo de redatores da Gazeta de Campinas em 05.04.1872 estando já recuperado, Rangel Pestana retorna ao Rio de Janeiro." (Gebara, **Campinas 1869-1875. Republicanismo, Imprensa e Sociedade**, p.92).

Em outro depoimento sobre a passagem de Rangel Pestana por Campinas, o mesmo é relatado de outra forma: deixa o Rio de Janeiro em 1872 para fixar residência em Campinas, onde:

*"exerce a função de professor nos colégios Morton e **Florence** (grifo meu), então famosos na província. Antes de ocupar o cargo de diretor da "Província" havia sido redator do jornal Correio de S.Paulo. Rangel Pestana é visto por J.M.dos Santos como um dos elementos radicais do PRP (Partido Republicano Paulista) e sobre ele consta que "sendo casado numa família de agricultores campineiros, libertou-se sem demora alguns escravos herdados por sua esposa" e por causa de suas posições "chegou a sentir-se seriamente ameaçado em sua vida, conquanto jornalista, professor e homem público, estivesse longe de poder ser tido como fazendeiro."* (Santos, **Os republicanos paulistas e a abolição**, p.185).

Foi casado com d.Damiana, irmã de outro republicano importante da cidade de Campinas, Francisco Quirino dos Santos, seu antigo

companheiro da Academia de Direito de S.Paulo e proprietário do Jornal "A Gazeta de Campinas".

De acordo com a Profa.Dra.Maria Lucia Spedo Hilsdorf, que escreveu tese de doutoramento sobre Rangel Pestana, não foram encontrados indícios que comprovassem sua passagem nesse estabelecimento, a não ser da "Monografia Histórica sobre a cidade de Campinas", de José Lourenço Rodrigues. Cita o fato de que é intrigante esse momento da vida de Pestana. O silêncio de sua atuação fica como um hiato na historiografia do colégio. Rangel Pestana não tratava de Educação nos artigos que escrevia nos jornais, ato que realizaria diversas vezes posteriormente:

"Em nenhum momento sua pena mergulhou na tinta espessa dos complexos problemas que envolviam a instrução pública e particular da época. Não o faz nem como uma preocupação doutrinária, nem levado por razões circunstanciais. Mesmo tendo participado, por exemplo, da reunião na qual se decidiu pela criação do Colégio Internacional e assinada com os demais presentes a ata dessa assembléia, e posteriormente aí lecionado, R.Pestana não escreve sobre essa experiência. Mais tarde falará sobre sua vivência nesse colégio, um dos pouquíssimos relatos emocionados que encontramos nos seus escritos mas, em outro jornal, na Gazeta. Esse silêncio de Pestana é desconcertante, tanto mais que ele teria muitos motivos para escrever abundantemente sobre essa questão. Em primeiro lugar porque ele teria muitos motivos para escrever, porque era uma "questão de atualidade", intensamente discutida pelas elites culturais da sociedade brasileira da época: o movimento em prol da instrução popular agitara o país impulsionando sobretudo pela iniciativa privada. Depois, porque ela era parte, como já vimos, de sua tradição jornalística desde os tempos da Academia, e também porque, durante esse quinquênio de 1870-74 Pestana vivenciou a prática pedagógica em vários colégios." (Hilsdorf, **Francisco Rangel Pestana: Educador, Político e Jornalista**, p.76).

No registro de Guimarães, relator de datas importantes do 2o. Império sobre a cidade de Campinas, declara: "*Rangel Pestana, que lecionava língua Portuguesa e retórica no **Colégio Florence** (grifo meu) e no Colégio Morton, dirigia-se a Américo Brasiliense, pedindo-lhe que não se descuidasse de procurar uma casa (na capital) para a "Província de S. Paulo"*" (Guimarães, **A Campinas de meus pais**, p.32) Como essa obra é apenas de um registro de família, não contém informações complementares sobre o assunto. Parece interessante registrar esses dados por dois motivos: o primeiro é que parece confiável essa declaração, considerando que as datas registradas de outros eventos apresentam-se corretamente e, em segundo lugar, porque é o único informe que encontrei indicando as disciplinas que o mesmo ministrou no Colégio Florence.

Em épocas posteriores a esta, Rangel Pestana viria ao colégio como apreciador da conferência realizada - e já citada - pelo professor João Kopke, em 1883.

É interessante ressaltar que Rangel Pestana, assim como outros professores do Colégio Florence, anos mais tarde fundaria o seu próprio colégio - O Colégio Pestana - na capital da Província, destinado à educação de mulheres e que teve curta duração.

3.1.7 - JULIO RIBEIRO

Muito ter-se-ia para falar do Professor Julio Ribeiro e sua importância para o Colégio Florence. Considerando o fato de que a instituição tinha dificuldades em encontrar um bom professor de língua portuguesa não poderia ter encontrado um dos melhores e dos mais prestigiados filólogos da época. Em 1876, Julio Ribeiro chegou a Campinas como professor dos colégios "Internacional", "Culto à Ciência" e "Florence", fixando residência nessa cidade até 1882. É interessante notar que, no ano

seguinte, o jornal "A Gazeta de Campinas" noticiava uma denúncia sobre roubo e foi Julio Ribeiror que teve seus bens furtados e dentre os objetos que lhe tiraram indevidamente, além de roupas, relógios, constava seu diploma da maçonaria, o que presumivelmente sugere seu envolvimento com essa entidade. ("Jornal Diário de Campinas", seção noticiário, 22 mai 1877).

No final de 1878, o gramático mineiro anunciava no Jornal "A Gazeta de Campinas" que escreveria uma nova gramática portuguesa (Jornal "A Gazeta de Campinas, seção noticiário, 8 dez 1878). Em 1880, tornou-se colaborador do Jornal "O Diário de Campinas" com artigos que dariam uma nova sustentação a essa publicação. Finalmente, em 1881, dedicou a 1ª edição de sua **Gramática Portuguesa** a 15 pessoas, sendo 9 estrangeiros e 6 brasileiros. Dentre elas a diretora do "Florence", Carolina Florence.

Consultado nas "Cartas Sertanejas" no IO sobre quem o havia ajudado na publicação da sua gramática e, percebendo que esta pergunta surgiria a benevolência dos republicanos, o mesmo responderia:

*"Diz o campeão da transigência que eu publiquei a minha GRAMÁTICA com o **auxílio exclusivo** dos republicanos. Pois não terá mesmo pudor o homem? Só do venerando Visconde de Indaiatuba, de saudosa memória, e do ilustre mineiro Pereira Lima, recebi eu mais auxílios do que todos os republicanos juntos. A **adorável senhora Carolina Florence** (grifo meu), e o distintíssimo estrangeiro, Manoel José da Fonseca, subsidiaram-se largamente na publicação do trabalho." (Teixeira, **Cartas Sertanejas**, carta 25 abr 1885).*

O estrangeiro citado por Julio Ribeiro tratava-se do sr. Fonseca, residente em Jundiá, grau máximo da maçonaria (33), professor da Escola Noturna da Loja Maçônica Independência e pai de Ruth Fonseca, ex-

aluna e professora do "Florence".³¹ A Gramática de Julio Ribeiro teve boa repercussão na Província. As críticas favoráveis partiram de fora do país. Em 19 de fevereiro, o jornal "A Gazeta de Campinas" noticiava que dois homens eminentes de Paris, grande linguista Abel Hovelaque e André Lefèvre consideraram a obra de Julio Ribeiro um trabalho de valiosa significação. (Jornal "A Gazeta de Campinas" 19 fev 1882). Em março, receberia elogios de um escritor Russo³², para finalmente, em Abril ser adotada no Colégio Pedro II e depois na Escola Normal da Corte.

No final de 1882, Julio Ribeiro se despedia do Colégio Florence, depois de ter contribuído para o seu engrandecimento e fundava, na cidade de Capivari, um colégio com o seu nome. Assim como seus colegas docentes, tinha também a característica de escrever livros e fundar sua própria escola...Em maio de 1886, o jornal "A Gazeta de Campinas" anunciava-o como professor interino da Cadeira de Português da Escola Normal (Jornal "A Gazeta de Campinas, 8 mai 1886). Entretanto, apesar da "Gramática Portuguesa" ter tido a relevância citada, Julio Ribeiro seria conhecido como o mineiro que escreveu o romance "A Carne".(Fernando de Azevedo, **A Cultura Brasileira**, p.343).

³¹ Manuel José da Fonseca, republicano, foi professor do Colégio Culto à Ciência, assim como Julio Ribeiro. Além de dar aulas gratuitas na Escola Noturna da Maçonaria Campinense: *"Foi saudado por iniciativa do sr.Francisco Glicério como o estrepitoso e unanime viva! - o sr.Manoel José da Fonseca, espirito cheio de dedicação pela causa do progresso e talentoso professor, que,por mais de seis meses tem dirigido a aula com a maior generosidade, sem estipendio algum, enquanto a loja não tem em exercicio o professor efectivo."* (Por ocasião da inauguração da escola Noturna Maçonica Gratuita) (Moraes, **O ideário Republicano e a Educação**, p.107).

³² O escritor russo Plutão Lwovitch de Vancel, que, em S.Petersburgo escreveu em português os "Quadros da Literatura da Russia", mandou a Julio Ribeiro uma importante obra de economia politica: *"Ao exmo.Sr.Julio Ribeiro, em testemunho de estima e gratidão, - o tradutor.S.Petersburg, 14/26 janeiro de 1882).* (Jornal "A Gazeta de Campinas", seção noticiário, 5 mar 1882).

3.1.8 - MIGUEL ALVES FEITOSA

Como substituto de Julio Ribeiro, o Colégio Florence contratou outro grande expoente da língua portuguesa: Miguel Alves Feitosa. Figura de expressão, também participava como examinador a partir de 1885, sendo que, no ano de 1882, lançaria "**A Gramática das Escolas**". O trabalho foi reconhecido como importante, pois em 1884, na 3a.edição, diretores de escolas campineiras agradeciam sua obra através do noticiário de 16 jan 1884, no jornal "A Gazeta de Campinas":

*"Gramática das escolas - a respeito desta excellente e popular grammatica do illustrado professor sr.Miguel Alves Feitosa, publicou o sr.Carlos de Escobar no **Correio de Campinas**, de hontem um magnifico artigo louvando, como é de justiça, esse utilissimo compendio que tamanha aceitação vae tendo em todas as nossas escolas. A Grammatica das Escolas, de A.Feitosa, segundo o plano de Larousse, e pelo lado da grammaticologia, põe em prática as judiciosas observações de Fénelon:*

"Parece-me que é preciso limitar-nos a um methodo curto e facil. Não deis a princípio senão as regras geraes. As excepções virão pouco a pouco. O grande problema consiste em conseguir d'um individuo, o mais breve possível, a applicação sensível das regras por uma prática frequente, depois esse acha prazer em observar as minudencias das regras que a princípio seguiu sem as analysar." (Jornal "A Gazeta de Campinas, secão noticiário, 16 jan 1884).

Também encontrava-se em Porto Alegre, no "Jornal do Comércio" e em editorial escrito por Jorge Miranda, diretor do Colégio Culto à Ciência em 1886, elogios à Gramática do professor do Colégio Florence.(Jornal "A Gazeta de Campinas", seção Editorial, 6 abr 1886).

O professor Miguel Alves Feitosa, além de ter sido um

estudioso das teorias pedagógicas que surgiam na Europa naquele período, o que resultava em publicações de livros didáticos, também procurava divulgá-las a seus colegas de profissão.

Exemplo disso, é a carta localizada na Coleção Cyrillo Hércules Florence, onde Miguel Alves Feitosa solicitava à diretora do Colégio Florence que entregasse alguns livros para uma d.Armelina Lamaneres, professora e colega de Miguel Alves Feitosa. Na missiva, o professor enviava obras e os conteúdos por ele trabalhados, bem como demonstrava seu entusiasmo pelas novas teorias educacionais.

"Exma.Sra.Da.Carolina Florence:

*Tendo prometido hoje emprestar a d.Armelina meus livros de mme.Pape-Carpantier, leva-os ao portador destas linhas e peço a v.ex. o favor de entregal-o a referida professora. Eu tinha prometido o **manual dos professores** (tres volumes) de Carpantier. Acho porém, mais conveniente começar por estes a leitura dos magníficos trabalhos da illustre preceptora francesa. Esses trabalhos possu-os quase todos. São cerca de trinta volumes. Faltam-me apenas duas ou tres obras que por desleixo do comprador em Paris deixaram-me de ser remetidas quando os encomendei a quase tres anos. São obras preciosíssimas. Todas essas obras da grande autora são de um interesse extraordinário por quem procura decididamente afastar-se das velhas rotinas do ensino brasileiro. Tomo a liberdade de apresentar a d.Armelina que tão brilhantemente revelou a tempos as vistas modernas de seu método de ensino a conveniência de encetar a leitura dos livro que tenho a honra de enviar-lhe pelo explêndido volume " Enseignement pratique dans les salles d'asille". Eu irei emprestando outros livros. (Carta de 17 jul 1885, Coleção Cirillo Hércules Florence).*

A carta, enviada à diretora, revela a interação que havia entre professores e nessa troca, a vontade de aperfeiçoar o ensino ministrado.

Feitosa, em continuação à carta acima, analisava a situação da educação no Brasil:

"Não pode ser novidade para v.exma. esse fato tristíssimo. Não são positivamente luminosos os horizontes do magistério nesse país. Cada dia, cada hora as nuvens de tristeza vão sombrar a fronte daqueles que se entregam entre nós a áspera e ingrata missão educativa. Só uma cousa me salva. Só uma cousa nos alenta e vivifica através desse lutar incessante e rude contra dificuldades de toda a espécie. É o exemplo da dedicação do inquebrantável heroísmo. A sombra tutelar dessa dedicação e desse heroísmo de que v.exa. sem lisonja alguma é uma das mais valiosas personificações. A sombra dessa dedicação e desse heroísmo é grato combater. Daí me vem a coragem. Com profundo respeito, subscrevo-me de v.exma.atenção. Miguel Alves Feitosa." (Carta 17 julho 1885 em poder da Família Florence - S.P.)

O trabalho realizado no Colégio Florence conseguia ser exemplo de satisfação em decorrência de seus resultados. Foi seguido também por esse ilustre professor que em 1887 anunciava no Jornal "O Diário de Campinas" a fundação de seu Externato Feitosa" (Jornal "O Diário de Campinas" 10 dez 1887).

Com o assolamento da febre amarela na cidade de Campinas, o professor Feitosa, assim como Carolina Florence, também muda para Jundiaí com a denominação Instituto Feitosa. Em regime de internato, ficou bastante conhecido na cidade de Jundiaí. (Jornal "O Diário de Campinas, seção anúncio, 12 dez 1889).

3.1.9 - JOÃO KOPKE

João Kopke é, por excelência, o professor que mais

impulso trouxe para o Colégio Florence, em termos de atividades didáticas e recreativas, como de teorias pedagógicas e publicidade.

João Kopke, também estrangeiro, freqüentou Campinas durante muito tempo e sempre deixou marcas de seu espírito contestador nos lugares por onde passou.³³

durante uma missa, e numa atitude de desafio, noticiou na coluna do leitor a autoridade desenfreada do mesmo:

"O revdm.sr.padre Francisco de Abreu Sampaio fez retirar hontem da Matriz-Velha, onde fôra, com algumas pessoas da minha amisade, assistir ao officio da Paixão, por não pode eu ajoear-me em consequência de um tumor branco, que tenho no joelho, o que em alto e bom som, lhe declarei quando me intimou. Justamente indignado pelo procedimento de s.rvda. faço esta explicação pela imprensa, para que as pessoas que estavam presentes e que não me conhecem, não julguem mal de mim, e devidamente aquilatem o acto inqualificável de s.rvda. e decidam, se o escandalo esta da parte do fiel, que não podendo ajoelhar-se, assistia, contudo, ás cerimônias com o respeito que sabe prestar á religião que professa; se da parte do sacerdote que lança fôra do templo um fiel que não poder fazer aquilo que lhe éabsolutamente impossível. João Kopke."(Jornal "A Gazeta de Campinas, secao do leitor, 17 abr 1873).

³³ 25 Em 1880, quando Alfredo Campos da Paz era diretor do Colégio Culto à Ciência, o professor João Kopke foi convidado a dar aulas nessa instituição: *"contratado como professor o Dr.João Kopke, responsável pela montagem do Gabinete de Fisica com aparelhos importados dos EUA. Como era estrangeiro, não tinha grau na maçonaria, mas está registrado no livro de comprovação ePurificação como benemérito."* (Moraes, **O ideário Republicano e a Educação**, p.190).

Problemas com atitudes como as do padre Francisco de Abreu Sampaio e como de outros que aos olhos de João Kopke agrediam a liberdade individual dos cidadãos geralmente eram denunciados. Provavelmente isso era um reflexo do ideal progressista dos jovens que freqüentaram a Faculdade de Direito, como outros republicanos que inbuídos ainda do afã estudantil, quebraram amarras conservadoras em espaços públicos e que, mais tarde, seriam responsáveis pelas mudanças políticas que levaram à conquista da República no Brasil. (Schwartz, **Retrato em Branco e Negro**, p.44)

Precoce nas articulações educativas, já em 1874 Kopke lança um compêndio sobre o método rápido de aprender, para os seus alunos da Escola Americana. Observe o comentário no Jornal "A Gazeta de Campinas":

"Instrucção pública - O sr. João Kopke, estudante da Faculdade de Direito acaba de obzequiar com a sua obra - Methodo rápido para aprender a ler, para uso dos alumnos da Eschola Americana de S. Paulo. Facilitar os meios pelos quaes se possam obter os conhecimentos, é uma tarefa digna de applausos e que se impõem ao apreço logo à primeira vista cresce de ponto o vulto de tal serviço, quando elle intende com a intelligencia tenra das creanças, procurando amenisar o trabalho de incutir os primeiros rudimentos do ensino em animos debeis e vacillantes ainda. O livrinho do sr. Kopke nos pareceu de summa vantagem para as aulas primarias. O systhema nelle adoptado é simples, e de tal modo nelle se estabelecem as regras, que parecem-nos uns como degráus lógicos para a subida do espírito na escola dos primeiros estudos. O seu atho prestou, pois, um serviço real á causa da instrucção publica, e a nós ocorre o dever de chamar para a sua composição o cuidado e o interesse de nossos patrícios." (Jornal "A Gazeta de Campinas, seção noticiário, 22 nov 1874).

Esse método de aprendizagem teve grande repercussão na esfera pública, tanto que, em 1879, o governo foi autorizado pela Assembléia a despendar a quantia de até seis contos de réis para adquirir para todas as escolas públicas a obra do professor João Kopke. De acordo com Primitivo Moacyr:

"A lei 60 de 4 de maio autorizava o governo a contratar com o dr.João Kopke o fornecimento de cartões, aparelhos e o que mais necessário para a adoção do "Método racional e rápido de aprender" nas escolas publicas primárias." (Moacyr, A instrução e as províncias, p.385).

A credibilidade e a aceitação das teorias pedagógicas do professor João Kopke iniciou-se ainda nos primórdios de seus avanços acadêmicos.

Em 1881 pediu exoneração do lugar de professor substituto de Geografia, História e Filosofia do curso de preparatórios anexo à essa mesma faculdade de Direito, na capital, e foi para Campinas, ser professor como já foi citado acima.

Assim como aconteceu com o professor Emílio Henking, em 1883, Kopke perdeu um filho ainda novo. É bem provável que a perda tenha sido um dos motivos de sua saída da cidade de Campinas. Em novembro de 1883, João Kopke, foi nomeado professor de História e Geografia do Curso Preparatório anexo a Faculdade de Direito, na cidade de São Paulo, curso em que ele havia lecionado como substituto, em anos anteriores.

"Realisou-se na capital o concurso para provimento da cadeira de historia e geographia do curso a academia. O candidato dr.João Kopke foi plenamente aprovado, sendo examinadores os

drs. Justino de Andrade e Américo Brasiliense."
(Jornal "A Gazeta de Campinas, 03 out 1883).

Entretanto, como ele mesmo cita em carta enviada à diretora do Colégio Florence, seu convívio na Capital da Província seria por pouco tempo. Seguiu depois para o Rio de Janeiro, lugar onde não se sentiria confortável. A Corte, com seu ambiente competitivo, o forçaria a pensar em procurar uma situação mais compensadora em termos educacionais fora do Brasil. É interessante observar nessa missiva enviada à Carolina Florence, como havia um clima de intimidade entre o professor e sua ex-diretora. Os questionamentos educacionais da vida de professor são discutidos ao longo do texto.

Interessante também é notar que as preocupações que o cercavam eram muito parecidas com aquelas que observei nas cartas das professoras que enviaram as solicitações de emprego no Brasil, logo no início da vida educativa do Florence. Temas como: moradia, lavagem de roupa, salário etc. estão presentes nas diversas cartas. A diferença é que no caso presente não era alguém do "mundo civilizado" que pensava em vir para a América em busca de novas perspectivas. Ao contrário, era um docente, estrangeiro de natureza, mas já profundamente abasileirado no que diz respeito aos costumes e cultura, que se arriscava a seguir para o continente Europeu atrás da possibilidade de poder aplicar aquilo que aprendera. Nesse sentido, as preocupações eram pormenorizadas, principalmente em relação ao fato de ser um docente do Brasil no final do II Império, com idéias republicanas, e às suas dificuldades em adaptar-se à vida e aos costumes de outro país:

"Rio de Janeiro, 13 janeiro de 1884
Da Carolina Florence:
As vicissitudes da minha sorte põe-me as portas da

St. John - L. O. Carter House

For de Janeiro, 13 de Junho de 1894

as manifestações de amor, não permito
me ir por trás da Ilha de Santa Cruz, pois ali
sou objeto de sedução.

É. cas em, chegou a dizer. Lá
Paulo, por outro, tem pessoas muito nobres, tem
officiaes em 2.º de fôrça as autoridades maiores
de nome não de posição, ter quem possa ser
magistros de nome a 2.º. São os que se têm
para saber o estado, o que, o 2.º, o 3.º, o 4.º, o 5.º,
6.º, 7.º, 8.º, 9.º, 10.º, 11.º, 12.º, 13.º, 14.º, 15.º, 16.º, 17.º, 18.º, 19.º, 20.º,
21.º, 22.º, 23.º, 24.º, 25.º, 26.º, 27.º, 28.º, 29.º, 30.º, 31.º, 32.º, 33.º, 34.º, 35.º, 36.º, 37.º, 38.º, 39.º, 40.º, 41.º, 42.º, 43.º, 44.º, 45.º, 46.º, 47.º, 48.º, 49.º, 50.º, 51.º, 52.º, 53.º, 54.º, 55.º, 56.º, 57.º, 58.º, 59.º, 60.º, 61.º, 62.º, 63.º, 64.º, 65.º, 66.º, 67.º, 68.º, 69.º, 70.º, 71.º, 72.º, 73.º, 74.º, 75.º, 76.º, 77.º, 78.º, 79.º, 80.º, 81.º, 82.º, 83.º, 84.º, 85.º, 86.º, 87.º, 88.º, 89.º, 90.º, 91.º, 92.º, 93.º, 94.º, 95.º, 96.º, 97.º, 98.º, 99.º, 100.º, 101.º, 102.º, 103.º, 104.º, 105.º, 106.º, 107.º, 108.º, 109.º, 110.º, 111.º, 112.º, 113.º, 114.º, 115.º, 116.º, 117.º, 118.º, 119.º, 120.º, 121.º, 122.º, 123.º, 124.º, 125.º, 126.º, 127.º, 128.º, 129.º, 130.º, 131.º, 132.º, 133.º, 134.º, 135.º, 136.º, 137.º, 138.º, 139.º, 140.º, 141.º, 142.º, 143.º, 144.º, 145.º, 146.º, 147.º, 148.º, 149.º, 150.º, 151.º, 152.º, 153.º, 154.º, 155.º, 156.º, 157.º, 158.º, 159.º, 160.º, 161.º, 162.º, 163.º, 164.º, 165.º, 166.º, 167.º, 168.º, 169.º, 170.º, 171.º, 172.º, 173.º, 174.º, 175.º, 176.º, 177.º, 178.º, 179.º, 180.º, 181.º, 182.º, 183.º, 184.º, 185.º, 186.º, 187.º, 188.º, 189.º, 190.º, 191.º, 192.º, 193.º, 194.º, 195.º, 196.º, 197.º, 198.º, 199.º, 200.º, 201.º, 202.º, 203.º, 204.º, 205.º, 206.º, 207.º, 208.º, 209.º, 210.º, 211.º, 212.º, 213.º, 214.º, 215.º, 216.º, 217.º, 218.º, 219.º, 220.º, 221.º, 222.º, 223.º, 224.º, 225.º, 226.º, 227.º, 228.º, 229.º, 230.º, 231.º, 232.º, 233.º, 234.º, 235.º, 236.º, 237.º, 238.º, 239.º, 240.º, 241.º, 242.º, 243.º, 244.º, 245.º, 246.º, 247.º, 248.º, 249.º, 250.º, 251.º, 252.º, 253.º, 254.º, 255.º, 256.º, 257.º, 258.º, 259.º, 260.º, 261.º, 262.º, 263.º, 264.º, 265.º, 266.º, 267.º, 268.º, 269.º, 270.º, 271.º, 272.º, 273.º, 274.º, 275.º, 276.º, 277.º, 278.º, 279.º, 280.º, 281.º, 282.º, 283.º, 284.º, 285.º, 286.º, 287.º, 288.º, 289.º, 290.º, 291.º, 292.º, 293.º, 294.º, 295.º, 296.º, 297.º, 298.º, 299.º, 300.º, 301.º, 302.º, 303.º, 304.º, 305.º, 306.º, 307.º, 308.º, 309.º, 310.º, 311.º, 312.º, 313.º, 314.º, 315.º, 316.º, 317.º, 318.º, 319.º, 320.º, 321.º, 322.º, 323.º, 324.º, 325.º, 326.º, 327.º, 328.º, 329.º, 330.º, 331.º, 332.º, 333.º, 334.º, 335.º, 336.º, 337.º, 338.º, 339.º, 340.º, 341.º, 342.º, 343.º, 344.º, 345.º, 346.º, 347.º, 348.º, 349.º, 350.º, 351.º, 352.º, 353.º, 354.º, 355.º, 356.º, 357.º, 358.º, 359.º, 360.º, 361.º, 362.º, 363.º, 364.º, 365.º, 366.º, 367.º, 368.º, 369.º, 370.º, 371.º, 372.º, 373.º, 374.º, 375.º, 376.º, 377.º, 378.º, 379.º, 380.º, 381.º, 382.º, 383.º, 384.º, 385.º, 386.º, 387.º, 388.º, 389.º, 390.º, 391.º, 392.º, 393.º, 394.º, 395.º, 396.º, 397.º, 398.º, 399.º, 400.º, 401.º, 402.º, 403.º, 404.º, 405.º, 406.º, 407.º, 408.º, 409.º, 410.º, 411.º, 412.º, 413.º, 414.º, 415.º, 416.º, 417.º, 418.º, 419.º, 420.º, 421.º, 422.º, 423.º, 424.º, 425.º, 426.º, 427.º, 428.º, 429.º, 430.º, 431.º, 432.º, 433.º, 434.º, 435.º, 436.º, 437.º, 438.º, 439.º, 440.º, 441.º, 442.º, 443.º, 444.º, 445.º, 446.º, 447.º, 448.º, 449.º, 450.º, 451.º, 452.º, 453.º, 454.º, 455.º, 456.º, 457.º, 458.º, 459.º, 460.º, 461.º, 462.º, 463.º, 464.º, 465.º, 466.º, 467.º, 468.º, 469.º, 470.º, 471.º, 472.º, 473.º, 474.º, 475.º, 476.º, 477.º, 478.º, 479.º, 480.º, 481.º, 482.º, 483.º, 484.º, 485.º, 486.º, 487.º, 488.º, 489.º, 490.º, 491.º, 492.º, 493.º, 494.º, 495.º, 496.º, 497.º, 498.º, 499.º, 500.º, 501.º, 502.º, 503.º, 504.º, 505.º, 506.º, 507.º, 508.º, 509.º, 510.º, 511.º, 512.º, 513.º, 514.º, 515.º, 516.º, 517.º, 518.º, 519.º, 520.º, 521.º, 522.º, 523.º, 524.º, 525.º, 526.º, 527.º, 528.º, 529.º, 530.º, 531.º, 532.º, 533.º, 534.º, 535.º, 536.º, 537.º, 538.º, 539.º, 540.º, 541.º, 542.º, 543.º, 544.º, 545.º, 546.º, 547.º, 548.º, 549.º, 550.º, 551.º, 552.º, 553.º, 554.º, 555.º, 556.º, 557.º, 558.º, 559.º, 560.º, 561.º, 562.º, 563.º, 564.º, 565.º, 566.º, 567.º, 568.º, 569.º, 570.º, 571.º, 572.º, 573.º, 574.º, 575.º, 576.º, 577.º, 578.º, 579.º, 580.º, 581.º, 582.º, 583.º, 584.º, 585.º, 586.º, 587.º, 588.º, 58

4: *Pisces* *lotus* *omni* *ca.* *motihada*

[illegible]

en bas, et par exemple, dans une famille de 15 pers.³
 2. et 4. des affirmations — on peut aussi, au lieu de cela, affirmer
 l'existence d'un 8 — — — — —

3. it's an angel - on the wings - rather a present
rather an angel -

Nº. Que se valore en pesos.

[illegible]

6. Is our present 3.500 acres, approximately, all
granted us on permanent annuity and aboriginal
title on these sites? If not, how many more?
If not, what suitable amount of money? - given
us as a real estate?

[illegible][illegible]

me l'ache a novella humilhante de um dos meus colegas.
Entre rirões, eu me meto a ler um livro de medicina
e me a lembrar a profundidade da dor, que, naturalmente,
para a obter foi a dor de se humilhar na frente de
a quem se ama, o pai, o pai de quem se quer. E assim, me
olho, de quem se debaixo de um olhar e de lá, me se
prende, que, também, das coisas que se não se
deixa saber para, porém, se não se sabe ao saber de
que se quer.

Il sentira peut-être au fond cette lueur et se consoler avec
mieux qu'autre. Et de dire à son de honte que de même
travail.

P. 4. The you are now in a very peculiar position, and I hope
 as I suggest, as I think, in the best way, as I think.
 as I think as a body as much as any - however a great
 success as much as possible, as I think, as I think.
 I think as I think, as I think, as I think, as I think.
 as I think, as I think, as I think, as I think, as I think.
 as I think, as I think, as I think, as I think, as I think.

Thy. Wm. L. W. Rogers
1000 1/2 St. N. W.

Ilustração 13 - Carta do Professor João Kopke, enviado em 1884 à Diretora do Colégio Florence (Coleção Cyrillo Hércules Florence)

Alemanha. Venho pois pedir-lhe um bilhete de introdução. É o caso que obrigado a deixar S.Paulo por motivos tão poderosos quanto intimos, tenho sofrido no Rio de Janeiro as contrariedades maiores da minha vida de professor por querer exercer um magistério honesto e digno. Sem crer que da luta possa sair um vencedor porque nessa sociedade sem dinheiro mesmo o atleta estão diante de derrotado, oferecem-se possibilidades de acompanhar a Europa alguns alunos de S.Paulo que aí vão demandar e que em seu país não encontram. Alheio porém ao conhecimento de todas as condições devida no ponto escolhido, a Alemanha e talvez Cassel, lembrei-me de pedir informações a sua bondade e aqui estou a solicitar a sua resposta aos seguintes quesitos: Poderei obter uma casa mobiliada em Cassel, por exemplo, para uma família de quinze pessoas? No caso afirmativo, em que condição de aluguel? No caso negativo, com que despeza relativa a poderia mobiliar com simplicidade? Quais os salários dos criados? A lavagem e o engomado costumam fazer em casa ou há economia em pagá-los fora? Com uma pensão de 3.600 marcos anualmente será possível dar um tratamento amoroso ha um aluno e ter um lucro sobre ela? Qual esse lucro mais ou menos? Qual o melhor estabelecimento de instrução, o Ginásio Swin ou Real Schule? Que conselho daria a um estrangeiro a localidade para ir bem dirigir a sua vida ignorante como ele e diante do meio em que vai residir?" (Carta do Professor João Kopke à Carolina Florence, 13 jan 1884 - Em poder da Família Florence.)

É interessante observar alguns pontos com relação ao serviço de casa. Era comum no Brasil escravocrata que os trabalhos manuais estivessem sempre na mão de criados, principalmente porque depois de trezentos anos sendo realizados por escravos e considerado algo degradante, natural era pensar que em outro país fosse ele semelhante às condições daqui. A mentalidade reinante fazia o Professor kopke refletir sobre essa questão.

Kopke procurava colocar-se como um professor que, apesar de suas decepções com o ensino no Brasil, acreditava na possibilidade de existirem instituições sérias. Tanto é assim, que elogia o trabalho realizado no Colégio Florence e suas relações pessoais com os membros docentes e da família dos Florences:

*"Me é grato no momento de minha vida como esse, achar como ponto de orientação aquele mesmo a quem tem vinculado as mais saudoras recordações do meu passado de professor. **D.Carolina Florence e o Colégio Florence são dois capítulos da minha história que abro e releio quando o desalento começa a invadir a minha alma.**(grifo meu) Nunca os fechei sem ter neles encontrado a animação procurada. Aquela adorável cadeia de alunas que me prendeu ao vão de uma janela do clube semanal... E como então desfolhei todas as folhas dos meus afetos cativos e agradecidos desfolhaleis para sempre nas festas íntimas de meu coração, através da ausência e através do tempo. Bem haja a senhora e bem hajam elas o quanto de amparo tem me servido em meio a minhas lides. (...) A senhora ponha ao fogo essas linhas e responda aos meus quesitos. É de hoje e não de ontem que devemos tratar. Peço-lhe que me recomende respeitosamente ao sr. Giorgetti, a d.Augusta, ao Dr.Ataliba, a d.Leonor e a todas minhas antigas alunas a quem enviarei as minhas despedidas se porventura partir."*(Carta do prof.João Kopke à Carolina Florence - 13 jan 1884 -Em poder da Família Florence-SP).

Não se tem registro se Kopke foi para a Alemanha acompanhar seus alunos. Hilsdorf, ao realizar o levantamento das atividades desse professor nesse período, apresenta-o no cargo de professor do Curso anexo à Faculdade de Direito até o final de 1885. (Hilsdorf, **Francisco Rangel Pestana**, p.231)

Em julho de 1886, mudou-se para o Rio de Janeiro

definitivamente, (Jornal "A Gazeta de Campinas" seção noticiário, 3 ago 1886) sendo que, nesse período, o Ministério do Império, reconhecia finalmente os préstimos de Kopke na área da educação, declarando-o dispensado das provas de capacidade profissional, a fim de que pudesse ensinar as matérias que constituíam a instrução primária e secundária. Essa declaração foi enviada ao Inspetor Geral de Instrução Pública do Município da Corte e, a partir daí, sua batalha em prol da educação parece ter tomado novo rumo de ascendência. Nesse período, as idéias republicanas ganhavam força, e Kopke podia contar com o apoio de Rangel Pestana, que via em Kopke um verdadeiro educador. Hilsdorf o coloca como alter-ego (ou ego-auxiliar) de Pestana em assuntos de educação. (Hilsdorf, **Francisco Rangel Pestana: educador, político e jornalista**, p.126.)

Militante que lutou pela melhoria da formação dos professores, Kopke em dezembro de 1886 fundava uma associação de docentes na Corte com o intuito de agregá-los a fim de implantarem o Ensino Normal para o magistério. (Jornal "A Gazeta de Campinas" seção noticiário, 12 dez 1886). Finalmente no ano seguinte é designado para o cargo de membro substituto do Conselho da Instrução Primária e Secundária do Município da Corte.

Como é possível verificar, sua trajetória durante o Segundo Reinado como educador baseava-se em lutas em oposição ao regime vigente, ocupando, porém, muitas vezes cargos por nomeação. Declaradamente republicano, procurou através de atos, demonstrar o quanto acreditava na instrução da mocidade. Fernando de Azevedo citava-o como fundador de uma instituição de ensino, entre outras, que marcaram o apogeu do ensino secundário particular no Brasil:

"Uma floração de instituições fora da pressão direta do Estado e que, tornando-se rivais, se disputavam a primazia na reputação, pela eficiência

do ensino, e cujo papel foi de assegurar a continuidade e os progressos dos estudos de humanidades no país. Surgiram então ou se desenvolveram, em consequência, marcando no período de 1860 a 1890, o apogeu do ensino secundário particular, institutos modelares como, em Minas o famoso Colégio do Caraça, que teve a sua fase mais brilhante entre 1867 e 1885, sob a direção do Pe. Julio Clavelin, e os colégios de Campo Belo e de Congonhas do Campo, e o dr. Kopke, que em 1855 (sic) contratava professores na Europa. (Grifo meu) (Azevedo, **A Cultura Brasileira**, p.589).

A data que Fernando de Azevedo se referia provavelmente foi apresentada erroneamente como sendo 1855. É mais provável que se tratasse de 1885, tempo em que o professor Kopke estava em pleno apogeu educativo. É tanto possível essa segunda data, que o próprio Fernando de Azevedo afirma que é durante essa época que o ensino secundário conseguiu avançar, tomando como dianteira os trabalhos realizados pela iniciativa privada.

"Nunca, na história da educação nacional, o ensino particular teve tanto relêvo e granjeou tamanha autoridade como nesses e outros institutos que foram os pontos iniciais em que se assentou, para tomar impulso, o ensino secundário no país."(Azevedo, **A Cultura Brasileira**, p.590).

Quanto à função do governo, este quase nada fez para expandir o ensino secundário. Nem criou condições para que ele se mantivesse. Sem subsídios do governo central, sem a estrutura necessária a uma obra de gigantescas proporções, muitas instituições não conseguiram sobreviver:

"Em toda essa obra de ensino e cultura, que se

desenvolveu num ritmo irregular, sob o influxo da iniciativa privada, o governo imperial exerceu um papel mais incentivador do que empreendedor, que apresentava qualquer coisa de patriarcal na assistência." (Azevedo, A Cultura Brasileira, p.594).

As províncias que a partir do Ato adicional de 1834 ficaram com a responsabilidade de fundar escolas de ensino secundário se sentiam limitadas para qualquer organização, não somente desse nível de ensino como dos demais. Os professores que se notabilizaram foram, portanto, oriundos das escolas particulares:

*"É dessa época a plêiade notável de educadores, cuja tradição ilustre chegou até as gerações atuais: Um Barão de Tautphoeus, professor do Colégio Pedro II, um Freeze, **um Kopke, um Pujol**, (grifos meus). (Azevedo, A Cultura Brasileira, p.590).*

João Kopke teve na figura de Rangel Pestana o divulgador de seus feitos. Sem a repercussão de seus trabalhos propiciada pela imprensa, provavelmente seria reconhecido em sua época. Hilsdorf sustenta essa afirmação quando diz que:

*"É nessa época que Rangel Pestana publica artigos, nos quais apresenta e avalia sobre Kopke sua atuação como professor, protótipo do **mestre dos mestres**, "o verdadeiro professor da escola normal" pela sua cultura geral, pelos conhecimentos especializados na área pedagógica, isto é, pelo verdadeiro domínio que evidenciava do método intuitivo, concreto, e pelo verdadeiro arsenal de instrumentos, aparelhos, enfim de material didático atualizado que adquiria para o desempenho de sua tarefa." (Hilsdorf, **Francisco Rangel Pestana: educador, político e jornalista**, p.231).*

Kopke, como seus colegas docentes, também abriu uma escola na capital da Província de S.Paulo, que denominava-se "**Escola Neutralidade**", a qual também teve duração efêmera. Não tinha tino para administrador, mas revelava-se um bom professor. Recebeu elogios da imprensa, daqueles que faziam oposição aos seus princípios e idéias, e dos membros do próprio governo monárquico. Tanto que em 1887, o presidente Francisco de Paula Rodrigues Alves deixaria registado em relatório à assembléia provincial sua boa impressão com relação à escola de Kopke:

"Deixou-me a mais agradável impressão a Escola Neutralidade não só pelo sistema adiantado do ensino e pelo desenvolvimento que notei em crianças de pouca idade, senão também pela excelência das relações estabelecidas entre o aluno e o professor."(Moacyr, **A instrução e as províncias**, p.431).

3.1.10 - EMÍLIO GIORGETTI

Músico, italiano, natural de Luca, Emílio Giorgetti nasceu em 29 de março de 1854 e faleceu em Florença em 28.04.1928. Não se sabe os motivos da sua vinda para o Brasil, mas sua chegada na cidade de Campinas foi noticiada na imprensa com seu expresso desejo de se estabelecer na cidade:

"Chamamos a atenção do publico para o annuncio que se faz hoje por este jornal, o sr.Emílio Giorgetti, talentoso professor de piano que ha pouco tempo chegou a esta cidade, conforme já noticiamos. O Sr.Giorgetti é um moço distinto e está nos casos de firmar uma boa reputação como professor de música"

(Jornal "A Gazeta de Campinas" seção Noticiário, 2 abr 1878).

Aos poucos começou a freqüentar a família Florence e a dar aulas no Colégio Florence onde conheceu Augusta, filha de Carolina que naquele ano regressava ao Brasil, depois de estudar na Europa e dedicava-se à instituição, como sua mãe, nas aulas e na administração.³⁴

Nesse período de aproximação afetiva, Emílio Giorgetti começou a dar um novo impulso nas atividades artísticas do Colégio Florence, principalmente no estudo da música. Em 1880, casou-se com Augusta Florence, sendo que a festa foi anunciada por Isabel, irmã caçula de Augusta e ainda menina na época, aos irmãos que se encontravam estudando na Europa:

"Quando as férias começaram mãe estava constirpada. As férias começaram em 15 de junho e o casamento de Augusta foi no dia 22. Aquela noite foi bem divertida. O Coronel Quirino foi também convidado e ele fazia graça depois do ato cerimonial. Nós fomos jantar e fizeram-se saúdes demais até. Depois do jantar nós dançamos. Eu que não sei dançar, dançei muito bem. (Carta de Isabel Florence ao seu irmão Guilherme, na Alemanha, do dia 11 jul 1880).

Emílio Giorgetti não trabalhava apenas como professor de música. Por ser interessado, após o falecimento de Hércules Florence, em 1879, passou a cuidar da administração da Instituição junto com sua esposa, Augusta. Em alguns documentos relativos a trabalhos e prestações de serviço

³⁴ No relato de Isabel Florence, filha mais nova de Carolina Florence, por ocasião do Bi-Centenário da cidade de Campinas a mesma dizia sobre a irmã: *"Em 1878 voltava da Alemanha a filha mais velha, que aí concluiu seus estudos, passando a dedicar-se incansavelmente em ajudar sua mãe. Para bem aquilatar a energia de Carolina Florence, basta mencionar-se que conseguiu levar a bom termo a ingente tarefa que se tinha proposto, durante longos anos, com a educação de todos os seus filhos, na Alemanha e na Suíça.* (Florence, **Album do Bi-Centenário de Campinas**, s.p.)

referentes ao Colégio, encontrei assinatura do Professor Emílio Giorgetti.³⁵

De temperamento arrebatado, dinâmico, este professor fundou junto com outros italianos residentes na cidade de Campinas, o "Circolo Italiano Uniti", uma sociedade com fins filantrópicos, nos moldes daquela fundado por Theodoro Jahn e outros alemães dez anos antes: o Clube Concórdia. Presidente do "Circolo", reelegeu-se duas vezes, em 1884 e 1886, sendo que nesse último ano aparecia na relação como inspetora da escola fundada por essa associação, sua esposa Augusta Florence Giorgetti. (O jornal "A Gazeta de Campinas" 1 jun 1884 e 7 jul 1886). Esse fato, ao lado de outros noticiados na imprensa, demonstra que a mulher começaria a desempenhar papel fora do espaço privado, principalmente tendo Augusta Giorgetti usufruído de uma educação nos moldes europeus.

Essa instituição filantrópica, o "Circolo Italiani Uniti", assim como outras fundadas no período, foi de fundamental importância para o desenvolvimento social da cidade. Apesar da crise que o cultivo do café traria em poucos anos, as atividades beneficentes e culturais colocavam a cidade de Campinas como exemplo de modernização e avanço em um período em que o Império estava decadente.

Um editorial de Alberto Sarmiento, no jornal "O Diário de Campinas" revelava os anseios desses grupos de beneficência:

"Enquanto outras cidades manifestam-se um tanto acabrunhadas em face da crise, que pela força da circunstância atravessam, Campinas cogita meios para mostrar, que, apesar de também sentir os efeitos de uma causa fatal, dispõe de elementos que denotam a luta continuua que ella trava em prol do seu desenvolvimento. Não é preciso detida observação para vermos que ha seis annos a esta parte, Campinas tem tomado um impulso

³⁵ Em uma carta de Leonor Gomes, quando ainda aluna do Colégio, há uma citação da organização que Giorgetti procurava estabelecer na instituição: "O sr. Giorgetti mandou fazer um armário para guardar as músicas com quarenta prateleiras e mandou também fazer pastas. De sorte que não se vê mais música sobre o piano." (Carta de Leonor Gomes de Campinas, para Carolina Florence, em viagem à Alemanha. 15 out 1883).



Ilustração 14 - Trabalho musical realizado pelo Professor Emílio Georgetti, e enviado para a aluna Betty Krug, por ocasião do seu aniversário - 1885. (Coleção Cyrillo Hércules Florence)

extraordinário, auxiliada unicamente pela força de vontade que sempre distinguiu sua população. Assim é que, um unico brado levantado no meio de um grupo, para realizar qualquer melhoramento é mais que sufficiente para que todas as forças se congreguem, para que todas as oppiniões se harmonisem, e finalmente, para que aquillo que não passava de um projecto, se converta na mais brilhante realidade.

Desta maneira, é que as instituições de caridade foram levantadas, melhoramentos públicos verificados e ainda mais numerosas escolas francamente abertas, comprovando que o aperfeiçoamento material da cidade dever ser desenvolvido parallelamente com a necessidade que o povo tem de libertar-se do obscurantismo e da ignorancia...

*Nada menos do que três idéias magnificas, tres projectos grandiosos occupam a attenção dos homens que fazem firme proposito de elevar esta cidade ágrandeza que ella merece. Estes projectos, como devem estar patentes ao espirito do leitor são o novo theatro, **o edificio que o Circolo Italiani Uniti pretende mandar edificar para hospital e escola** (grifo meu) e o prédio onde a benemérta Sociedade Luiz de Camões projecta mandar construir que tem de funcionar a mesma sociedade. (Jornal "O Diário de Campinas" 10 jul 1884).*

Essas "sociedades" originadas inicialmente da congregação das colônias de imigrantes alemãs, portuguesas, italianas, entre outras, foram responsáveis, em Campinas, por grandes obras de assistência. Fundaram instituições de ensino e hospitais e também juntavam fundos para enviarem a outros países frente à situações de calamidades. Em 1885, por ocasião de um terremoto ocorrido na Espanha, organizaram uma comissão para arrecadar fundos: " composta por Agostinho Alves Paredes, Luis de França Camargo, **Emílio Giorgetti** (grifo meu), Max Mundt, José Gomes, Romão Barrere, Antonio Exel, etc." (Jornal "O Diário de Campinas", seção noticiário,

20 fev 1885). Alguns dos beneméritos diretores e presidentes dessas instituições foram docentes no Colégio Florence. É também válido registrar o número avultado de associações de origem estrangeira que existiam em Campinas, caracterizando-a como uma localidade onde os imigrantes decidiram desenvolver atividades culturais e se estabelecerem. Por ocasião da vinda do Imperador D.Pedro II à cidade de Campinas, essas associações estiveram presentes:

"Na rua da Constituição ...estavam dispostos em alas os alumnos e alumnas dos estabelecimentos públicos e particulares, em número superior a 800: Banda de Musica Italiana, Sociedade 14 de Juillet, Hespanhola Mendez Nunez, Beneficente Lidgerwood, 8 de julho, Club MacHardy com sua banda e operários, Confederata Italiana e sua escola, Beneficiente Arens, Germania, Portuguesa de Beneficência, Circolo Italiani Uniti e suas escolas, Alunas do Asylo de Orfans, Collegio de Carolina Florence, Sociedade M.P.Luis de Camões - escola, Collegio Culto à Ciência, Escolas Publicas de ambos os sexos, Escolas Ferreiras, Sociedade Alema Concordia."(Jornal "O Diário de Campinas" 28 out 1886).

Das dezoito associações registradas como presentes a essa recepção, apenas uma escola pública representava o governo oficial vigente.

3.1.11 - HÉRCULES FLORENCE

Hércules Florence, esposo e companheiro de Carolina Florence, cientista adepto de múltiplas realizações, cooperou com primor em atividades como principalmente administrador e contador do Colégio. Também foi professor de Desenho de altíssima perfeição, tanto que em excursão pelo Rio Tietê, desenhou toda a espécie de flora que viu e publicou esses desenhos

junto com seus registros de viagem. Em 1875 no exame final, do Colégio Florence, os trabalhos que as alunas apresentaram impressionaram os jornalistas que apontaram Hércules Florence como destaque entre os professores:

*"Todas as provas correram de modo a justificar os créditos brilhantemente conquistados por aquelle estabelecimento, na educação da mocidade do sexo feminino, tendo atrahido a attenção dos espectadores a promptidão de muitas meninas, ao responder a certos pontos de portuguez, francez, geographia e historia. Mereceram **tambem particular menção os desenhos executados por algumas discípulas, aula dirigida pelo sr. Hércules Florence.** (grifo meu). Ao que nos dizem, todos sahiram satisfeitißimos com o notável adiantamento apresentado, o que por si mesmo está a provar a illustração e competencia das distinctas professoras."*(Jornal "O Diário de Campinas" secão noticiário, 17 dez 1875).

Além de professor de desenho, Hércules Florence cuidava da administração do Colégio Florence. Quando a diretora viajava para a Europa em busca de novas preceptoras para a instituição, Hércules escrevia-lhe contando sobre os problemas que enfrentava enquanto administrador. Percebe-se, pela descrição dos assuntos, quantos cuidados deveria ter qualquer um que resolvesse fundar uma instituição educativa com seus próprios recursos. Desde a adaptação das novas professoras estrangeiras, as classes e o perfil das alunas, até problemas domésticos, a propósito dos quais o marido contava a saudade que seus filhos tinham da mãe. Mas isso não era motivo suficiente para Carolina Florence deixar de realizar seus objetivos na Europa.

É interessante observar as atitudes de Hércules Florence, considerando o fato de que viviam em um período em que aos homens cabia exclusivamente o domínio dos negócios. É difícil imaginar o marido tomando conta do colégio de sua esposa e dos filhos - problemas relativos à esfera privada e que de acordo com a mentalidade da época, de

responsabilidade da mulher - enquanto esta se encontrava ausente do país tratando de problemas relativos à esfera pública.

Provavelmente essa situação suscitava indagações por parte da sociedade local. Mas se pensarmos que se tratava de um casal de estrangeiros, esclarecidos, preocupados em construir algo juntos, cuidar da educação dos filhos e realizarem-se enquanto pessoas, o comportamento de ambos justificava-se e corroborava a tese de por que o Colégio Florence, apesar de todas as dificuldades que enfrentou, assim como outros colégios, não permaneceu pouco tempo e não fracassou. Sua permanência por vinte e cinco anos na cidade de Campinas e a importância que atingiu são fatores ligados ao fato de que a família que o administrava tinha como diretora alguém que de fato entendia de educação e um esposo que apostava nas mudanças e desenvolvimento do ensino e incentivava os projetos pessoais de sua companheira. Nas cartas Hércules Florence colocava sua concepção sobre educação e retratava o cotidiano da instituição. Em 1970, se encontrava com setenta anos e ainda em pleno vigor físico para o trabalho administrativo:

" (Caro) Lina

*Ensinar as crianças é começar a conhecer toda a amabilidade da qual nossa espécie é capaz. Eu destaco que o comportamento das segunda e terceira classes são tranquilas, obedientes, todas sob cuidado de M.Jahne, tanto sob as ordens das mestras.(...) M.Silvério Jordão veio antes de hontem para matricular D.Laura (...) Faça o possível para encontrar uma substituta. D.Miquelina é uma o... (como você diz) mas ela é uma dirigente como aquelas do capitólio. Em suma, é preciso reconhecer algo de bom. Ela não diz quando deixará o colégio. Eu creio que D.Matilde estará aqui um pouco antes. Mme.Maret veio pagar sua conta. Voce sabe que a encontrei muito disposta a contar suas doenças. **As mesmas dores que você sofre.** Todos os sintomas que ela descreve são os mesmos. Augusta chorou de novo quando eu li suas palavras. Mas foi de alegria. Isabel é de um encantamento surpreendente para uma criança, mas*

falta-lhe algo. Porém não adiante seu retorno por causa dela.

M.José dos Campos Negreiros veio ontem com M.Dr.Salles, eles pediram para ver todo o colégio. A pequena virá amanhã. Augusta desejava te escrever, mas M.Jahne a chamou para a lição de piano." (Carta de Hércules Florence para sua esposa Carolina Florence, escrita em francês, 12 maio de 1870).

Anos mais tarde, em 1876, durante uma outra viagem que Carolina Florence fazia à Europa, Hércules Florence contava mais detalhes da vida cotidiana do Colégio Florence e das atividades de cada profissional atuante. Essas cartas tornam-se documentos importantes porque por meio delas é possível recuperar o lado informal da instituição, aspectos que documentos, como os relatórios ou registros da imprensa não focalizam:

*"Lina,
O colégio vai como sempre. O número de alunas é de 32 a 36. Eu estou contente com Mlle.Casselman, cujas excellentes qualidades fazem esquecer alguns pequenos defeitos. Mlle.Zerbst tem um genio tenso, D.Joanna é um pouco quadrada, mas ela não falta jamais com as suas obrigações. Nós temos uma faxineira alemã que é de uma grande atividade. Para o momento eu não tenho do que me queixar."(Hércules Florence para sua esposa Carolina Florence, em 16 setembro 1876).*

3.1.12 - AMADOR BUENO MACHADO FLORENCE

Outro Florence, professor do Colégio, era o filho mais velho de Hércules, de seu primeiro casamento. Amador Bueno Machado Florence foi professor e diretor do Colégio Culto à Ciência em 1884. "*Professor e homem público, tendo sido um dos fundadores do Instituto "Culto*

*à Ciência", de Campinas. cuja camara municipal presidiu, ao tempo do Império." (Silveira, **Notas Genealógicas e outras notas**, p.149). Ministrou aulas de Português, Francês e Desenho durante muito tempo. Presidente da Câmara Municipal de Campinas, desempenhou com afincos obras em favor de melhoramentos urbanos. Também pertencia à maçonaria da cidade: "*Amador Bueno Machado Florence era Grau 12. Lecionava Latim, francês e desenho no Culto à Ciência.* " (Moraes, **O ideário Republicano e a Educação: O Colégio Culto à Ciência**, p.189).*

Para além das atividades desempenhadas no Florence, no Culto à Ciência e na Câmara Municipal, Amador Florence encontrava tempo para ministrar aulas particulares, conforme o anúncio que colocou na imprensa em 1877:

" Licções de francez, portuguez e desenho. AMADOR FLORENCE ensina materias em sua casa á rua da Cadeia em frente ao no.24, das 4 as 6 horas da tarde, e das 7 as 9 horas da noite. Os preços serão tratados por licções de 1 hora, ou por mes. Ensinará também em casas particulares nas horas e pelos preços que se convencionarem".(Jornal "A gazeta de Campinas" 25 fev 1877).

Amador Florence também escrevia crônicas. Em 1882 publica na imprensa, sobre a revolta dos paulistas em 1842, quatorze capítulos, mostrando o levante político contra a monarquia do Império. (Guimarães, **A Campinas de meus pais**, p.47)

3.1.13 - HENRIQUE FLORENCE

O terceiro filho de Carolina e Hércules Florence, engenheiro formado na Alemanha, certamente herdou do pai a habilidade para



Ilustração 15 - Fotografia da Diretora do Colégio Florence (ao centro), e o corpo docente no período em que a Instituição se encontrava na Cidade de Campinas. Acima, o professor Emílio Georgetti, e ao lado de Carolina, olhando-a, sua filha Isabel Florence (Coleção Cyrillo Hércules Florence)



Ilustração 15 - Fotografia da Diretora do Colégio Florence (ao centro), e o corpo docente no período em que a Instituição se encontrava na Cidade de Campinas. Acima, o professor Emílio Georgetti, e ao lado de Carolina, olhando-a, sua filha Isabel Florence (Coleção Cyrillo Hércules Florence)

o desenho. Em exame do ano de 1885, encontramos menção a seus préstimos enquanto professor de desenho do Colégio Florence.(Jornal "A Gazeta de Campinas, 15 dez 1885).

Henrique Florence, que casou-se com sua prima, Evangelina Florence (Yayá), foi o filho que esteve sempre perto da mãe durante o tempo que o Colégio ficou na cidade de Campinas. Foi o responsável pela metragem das ruas de Campinas: *"De acordo com a recente medição das ruas de Campinas feita pelo engenheiro Dr.Henrique Florence, essas ruas tem ao todo 30 km de extensão ou 6 léguas métricas"*(Jornal "O Diário de Campinas" seção noticiário, 4 nov 1888). Mapeou também na cidade a rota da febre amarela, trabalhando com afinco para socorrer àqueles que caíam doentes. Em 1888, teve participação na criação do edifício do Instituto Agronomico de Campinas: *"Foi autorisada a entrega da quantia de 6.000\$000 ao prof.Franz Dafert pelo exercício de 1886-1887 para as obras da estação agronomica de Campinas, contractadas com o dr.Henrique Florence."* (Jornal "O Diário de Campinas" Seção noticiário, 19 fev 1888).

3.1.14 - AUGUSTA E ISABEL FLORENCE

Além da própria Carolina Florence, suas duas filhas também foram educadoras. Iniciando seus estudos no próprio Colégio fundado pela mãe, completaram-os na Alemanha, como diria sua tia e irmã de Carolina, Ana Krug Kupfer, residente na Europa: *"Duas sobrinhas vindas do Brasil nos foram entregues. Augusta e Isabel Florence. A primeira todos os corações por sua graça e amabilidade e até hoje ela tem lugar no meu coração como filha. Casou-se ela mais tarde com o professor de musica o Sr.Emílio Giorgetti, que vivem em Florença."* (Kupfer, **Diário**, s.p.).

De acordo com depoimento de familiares, registrado em cartas, Augusta tocava muito bem piano. Quanto à Isabel Florence, a caçula da família, muito apegada à Carolina Florence, não se casou e seria a acompanhante em

viagens e eventos até o falecimento da mãe, em 1913.

Em cartas, percebe-se que teve uma infância feliz, compartilhando com os irmãos mais velhos suas peraltices e brinquedos de menina. As brincadeiras que Isabel Florence registra em carta ao irmão Willy (Guilherme), que naquele momento se encontrava em estudos na Alemanha, evidencia a rotina da família em dias de lazer no sítio "Soledade" e a tranquilidade dos divertimentos das crianças:

"Depois da chegada ao sítio: Nós deitamos logo naquele dia, porque estávamos cansados da viagem. No dia seguinte eu levantei cedinho e fui no quarto de Zinha pois eu dormia com mãe. Lá ainda achei Iaiá e Tina deitadas. Sózinha estava levantada e se vestindo. Conversei um pouco e fui beber leite - e como era gostoso. O dia eu passei bem e todos os dias a mesma coisa. Alguns dias nós brincávamos em cima das árvores você sabe o brinquedo que Paulo, você, Leonor e eu brincávamos. Um era leão, outro mico e assim sempre, não se lembra? Assim nós brincávamos. Iaiá era macaco, Tina era mico e eu lobo. Eu pegava um pau de gancho e apanhava mexiriqueiras e maracujás e ia levar de presente para o sr.macaco e mico dizendo que era caça deliciosa e dizia que era carneiro e lebre. Sempre tínhamos nossos brinquedos. A vida lá era bem dizer a do Paraíso. (..) O sr.Giorgetti gostou tanto do sítio que até compôs uma música intitulada "A Soledade". Nós partimos de manhã cedo para a cidade, ficamos uma semana e depois começaram as lições" (Carta de Isabel Florence para seu irmão Willy, 11 junh 1880).

Isabel Florence foi também aluna no período em que o Colégio esteve em pleno desenvolvimento pedagógico. Participaria da Revista Trimensal, editada pelas alunas da instituição, da encenação de peças teatrais e de uma convivência tranquila com suas colegas de estudos.

3.1.15 - PAULO, GUILHERME, JORGE E ATALIBA

Paulo e Guilherme Florence, gêmeos, nasceram em 19 de junho de 1864. Ambos fizeram seus primeiros estudos no Colégio Morton, em Campinas, onde foram alunos de Julio Ribeiro e Completaram seus estudos no Ginásio Cassel, na Alemanha. Guilherme Florence(apelidado pela família de Willy) estudou na Escola de Minas de Glausthal, transferindo-se para a Academia de Berlim. Formou-se em Engenharia de Minas e Metalurgia, em 1889. Trabalhou em metalurgia na Silésia e África do Sul. Em 1893, voltou a São Paulo, passando a trabalhar na Comissão Geográfica e Geológica. A Guilherme deve-se o aproveitamento econômico das jazidas de apatita do Ipanema, onde conseguiu-se fabricação de superfosfatos de qualidade igual aos estrangeiros, que abriu perspectivas para o futuro aproveitamento das jazidas de fosfato, estando, por exemplo, o atual beneficiamento da apatita em Jacupiranga, baseado nos resultados obtidos por Florence em Ipanema. (Centenário do Nascimento de Paulo e Guilherme Florence - Jornal "O Correio Popular" seção noticiário, 14 jun 1964) Também a ele se deve:

"o levantamento da planta geológica do Estado, traçando os limites da formação permo-carborífera, com base formada pelas rochas cristalinas nas folhas de Campinas, Jundiaí e Itú. Em colaboração com Jovino Pacheco, foi Florence o autor da carta geológica do Estado de São Paulo na escala de 1:1000 000. publicada no ano de 1929., trabalho este que se classifica como o mais importante e precioso até hoje feito sobre a geologia de campo, em termos das dificuldades, para executar levantamentos geológicos, eram bem mais numerosos e pesados que os de hoje."(Jornal "O Correio Popular, seção noticiário, 14 junh 1964).

Paulo Florence fez seus estudos de música, composição, regência e instrumentação, na Alemanha e Itália. Compôs músicas

de orquestra de cordas, para canto, piano e violino, para trio e quarteto. Percorreu vários países da Europa, sendo pianista de famoso quarteto de músicas de Câmara, juntamente com os famosos Pablo Casals, violoncelista e Rafael Dias Albertino, violinista. Compôs vários hinos, dentre os quais um dedicado a Antonio Carlos Gomes. Conhecia profundamente matemática. Deixou vários trabalhos musicais, um deles denominado "Música e Evolução" foi traduzido para o inglês pelo musicólogo Hugo Heimann. Falava e escrevia corretamente, como seu irmão Guilherme, onze línguas. (Jornal "O Correio Popular", seção noticiário, 14 jun 1964). De acordo com Oberacker:

*"Em São Paulo, não poucos elementos teutos de valor dedicaram-se à musica. Paulo Florence (1864-1949), de Campinas, filho de mãe alemã (Carolina Krug), e o qual tinha sido maestro nos teatros de Ulm e Kiel, tornou-se co-fundador do Instituto Musical e compôs música de Câmara, peças para piano e canções. No grupo Coral Meldelssohn, na Sociedade Germânica que, em 1890, encerrou a ópera **Martha** de Flatow, no coro Schubert, na sociedade Bach, fundada em 1935."*(Oberacker, **A contribuição teuta à formação brasileira**, p.439).

De maneira indireta, os dois irmãos gêmeos ajudaram, quando possível, nas atividades do Colégio Florence, principalmente Paulo Florence, em relação à apresentação de Concertos, na cidade de Jundiáí.

Jorge Florence era farmacêutico assim como seu tio, Jorge Krug. Estudou em Heidelberg e a auxiliava a instituição com sua botica. Os remédios e aviaamentos de receitas para as alunas eram fornecidos por seu estabelecimento comercial.

Ataliba Florence foi o primeiro filho de Hercules com Carolina Florence. Também formado em Heidelberg, especializou-se em oftalmologia. Residiu muitos anos em S.Paulo, e depois foi para a Alemanha, onde foi Cônsul do Brasil em Dresden. Casou-se com Olivia de Moraes

Florence, ex-aluna do Colégio Florence.

3.1.16 - ANA KRUG KUPFER E SUAS FILHAS

Em regresso da Alemanha para o Brasil, em 1880, por tempo limitado, a irmã de Carolina Florence, Ana Kupfer e suas filhas exerceram atividades no Colégio Florence. (Jornal "O Diário de Campinas", seção noticiário, 16 dez 1886).

O valor atribuído ao estudo e à cultura pode ser considerado algo de grande valia nas famílias Krug e Florence, assim como em grande parte dos imigrantes que aqui chegaram e fundaram instituições destinadas a esse fim, nesse período.

Anna Kupfer e suas filhas trabalharam no Florence, ao lado da irmão e tia Carolina Florence, das primas Isabel e Augusta, dos primos Henrique, Amador Florence entre outros. Enfim era uma família voltada para a educação e o ensino. A solidariedade dos parentes contribuiu para que a permanência de Anna Kupfer e sua família, em Campinas fosse amenizada, conforme o Diário de Anna Kupfer:

"Em Campinas fomos recebidos pelos irmãos e seus filhos muito amavelmente como também alojados até que nossa moradia fosse arrumada convenientemente com tapetes e mobílias trazidos. Num espaço de tempo muito curto Maria aprende a língua do país, Annche concluiu estágio junto a família de um enteado de minha irmã Carolina Florence. Depois entravam nossas duas filhas como professoras no Instituto muito expandido "Colégio Florence". Sem essa atividade regular a vida para essas duas deveria ser muito enfadonha".(Kupfer, Diário, s.p.)

Num ambiente familiar, desligado das interferências do

poder público de um governo que poucas verbas destinava à educação, o Colégio Florence pôde ser bem sucedido.

3.1.17 - ARMELINA LAMANERES

Sempre muito citada em documentos da família sobre o Colégio Florence, **D.Armelina Lamaneres** também foi aluna do Colégio Florence e posteriormente docente. Foi colega de turma de Isabel Florence e estava sempre presente na representação das peças teatrais e execução das músicas.

Por ocasião da grande epidemia de febre amarela, refugiou-se com outras professoras na cidade de Amparo. Isso porque algumas de suas alunas residiam nessa localidade, e, em um momento tão grave da enfermidade, a solidariedade era necessária. Hospedou-se na casa de D.Anna Carolina Penteado, ex-aluna e muito amiga de Carolina Florence, que tinha nessa época suas filhas estudando no "Florence".

No tempo em que lá esteve aguardando a situação melhorar na cidade de Campinas, Armelina sempre escrevia à Carolina descrevendo com precisão as dificuldades enfrentadas por todo aquele que sai apressadamente. Não prevendo ficar tanto tempo longe, as necessidades eram inúmeras. E era sobre essa angústia de ficar muito tempo em um lugar estranho aos seus hábitos, de favor, que Armelina Lamaneres contava nas missivas à sua diretora e amiga, que havia se refugiado na chácara de seu enteado, Francisco Florence. Contava também sobre o problema das preceptoras estrangeiras que tinham mais dificuldades em aceitar o fato de ficar nas casas de famílias brasileiras com costumes, cultura e hábitos diferenciados:

*"Querida d.Carolina,
Ontem a noite chegou-me as mãos as palavras que a
senhora acrescentou as de Niomésia. Surpreendeu-me
saber que a senhora não tivera notícias nossas. Quando
recebi sua carta de Casa Branca já tinha-lhe escrito*

dando conhecimento de nossa chegada e do destino de cinco meninas daqui. Dirigi a senhora a carta por seu Francisco Florence. Como lhe disse na primeira missiva, os parentes das meninas achavam-se todos na praça no mesmo dia que viemos ficar em suas casas. Presentemente estão todas nos sítios dos pais, de boa saúde até as últimas notícias. D.Emma e eu temos estado sempre boas. D.Anna e Nicota são de uma generosidade a toda a prova. Só o que nos entristece é o cuidado dos seus e a separação forçada por um tempo que só Deus pode determinar. Me é indispensável fazer roupas brancas e vestido para casa. Incomoda-me pensar que vou desarranjá-la, talvez. Deixei todo o meu dinheiro, minha letra, a caderneta do Rodovalho no armário da casa da frente do Colégio. Por cautela, guardei a letra e a maior parte do dinheiro nuns albuns de música que estão no compartimento de baixo. A chave deixei em uma latinha na estante. O melhor alvitre a tomar na nossa triste posição é aprontar roupa e tomar um destino certo. Ontem comprei em nome de D.Ana uma dúzia de lenços que vou começar a marcar hoje mesmo. D.Ana gosta de pagar a suas contas a vista e como tem uma quantia determinada para passar o mês me custa pedir-lhe qualquer soma. Já está na costureira um vestido meu que comprei muito barato pelo qual a senhora que o faz pede apenas 8\$000. É vestido de sair as ruas. Toda roupa que eu precisar, eu mesma a farei. Continuamente vem pessoas nos visitar, temos saído a passear com muitas moças agradáveis. As cunhadas de Maria Lima nos convidam para irem as suas casas e se não temos feito mais vezes é por faltar vestido. O calor daqui tem sido abrasador como em Campinas. Ouvi dois casos de febre amarela e nenhuma precaução se tomou contra a terrível enfermidade. Adeus, d.Carolina, tenhamos coragem e paciência, sem sempre o mal é tão grande quanto se afigura no princípio. PS. D.Anna, Nicota e d.Emma muito se recomendam a senhora e a todos da família. Sua agradecida amiga d.Armelina." (Carta de D.Armelina Lamaneres para Carolina Florence, do Amparo, 13 mar 1889)

D.Armelina ainda trabalhou por muitos anos no Colégio

Florence, contribuindo para que suas alunas pudessem receber uma educação com esmero e proficiência.

3.1.18 - LEONOR GOMES

Assim como Armelina Lamaneres, Leonor Gomes foi aluna do Colégio Florence e, mais tarde, professora. Companheira de estudos de Isabel, filha caçula de Carolina Florence, Leonor foi adotada pela família ainda muito cedo. Dedicou-se com afinco à instituição e manifestava verdadeira adoração à Carolina, a quem tratava por "mãe". Nos programas de final de ano do Colégio, nas cartas de recomendação de professores e amigos havia sempre menção a sua pessoa. Infelizmente, ainda moça teve problemas pulmonares que se transformaram em espécie de tuberculose, o que fez Carolina enviá-la, junto com uma funcionária do Colégio Florence, para a Alemanha. Fez tratamento durante alguns anos, mas faleceu nesse país no ano de 1892, em decorrência do agravamento da saúde.

Em seu Diário, Ana Kupfer comentou que Carolina Florence adotou-a depois que seus pais a abandonaram. (Kupfer, **Diário**, s.p.)

Durante sua estadia na Alemanha, Leonor Gomes enviou várias cartas para o Brasil, nas quais encontrei várias passagens da vida cotidiana do Colégio Florence. Lembranças que tratam das festas, exames entre outros.

3.2 - OUTROS PROFESSORES

É difícil mencionar todos os docentes que tiveram participação importante na vida do Colégio Florence. Entre as perceptoras estrangeiras não encontrei cartas ou outros registros que pudessem relatar suas experiências e é possível supor que uma grande parte do trabalho realizado na instituição coube a elas. Também entre os nacionais houve docentes que se

tantas cartas, e que trabalhou demasiadamente, com o fim
de abreviar o tempo. Dar lições com o espirito tão mortificado,
creio ser uma coisa bem mal feita.

D'agora a poucas dias escreverei a Senhora sobre algum assun-
to que preciso fazer sobre com a roupa, não é facto hoje,
mas julga-se importunação no meio de tantos affazeres que
a Senhora deve ter presentemente.

Adieu, D. Carolina, espero em Deus que
as cousas tenham em breve um bom fim.

Sua agradecida e respeitosa amiga,
Armeline Lamaneres.

P.S.

D. Anna e D. Emma muito se recommendam a Senhora.
Tento persuadir muito na pobre de D. Jure, como irá ella?

Ilustração 16 - Trechos da carta da professora Armeline Lamaneres à Carolina Florence por ocasião da Epidemia de Febre Amarela. Amparo, 1889 (Coleção Cyrillo Hércules Florence)

tornaram conhecidos por sua inteligência e que participaram da instituição depois que esta deslocou-se para a cidade de Jundiaí.

D.Ruth Fonseca, também aluna, exerceu durante muito tempo a docência no Florence de Jundiaí, tornando-se conhecida por sua cultura: *"a distinta educadora, viajada e culta, conhecedora de sete idiomas (inclusive esperanto) faleceu a 26 de fevereiro de 1953, com 84 anos de idade.* (Coleção Cyrillo Hércules Florence e Silveira, **Notas Genealógicas e outras notas**, p.151). Maria Celina de Vasconcellos Florence, que também lecionou no Colégio Florence de Jundiaí, mais tarde criou o seu próprio estabelecimento de ensino na cidade de Mogi Mirim, denominado "Vasconcellos Florence". Posteriormente ingressou na ordem das Missionárias do Coração de Jesus, onde permaneceu até o seu falecimento. (Silveira, **Notas Genealógicas e outras notas**, p.151). Também, Adelaide Augusta Florence trabalhou na instituição nessa mesma época e era irmã de Celina, ambas netas de Hércules e Carolina Florence, Filhas de Amador Bueno Machado Florence, que conforme mencionei, também foi professor.

3.3 - NOVAS CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES

Quando se observa o quadro docente do Colégio Florence, percebe-se a qualidade que possuíam seus professores. A formação dos professores extrapolava os muros do estabelecimento. O conteúdo que transmitiam às suas alunas, trazia implicitamente a cultura de que provinham. Esses profissionais eram equipados de excelente formação pedagógica e pelos registros que deixaram, acreditavam no valor da tarefa educativa.

Os professores nacionais, alguns com formação superior, declaradamente adeptos das novas teorias que surgiam no continente europeu, também deixavam claro a opção política definida pelo anseio de transformar o país em um polo de cultura. Participaram, muitos deles, do partido republicano paulista e foram membros da maçonaria, como evidenciei

anteriormente.

Os docentes oriundos de países europeus traziam a herança da cultura, a experiência de vários anos ensinando em diferentes ramos do ensino e o anseio de estabelecer-se no novo continente. Ao renunciarem a "inteligente" sociedade da Europa, deixando família e o conforto para iniciar uma carreira profissional da qual pudessem retirar a sobrevivência, faziam-no dedicando-se com afínco às causas da educação. Com eles, emigravam novas idéias que encontravam acolhimento no Colégio Florence. Há entre eles, características semelhantes: geralmente adeptos das novas teorias educacionais, desvinculadas de religiosidade, puderam ter presença atuante no cenário político, social, econômico e cultural do país. Entre os professores do sexo masculino, que tinham mais possibilidades profissionais de se destacarem no quadro social brasileiro, João Kopke, foi por excelência o docente que deu abertura a novas frentes para a educação nos moldes republicanos. Encantava mesmo aqueles que eram oposição, com suas teorias científicas. Julio Ribeiro, que se tornaria um grande filólogo, durante o período em que esteve no Florence, escrevia peças para as alunas se apresentarem nas festas de final de ano. Kopke, Henking, Giorgetti traduziam e escreviam músicas, entre outras atividades que mencionarei no capítulo seguinte.

Nas cartas que pesquisei, percebi que o Colégio ao reunir grandes professores, que posteriormente teriam atuação no cenário nacional brasileiro, criou condições de aumentar sua credibilidade e confiança, proporcionando, de fato, uma excelente educação às discípulas. Foi através da escolha e recrutamento de seus administradores, seja na pessoa da própria Carolina Florence, seu esposo Hércules e posteriormente de seus familiares, que se pôde reunir uma pleiade pedagógica de grande porte. Investiram ao contratarem docentes de excelente qualidade, não só nacionais, muitos no início de suas carreiras, como fora do país, conforme pode se ver nas cartas de solicitação de empregos que exemplifiquei anteriormente.

A instituição, livre de dogmas e aberta às novas idéias,

possibilitou aos profissionais que contratou o desenvolvimento de suas potencialidades, de seus programas inovadores, sujeitos à crítica da imprensa, que considerava-o polêmico para a época. Exemplo disso, demonstrei nas críticas a Arthur Fernandes Campos da Paz, sobre suas compreensões modernas de como educar uma criança.

Métodos tão diferenciados, conseguiam ser livremente executados no Colégio Florence e, muitas vezes, a imprensa registrou-os como prova de seus progressos pedagógicos. As conferências sobre anatomia de João Kopke foram noticiadas detalhadamente nos jornais da cidade. Não esqueça-se, entretanto, que esses jornais também eram adeptos das idéias republicanas e da educação enciclopedista, de cunho científico, era um dos motes da propaganda política contra o ensino tradicional disseminado pela monarquia.

Entre os professores que estiveram à frente das atividades de ensino no Colégio Florence, chamou-me a atenção o fato de que uma parte deles, teve semelhantes características: fundaram posteriormente suas próprias escolas, escreveram, publicaram livros e eram maçons. Isso pode ter resultado do trabalho desenvolvido nesta instituição.

O Colégio Florence possuía uma estrutura educacional nos mesmos moldes de uma instituição européia. O entrelaçamento de vários elementos, concorreu para o sucesso do mesmo.

Os estrangeiros, para além de suas tarefas educativas, fundaram associações filantrópicas, culturais e de beneficência, como a Sociedade Alemã, o Club Concórdia, dos alemães, a Sociedade Italiana Circolo Uniti, hospitais, escolas, entre outros. Criaram também clubes literários e artísticos. Exemplo disso foi o número avultado de associações de origem estrangeira que existiam em Campinas, na época.

Quanto à família Florence, percebe-se que o interesse pela profissão de educador tem como gênese Carolina Florence e se estende à maior parte de seus familiares. Tendo o próprio marido, como colega de

profissão, reinicia em Campinas, sua carreira de docente, interrompida com a vinda para o Brasil. Ao fundarem o Colégio Florencem iniciam um fio condutor que agregará filhos, enteados, genros, sobrinhos, netos, entre outros, sendo eles os primeiros professores a darem o exemplo de dedicação. Ensinam e transmitem aos seus descendentes o valor da educação. Através do trabalho na instituição, conseguem enviar os filhos, após estudarem na própria instituição por eles fundada, para o aperfeiçoamento na Europa. Posteriormente, serão eles, seus descendentes, os responsáveis pela fundação de outros estabelecimentos de ensino.

Na cidade de Campinas, participaram ativamente como profissionais liberais e prestadores de serviços à comunidade. Seus familiares, oriundos de imigrantes, conquistaram espaços políticos, como Amador Bueno Florence, Presidente da Camara de Campinas, por muitos anos, representantes de consulados no Brasil e na Alemanha, como Jorge Krug, Francisco Krug, Ataliba Florence, entre outros. Enquanto profissionais liberais prestaram serviços como médicos, engenheiros, farmacêuticos e estabelecimentos comerciais.

A cultura, o respeito à educação e ao trabalho desenvolvido com seriedade, provavelmente levou os professores que ali passaram, a criarem eles também uma instituição nos moldes do Florences, a publicarem suas teorias e a divulgarem suas idéias sobre os novos métodos pedagógicos na imprensa.

Falar de cada professor e suas qualificações foi pertinente, nesse trabalho porque, através de suas aptidões e ações, percebe-se o conjunto dos docentes como um elemento fundamental para a durabilidade e credibilidade do Colégio Florence.

3.4 - REMUNERAÇÃO DOS DOCENTES

Os professores do Colégio Florence possuíam uma remuneração compensadora se considerarmos os valores pagos aos docentes do ensino público. O fato de importarem mão de obra qualificada e contratarem os melhores educadores do país os obrigava a pagarem com dignidade e pontualidade.

As docentes contratadas já vinham com suas condições de pagamentos acertadas. Os valores eram variados. No livro de contabilidade do Colégio Florence, escrito por Hércules Florence, constam variações nos salários, possivelmente em função da qualificação e horas de trabalho.

Por exemplo, Frau Catarina Hffenbecher recebia 50 mil réis por trimestre, de maio a agosto de 1873, totalizando 200 mil réis por ano. Seu tempo de trabalho devia ser parcial e as aulas reduzidas, pois nesse mesmo ano a encontramos como diretora da "Escola Alemã" (ala feminina) (**Almanaque de Campinas para o ano de 1873**). Mathilde Beyrodt, por sua vez, entrou em agosto de 1870 ganhando 500 mil réis por ano, sendo que D.Sophia Zoega, dois anos depois ganhava 400 mil réis anualmente. Desses pagamentos excluía-se moradia, lavagem de roupa e refeições diárias. Algumas docentes residiam no estabelecimento, como era o caso das professoras estrangeiras. Suas despesas eram pagas antecipadamente e descontadas no ato do pagamento. Vejamos como exemplo, o caso da professora alemã, Anna Schimidt:

Entrou em 1872	17 set -	mil réis
1873		20\$000 + 15\$000
1875	recebeu adiantado	205\$000
	pagou saldo de	199\$000

Nessa ocasião, uma aluna em regime de internato pagava ao Colégio 125\$000 trimestralmente, o que correspondia a 500\$000 anualmente. Portanto, o pagamento de uma aluna era o equivalente ao salário

de um professor. Mesmo assim, essa remuneração não era considerada baixa, se considerarmos o valor pago ao professor que trabalhava no Ensino Público. Em 1880, por exemplo, um professor público recebia 70 mil réis mensalmente e não tinha moradia. Em relação ao que ganhavam os docentes do Colégio Florence, os salários eram realmente irrisórios. Tanto que D.Pedro II, em uma das visitas que fez à cidade de Campinas, recebeu críticas dos salários que eram pagos aos professores públicos, do despreparo e das condições de trabalho que eles enfrentavam:

"Por ocasião da visita que fizeram às nossas escolas s.m. o imperador e o presidente da Província sr.Baptista Pereira, disse-lhes o sr.Cassiano Bernardo de Noronha Gonzaga, que era-lhe impossível cumprir os seus deveres como inspector de Instrucção Pública visto que o governo dispensava esse ramo de serviço publico ao ponto de acharem-se as escólas desprovidas dos objectos que lhe são mais necessários. Explicou o sr.dr.Cassiano que os salários dos professores era tão insignificantes que mal davam para a subsistência destes e de suas famílias. Que os 70\$000 mil réis que o Governo paga por mez a esses empregados iam-se quasi todos em aluguel de casa. (grifo meu). Sobre o cadastramento dos meninos disse que causava lastima: nada sabiam! Finalmente o sr.dr.Cassiano expôz o estado em que se achavam as escolas públicas e terminou dizendo que nellas tudo faltava, até o pote d'água." (Jornal "O Diário de Campinas"Seção noticiário, 29 dez 1880).

Moraes diria em seu trabalho sobre o Colégio Culto à Ciência que em 1877, um professor público recebia 5 vezes menos que um docente daquela instituição, sendo que alguns também trabalhavam no Colégio Florence.

Apesar de o valor de uma anuidade paga por uma aluna

representar muitas vezes o salário de um professor, o colégio várias vezes passou por dificuldades. Os riscos que enfrentava uma administração desse porte eram muitos. Professoras contratadas muitas vezes não se adaptavam ao calor dos trópicos e adoeciam, ou retornavam à Europa. Outras vezes alunas desistiam das aulas no meio do ano letivo, ou os pais as retiravam por motivos de mudanças, má colheita, etc.

OS CRIADOS

Os criados eram preferencialmente alemães. No jornal "A Gazeta de Campinas" apareciam anúncios de moças européias se oferecendo para serviços domésticos. Isso pode ter explicação no Sistema de Parceria que fracassou. As famílias de origem teuta procuraram emprego na cidade e começaram a instituir o trabalho doméstico remunerado, antes só cabível às negras escravas. O interessante é que muitas vezes esses serviçais tinham uma cultura acima da dos patrões e patroas. Era comum ler anúncios como esse: "*Criada alemã se oferece para serviços domésticos com boa instrução*" (Jornal "A Gazeta de Campinas, seção anúncio, 25 dez 1870). Outras vezes, a solicitação dos serviços domésticos partia dos próprios interessados, que, ao perceberem os aspectos positivos de uma trabalhadora livre ao desempenhar suas tarefas, começaram a remunerar uma estrangeira: "*Precisa-se de uma criadinha alemã para serviço doméstico. É casa de pouca família; para informações na rua do Bom Jesus, 10*" (Jornal "A Gazeta de Campinas" seção anúncio, 23 out 1873).

Quanto ao tipo de tratamento recebido nas casas de nacionais, onde, possivelmente, essas foram as primeiras domésticas remuneradas, conforme os anúncios, não se tem registro se eram ou não tratadas como as antigas serviçais escravizadas. É quase certo que não, devido à resistência dos teutos em aceitarem um tratamento incompatível com seus ideias, como o exemplificado com o fracasso do Sistema de Parceria, em

função dos maus tratos com o imigrante.

Carolina Florence, por ser proveniente da Alemanha, parece que sempre tratou com amabilidade seus auxiliares, tanto em casa como no colégio. Numa carta enviada por uma antiga criada que, anos depois, servindo a parentes de Carolinas (a nora Iaiá (Evangelina), e seu filho, Henrique Florence) no Rio de Janeiro, por ocasião da febre amarela em Campinas, escrevia com um português deficitário à sua antiga patroa, revelando nesse gesto o grau de afeição e intimidade que se estabelecia entre elas:

"D.Carolina, nós vinda bem. A "senhora" tem muita saudade da senhora. Ela pença que a senhora tá duente. Nós teve duente. Dias passam. Amanhã nois sai do Rio as 10 horas. D.Senhora foi na cidade hoje com seu Henrique. Quando nois chegar na Bahia eu manda noticias da senhora. Para hoje eu não tenho nada de novo. Eu também manda muita lembrança a d.Augusta. Eu desejava que ela tá melhor. Faça favô de dá lembranças dessa sua criada. Katrina Rorke." (Carta. Rio de Janeiro, 1 mar 1890).

Os valores pagos aos criados eram pagos pontualmente, e as despesas eram descontadas no decorrer dos meses. O jardineiro da instituição, Anselmo, em 1873 ganhava 30 mil réis mensalmente. Os valores dos salários das criadas, assim como os professores, variava conforme o serviço contratato. Maria tinha o soldo mensal de 18 mil réis, já Luiza recebia 20 mil réis por mês. Abaixo descrevo um exemplo do livro das anotações das contas dos criados:

1870 CRIADA LUIZA

fev 1o. Entrou ganhando	20\$000
mar 2o. deu-se-lhe	16\$000

abr 22	feitio de um paletó	10\$000
mai 16	deu-se-lhe	10\$000
26	dito	20\$000
jun 10	dito	6\$000
2	dito	8\$000 + 2\$000
jul 1	dito	20\$000
31	vencerão seis mezes de 1 fev a 31 jun	120\$000
jul 31	dei-lhe por saldo	32\$000

No capítulo que se segue, trato dos aspectos relativos as alunas que frequentavam o estabelecimento.

CAPÍTULO IV

AS DISCENTES DO COLÉGIO FLORENCE

"Procurem pois desenvolver seus espíritos,
também a curiosidade de aprender tudo que é útil. (...)
Estudem com zelo as línguas,
procurem-se adiantar a elas o mais possível
como no comportamento.
(...)De sua afetuosa mestre
e amiga Carolina Florence."

(Carta de Carolina Florence às
alunas. Cassel 1883)

CAPÍTULO IV

AS DISCENTES DO COLÉGIO FLORENCE

A educação feminina relativa ao nível secundário de ensino, durante o período do II Império, estava restrita às mulheres de famílias abastadas. O governo central abstendo-se, elegeu as províncias para fazê-lo, através do Ato Adicional de 1834. A incumbência ficou nas mãos da iniciativa privada.

Os custos de uma escola particular eram altíssimos, pois incluíam os contratos de mestres, auxiliares, serventes, além de gastos com mobílias, vestuários, mantimentos, etc.

Em 1872 o Colégio Florence tinha já seu preço avultado. As alunas internas pagavam adiantados, trimestralmente, 125\$000 mil réis; meio-pensionistas, 60\$000 mil réis e as externas de todas as aulas, 24\$000 mil réis. Havia ainda as ditas de primeiras letras que pagavam 15\$000 mil réis a cada três meses. A lavagem das roupas custava 18\$000 mil réis e as lições de música 25\$000 mil réis. (Jornal "A Gazeta de Campinas", seção anúncio, 19 set 1872).

Em 1876, o valor das mensalidades pagas pelas alunas sofreria alteração em função das modificações por que a instituição passou. Era o momento em que a diretora, Carolina Florence, viajava para a Alemanha em

busca de novas preceptoras e novos métodos para reestruturar o Colégio. Alterava-se o valor das trimestralidades em função das mudanças que aconteciam. Nos anúncios em que a diretora do Colégio publicava o início das aulas, geralmente em dezembro, é possível ler a justificativa do valor a ser pago pelas alunas:

*"Este antigo estabelecimento, fundado em 1863, recebe alumnas internas, meio pensionistas, e externas, dispondo de um corpo docente dos melhores professores bem como de **várias professoras estrangeiras internas** (grifo meu) que coadjuvam a directora no ensino e educação das alumnas. O cuidado contínuo da directora tem sido de introduzir no collegio melhoramentos, seguindo os progressos de ensino na Europa e especialmente os de sua pátria, a Allemanha".(Jornal "A Gazeta de Campinas, seção anúncio, 17, 19, 22, dez 1878).*

Quanto ao valor das trimensalidades, o Colégio Florence, em função do seu alto investimento no contrato de professores, tornou-se um dos mais caros em relação a outros estabelecimentos destinados à educação feminina na cidade de Campinas e na Província de São Paulo. As alunas internas passaram a pagar 150\$000 mil réis, as meio-pensionistas, 75\$000 mil réis e as externas de las.letras, 30\$000 mil réis. As lições de piano começaram a custar 25\$000 mil réis, separadamente." (Jornal "O Diário de Campinas", seção anúncio 10 jul 1878).

Nos anos que se seguiram o valor permaneceu o mesmo. As aulas de música eram optativas e o seu preço, cobrado à parte. Parece que todas as discentes as freqüentavam. Para as ex-alunas, Carolina Florence criou cursos de reciclagem, novidade que foi anunciada no ano de 1879:

"Curso de portuguez, francez, italiano e desenho

para as senhoras que ao acabar seus cursos escolares, desejam-se aperfeiçoar nestas materias, nas terças e sexta-feiras da 1 ás 3 horas. Preço por trimestre 30\$000." (Jornal "A Gazeta de Campinas" seção de anúncio, 8, 11, 13 dez 1878).

Para se ter uma idéia de como esses valores eram elevados, observo os preços fixados por outros estabelecimentos na época. O "Colégio Pestana", por exemplo, na cidade de S.Paulo, cobrava dos internos 125\$000 mil réis por trimestre e 40\$000 de jóia no ato da matrícula para gastos com objetos fornecidos pelo colégio. Os semi-internos 100\$000 e os externos, freqüentando três ou mais filhos 40\$000. (Jornal "A Gazeta de Campinas", seção anúncio, 19 jun 1879).

No Colégio Internacional de Campinas, no mesmo ano, os alunos e alunas internos pagavam 125\$000 por trimestre, os externos de 1as.letras 30\$000 e os externos de 2a.e 3as.letras 60\$000 semestralmente. As internas que iniciavam as aulas pagavam também uma jóia de 30\$000, valor referente a camas, lavatórios e outros utensílios fornecidos pelo colégio. Os externos pagavam 10\$000 por esses serviços. A lavagem de roupa importava em 6\$000 por mês e papel, tintas, cadernos e materiais de desenho importavam em 10\$000 semestralmente.(Jornal "A Gazeta de Campinas, seção anúncio, 4 jul 1879).

Em relação à anuidade, tanto o "Colégio Pestana" em S.Paulo, como o "Internacional" de Campinas, cobravam 500 mil réis anualmente contra os 600 mil réis do Colégio Florence. No entanto, as cobranças nesses estabelecimentos, se somadas às exigências de jóias quando da entrada da estudante, perfaziam, um valor que aproximava do cobrado pelo "Florence." De qualquer forma, este último cobrava o preço mais elevado em relação a outros estabelecimentos.

Mesmo com relação aos exclusivamente femininos, como é o caso do Colégio Ignácia Camargo, fundado por uma antiga

professora do Colégio Florence, a discrepância é muito grande. Uma interna pagava semestralmente, no Colégio Ignácia Camargo, 200\$00; externas de 4a.classe 30\$000; de 3a.classe, 60\$000; e de 2a.classe, 50\$000. A lavagem da roupa ficava em 50\$000 no semestre. Esses valores eram exigidos em 1885. Portanto o valor estipulado pelo Colégio Florence nesse período deveria ser mais elevado, já que, em 1878, custava 150\$000. Não encontrei, infelizmente, dados para comprovar o aumento ocorrido nos anos posteriores. (Jornal "A Gazeta de Campinas, seção anúncio, 29 jan 1885).

Também em 1885, localizei o anúncio de valores a serem pagos por alunas que se matriculassem no Colégio de Josephina Sarmento, onde o preço semestral era equivalente ao de D.Ignácia Camargo: 200\$000 pagavam as internas, sendo que a lavagem de roupa importava em 125\$000.

Ao situar o valor referente ao pagamento das anuidades solicitadas por essas instituições, notei que seis preços estão abaixo dos do Florence e, infelizmente, depois de 1879, Carolina Florence adotou a fórmula de não imprimir em seus anúncios o preço da anuidade.³⁶

No entanto, Moraes, ao reportar-se ao preço cobrado pelo Colégio Culto à Ciência em 1882, cuja taxa fixada era de 200\$000 mil réis a menos do que o cobrado pelo Colégio Florence, e já considerado pela autora avultado, diria:

"Para avaliar o quanto é caro o ensino no Colégio Culto à Ciência, é útil saber, que, 1882, o alojamento do trabalhador no Rio de Janeiro, numa estalagem composta de um quarto, uma sala, de três metros quadrados cada peça, e uma cozinha bem menor, custava o aluguel de 14.060 a 22.496 por mês (...) Nesse ano, um servente de pedreiro ou carpinteiro recebia em média 49.400 e se tivesse

³⁶ O anúncio do Colégio em janeiro de 1886 dizia que "Será enviado um programma minucioso ás pessoas que o pedirem." O que significava que havia uma nova forma de atrair os interessados sem que houvesse necessidade de expor a alta mensalidade exigida. (Jornal "Diário de Campinas" seção anúncio, 14 jan 1886).

família teria de despende uma média de 11.248 réis de aluguel de quarto de cortiço, o que representava 22,8% da sua renda mensal." (Moraes, **O ideário Republicano e a Educação: O Colégio Culto à Ciência**, p.291).

Outro dado importante é que, se houve momentos de crise financeira no Colégio Florence, isso não prejudicou o desenvolvimento e expansão da instituição. Acompanhando sua vida cotidiana através das notícias dos jornais ou por cartas, percebe-se que, a cada ano que passava, o Colégio Florence progredia sempre. O número de alunos girava em torno de setenta e as modificações que Carolina Florence introduzia, tanto nos aspectos pedagógicos como na estrutura física, davam mais credibilidade ao colégio junto às famílias abastadas da cidade de Campinas e região, chegando mesmo a possuir em seu quadro discente, alunas provenientes de outras províncias, como de Minas Gerais.

Para os senhores de terras ou comerciantes bem sucedidos, a educação de uma filha custava, anualmente, o mesmo ou, às vezes, mais do que o Governo da Província dispndia para assalariar um professor para o ensino de trinta alunos. Um dado que pode significar que a oligarquia acreditava, e desejava, que suas filhas tivessem um bom ensino, mesmo que tivessem que pagar um preço elevado para isso.

4.1 - PROCEDÊNCIA DAS ALUNAS

A clientela que freqüentava o Colégio Florence, desde quando este iniciou suas atividades em 1863, era constituída basicamente por discentes provenientes das famílias de fazendeiros de café, imigrantes e profissionais liberais. Foram muitas as alunas que se destacaram, na, instituição, durante os anos em que esteve sediada em Campinas e



Grupo de alunas do importante Internato de Jundiaí.

Ilustração 17 - Fotografia de alunas do Colégio Florence,
quando o mesmo se encontrava em Jundiaí
-SP (Museu de Jundiaí)

posteriormente em Jundiaí. Muitas delas, depois de casadas, trouxeram suas filhas para serem educadas no mesmo lugar em que aprenderam as primeiras lições, e dessa forma, gerações de mulheres dentro de uma mesma família foram sucessivamente, recebendo a educação propiciada por uma mesma instituição.

O registro da matrícula das alunas era feito em um livro numerado e datado. É o mesmo onde localizei o pagamento efetuado aos professores e criados. Escrito de próprio punho por Hércules Florence, entre 1870 a 1874, foi o único encontrado até o momento.

Nele, pude encontrar o nome das filhas de senhores influentes na região, muitos dos quais, com o advento da República desempenhariam papéis decisivos no quadro político do país. Nos anos anteriores e posteriores a esse período, encontrei nos jornais, e apenas neles, menção da permanência de outras discentes, mas infelizmente, não é possível descobrir nome dos pais, apenas por alusão aos sobrenomes. Abaixo, exemplos dos nomes, relacionados no livro de tombo de Hércules Florence, de pais ou parentes responsáveis pela matrícula das alunas, e também o nome das alunas que freqüentaram o "Florence" de 1870 a 1874:

PAI ou TUTOR	ALUNA	ANO
tenente Antonio Rorz de Almeida.	Antonia Augusta de Almeida	1870/1/
capitão Lino José de Freitas	Domingas (lo.trim 74 -	ausente).
comendador Francisco Vilela	...(ilegível)	1873
Fazendeiro José de Campos	Amélia Leoncio	1870/1
Negreiros (Rio Claro)	Negreiros	

Boticário Gustavo Schaumann (Cunhado de Carolina)	Isabel	1873
Fazendeiro José Libaneo Abreu Soares	Laura, Josephina e Isolina	1873/4
Comerciante Antonio Carlos Sampaio Peixoto	Luiza, Leonor e Jozima	1870
Fazendeiro Antonio Xavier Goto (Amparo)	Ana Carolina da Silveira	s/d
Médico Dr. Vieira	Eugenia Xavier Pereira	1871
comerciante Madame Teixeira do Hotel do Comércio.	externas: Minervina e Joanna.	1871
Inspetor de Instrução Publica Cassiano B. Nogueira Gonzaga	Luiza e Brasilina	1871
comerciante Joaquim Alves de Almeida Salles	Cecília, Maria Luiza e Branca.	1872/3
comerciante sr. Harbech	Etelvina e Margarida	1873/4
comerciante sr. Heidtmann	Bertha	1871
Coronel Joaquim Quirino dos Santos. (fazendeiro)	Ana Francisca de Oliveira e Manoela Las Casas.	1872/3
Político Francisco Glicério	Maria de Cerqueira - externa.	1874
comerciante Tomás Gonçalves Gomide	Maria do Carmo e Augusta	1874
fazendeiro Manoel de Moraes Salles	Antoninha - interna Etelvina - externa	1874
"Meo compadre Cristiano Mayer" - Comerciante	Filha Maria	1873

fazendeiro Antonio Elias de T.Lima (Mogi Mirim)	Amália Augusta de Toledo Lima -interna	1872
comerciante Joaquim Ferreira Penteado	Joaquina	1874
José Rorz do Amaral	Placidina	1872
Antonio Leite de Barros	Gertrudes	1872
comerciante José Maria Lamaneres	Armeline (Foi professora do Colégio Florence).	1872
Comendador Joaquim Ferreira Penteado	Candida	1873
fazendeiro Diogo de Moraes Salles	Chiquinha	1872
fazendeiro Tristão Campos (Amparo)	Maria da Conceição	1874
fazendeiro José Egydio de Souza Aranha	filhas: Escolástica e Josephina	1872
comerciante Madame Edmundo Maret	Alexandrina	1872
comerciante Madame Pimenta	Maria -externa	1872/3
médico Dr.Melchert (Piracicaba)	sua irmã,D.Maria Candida	1874/6
fazendeiro Luciano Teixeira Nogueira.	Maria Teixeira	1874
Delegado de Polícia Alberto Müller	Maria Müller	1872
fazendeiro Joaquim Paulino Barbosa Aranha	Luiza	1873
fazendeira Antonia Francisca	Zezinha e Isaltina	1874

do Prado

fazendeiro Francisco de Queiroz Telles	Escolástica Meio-Pensionista	1874
fazendeiro Antonio Pinheiro de Ulhoa Cintra	Filhas: Maria, Clotilde e Julieta	1873/4
Alfaiate Pedro Lopes	Filha: Maria	1874
Juiz de Direito Belarmino Peregrino da Gama e Mello	Belarmina	1873/4
Propriet.do Jornal "A Gazeta de Campinas" Francisco Quirino dos Santos	D. Joaquina - interna	1873
Fazendeiro Barão de Ataliba Nogueira	Filha Adelaide Luiza - interna	1873/4
fazendeiro Francisco da Cunha Bueno (Rio Claro)	Maria, Francisca e Joana	1873
fazendeiro Sistema de Parceria Joaquim Teixeira Nogueira	Enteadas: Isabel e Anna Bueno	1873
"Meo compadre Domingo Leite Penteado" fazendeiro	Candida da Rocha	1869/70
fazendeiro José Teixeira Nogueira	filha adoptiva Leonor	1870
Capitão Bento Bicudo	Brasilisa	1873/4
Fazendeiro João Joaquim da Silveira Cintra (M. Mirim)	D. Rita	1874
Comerciante Julio Lehmann	Julia e Honorina	1870/1/2
comerciante Madame Wibeck	Anna	1873
comerciante José de Salles	Cunhada Vicenti	1874
fazendeiro Francisco	Thereza e Maria	1872

Na relação dos responsáveis encontram-se comendadores, barões, juízes, políticos, entre outros. Muitos residentes fora de Campinas.

Os teutos tinham a opção de colocar suas filhas na "Escola Alemã" de ambos os sexos. O ensino, no entanto, não tinha o mesmo grau de desenvolvimento. Procuravam dessa forma o Colégio Florence, a fim de que suas filhas tivessem uma educação mais completa.

As mulheres ficavam muitas vezes responsáveis pela educação das filhas por razões de viuvez, ou de os esposos estarem em constantes viagens. Há, na lista de Hércules Florence, o nome de três mulheres que aparecem nessa situação, encaminhando suas filhas para a instituição. Provavelmente não somente assumiam essa tarefa, mas também aquelas ditas masculinas, como é o caso da Madame Teixeira, proprietária do Hotel do Comércio, em uma época ainda incipiente para o trabalho administrativo que o sexo feminino poderia desempenhar. As mulheres ficavam restritas à esfera do lar. Cândida Florence, filha de Hércules Florence do primeiro casamento, ao escrever uma carta a Paulo Florence, diria em relação ao seu papel feminino: *"eu pouco valho e o que faço é procurar ser o menos incômoda para eles (a família). E isso não é tão fácil aqui no Brasil onde as mulheres são quase escravas."* (Carta de Cândida Florence a Paulo, em 1885).

As alunas matriculadas eram, além das filhas naturais, adotadas, cunhadas, irmãs, enteadas, sobrinhas etc. Os laços familiares, naquele período, se mostravam estreitos e muitos se responsabilizavam financeiramente pelos custos de uma educação formal.

Carolina Florence teve muitas alunas que eram

parentes. Tanto Krugs como Florences. Infelizmente não saberia informar se havia cobrança de anuidades, pois no livro caixa não há menção ao nome dos parentes.

As vezes, os pais tinham necessidade de interromper a instrução das filhas por motivos outros, o que provavelmente acarretava desequilíbrios na contabilidade da instituição. Em 1870, por exemplo, Tomás Gonçalves Gomide, inscrito na lista como pai, envia uma carta para Carolina Florence com o intuito de comunicar a saída da filha do estabelecimento, na metade do 1o. semestre:

"Ilma. Sra.D.Carolina.

Por circunstâncias que pedi ao irmão Jorge de comunicar a senhora, minha filha interrompe por algum tempo com os estudos. Desejo prestar conta dos atrasados que devo a fim de permanecer de modo satisfatório. Muito tenho agradecido a delicadeza que tem tido comigo e o aproveitamento da menina." (Carta de Tomás Gomide para Carolina Florence, de 5 abr 1870).

Os pais tinham, às vezes, grandes dificuldades econômicas, com as crises vividas com a colheita do café, mas procuravam, na medida do possível, manter suas filhas estudando, pois sabiam o valor do trabalho e do bem que representava ser instruída.

Um bom exemplo de que os pais sabiam da importância e do valor que a educação poderia representar para uma mulher encontra-se na carta que um pai remeteu às filhas que estavam no colégio, internas, no período das férias. Provavelmente elas ficaram no estabelecimento nesse período exatamente por não poderem ir à casa do pai, porque o mesmo se encontrava viajando:

"Minhas queridas e adoradas filhinhas:

Tenho recebido diversas cartas vossas e muito tem-

me alegrado por nellas interpretar alegria e satisfação em minhas queridas filhinhas. Também já noto ao mesmo tempo mais adiantamento e isso tudo constitue uma felicidade grande para mim que só vivo de vocês e para vocês. Isto eu creio que é exatamente o que também compreendem e a não ser assim como explicar tanto sacrificio que faço? Acabando com minha saúde e sacrificando a profissão vivida em viagens com o fim somente ou por este modo adquirir recursos para a Educação que vos dou? Assim pois charas filhinhas continuem a ser estudiosas, aprendão tudo que puderem e isso preencherá meos desejos."(Carta de Arthur dos Santos de 31 dez 1884 -Coleção Cyrillo Hércules Florence).

O pai continuava a missiva dizendo que as encontraria somente depois que pudesse concretizar seus negócios, provando que o compromisso com o trabalho exigia disciplina de tempo. Se muitos senhores de posse, como é comum pensar, viviam comodamente em suas fazendas, nem todos podiam viver dessa forma. O pai reclamava, na carta, da vida que levava e o desejo de encerrar tamanho sacrificio que o trabalho em viagens lhe tomava:

"Hoje acho-me no interior da Província de Minas - de onde vos escrevo e só irei ter o prazer de vos abraçar em fins de janeiro e princípio de fevereiro que é quando meos afazeres hão de permitir me algum descanso. Preciso mesmo vêr de não viajar mais, visto como esta vida já me pesa bastante - Apesar das commodidades com que ando por aqui e aonde já foi recente das irregularidades de faustos vigores. Peço pois a minha queridas filhinhas que sempre escrevão para ajudarem e com suas cartas attenuam tanta cousa que me encommoda. A suas exmas.professoras e professores -appresentem meos cumprimentos pelas boas festas - aos este que passo com vocês eu manifesto esse prazer com um bem numeroso de beiginhos e abraços. A suas

Chrysanthemum

ata de po. de Alameda de Bago

Ilustração 18 - Carta de um pai de alunas internas do Colégio Florence, enviada durante o período de férias para suas filhas (Coleção Cyrillo Hércules Florence)

colleguinhas mais intimas também uma visita pelas felizes entradas e esperançoso anno - fazendo-o mais particularmente a d.Leonor Gomes. Queridas filhinhas - acceitem em nome de Deos uma benção que lhe lanço e até breve. Vosso Pae e amigo Arthur Santos. São Sebastião do Paraíso. - Em viagem -31 dezembro 1884 (Sul de Minas)" (Coleção Cyrillo Hércules Florence).

A saída de alunas nem sempre era causada pelas quantias avultadas das mensalidades ou por crises financeiras na família. Muitas vezes era por motivo de viagens, mudanças, etc.

Luiza Vaz ao mudar-se para um outro lugar explicou a Carolina que era apenas a distância o que a impossibilitaria de dar continuidade aos estudos de suas parentes: "*Se meu irmão retirou as meninas de vosso colégio não foi por influência, pois que sempre a venera com extrema afeição. Naturalmente a vossa bondade compreenderá os extremos de um irmão ou de uma irmã e não levará mal a retirada das meninas que sempre hão de amar e respeitar sinceramente.*"(Luiza Vaz para Carolina Florence, 19 jan 1894.)

Às vezes, Carolina Florence, enquanto diretora da instituição tinha problemas de disciplina com algumas discípulas internas e a forma de contornar essas questões deve ter sido muito discreta, pois a compreensão demonstrada pela carta de uma mãe sobre a má conduta da filha, fornece pistas de que não havia formas severas, castigos exibicionistas, como punições por mau comportamento:

"D.Carolina

... não sei como lhe manifestar o meu mais profundo reconhecimento pela extrema bondade que a sra.tem tido para comigo. Guardo indelevel gratidão, pois além de prestar tão grande auxílio em educar minha filha, sei que ela não tem se

comportado bem no colégio o que me tem desgostado bastante. Não será por falta de bons conselhos que lhe dou. Peço-lhe me desculpar os aborrecimentos que ela causou-lhe. (grifo meu) De sua altíssima servidora e afetuosa amiga Eulalia Vaz de Souza. Araras, 27 janeiro de 1895)" (Coleção Cyrillo Hércules Florence).

Infelizmente não foi possível verificar quais motivos fariam com que uma mãe escrevesse uma carta com esse teor de reconhecimento do trabalho que uma filha poderia ter dado à Carolina Florence, ou seja, que tipo de "arte" a aluna poderia ter realizado.

O fato de não haver punições violentas deve ser ressaltado também, considerando que, durante esse período, os estabelecimentos utilizavam muito os castigos corporais para a repreensão dos abusos da disciplina, como reguada, colocar o aluno ajoelhado no milho, etc. O método Lancaster utilizava-se com bastante regularidade dessas punições.

O próprio governo brasileiro, em suas leis, instituía junto aos professores, a prática de punir alunos desobedientes. Em 1836, o regimento interno das escolas, referente a Província de S.Paulo ditava que: "*Os professores de primeiras letras poderão castigar moderadamente os seus discípulos, quando as penas morais forem ineficazes*" (Moacyr, **A instrução e as Províncias**, p.311).

Em Campinas, um professor ficou famoso nesse tempo, por dar "bolos" nos alunos. Malachias Ghirlanda, que nasceu em S.Paulo, em 1871, mudou-se para Campinas e abriu a sua escola à Rua Regente Feijó, 32. Assim como o Colégio Florence, começava na 3a.série, sendo, por conseguinte, a 1a.série a mais adiantada. Exigia leitura corrente e expressiva. Em torno do professor Ghirlanda formou-se uma verdadeira lenda por causa da sua severidade. Em sua "Campinas de Outrora", à página 183, o Sr.Raphael Duarte diz o seguinte:

*"Da escola do Ghirlanda conheço a muitos respeitáveis chefes de família, carregados de filhos, cujas unhas se tostaram ao calor da milagrosa **Santa Luzia**. A sabatina, em sua escola, era uma verdadeira fábrica de bolos, desafio qualquer ex-aluno daquele saudoso mestre (sic) que impugne esta asserção"* (Duarte in: **Monografia Histórica do Município de Campinas**, p.400).

Carolina Florence provavelmente era contrária à prática de punições e castigos, embora as educadoras de origem alemã fossem, nessa época, popularmente reconhecidas como severas. Em carta à Zinha, sua parente, observei a diretora expressar sua preocupação com posturas rígidas adotadas por outras educadoras.

Também, por ocasião da vinda de professoras alemãs para a cidade de Jundiaí, em 1895, a fim de lecionarem na instituição, Carolina Florence manifestava seu receio em relação aos castigos que estas poderiam impor às alunas do Colégio Florence:

"Zinha:

*Receio que não seja tão feliz desta vez como tenho sido ordinariamente. Ao menos preciso de bastante paciência com uma delas, **pois as meninas estranham suas maneiras e severidade**. Os modos de tratar as meninas na Alemanha são diferentes."*
(Carta de Carolina Florence para Candida Florence (Zinha) de Jundiaí, 2 abr 1895).

Ao contrário dessas situações de repreensão, os dados indicam que o pai, ao colocar a filha nessa instituição, adquiria a tranquilidade e a garantia de a menina obter uma educação sólida e segura.

"Minha comadre Carolina,

Não respondi com brevidade devida a sua referida carta porque razões econômicas obrigaram-me a adiar as respostas. Essas razões desaparecerão com a venda de minha fazenda que fica neste município. Estou pois no caso de fazer maiores despesas e resolvido definitivamente de confiar a sua severa educação as minhas filhas, Licinia e Siberia. Sua comadre está fazendo algumas roupas, mas torna-se necessário que minha comadre tenha bondade de enviar uma relação do que for necessário e bem assim fazer-me ciente de quanto incinda as férias de São João para levar as minhas filhas. Seguiremos depois para Jacutinga, nossa nova residência, tranquila com a educação de nossas filhas por ficarem elas a cargo de uma pessoa que sempre nos mereceu a mais ampla confiança.

Aceitando as nossas recomendações e transmitindo a Augusta e as pessoas de sua família. De seu parente e compadre respeitador Joaquim Meason Teixeira." (Carta para Carolina, Campinas 20 junh 1891).

4.2 - DIFICULDADES COM PROFESSORAS E ALUNAS:

A responsabilidade com as internas envolvia toda ordem de problemas existentes na vida cotidiana. Doenças, por exemplo, eram dificuldades que requeriam mais cuidados, um certo grau de preocupação e também motivo de abandono do Colégio. Em uma carta, escrita em francês, uma mãe se desculpa pela retirada da filha, por motivos de saúde:

"Cara Mme. Florence

Desde que o médico declara que é mais prudente guardar Mary ainda algum tempo aqui para poder melhor observar a causa de sua indisposição, eu me decidi a colocá-la em escola aqui e esperando para não perder seu tempo. Eu desejo então vos avisar

de me enviar como encomenda suas roupas assim como seus livros, músicas, etc.que lhes pertençam."
(S.Paulo, 14 agosto 1894. H.Shimengton.)

Havia famílias que preferiam deixar as filhas doentes sob a guarda da diretora do Colégio Florence, principalmente em uma época em que as receitas médicas traziam diagnósticos nem sempre precisos. Pode-se imaginar quantos problemas tiraram o sono dos responsáveis por instituições de ensino e pela saúde de suas internas. Carolina contava com os parentes que auxiliavam-na, com seus conhecimentos sobre saúde, e suas farmácias.

Leonor Gomes, no início de sua doença, recebeu os cuidados da diretora e diria anos depois: *"Nunca esquecerei que durante quatro meses a senhora deixou seu quarto, seu sono só por mim. Não, isso não é pouca cousa..."*(Carta de Leonor Gomes para Carolina Florence, 27 nov 1890).

Assim como hoje, os problemas decorrentes dos ciclos menstruais traziam preocupações para mães e filhas. As tão propaladas cólicas recebiam tratamentos que muito diferem dos atuais. Provavelmente muitas meninas iniciavam seus ciclos menstruais durante sua permanência na instituição. Estas questões da saúde da mulher, sua sexualidade, esclarecimentos sobre a fecundação possivelmente estavam incluídas na educação das moças e implicavam auxiliares competentes para esses cuidados e quando não, da própria diretora da instituição.

As cartas tratavam de assuntos relativos à maternidade. Diferentemente de um colégio religioso, onde as freiras não vivenciavam essa experiência e nem a vivência direta com a sociedade, os colégios particulares femininos, mantidos por mulheres que participavam da mesma realidade dos parentes próximos das alunas, favoreciam um diálogo mais aberto entre diretora e responsáveis pelas discípulas. Ensinavam-se assim, as primeiras noções de higiene, os cuidados necessários com a vida sexual e a prevenção de

doenças, entre outros.

Nas cartas, encontrei, por exemplo, o caso da saúde das filhas de Anna Carolina Penteado, residente em Amparo, amiga e ex-aluna de Carolina Florence, que muito ajudou as professoras do Colégio Florence, em 1889, quando houve a epidemia de febre amarela. Suas filhas, Angelina e Ercília, tinham problemas ginecológicos que deveriam ser tratados durante a permanência das mesmas no Colégio:

"D.Carolina

Desejava ou pretendia ir até esta nesse mes para visitar as filhas e levar-lhes essas receitas, mas como não me é possível ir logo porque estamos muito ocupados com a colheita de café, vou incomodá-la pelo que peço desculpas. Angelina desde que esteve aqui de férias, que tem estado incomodada. As regras vem-lhe e duram muitos dias com corrimento e mau cheiro. Sente as vezes palpitações e atordoações para o que vão essas receitas que a senhora terá a bondade de mandar aviar e fazê-la tomar segundo a indicação. Ercília tem sempre dor de estomago, arrotos chocos e todas as noites prisão de ventres e irregularidades nas menstruações. Que vem um mes e no seguinte, ou dois meses falha. E quando vem traz muita cólica, e as vezes tem insônia, o que não é próprio da idade. A senhora terá a bondade de fazê-la tomar esses remédios, durante dois meses, segundo o médico me disse. E se nesse tempo elas não ficarem boas será preciso consultá-las de novo, o que espero não acontecerá. Elas deverão suspender o uso do óleo de fígado de bacalhau. Peço-lhe o favor de comprar em S.Paulo, duas tocas impermeáveis para elas usarem durante os banhos. Perguntei ao médico se havia inconveniência em elas aprenderem o canto, e ele me disse que não. Pelo contrário, quando se canta como deve, com a boca aberta, só podiam tirar proveito. E para Angelina pode fazer sarar a garganta. Por isso elas podem continuar a tomar licções particulares de canto o que pedi ao sr.Giorgetti. Peço-lhe recomendar-se a Isabel e a Augusta, e outras

conhecidas e dá saudades as filhas. Desejando-lhe muita saúde, abraço-a amiga obrigada e sincera. Anna Carolina Penteado."(Carta à Carolina Florence, de Amparo, Estação Feres Rodrigues, 22 ago 1894).

Na documentação analisada, localizei a receita do Médico dr.Silveira Cintra, muito prejudicada pelo tempo:"*Recomendações: Ambas usarão chuveiro pela manhã, sem molharem a cabeça, servindo para enchugarem uma toalha felpuda. Darão em seguida um pequeno passeio antes de encerrarem as horas do dia.*" (Receita do dr.Silveira Cintra, sem data, Coleção Cyrillo Hércules Florence).

Houve também no Colégio Florence épocas de epidemias e outras doenças contagiosas que eram motivos de preocupação por parte da direção do estabelecimento. Em se tratando de setenta ou oitenta alunas (Almanaque de Campinas, 1886) convivendo diariamente, era necessário um esquema administrativo que desse conta desses inconvenientes, de maneira que não houvesse nenhum ato que desabonasse a imagem da instituição, considerando o receio que alguns pais e responsáveis tinham em deixar suas jovens estudarem em um internato. Muitas vezes, as meninas se machucavam ao brincarem no colégio, mas parece que, depois de alguns anos, as professoras se acostumaram com as quedas e as peraltices, pois Augusta, filha de Carolina Florence, e nesse tempo professora, que também tinha sido aluna, relata um acidente no pátio com a experiência de quem já tinha presenciado várias vezes tais situações. Diria à sua tia Zinha:

"Ontem as meninas nos causaram um grande susto. Oiço de repente gritos e choros, corro para ver o que há e já vem uma ao meu encontro com a cara coberta de sangue. Tinha sacudido um pau de cerca e este caiu-lhe sobre fazendo uma brecha como a minha há vinte anos atrás debaixo da figueirona. Felizmente não é de consequência." (Carta de

PHARMACIA



IMPERIAL

DE

OTTO LANGGAARD

Largo da Matriz de S.^{ta} Cruz n.º 22

ACOMPANHAR

Ilm.^{es} Srs. Dr. Carlos Florence Deve

Esp. do Livro Azul, Campinas.

Importancia de sua conta até esta data

12/860

Recb.º imperial
Otto Langgaard

CAMPINAS 31 DE Dezembro DE 1881

CAMPINAS, 26 DE Novembro DE 1888

JOÃO RIBEIRO

DENTISTA

RUA DO REGENTE FEIJÓ

Ilmo. Sr. Antônio Carneiro de Sousa
Typ. Gazeta

Ataques dentários prestados a
sua filha Carneiro

D. Mariana de Sousa
aluna do Colégio "Florence"
desta cidade

78.000

Ilustração 19 - No
fiscais de serv
prestados por pro
sionais liberais
Colégio Florence
leção Cyrillo Héro
les Florence)

Augusta para sua tia Zinha, sem data, provavelmente 1880).

Às vezes, eram os pais que se tornavam problemas em comportamento, prejudicando as filhas que se encontravam no estabelecimento. Era necessário, nesses casos, muita diplomacia. Alguns eram homens de conduta intempestiva e tomavam atitudes negativas. É o caso do Dr.Cassiano Bernardo de Noronha Gonzaga. Político, pertencente ao partido liberal, serviu na Guerra do Paraguai e atuou em dois cargos municipais de Campinas. Em 1879 foi Juiz Municipal e até a sua morte em junho de 1887, foi Inspetor da Instrução Pública de Campinas.

Consta no jornal "A Gazeta de Campinas" de 22 de janeiro de 1874 uma carta na seção particular, que denuncia que Carolina Florence demitiu suas duas filhas, Luiza e Brasilina do Colégio Florence. Essa carta causou surpresa, considerando-se que o Colégio Florence até o aparecimento dessa notícia, sempre gozara de consideração tanto na imprensa como nas cartas que encontrei. Observe:

*"Tendo a ilma.sra.d.Carolina Florence despedido hoje as minhas filhas do seu collegio **por causa de uma carta que lhe dirigi** (grifo meu) a respeito da educação das mesmas, vou pedir-lhe que se digne publicar pela Gazeta essa carta afim de que o publico sensato faça de mim o juizo que mereço como pae. Campinas, 20 jan.Dr.Cassiano."(Jornal "A Gazeta de Campinas, seção particular, 22 jan 1874).*

Provavelmente essa notícia deve ter causado muito transtorno para a diretora do Colégio Florence, visto que tornou pública uma decisão drástica, tomada por uma mulher estrangeira, em relação à atitude de um homem de influência na cidade de Campinas. Uma decisão que poderia ter consequências sérias na credibilidade do estabelecimento, caso sua diretora

não tivesse autoridade e competência, como educadora. Ele, um homem público, brasileiro, pertencente à sociedade onde os homens tinham muita credibilidade e eram detentores de poder. Ela, uma mulher, estrangeira, dependendo necessariamente de uma boa reputação de que seu colégio necessitava gozar para permanecer com uma instituição acreditada. Poderia ela, Carolina Florence ter respondido ao apelo público e explicitar os motivos de tão séria atitude? Estava no seu direito, no entanto e manteve-se no silêncio, apesar da curiosidade da imprensa em saber os motivos que a fizeram agir assim. Aguardou, na segurança dos seus atos, que as circunstâncias falassem por si próprias. Tanto foi assim, que, em fevereiro do mesmo ano, nessa mesma seção particular, o Dr.Cassiano retorna à esfera pública revelando que sua carta tinha um teor de ultraje, reconhecia sua atitude intempestiva, e, finalmente, acatava a decisão da diretora do Colégio Florence:

*"...uma declaração de motivos pelos quaes foram despedidas minhas filhas do seu collégio, pela razão de que um dos vampejos da honra alheia, um desses miserabilissimos que desde muito tempo lisongea o meu orgulho, abocanhando-me por todos os meios, dando-me a paternidade de misérias só dignas delle e de seus **cyrineus** e me intrigando com pessoas sérias que infelizmente lhe dão crédito por não o conhecerem talvez, propala **urbe et orbe** que essa carta contém expressões improprias de um cavalheiro que se dirige á uma senhora (grifo meu).*

Tomarei seu silêncio já mui significativo da ilma.sra.d.Carolina como prova de procedimento franco e cavalheiroso que tive como pai que só almeja a boa educação de suas filhas, e como uma rolha á boca do vampiro que só me inspira o sentimento de nojo, e donde só transuda a calumnia que é o delírio do odio, e muitas vezes a vingança da inveja.

Páro aqui, pois _ó inspira-me dó e piedade, esse abatimento das almas que Deus criou para a elevação! 31 jan Dr.Cassiano."(Jornal "A Gazeta de Campinas, seção particular,01 fev 1874).

Essas desavenças parecem ter tido um final conciliador, pois, onze anos mais tarde, já como Inspetor de Instrução Pública de Campinas, o dr.Cassiano faria pronunciamentos elogiosos ao colégio, por ocasião de festas de exames finais ocorridos naquele estabelecimento:

"O acreditado estabelecimento que, sob aquelle título, funciona nesta cidade há nada menos que 22 anos sob a habil direcção da exma.sra.d.Carolina Florence, deu hontem ainda mais uma vez prova positiva e brilhante do resultado dos estudos que alli se fazem, submettendo as respectivas alumnas a exames das materias que constituíram seus labores escolares durante o anno que finda.(... Findos os exames o dr.Cassiano pronunciou uma allocução na qual fez bem salientes os benéficos resultados que tem produzido a existência desse collégio, declarando que, em seu relatório ao governo, mencionará este facto." (Jornal "A Gazeta de Campinas", seção noticiário, 15 dez 1885).

As dificuldades que alguns pais criaram eram compensadas, por aqueles que respeitavam o trabalho de Carolina Florence e seu Colégio.

Recorriam à diretora da instituição, quando mostravam interesse em enviar os filhos do sexo masculino para fazerem o curso superior no exterior, já que às meninas, impossibilitadas de cursá-los, tinham seu estudos encerrados no curso secundário.

Carolina Florence tinha experiência nesse assunto. Seus filhos, por exemplo, foram todos estudantes na Alemanha e, por isso, representavam um modelo que muitos pais brasileiros gostariam de seguir. Assim como o professor João Kopke solicitou informações sobre como e onde poderia ser professor em Cassel, sua ex-aluna e amiga Anna Carolina

Penteado, mãe de duas alunas já mencionadas anteriormente, procurou encaminhar o filho para estudos na Alemanha, através dos conhecimentos de Carolina Florence. Através de uma carta solicitava informações sobre educação e alojamento na Alemanha para os alunos do sexo masculino:

"D.Carolina,

Venho por meio desta incomodá-la pedindo-lhe desde já muitas desculpas, pois não tenho outra pessoa a não ser a senhora que poderá me prestar esse grande serviço. Desejando mandar meu filho Alcides que tem quatorze anos e completará quinze em agosto próximo para um internato ou um bom estabelecimento de instrução na Alemanha e como a senhora teve lá seus filhos e tem seus parentes peço-lhe favor de arrumar um lugar e recomendações para ele, onde a senhora achar melhor. Desejo que ele fique interno no estabelecimento e sujeito aos regulamentos. Apesar de ser muito desenvolvido ele sujeita-se pois é criança e tem estado em colégio onde tem sido obediente. Desejo muito mandá-lo para o estrangeiro e meu marido também assim o quer. Tinha vontade de mandá-lo agora com meu mano que se casa e segue esse mes para lá, mas como ele não tem conhecimento lá e não arranjamos lugar ficará para seguir logo que a senhora arranjar. Esperamos que a senhora me fará esse favor, desde já muito lhe agradeço. As meninas e eu muito lhe recomendamos. Sua amiga e obrigada."(Carta de Anna Carolina Penteado, do Amparo, 29 jan 1896).

4.3 - DESPESAS DO COLÉGIO COM ALUNAS

As despesas feitas pelo Colégio Florence eram das mais diversificadas. Além de suprir as necessidades da manutenção de sua estrutura, incluía em seus gastos, objetos utilizados no dia-a-dia pelas alunas, professores e funcionários.

Esses dispêndios eram pagos pelo Colégio com o dinheiro que o mesmo recebia adiantado pelo pagamento dos trimestres. Posteriormente, no livro de contas, onde estavam debitadas as compras, faziam-se com os pais ou responsáveis esses ajustes financeiros. Segue-se um exemplo de como era feita essa contabilidade:

Deve o sr. Venancio Ferreira Alves Adono, por sua filha Maria Rosa Ferreira.

-----1870

mar 3	Entrou hoje como interna	103\$000
mar 10	Botina	6\$000
	linhas e estojo	1\$740
	syllabario	
junh 4	Botinas	6\$000
junh 30	Lã	420
jul 9	Deve adiantada o 3o.tr menos 9 dias.	
	Saldo à seo favor àc/nova	91\$560

		242\$030

jul	Problemas arithmeticos	1\$500
jul 14	Historia Sagrada	2\$500
	Linhas	240

1870-----

mar 3	Pagou adiant. o 2o.e 3o.trm do ano	103\$000
jul 9	Abona-se um mez esteve ausente	34\$330
jul	recebi	13\$740
jul	recebi adiantado	91\$560
jul	saldo a seo favor de c/antig	33\$910

		242\$630

No livro de contabilidade de Hércules Florence, há

Deve - O Sr. José Teófilo Nogueira
1870

Tarifeiro 10. Entrou hoje como interno, deve 90,000

Deve - O Cap^m Bento Picudo, pe
1873

Junho 10 - Entrou hoje, e deve 2/3 Junho	27,800
30 - 3 ^o 3 ^{ta} do anno, adiantado	125,000
Lições de musica ad ^o	25,000
Fornecimentos p ^o trabalhos	1,900
	<u>179,700</u>

Julho 29 - Fitas 400. (N ^o 10) Billed de F ^o 1600	2,400
Grammatica Italiana	1,200
3 ^o Livro de leitura italiana	2,800
Historia Sagrada	2,450
Livro de Aluno Prohibicoes arch.	2,400
Musica 1 ^o Fornecim ^{to} 2,400	3,400
Materiais d'escrita	2,400
Lições de Musica	35,000
4 ^o 9 ^{ta} adiantado	125,000
	<u>176,000</u>

Agosto 4 - A ^o Brasileira Dinheiro	500
Livro de Geographia	2,400
Praticeira	2,450
Fornecim ^{to} p ^o trabalhos	4,700
Materiais d'escrita	1,650

1874	
Agosto 15 - 1 ^o 3 ^{ta} do anno	125,000
Lições de musica	25,000
	<u>161,200</u>

3	1 Colação	12,000
5	Dinheiro	1,100
	Encyclopedia, e demais de v ^o 1 ^o Jan	3,000
		<u>16,100</u>

Ilustração 20 - Exemplo de como Hércules Florence contabilizava as despesas das alunas do Colégio Florence, e seu livro de tombo numerado - 1874 (Coleção Cyrillo Hércules Florence)

apenas um caso de débito que não foi pago. Há um risco com letras de forma grande escrito: Não pagou!! O que comprova que a grande maioria tinha responsabilidades por suas contas e, assim que podiam, quitavam os débitos das alunas: *"Faço-lhe ciente de que hoje em diante deixa de fazer parte do seu colégio minha afilhada Candida. Ps.Terá a bondade de mandar a conta dos dias vencidos depois do trimestre. Comadre Maria da Rocha Camargo"* (Carta para Carolina Florence, de 15 jan 1871).

Há uma lista muito grande de objetos comprados para essas alunas, muitos relacionados com vestidos, panos e tecidos, com livros e outros objetos. Abaixo, descrevo alguns desses gastos que o Colégio Florence fazia:

Leitura de Abilio Borges
Materiais de escripta e pedra
Grammatica Nacional
Methodo de Arithmetica
Grammatica de Pinheiro
Cartilha
licções de música
licções de leitura
livro de Geographia-Lejone
Livro de devoção
Livro de canto
livro de allemão
Morceaux de leituras de Leiclerking
encardenação de atlas
grammatica portuguesa de Sevenne
Larousse Petit Encicloped
História Sagrada.

Syllabario de Roquete

O material didático composto por cartilhas, atlas, enciclopédias, fazia parte da descrição de despesas de alunas em 1870. Dez anos mais tarde, muitos livros seriam substituídos por outros mais modernos, além dos próprios elaborados pelos professores do Colégio Florence, como as gramáticas de Julio Ribeiro, Miguel Alves Feitosa e João Kopke.

Também encontrei, na documentação referente aos



27 RUA DE GOES 27
Luzerna de Direita

Escritas da de Goes

1. ^{MA} ⁴¹ ^{Q.ª} *Amc. Sr.ª Carolina Floren.* *Dac*

Campinas, 30 de Junho

de 188 4

77. rue d'Alger

Quantidade	Unidade	Descrição	Valor Unitário	Valor Total
1	Volume	1. Dictionnaire de la langue française	8.50	8.50
16	Volume	1. L'Encyclopédie	48.00	768.00
1	Volume	1. L'Encyclopédie	18.00	18.00
1	Volume	1. L'Encyclopédie	5.40	5.40
1	Volume	1. L'Encyclopédie	10.80	10.80
1	Volume	1. L'Encyclopédie	21.60	21.60
1	Volume	1. L'Encyclopédie	10.80	10.80
1	Volume	1. L'Encyclopédie	15.00	15.00
1	Volume	1. L'Encyclopédie	16.00	16.00
1	Volume	1. L'Encyclopédie	6.00	6.00
1	Volume	1. L'Encyclopédie	12.00	12.00
1	Volume	1. L'Encyclopédie	8.10	8.10
1	Volume	1. L'Encyclopédie	118.00	118.00
1	Volume	1. L'Encyclopédie	64.80	64.80
1	Volume	1. L'Encyclopédie	3.00	3.00
1	Volume	1. L'Encyclopédie	48.00	48.00
1	Volume	1. L'Encyclopédie	2.50	2.50
1	Volume	1. L'Encyclopédie	10.80	10.80
1	Volume	1. L'Encyclopédie	2.00	2.00
1	Volume	1. L'Encyclopédie	18.00	18.00
1	Volume	1. L'Encyclopédie	16.00	16.00
1	Volume	1. L'Encyclopédie	8.00	8.00
1	Volume	1. L'Encyclopédie	1.00	1.00
1	Volume	1. L'Encyclopédie	14.00	14.00

Ilustração 21 - Exemplo de nota fiscal da Lapa "Au Monde Élegant" de A. Genoud, relativo a compra de livros para o Colégio Florence (Coleção Cyrille Hércules Florence)

gastos do Colégio Florence notas fiscais de compras de artigos, materiais utilizados para os aulas de trabalhos manuais, também objetos e adereços que eram solicitados pelas alunas, a fim de trajarem-se convenientemente como ditava a moda da época. Aliás, a moda é algo que tem uma participação fundamental nas despesas com objetos de ornamentação: Lã, crochê de Tunes, linhas, pentes e escovas, fitas, chita, lavagem de roupa, metros de Alpaca, avental, Baetilha para saia e palitô, miudezas, feitio de vestido, tecidos (escócia, morim, bordado, etc) engomagem, talagarça, miçangas, escovas de dentes, pós de dente, sabão, prateleiras, fornecimento de vela e fita branca, meias, veludo, chalezinhos, botinas inglesas, entre outros.

Há gastos com dentistas, boticários, xaropes de Quina, quadros infantis, porta-chaves, dinheiro para guloseimas, presentes para aniversários (como charuteiras, etc.)

Pelas despesas também é possível verificar que as alunas faziam passeios pelas redondezas da cidade de Campinas. Nas anotações encontramos "Viagens à Valinhos", estância hidro-mineral a 10 kms da cidade de Campinas, que era muito recomendada para restabelecimento da saúde. Também há despesas com programas culturais como "bilhetes de teatro".

Com relação a manutenção da estrutura física, o colégio consumia com: consertos de calçada, portões, impostos para captação do Fundo escolar, taxa de escravos, encanamento de água, impostos sobre indústrias e profissões, contribuições a Prefeitura da cidade. A alimentação assim como os remédios, eram comprados nos diversos estabelecimentos da região e também fora do país.

O fornecimento de pães para o Colégio Florence, por exemplo, era feito pela Padaria e Confeitaria de Ulrich Baenninger, que, em 4 meses, perfazia a quantia de 177\$700,00 que equivalia um pouco mais da mensalidade de uma aluna durante o trimestre.

Carolina Florence também procurava cercar-se de

Ilustração 22 - Notas fiscais de despesas do Colégio Florence

mecanismos que protegessem um investimento tão alto com sua instituição, através de uma apólice de seguros, na qual é possível constatar que seu segurador, sr. Alberto Müller era também alemão e pai de alunas do seu colégio. Para aquele tempo era esta uma atitude pouco comum porque poucos brasileiros faziam seguros de residência e os prejuízos eram frequentes, considerando-se a fragilidade das construções. A quantia dispendida para tal finalidade era considerável no período, 93\$780, em 1882.

O imposto pago pelas casas que compunham o edifício do Colégio era de 36\$000 mil réis anuais, para cada uma.

Para a compra de livros, a diretora da instituição, utilizava-se da loja "Au Monde Élegant" de A.Genoud, loja com modas francesas ³⁷ . Ou também em S.Paulo, na loja de A.L.Garraux, que ficou famoso com a introdução dos envelopes, como nos conta Leda Rodrigues:

"Maior sucesso tiveram, a partir de 1870, os romances em francês importados pela livraria Garraux. Até 1860, o livreiro Anatole Louis Garraux instalara-se, à rua Spetencrional, n.3, Cidade de Santos. Além de grande sortimento de papel de cartas de pequeno e grande formato, papel para comércio, todos os objetos de escriptório, colleção de steroscopos com vistas de todos os paizes e de todos os gêneros vendia livros de direito, de medicina e de autores clássicos da França. Transferindo-se para a capital, à rua Imperatriz, ele introduziu duas novidades: os envelopes, pois até então usava-se o papel duplo, dobrado e sobrescritado por fora, e os romances franceses muito do agrado das damas paulistas." (Rodrigues, **A instrução feminina em S.Paulo**, p.169).

³⁷ De acordo com A.Guimarães: "Acentua-se na década de 60 a 70 uma corrente de elementos franceses, que iria influir no comércio com as "chitas francesas", o "morin" frances, "cavours" (...) Lojas como "Notre Dame", "Au Monde Élegant" "La Ville de Vienne", etc." (Guimarães, **A Campinas de meus pais**, p.21).

CHARUTOS DA HAVANA
LIVROS
BOMBA DE PROJEÇÃO DE SÃO PAULO
Assignaturas
para os Jornaes da Europa

LIVRARIA, PAPELARIA E TYPOGRAPHIA

A. L. GARRAUX & C^{IA}

Casa Fundada em 1860

S. PAULO, — Rua da Imperatriz, — 38 e 38

PARIS, — Rue d'Hauteville, 18

AGÊNCIA ESPECIAL DE COMMISSÕES NA EUROPA

BURRAS DE FERRO

IMPRESSÃO DE ENRIQUE

COLECTOR PARA PRESENTES

ESPELHOS, QUADROS

ENCADREAR-SE

AGÊNCIA ESPECIAL DE COMMISSÕES NA EUROPA

qualquer trabalho Typographico

CARTÕES DE VISITAS EM QUANTOS

C. Sillm *Caroline Florence* Campanal Compr

S. PAULO 18 de Maio de 1887

12	Contas	Eu da Infancia	1/	900	10,800
6	Freie	Indimentos	1.500/	1,350	8,100
6	Leu de Deus		2/	1,800	10,800
8	Abelir ? Livro		2/	1,800	10,800
6	Catecismo		1/	700	4,200
12	Lições	Eu da Infancia	2/	1,800	21,600
6	Orçam	Orçam	4/	3,600	21,600
2	Orçam	Orçam	5/	4,500	9,000
2	Orçam	Lingua inglesa	2/	1,800	3,600
12	Orçam	Orçam	2/	2,500	30,000
6	Orçam	Orçam	12/	10,800	64,800
7	Orçam	Orçam	7/	6,000	42,000
12	Orçam	Orçam	1200/	1,080	12,960
8	Orçam	Orçam			2,000
					244,960

Ilustração 24 - Nota fiscal da Livraria A.L.Garraux, em São Paulo, com relação de compras de livros didáticos para o Colégio Florence (Coleção Cyrillo Hércules Florence)

Seguro de Vida - Sr.
Carolina Florence

Vencimento em 27 janeiro de 1881

Prêmio - R. 93.780.

Localidade Campinas.

Paghi a quantia de Noventa
e tres mil sete centos e setenta
reis, (R. 93.780) impartancia
do seguro somma vencivel em
27 de janeiro de 1882.

Alberto Müller



Ilustração 23 - Seguro efetuado por Alberto Müller, a favor
de Carolina Florence em 1882 (Coleção Cyril
lo Hércules Florence)

Quanto aos envelopes, ao manusear as correspondências dirigidas à diretora do colégio, foi possível verificar vários tipos de impressão, como também nas cartas. Para essas compras, utilizava-se também a loja de Castro Mendes, que além de vender pianos e partituras de músicas, tinha uma gráfica, onde se encardenavam livros e se vendiam papéis e envelopes. Para manter uma instituição de proporções gigantescas para a época, havia a necessidade de gastar muito. As alunas tinham que receber um tratamento condizente com a classe a que pertenciam. O montante das despesas do Colégio Florence, na década de 80, para a sua manutenção, comparava-se aos grandes institutos educacionais existentes na Europa. Considerado por muitos um dos melhores da Província de S.Paulo, sua administração era satisfatória, pois o mantinha em funcionamento, mesmo nos momentos de crise. É preciso não se esquecer que muitas instituições foram criadas e desapareceram devido ao excesso de trabalho e aos riscos que implicava uma má administração.

Carolina Florence, no entanto, além de sua força de vontade, contou desde sempre com o apoio dos irmãos, marido, filhos e filhas, além dos parentes próximos e amigos que sempre estiveram contribuindo, a fim de que o estabelecimento não sofresse dificuldades que colocasse em risco sua estabilidade.

Em 1886, por exemplo, a instituição não teria mais problemas com a insalubridade que tantas queixas causou no passado. Se, antes, o Colégio Florence localizado nos arredores de um brejo colocava em risco a saúde das alunas, neste período, quase final do Império, depois do aterramento e das reformas no local, era tido como um dos lugares mais higiênico de Campinas: *"situado em uma das partes mais convenientes e salubres da cidade, e dispõe de um grande edifício construído para esse fim, de uma vasta área, jardim com fonte e casa de banho, enfim de todos os commodos próprios para a educação physica das alumnas."* (Jornal "O Diário de Campinas", seção anúncio, 14 jan 1886).

			
A. B. de CASTRO MENDES & C.		A. B. de CASTRO MENDES & C.	
CAMPINAS 31 de Dezembro de 1889		CAMPINAS 31 de Dezembro de 1889	
Janeiro 9	1	Cinto	2.500
Fevereiro 21	2	Estudarmas 2 volumes de musica	1.000
Março 30	100	Cartões de tubo	1.000
Agosto 3	1	Caixa de papel	1.000
10	1	Europeo 1.º 9.º 1.º	800
		Recebemos	18.900
		Com 7 de Fevereiro de 90	
		Por A. B. de Castro Mendes & C.	
		José Augusto Mendes	

Ilustração 25 - Despesas de Carolina Florence, com artigos de papelaria para o Colégio, na loja "Ao Livro Azul", de Castro Mendes, em 1889)

A instituição continuava a prestar serviços, mesmo quando a aluna já havia terminado seus estudos e se encontrava fora do estabelecimento. O contato com os Florence continuava. Havia sempre uma ex-aluna solicitando, através de cartas, já que na época a telefonia ainda não dispunha de recursos necessários a longas distâncias, partituras de músicas e livros entre outros: *"Hoje é o dia do aniversário da pequena Isabel (filha de Carolina) e da qual não pense que esqueci. Eu envio a ela este presente. E eu vos peço de me enviar dois trechos de música faceis e queira me saber o preço. Sou discípula e amiga Ambrosina."* (Carta enviada de Boa Vista, 22 out 1867).

4.4 - RELACIONAMENTO DAS ALUNAS NA INSTITUIÇÃO

O reconhecimento pela formação recebida no Colégio era manifestado pelas alunas, que percebiam o quanto haviam retido em suas vidas de lições tiradas na instituição. Quando uma aluna, por exemplo, encerrando seus estudos, retornou à casa paterna, escreveu para a sua antiga diretora agradecendo pelos ensinamentos ali recebidos e desculpando-se por inconvenientes que causou quando lá esteve:

"Escrevo-lhe para agradecer-lhe bem como aos meus mestres e mestras o trabalho que tomaram comigo o tempo que aí estive. Aproveito tambem esta para ao mesmo tempo pedir-lhe desculpas pelas tolices que cometi e pelos aborrecimentos aos que tantas vezes causei-lhes. Peço-lhes de crer que sou-lhes muito agradecida. Muito estimarei que a senhora e o sr.Florence gozem de saúde. Meus pais e minhas manas vão passando bem. Peço saudades minhas ao sr.Florence, a Augusta e Isabel. Peço dar saudades minhas ao sr.Florence, aos mestres e mestras e aos colegas aceitando os mesmos de sua discípula reconhecida. Isolina Soares." (Carta de 3 de fevereiro de 1879).

Essa aluna, Isolina Soares referida na carta acima, figurou durante quatro anos junto com outras discípulas, em apresentações de final de ano, em peças e trechos musicais, tanto que seu nome apareceu com destaque nas festas realizadas em junho de 1878, comprovando que de fato o trabalho coletivo era o ponto em que culminavam as teorias práticas do "Florence":

*"Ante-hontem, teve lugar o encerramento dos trabalhos semestraes no collegio Florence. As alumnas declamaram vários trechos de poesia e prosa, revelando pela dicção correcta e notável desembaraço grande aproveitamento. Entre todas, tornaram-se notaveis as exmas.sras.dd.Domingas Freitas, **Isolina Soares** (grifo meu), e Julieta Cintra,tanto pelo castigado da pronúncia, como pelo enthusiasmo com que se houveram no desempenho dos trabalhos que lhes estavam incumbidos"* (Jornal "O Diário de Campinas" seção noticiário, 16 jun 1878.)

As crianças desenvolviam-se com uma liberdade que provinha da concepção pedagógica que a diretora e os mestres acreditavam: "*Iaiá está correndo outra vez com sua bola pela classe...*" (Carta de Augusta Florence para sua tia Zinha, sem data, provavelmente 1880). Dentro dessa concepção pedagógica, as alunas desenvolviam-se integralmente. As "diabruras", as peraltices das alunas eram coisas tão comum como no nosso tempo.

Em carta da filha mais velha de Carolina Florence, Augusta, escrita na Alemanha, quando a mesma estudava lá, percebe-se em um trecho que, na meninice, quando aluna, a mesma se reconhece uma criança feliz e brincalhona. Espanta-se com a mudança que sofreu na passagem para a vida adulta. Relata suas reflexões à Cândida (Zinha) Machado Florence,

7a.filha da primeira núpcia de Hércules Florence, madrinha de Yayá (Evangelina) ³⁸, e tia muito íntima que conviveu com Augusta naquele tempo: *"Dizem-me que as vezes eu sou por demais séria. Você também acha? Eu creio que não. Lembra-se do barulho que eu fazia no pátio com Iaiá, e você precisava me repreender..."* (Carta de Augusta Florence para Zinha (Cândida Florence) da Alemanha, de 18 jan 1874).

As filhas de Carolina Florence como parentes e discípulas, tinham uma responsabilidade que era assimilada desde muito cedo a fim de que pudessem, através do trabalho, compreenderem a realidade e contribuírem para melhorá-la. Sempre que se lê, na documentação a respeito, da compreensão do trabalho, dos afazeres, parece que o tom não é de desânimo ou reclamativo. Ao contrário, lembra sempre a satisfação de realizar um dever com prazer, com alegria.

Considerando-se que as tarefas existentes no Colégio eram exaustivas e cercadas de problemas, poderia-se pensar que eram feitas com pesar. No entanto, a rotina do dia-a-dia do Florence era realizada com satisfação. Em uma carta de Isabel Florence, ainda menina, há uma descrição desses momentos:

*"Mãe está atualmente em S.Paulo. Ela foi no dia 19 para lá e tencionava voltar dia 21, mas veio só o Emílio. O qual tinha ido acompanhar mãe e Augusta. E nos disse que mãe voltará daqui a oito ou dez dias. No primeiro instante ficamos bem triste, Leonor e eu. Mas depois nos alegrou a notícia, pois vimos que esta era por causa da saúde de Augusta. (...) Leonor, Celestina e eu estamos aqui como pequenas ajudantes (tendo o Emílio e as professoras como conselheiras em qualquer caso que precisarmos). Até agora foi tudo muito bem. **E somente agora é que vimos quanto mãe não deve estar cansada de andar aqui e acolá.** (grifo meu)*

³⁸ 30. A coleção de documentos CYRILLO HERCULES FLORENCE permaneceu conservada graças aos cuidados e zelo de Evangelina Florence. Já em seu tempo, quando solicitada fornecia subsídios e informações da história da família Florence para escritores/pesquisadores.

pois mal começamos qualquer coisa que vem alguém nos chamar para ver isso ou aquilo, mas nós não nos cansamos tanto, pois ainda somos meninas e na idade de mãe o cansaço se torna inda mais sensível. Nós ajudamos tanto quanto pudermos.

Mãe agora não tem mais dispenseiras, nós trocamos entre nós as semanas. (Leonor, Celestina, Clotilde, Tida e eu) e olhamos para que o almoço e o jantar sejam a hora certa e nada falte a mesa. De manhã arranjamos os lampiões.(...)Estou tocando uma sonata de Beethoven, e também estou compondo uma canção em alemão com d.Jesse, nós rimos dos erros, principalmente os verbos..." (Carta de Isabel Florence, em francês, para os irmãos na Alemanha, de 24 out 1884).

As meninas levavam a sério e com empenho as tarefas escolares. Provavelmente brincavam em momentos próprios e não descuidavam de suas aplicações em deveres e lições. Em carta de Augusta, quando já professora do Florence, à sua tia Zinha, escreveu ela, contando os progressos e as peraltices de Yayá (Evangelina Florence) no colégio:

"Quero apenas acrescentar algumas palavras a cartinha de laiá que contém somente saudades, mas em verdade ela esta sempre brincando e alegre desde que as aulas começaram. Ela está na segunda classe e é como nunca tinha pensado. Sempre está ocupada. Eu gosto de vê-la entre as outras meninas pulando atrás da bola de goma elástica com as outras. Dá-se muito trabalho para escrever bem os seus ditados e o seu francês.(...)"(Carta de Augusta Florence a sua tia Zinha, sem data, provavelmente 1880).

O relacionamento com as alunas e a diretora era muito afetivo. A preocupação pelo estudo, o esforço e o entusiasmo era comunicado

nas missivas que Carolina Florence recebia. Por ocasião do fechamento do estabelecimento durante a Febre Amarela, sua aluna, Lucila Egler conta os progressos realizados em casa:

"D.Carolina

Faz tempo que eu quiz escrever a senhora, não é por falta de amizade que não lhe escrevo. Fiquei contente em saber que no dia primeiro abre-se o colégio. Agora entra Almerinda. Também ela esta muito satisfeita de ir conosco para o colégio. Eu me adiantei bem no alemão, chegando em Campinas vou pedir outros livros a senhora Wirth eu já tenho. Papai mandou buscar no Genoud, Geographia e Gramática francesa e um atlas de La Marche. Eu quero adiantar-me muito, quero ver se em Dezembro eu passo para a primeira classe. Eu estive de cama uma semana inteira, mas estou boa agora. Todos aqui estão com saúde. Ruth disse que está com inveja de mim estar estudando com D.Emma. Em casa dela é ela que está cozinhando para todo o pessoal da fazenda.(..) a senhora queira aceitar muitas saudades dessa discipula que muito estima. Lucila Egler." (Carta de Jaguary, 9 junh 1889).

4.5.- ALUNAS NOTÓRIAS

Muitas alunas tiveram notoriedade anos mais tarde, por razões que independeram de suas habilidades. Leda Rodrigues conta em seu livro "A Instrução feminina em S.Paulo" que as irmãs de Santos Dumont estudaram no Colégio Florence. Infelizmente não consegui encontrar, até o momento, nenhum documento que pudesse comprovar tais informações e que foram conseguidas pela autora através de entrevista com d.Clélia Fonseca Lima.

"Aberto em 1865 (sic) pela espôsa do cientista

Hércoles (sic) Florence, natural de Mônaco, o Colégio de da.Carolina Florence permaneceu 25 anos em Campinas, beneficiando bom número de alunas. As irmãs de Santos Dumont estudaram lá." (Rodrigues, **A intrusão feminina em S.Paulo**, p.176).

No jornal "Gazeta de Campinas" de 1886, existe um anúncio de casamento de Guilherme de Andrade Villares com Virginia dos Santos Dumont, porém não pude certificar-me que seria essa uma das irmãs do inventor que obteve notoriedade mundial. (Jornal "A Gazeta de Campinas" 18 ago 1886)

No livro de Archimedes Pereira Guimarães, "**A Campinas de meus pais**" também aparece o nome de outra aluna do Colégio Florence: Zulmira Guimaraes.

"Paralelamente, a prima Zulmira Barreto Pereria frequentava o Colégio Florence, esmerando-se no francês e no alemão, que chegaria a falar e escrever corretamente. Menina, levava-o Pai a recitar com grande expressão e soberba poesia de Tomas Ribeiro na festa da Caridade, por ocasião do aniversário da Sociedade Portuguesa de Beneficência, a 29.6.1886" (Archimedes, **A Campinas de meus pais**, p.72).

Nos cartões de felicitações por ocasião do aniversário de Carolina Florence, em 21 de março, encontrei os votos de Zulmira Guimarães: "*Querida diretora, é imensa a alegria que dirigo essas linhas para felicitar-lhe pelo feliz dia de hoje. Desejo-lhe mais de mil anos de vida e que seja tão feliz como tem sido até agora. Terminando esta peço de aceitar um apertado abraço da amiga Zulmira Guimarães.*" (Coleção Cyrillo Hércules Florence).

Além de Zulmira Guimarães, muitas alunas escreviam,

Querida Directora

É imensa a alegria que sinto em escrever-lhe estas poucas linhas para felicitar-lhe pelo feliz dia de hoje.

Desço-lhe mais mil annos de vida e que seja tão feliz como tem sido até agora.

Terminando esta pouco-lhe escrevo um apertado abraço da discipula e amiga.

Lebira Guion

Ilustração 26 - Exemplo de cartão de felicitações, enviado por alunas, por ocasião do aniversário de Carolina Florence e carta de ex-discípulo, escrita em francês (Coleção Cyrillo Hércules Florence)

Bona Vista le 22 Octobre 1844

D. Caroline.

Il y a grande joie que j'ai reçu votre si
mille lettre, et je n'ai pas encore eu le temps
pour vous répondre. Aujourd'hui c'est le jour de
l'anniversaire de la petite Isidèle et pour que elle
ne pense pas que j'ai oublié, je lui envoie ce petit
souvenir. Je vous prie de m'envoyer deux nouvelles
de musique: l'une d'égale mesure et l'autre de deux
mesures, mais qu'elles ne soient pas trop difficiles ni
lentes; et veuillez me faire savoir le prix. Quant
vous m'avez écrit la bonté de me donner la
nouvelle de Mlle Lini. Sa lettre était presque
perdue, quand la plume tombe de mes mains
et j'ai fait ces lignes; mais, comme je suis très pressée,
je vous demande mille excuses. Tout à l'avenir des
bonheurs à Sr. Florence, D. Helena e Mlle
Brav. Maria e minhas mães muito se lhe
recomendo. Sou sua discipula
e amiga
Lebira Guion par
mim e Isidèle, Isidèle e
os dois pequenos.

por ocasião do aniversário da diretora, felicitando-a. Algumas ex-discípulas, outras de dentro do colégio mesmo. Isto revela também o carinho e a amizade que existia de ambas as partes.

O respeito e a fraternidade resultavam em uma espécie de grande família que unia a diretora e suas alunas, como filhas. O tratamento era o mesmo, tanto que dessa maneira, Carolina Florence as chamava e as considerava. Por ocasião de sua viagem à Alemanha, em 1883, Carolina escreveu uma carta dirigida a todas as suas discípulas, na qual é possível ver o quanto se preocupava com a educação delas:

*"Minhas queridas filhas, mil vezes agradeço as boas cartinhas a que me dirigiram e que realmente me consolam na saudade que sinto de vocês todas. A tantas cousas belas aqui que vocês apreciariam e que dariam assim muito mais prazer que pudesse lhes gozar delas em suas companhias. **Procurem pois desenvolver seus espiritos** (grifo meu) também a curiosidade de aprender tudo que é útil e que vossas boas professoras os desejam ensinar afim de poder acompanhá-las um dia o que é a vida européia, se tiverem a felicidade de viajarem por aqui. **Estudem com zelo as línguas, procurem-se adiantar a elas o mais possível como no comportamento.** (grifo meu). Algumas das cartinhas mo prometeu. Desculpe-me se não respondo a cada uma de vocês em particular, acreditem entretanto que qualquer das palavras afetuosas foi lida com prazer e espero que vocês continuarão sua correspondência. Não recebi ainda a revista Trimensal. Terá aparecido? Peço-lhe de dar recomendação e saudades aos seus professores e aos seus pais e aceitem vocês todas minhas queridas um abraço de sua afetuosa mestre e amiga Carolina Florence. "* (Carta escrita em Cassel em 11 junh 1883).

O tipo de educação, na qual, Carolina continuava a

acreditar como a melhor forma de formar o caráter e a conduta humana, possivelmente permaneceria a mesma que adotou no início de sua carreira como educadora. O desenvolvimento do espírito, a expressão da vida interior do indivíduo é que iria auxiliá-la na tarefa da assimilação dos conhecimentos formais e informais.

4.6 - MARIA MONTEIRO

Entre as muitas alunas que o Colégio Florence educou, destaca-se a figura de Maria Monteiro que nasceu a 16 de janeiro de 1870, na cidade de Campinas. Zica Monteiro, como era chamada por seus familiares, era filha do professor de música José Francisco Monteiro e de d.Joaquina Leopoldina de Andrade Monteiro. Desde pequena começou a receber as lições de voz, o que, aliado ao próprio dom que possuía, deu-lhe uma voz de excelente contralto.

Quando aluna no Colégio Florence, desde o início se distinguiu de suas companheiras de canto, como diria o Almanaque de Campinas de 1901: *"No collegio Florence sempre se distinguio por sua grande appllicação ao estudo, desenvolvendo dia a dia seus dotes artísticos como uma esplendida rosa a se desabrochar à luz do sol de uma bella intelligencia primaveril"* (**Almanaque para o ano de 1901**,p.177).

Com treze anos de idade, aluna de canto do Prof.Giorgetti, que a ensinava a impostar a voz sempre com maestria, estreou na Sociedade Carlos Gomes, com esse mesmo professor. (Jornal "A Gazeta de Campinas, 24 out 1883). Junto com Maria Monteiro, outras alunas dessa instituição deram muitos recitais na cidade de Campinas, em clubes e associações, no sentido de fazer daquela sociedade um local de encontros culturais.

No livro "Recordações", de Leopoldo Amaral, há menção do nome das meninas que coadjuvavam a Sociedade Carlos Gomes,

entre elas, muitas pertencentes ao Colégio Florence: Augusta Florence, Anna Pinto, Maria Monteiro, Ruth Fonseca (a maioria professoras do Colégio) além de Adelaide Lopes e Julia Lopes, que era colunista social no "espaço feminino" do jornal "A Gazeta de Campinas". (**Revista do Centro de Ciências e Letras de Campinas**, ano 57, no.65, p.116).

A atuação de Maria Monteiro como aluna se deu também na criação da Revista Trimensal, onde escreveu um artigo, do qual infelizmente não consegui encontrar nenhum exemplar.

O fato, porém, que a tornaria uma cantora lírica famosa seria decorrente da visita do Imperador D.Pedro II e sua esposa à cidade de Campinas, em 1886. Sempre que ia a Campinas, o Imperador fazia visitas ao Colégio Florence. Amigo de Hércules Florence e seu filho Amador Bueno Machado Florence, gostava de assistir o desempenho das alunas e ao desenvolvimento que o colégio alcançava.

Nessa ocasião, foi desacompanhado da Imperatriz assistir a um recital em sua homenagem, no Colégio Florence, e ao ouvir a voz de Maria Monteiro, ficou impressionado, como conta o jornalista do Diário Mercantil, da Corte e transcrito no Jornal "O Diário de Campinas".

"Esquecia-nos mencionar a visita que S.M. fez ao excellente collegio Florence, onde foi recebido pela digna directora e corpo docente. Depois das perguntas de costume feitas a algumas alumnas, que, apesar do acanhamento próprio d'aquelle momento solemne, responderam muito satisfactoriamente, as alumnas cantaram um lindissimo côro com solo de contralto. Tivemos n'essa ocasião ensejo de admirar a mais fresca, bela e symphatica voz de contralto que de ha muito nos é dado ouvir.

Perfeitamente um thesouro escondido a encantadora voz da gentilissima menina, que conta com apenas 15 annos, e possui já uma adoravel voz e canta com a maxima correção e sentimento.(...)

S.M. o Imperador, que, como nós também ésusceptível de commover-se e que não sabe negar

aos justos applausos a quem a elle tão brilhantemente faz jus, externou a agradável impressão que recebera e teve esta phrase: "Esta menina pode vir a ser uma grande cantora." (Diário Mercantil in: Diário de Campinas, seção editorial, 03 nov 1886).

D.Pedro II gostou tanto da voz da aluna do Colégio Florence que retornou à instituição, levando como acompanhante a Imperatriz, que ao ouvir elogios à voz da aluna, fez questão de conhecê-la também. *"Diante da respeitavel senhora foi novamente cantado o côro a um solo pela intelligente jovem, acompanhado a violino e piano pellos sr.Santanna Gomes e E.Giorgetti. As músicas tiveram delicada interpretação. Os imperantes foram alli recebidos pela exma.directora e membros da distincta família Florence, achando-se o interior da casa convenientemente ornado."* (Jornal "A Gazeta de Campinas", seção editorial, 31 out 1886).

Quando se retiraram da apresentação, D.Pedro II prometeu facilitar a realização de uma viagem e estadia de Maria Monteiro a Europa, a fim de que a menina pudesse aperfeiçoar seus dotes naturais.

Por ocasião da partida da jovem para a Corte, com destino a Milão, os jornalistas escreveram um artigo no qual, apesar de se reconhecerem republicanos e contra o regime vigente - a monarquia - elogiaram o gesto pessoal do Imperador em proporcionar essa oportunidade a uma estudante brasileira de talento:

"Parte hoje para a capital do Império, afim de embarcar com destino à Europa, esta distincta jovem.

Vae à Italia, paiz das artes, vae estudar em Milão, as expensas do sr.D.Pedro II, que expontaneamente offereceu-lhe este valioso auxilio, quando aqui ultimamente esteve.

Merecem ambos sinceros applausos: elle, pelo interesse que revelou no intuito de não ficar em

completa obscuridade o talento de sua jovem patricia, tão esperançosa e brilhante: ella, pella digna e graciosa galhardia com que acceitou o offerecimento.

É tão raro em nosso paiz um acto desses; tão poucas vezes se tem visto uma senhora brasileira dar o heróico passo de apartar-se saudosa de seu lar para ir em demanda do velho mundo afim de cultivar o seu espirito, que chega a ser deveras uma surpresa a noticia que ora damos. Enfrentamos com um período histórico em que o ruido das tempestades politicas abafa tudo e faz-nos esquecer, algumas vezes por amor dos problemas pueris, o problema complexo da instrucção e educação da mulher, de quem podemos esperar a fucturas transformações sociais que tanto almejamos. (...)

Para que a iniciativa de sua viagem não partisse unicamente desta provincia, e que fosse preciso vir o sr.D.Pedro II fazer aquillo que a nós unicamente devia estar reservado.

Contudo, não desconhecemos que o acto daquelle respeitavel cidadão é digno de louvores, e se é certo que combatemos em todas as nossas forças o prejudicialissimo principio monarchico, não é menos verdade que fazemos justiça ao homem, não pelo que elle materialmente costuma despende com essas iniciativas, porque afinal é o dinheiro da nação, mas pelas boas intenções que revela, assim em artes como em literatura. Resta-nos felicitar a cidade de Campinas por mais este facto. A par do nome de Carlos Gomes, ha de figurar um dia na Europa, temos a certeza o nome da distincta e talentosa moça que como amadora tanto se distinguio na nossa sociedade, conseguindo chamar sobre si attenção de artista e professores." (Jornal "A Gazeta de Campinas, seção editorial, 6 jul 1887).

D.Pedro II conhecia Hércules Florence e tinha interesses em comum pela ciência. Em 1875 por ocasião de uma das visitas que fez ao Colégio Culto à Ciência, Amador Florence estava na sala de aula quando :

"O monarca reconheceu o professor, e antes que o diretor apresentasse esse, o imperador foi travando animada conversa com Amador Florence, começando por perguntar-lhe pelo pai. Correto e amável como sempre foi, o professor de latim respondia ao monarca com acatamento respeitoso, no entanto Amador Florence era republicano convicto. Foi um dos primeiros a pautar o seu proceder político pelo manifesto de 1870" (Jornal "Correio de Campinas", seção editorial, Homenagem por ocasião da Morte de Amador Florence, 14 out 1894).

Também em 1875 D.Pedro II visitou o Colégio Florence. No seu Diário escreveria sobre as alunas e professoras: *"Collegio de Mme.Florence, com três professoras, Mlles.Schimid, kasselmann e Zoega, sueca. Ouvi meninas em alemão e francês."* (Guimarães, **A Campinas de meus pais**, p.35).

D.Pedro II animou as letras, as ciências e as artes, mas estes gestos não eram suficientes para alterar o estado de penúria educacional que o país passava. A diferença entre suas atitudes pessoais e a política imperial era tanta que nenhum esforço realmente fecundo aparecia como base de equilíbrio. Sua boa vontade *"podia já ser muito para as ciências, as letras e a artes o apoio constante com que as incentivou o Imperador, mas era muito pouco para as responsabilidades de um homem e um chefe de Estado."*(Azevedo, **A Cultura Brasileira**, p.595).

Nesse sentido, todo o esforço que o monarca fez por Maria Monteiro assim como por Carlos Gomes ³⁹, a fim de que os mesmos expandissem seus dons, era uma atitude louvável, porém no nível estritamente pessoal.

Maria Monteiro, ao chegar à Itália, prestou exames no

³⁹ De acordo com o livro de D.Vitalina de Souza Queiroz, Maria Monteiro era prima do Maestro Carlos Gomes. (Queiroz, **Reminiscências de Campinas**, p.35).

Conservatório de Milão, onde o diretor, ao observar o adiantamento que obteve no Colégio Florence, sob os cuidados de seu professor de Canto, Emílio Giorgetti, disse-lhe que provavelmente ela não necessitaria cursar o ano introdutório. O jornal "A Gazeta de Campinas", em outubro de 1887 noticiaria que: *Com prazer transcrevemos o seguinte telegrama do Rio, recebido pelos nossos colegas da Província: Rio, 17. Noticias aqui recebidas da Itália, garantem que d.Maria Monteiro fez excellentes exames, devendo matricular-se no segundo anno.*" (Jornal "A Gazeta de Campinas 19 out 1887).

Já em 1890, a imprensa noticiava o sucesso que a cantora lírica alcançava na Europa, através de menções lisongeiros dos jornais italianos, e as distinções por ela conseguidas no Conservatório de Música. (Jornal "O Diário de Campinas" seção noticiário, 15 mai 1890).

Maria Monteiro, porém, passaria por dificuldades financeiras após a derrubada da monarquia no Brasil. Quando D.Pedro II perdeu o trono para os Republicanos, na listagem dos bens a que o Monarca tinha direito não constava o envio de pensão a Maria Monteiro. A perda desses proventos tornou-se um problema de difícil contorno. (Jornal "O Diário de Campinas" seção noticiário, 24 mai 1890). Foi aí então, que os campineiros resolveram organizar um sarau beneficente com o intuito de arrecadar fundos para a manutenção de Maria Monteiro. Felizmente, pouco tempo depois, o Governo Republicano restabeleceu a pensão e a ex-aluna do Colégio Florence pôde dar continuidade aos seus estudos líricos. Apresentou-se em diversos países e teve uma vida agitada. O "Almanaque de Campinas de 1901" cita-a cantando no Teatro de Peruggia e em outros teatros italianos bem como na Espanha e Áustria.

Maria Monteiro, entretanto, teve vida curta. Contraindo núpcias na Itália ainda muito nova e não sendo feliz no casamento, faleceu em Genova em 13 de fevereiro de 1897, na idade de 27 anos. (**Almanaque de Campinas para o ano de 1901**).

Além da cantora lírica Maria Monteiro, provavelmente

muitas outras ex-alunas tiveram papel de destaque na vida social de Campinas e outras regiões.

Muitas continuaram solteiras, contrariando o papel que lhes era destinado: o de serem boas mães e esposas. Isabel Florence, por exemplo, não se casou e acompanhou a mãe até o final de sua vida. Moça extremamente arguta, inteligente, poliglota, tinha todos os encantamentos necessários para o casamento. No entanto, preferiu viver ao lado da mãe e trabalhar com a família.

Também foi o caso de Laura e Julia Mundt. Filhas de Max Mundt, grande colaborador para a construção das estradas de ferro na província de S.Paulo, deu às filhas uma educação arrojada e incentivou o gosto pela música. Laura não se casou. Permaneceu ao lado dos pais e parentes.

4.7 - ATIVIDADES ARTÍSTICAS E CULTURAIS

Essas duas alunas, Julia e Laura Mundt, em conjunto com outras colegas fundaram, em 1886, uma associação cultural com a finalidade de tocarem diversos instrumentos musicais e apresentarem-se em casas de famílias. O clube literário foi denominado "Club Amisade". Composto somente por jovens cantoras, pianistas, vionilistas, entre outras, elas faziam recitais a fim de mostrarem seus dotes artísticos bem como valorizarem a arte através de uma atividade social, atingindo assim a esfera pública.

Essas reuniões aconteciam em suas casas, interagindo as famílias através desses atos artísticos. Assim, em 1886, em junho, o jornal "A Gazeta de Campinas noticiava a fundação dessa agremiação:

"club amisade - Assim se denomina uma associação composta de um limitado numero de distinctas jovens desta cidade, e cujo fim especial é o estudo de línguas, sciencias e bellas artes. Ha tempos que existe, mas sem ostentação sem

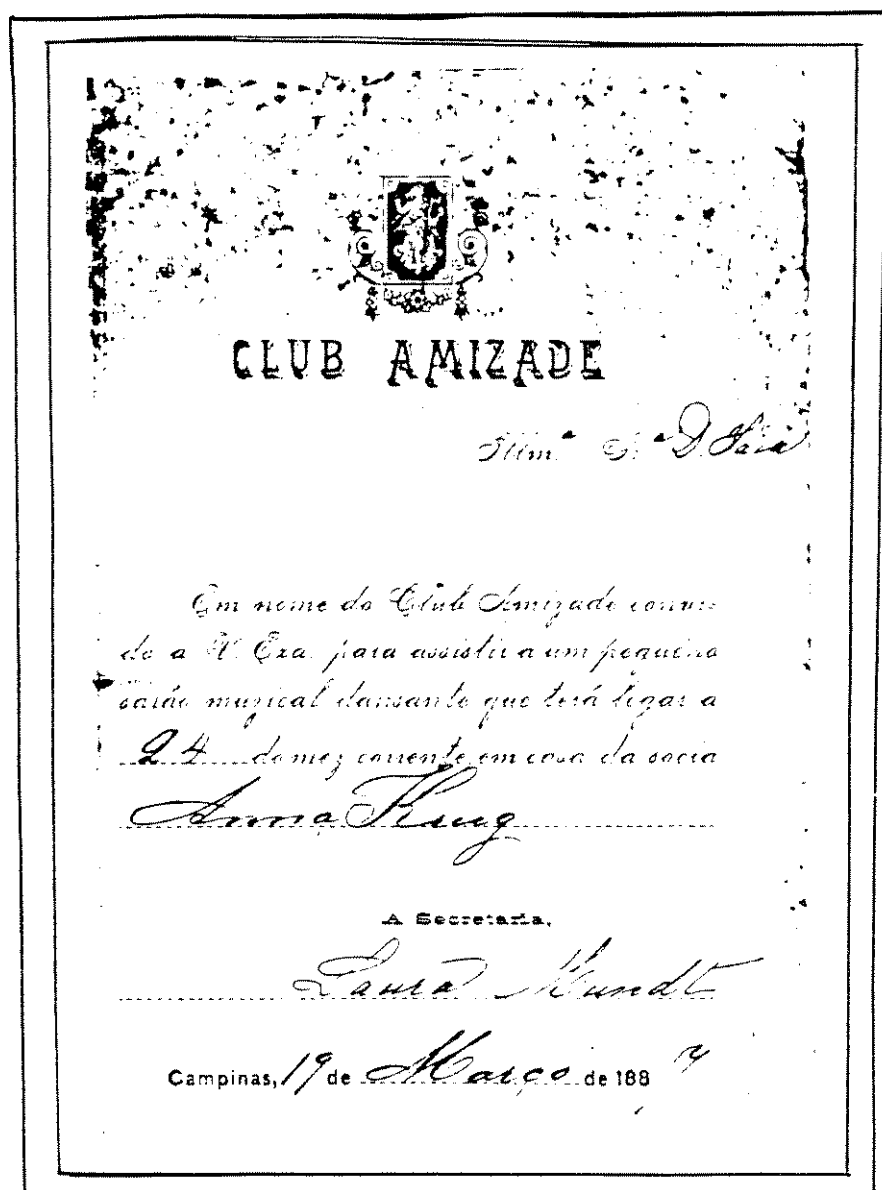


Ilustração 27 - Convite impresso do "Club Amizade" fundado por alunas do Colégio Florence, enviado a Yayá (Evangalina Florence) em 1884 pela aluna Laura Hundt (Coleção Cyrillo Hércules Florence)

rumor essa sympatica sociedade e na noite de sabbado realisou ella uma agradabillissima reunião em casa de residência do estimavel cavalheiro sr. John Sherrington, constando o sarau de duas partes musicaes e dansante.

Fizeram-se ouvir ao piano e cantaram em côro as exmas.sras.d.d. Julia Mundt, Hermantina Langaard, Laura Mundt, Leonor Gomes, Anna e Elisabeth Krug, Grace Sherrington e Isabel Florence.

pela exma. sra. Isabel Florence foi intelligentemente recitada a poesia "Andorinhas" do nosso colega Carlos Ferreira.

Além disso, houve uma verdadeira surpresa para a maioria das pessoas presentes: duas das exmas.dd. Anna Krug e Julia Mundt, secundadas no piano pela exma.sra.d. Laura Mundt, fizeram-se aplaudir em um delicado andante e allegrette, executando em violinos, essa composição devida ao sr. Beazek." (Jornal "A Gazeta de Campinas" seção noticiário, 01 jun 1886).

Os convites enviados a cada participante eram confeccionados em cartões impressos e neles constava o endereço da residência onde se realizaria o programa cultural. Em carta de Isabel Florence para Iaiá (Evangalina Florence) ela perguntava sobre o recebimento do convite e trocava informações sobre as recentes composições musicais que chegavam às suas mãos.

" Você recebeu o convite? Quinta-feira o soireézinho em casa de Ana. Se for possível você vir, venha sem falta. Eu arranjo o quarto aqui para você. Não causa-me nenhum transtorno, você sabe o quarto antigo de d.Sofia? Ficou agora sendo chamado de "A República" pois arranjamos este quarto para você. Zinha vem para a semana santa? Nós vamos tocar a marcha "Chineza" conhece? É muito engraçada. É uma das últimas novidades." (Carta de Isabel Florence a Evangalina Florence, 22 mar 1887).

Além desse clube literário composto por alunas do Colégio Florence, Campinas tinha outros semelhantes que diferiam apenas no aspecto da seleção das músicas tocadas, mas o objetivo era o mesmo: reunirem-se para tocar e ouvir uma boa música, bebericar um chá, enfim, conviver socialmente.⁴⁰

Havia, entre outros, o clube familiar Vinte de Setembro, que realizava sua partida mensal no "Largo do Teatro", como noticiava o Diário de Campinas, de 13 de julho de 1884; o Clube Mozart, que tinha como organizador o sr. Luiz Pádua, excelente músico da época.⁴¹

Também já foi citada a Sociedade Carlos Gomes, na qual encontrei Maria Monteiro como membro efetivo, participando diversas vezes de seus recitais. Em janeiro de 1885, essa agremiação comemorou seu aniversário no "Club Semanal", onde as peças foram executadas por algumas alunas do Colégio Florence:

O programa era composto de músicas de:

1ª parte: Ralf-Tambourin, morceau caracteristique pela exma.sra.d.Maria Lamaneres, Sherzo, pela sra.Maria Monteiro:

2ª parte: Gavotte, op.23 para violino e piano, pelos srs.Sant'anna Gomes e Emílio Giorgetti, Greck, Grande Marcha Triuphal,pelas exmas.sras. dd.Amelia Lacaze e Clotilde Junqueira, Paccini,

⁴⁰ As moças na cidade de Campinas possuíam vida cultural intensa, como é o caso de Minotta: Maria Angélica Florence Caversazzi, neta de Hércules Florence (1o.casamento), que relata suas idas a programas artísticos: *"Temos tido algum divertimentoozinho e soirées do Culto a Ciência, do Club amisade. Eu tive o prazer de ir com mamãe e Bertico a um recital da Companhia D.Maria II D.Marques de Villemer. Que boa Companhia, asseguro-lhe que fiquei maravilhada. Todos os atores excelentes, João Augusto, Rosa, Virginia sublimes."* (Carta de Minotta para Iaiá (Evangalina Florence) de 3 set 1886).

⁴¹ Foi realizado no Club Mozart a execução de composições de peças por algumas senhoras da sociedade campineira. *"Nos intervalos houve serviço de doces, chás e café a todas as pessoas presentes."* (Jornal "O Diário de Campinas", 8 jul 1884) ou a citação sobre o o objetivo do Club Mozart: *"No 11o.concerto do Club Mozart no club semanal (...) houve diversas alterações no programma, devido a incommodos de saúde que imperdiram algumas senhoras de comparecer.(...) O Club Mozart está destinado a produzir muitas e boas pianistas, se, como acreditamos, nenhum obstáculo se oppuzer à sua marcha"* (Jornal "O Diário de Campinas" seção noticiário, 8 jul 1884).

Ilustração 28 - Exemplo de recibo de contribuição mensal, de Carolina Florence, à Sociedade Club Semanal, em 1883 (Coleção Cyrillo Hércules Florence)

Saffo, 1.º duo do 2.º acto, pelas exmas. dd. Adelaide Lopes e Maria Monteiro como acompanhamento de pianos, pelos srs. Emilio Giorgetti. Terminado o concerto principiou o baile, dançando-se com a maior animação até de madrugada." (Jornal "O Diário de Campinas", seção noticiário, 8 jan 1885).

A Sociedade Musical Carlos Gomes elegeu, no mês seguinte a essa apresentação, uma nova diretoria na qual o professor Emilio Giorgetti era auxiliar. No concerto promovido por ele, em benefício do artista Nicolas Campos, realizado no teatro São Carlos, em 1884, cantou uma cena em dueto do "Guarani", de Carlos Gomes com a musicista Adelaide Gonçalves. (Jornal "Diário de Campinas", seção noticiário, 12 ago 1884).

Geralmente essas associações se apresentavam no Clube Semanal que tinha seu prédio próprio desde janeiro de 1873, tendo sido fundado em 1857, existindo até os dias de hoje. Bailes, festas de casamentos eram algumas das atividades que aconteciam nessa instituição cultural. O casamento do filho de Carolina Florence, Ataliba, com uma das alunas do Colégio, Olivia Moraes, foi realizado no Club Semanal:

*"Em a noite de 23 do corrente, deu-se nesta cidade, na casa **Club Semanal** (grifo meu) consorcio do distincto médico sr.dr. Ataliba Florence, com a exma.sra.d. Olivia de Moraes Bueno, filha do sr. Domingos Francisco de Moraes. Ácerimônia religiosa, serviram de testemunhas: por parte da noiva o sr. Francisco Paulino de Moraes e sua exma.esposa, e por parte do noivo a exma.sra. Candida Florence e o sr. Amador Florence.*

O salão achava-se repleto de damas e cavalheiros e adornado elegantemente. Pouco depois do casamento deu-se começo ao baile que esteve esplendido, até a hora em que findou, cerca das 3 da madrugada." (Jornal "A Gazeta de Campinas" seção noticiário, 25 ago 1884).



Ilustração 29 - Apólice de ações de Propriedade de Carolina Florence, relativas ao Teatro São Carlos (o leão Cyrillo Hércules Florence)

Essas festividades da sociedade campineira que ocorriam com certa freqüência serviam de ponto de agregação da elite que necessitava expandir para o espaço público, costumes e maneiras, que, antes, estavam atrelados somente ao espaço privado, ou seja, ao lar. A moda, então, tinha papel de relevância nessas circunstâncias.

Se, antes, o ideal doméstico imputava às mulheres sua condição de submissão, nesse período (final do Brasil monárquico) elas tinham a necessidade de freqüentar os espaços públicos. Em não existindo, elas os criavam, seja através de fundação de clubes literários, seja organizando festividades comemoradas com toda a pompa solicitada por elas.

A mentalidade dessas jovens, parece-me, era cercada de muita criatividade e bom humor. Em cartas entre amigas, foi possível verificar o grau de afetividade e amizade que as unia: "*Tida, Vita, Isabel e Anna Krug estão aqui hoje, de maneira que eu faço sacrifícios escrevendo. Voce bem sabe o que é ter um bando de gralhas ao redor. Elas mandam lembranças.*" (Carta de Minotta para Yayá (Evangeline Florence) de 3 set 1886).

O Colégio Florence servia, nessas circunstâncias, de local reservado a reunião de mulheres da elite da Província, fundamentalmente de S.Paulo, para que vivenciando em grupos conhecimentos provindos da cultura européia, sociabilizarem-se. O resultado representou uma maior abertura de oportunidades de transitarem pelo espaço público, exibindo seus dotes culturais e intelectuais, assimilados durante o tempo em que freqüentaram a instituição educacional.

Nesse sentido, era de fundamental importância que as mulheres freqüentassem estabelecimentos laicos, desvinculados de compromissos e objetivos religiosos; que pudessem obter uma educação voltada para as ciências naturais. Estudar em uma instituição em que o sexo

masculino estava presente na figura do professor, lhes dava também através da convivência, condições de adaptarem-se a uma realidade que as colocasse frente ao outro sexo em ocasiões sociais, afetivas e sexuais.

A função do Colégio Florence, portanto, apresentava-se duplicada. Além de fornecer instrução às mulheres, proporcionava-lhes a oportunidade de uma experiência de vida cotidiana que incluía a introdução na esfera pública. Aprender a se apresentar em público, era uma das regras da instituição, para depois, aos poucos, irem se apresentando à sociedade.

Isso talvez justifique as festas por ocasião dos exames finais, para os quais Carolina Florence convidava, além dos pais, senhores e senhoras da sociedade campineira que apreciavam a boa educação, além de jornalistas e grandes educadores.

Alunas e professores exibiam seus talentos e em continuidade a essas atividades, fundaram clubes literários e quando casadas, muitas delas foram responsáveis por associações filantrópicas.

Não era apenas uma educação preocupada com conhecimentos de geografia, geometria, ciências naturais, etc. que a instituição oferecia. Davam-se também condições de as mulheres da elite da província de S.Paulo se prepararem para terem uma vida social mais ativa, realizando aquilo que lhes era proposto enquanto filhas das famílias abastadas. A elas não estava destinado o trabalho profissional, isto somente ocorreria quando estivessem com seus bens em risco, como casos de viuvez, etc. Aos poucos reproduziram o papel desempenhado pelo sexo masculino, fundando escolas, colégios, associações entre outros. Funções que exigiam atitudes condizentes a responsabilidades financeiras, morais, etc. que extrapolavam a esfera doméstica.

O Colégio Florence, na medida em que ensinava a função do trabalho como forma de aprimoramento do espírito, preparava às mulheres para estarem à frente dos negócios da família, junto ou não dos respectivos maridos.

As festividades na instituição, além de representar um "debut" para as jovens introduzirem-se na sociedade, eram a ocasião propícia para o encontro de ex-alunas, agora mães de família que procuravam reciclar-se e permutar informações sobre os mais variados assuntos. Em 1933, Isabel, filha de Carolina Florence, já com idade avançada, escreve uma carta de Florença, na Itália, perguntando a um parente, a respeito de um livro de receitas, onde é possível verificar pelos nomes que cita, que foram suas colegas de colégio, e a comunicação que estabeleceram depois de terem seus estudos encerrados na instituição:

"O livro de cozinha que deixei aí (ainda está escrito: Por Vicentina e Noemia Bierreback e o meu nome) Este livro é muito bom. Escrito por uma senhora da família Ferreira em Campinas. Quero também pedir que dê a receita de Champagne de Abacaxi para Placidina e Madame Meyer, ou uma das filhas de Anninha Pinto ou Laura Soares, talvez também Noemia Bierremback do Amaral. Mais fácil para você perguntar a Noemia ou a uma das filhas de Anninha. A mais velha se chama Matilde. Talvez também a d. Henriqueta Sherrington." (Carta de Isabel Florence, de Florença para destinatária não identificada, 2 maio 1933).

As ex-alunas do Colégio Florence, anos mais tarde, puderam colocar em prática a solidariedade que aprenderam a cultivar na instituição. Por ocasião da epidemia de febre amarela, por exemplo, quando a população da cidade de Campinas, de acordo com a imprensa, foi reduzida drasticamente, essas mulheres tiveram ocasião de mostrar o quanto aprenderam no Colégio Florence. Com um grau de mortandade elevado, muitos orfãos ficaram a ermo pela cidade, andando atrás de comida e abrigo, e, nessas circunstâncias, saqueando casas e estabelecimentos comerciais.

Observando essa situação calamitosa, muitas mulheres originárias das classes abastadas se reuniram e formaram uma comissão para a

arrecadação de donativos para a fundação de um asilo. Essa era uma função que elas aprenderam a exercer desde os tempos do Colégio Florence, quando utilizaram as verbas da Revista Trimensal para ajudar na manutenção da Escola Correia de Mello. Nesse caso, realizaram um festival artístico e literário:

"Para os orphãos:

Os benemeritos cidadãos que tratam de obter os meios para a manuntenção de um asylo a que se recolham as destitutas crianças que por esta cidade arrastam a miseria de suas orphandades.

Gentilissimas senhoras da sociedade campineira (...) realisarão em setembro ou outubro, um brilhante festival artistico e litterario, bem como uma grande Kermesse, que se effectuará,provavelmente, no salão do Club Semanal.(..)

Distinctas senhoras, acolhendo seus magnanimos corações os pequeninos desgraçados, constituiram-se suas protectoras.

A comissão compõem-se de Josephina Sarmiento,(...) Laura Mundt, Grace Sherrington, Maria Gomes Pinto, Luiza Langaard, Ana Krug, Arabela Nogueira, Maria Luiza Quirino dos Santos, Celestina França, Izabel Florence, Leonor Gomes, Anna Gonzaga, etc." (Jornal "O Diário de Campinas" Seção noticiário, 28 jul 1889).

O grupo principal dessas mulheres filântropas era formado de ex-alunas do Colégio Florence.

Provavelmente, a gênese do processo da filantropia campineira que mantinha associações com esse fim, por senhoras da alta sociedade, que não podiam trabalhar como seus maridos, iniciou-se através dessas atividades e da organização de entidades que hoje encontram-se solidamente estruturadas. Talvez não restasse outra alternativa para essas senhoras do que serem assistencialistas. Não solucionavam os problemas dos empobrecidos, porque o conflito de classes estava acima dessas intervenções e

auxílios beneficentes, apenas aliviavam o sofrimento. De acordo com Águeda Uhle: *"A diferença entre a caridade e a filantropia é que esta última busca o socorro útil. Sem a natureza de investimento, se inspira na moral da poupança. Mais do que doações materiais, dá-se conselho, "educação" e bom exemplo."* (Uhle, **A filantropia na educação**, p.275).

As ações realizadas por essas mulheres, no entanto, não poderiam ocorrer de outra forma, enquanto classe no poder. Eram pertencentes a elite imperial. A questão econômica lhes permitia apenas a via do assistencialismo, situação que lhes possibilitou a inserção no espaço público.

Se antes, no Brasil-Colônia, o papel das mulheres da elite era apenas de gerar varões e administrar os escravos nas casas-grandes, nesse período, final do Império Brasileiro, a função feminina permanece a mesma, mas com os requintes de uma educação aos moldes europeus modernos. A benevolência e o assistencialismo, acrescidos das atividades literárias e artísticas possibilitou-lhes a saída do espaço doméstico.

A educação dos filhos, passa aos cuidados da mãe instruída. A mãe-preta é substituída pela senhora educada nos moldes europeus.

O Colégio Florence, incumbido de executar a educação que interessava às classes abastadas, conseguiu, ao meu ver, ultrapassar o ensino meramente decorativo, inculcando em suas alunas o gosto pelo trabalho, o prazer na realização das atividades e o aprimoramento de um espírito tranquilo e seguro para uma vivência proveitosa.

CAPÍTULO V

A MUDANÇA DO COLÉGIO FLORENCE PARA JUNDIAÍ E SEUS DESDOBRAMENTOS POSTERIORES

"Nem todos que morreram estão mortos".

(Carolina Florence 1828 - 1913).

CAPÍTULO V

A MUDANÇA DO COLÉGIO FLORENCE PARA JUNDIAÍ E SEUS DESDOBRAMENTOS POSTERIORES

Várias vezes, no decorrer deste trabalho citei a epidemia de febre Amarela que assolou a cidade de Campinas. Faz-se necessário retomar esse acontecimento porque ele será o responsável pela transferência do Colégio Florence para a cidade de Jundiaí.

Em 1889, no dia 02 de fevereiro, o jornal "O Diário de Campinas" trazia notícias de que na Corte do Rio de Janeiro estava havendo um surto de epidemia de febre amarela, com um número elevado de doentes e mortos. No dia 15 de fevereiro, em meio às notícias corriqueiras, o mesmo noticiário trazia uma que abalaria o desenvolvimento de uma das cidades mais progressistas no interior da Província de São Paulo. O jornal relatava a morte de Rosa Beck, uma senhora de origem teuta, que falecia na cidade de Campinas, vítima da febre amarela, após ter sido infectada na Corte. Seu objetivo era muito parecido ao das muitas preceptoras que vieram para o Brasil, exercer a profissão de educadora: *"A falecida era de nacionalidade alemã e viera para esta cidade no intuito de empregar-se como professora."* (Jornal "O Diário de Campinas" seção noticiário, 15 fev 1889).

Com a notícia, houve um alarido na cidade e o receio

de contágio começou a criar divisão entre os médicos. O Dr. Eduardo Guimarães, em 24 de fevereiro, anunciava na Imprensa que um doente sob seus cuidados, de 9 anos de idade, que nunca havia saído da cidade de Campinas, havia sido contaminado pela doença e que falecera. O garoto de nome Urbano, morava perto do local onde Rosa Beck havia se instalado, quando na cidade chegou. Esse local era de propriedade do fornecedor de pães para o Colégio Florence, a Padaria Suissa do Sr. Baenninger:

"A bem da saúde pública, julgo meu dever participar a v. que tenho sob a minha assistência medica, um doente gravemente afectado de febre amarela(...) A importância deste lamentável facto, manifestand-se em uma creança natural de Campinas, donde nunca se ausentou, é de tal ordem que me julgo com o direito de esperar que v.o tornará público, afim de que por esse meio, todos, autoridades e particulares sejam tomadas as medidas preventivas indispensáveis. Penso que só assim conseguiremos evitar em Campinas o terrível flagelo da epidemia da febre amarella que tantas vidas ceifam na corte." (Eduardo Guimarães, Jornal "O Diário de Campinas" seção particular, 24 fev 1889).

Houve polêmica no jornal, entre os médicos, pois alguns afirmavam que o colega havia errado no diagnóstico e que isso apenas criava pânico na população. O médico Walter I. Hammond vai à imprensa e diz que talvez não fosse febre amarella, como alguns "clínicos" dizem e dessa forma deixavam a população incomodada. (Jornal "O Diário de Campinas" seção particular, 26 fev 1889).

As previsões do "clínico" infelizmente estavam certas. Tendo sucumbido os dois primeiros contaminados, a enfermidade começou o seu efeito devastador. O dono do estabelecimento de pães e seu filho também faleceram e, assim, sucessivamente, a cidade entrou em um processo de mortes

PADARIA E CONFEITARIA SUISSA

DE

ULRICH BAENNINGER

RUA DO BOM JESUS

O Illm. Sr^{te} Carolina Florence Comprou
Campinas, 30 de Setembro de 1882

cho 31	São durante este mez.	398840
to 31	Idem. idem.	208400
mb. 30	"	648960
" 18	1 ^{ta} de Chocolats	21500
		<u>Fe 7778200</u>
Recbemos Camp. 31 de Outubro de 1882 Ulrich Baenninger A. Baenninger.		

Ilustração 30 - Recibo relativo a fornecimento de pães ao Colégio Florence, por Verich Balnninger, em 1882 (Coleção Cyrillo Hércules Florence)

1881/2
 215
 10 Sur. 9
 Campinas, 21 de Setembro de 1881
 Carolina Florence Compr.

A' FRANCISCO KRUG & COMP.

Rua do Góes N. 19

Os generos seguintes, ao prazo de _____ dias, pagavel em moeda corrente, e excedendo este prazo pagará o premio de um por cento ao mez pelo tempo que se lhe conceder

Typ. Livre de Ouro - S. Paulo

Março	12	Saldo de 1880	OP	515.160
Maio	11	48 Mantimentos		5.600
	28	24 carnes charutos e leite	OP	4.500
Junho	1	Coste - Carote e Capi e Tantas		6.466
	14	Meia Tardinha		40. -
Julho	10	3 am. Carote		16. -
	3	1/2 1/2 Charuto e Sismaroch		3.300
	10	22 1/2 S. de La Silva		6. -
Set	16	Agonoto Pinaga e carne		6. -
Out	12	1 Tardinha		2. -
Nov	24	1 Charuto 11 1/2	OP	11.750
		1 carne, Leite e Eggs		18. -
	27	24 carnes charuto e Sismaroch		10. -
		deduzido	OP	485.470
Dez	10	Carne e carne	OP	3.600
Jan	3	Carne charuto e Sismaroch		5. -
Fev	28	Carne e carne	OP	315.260
Mar	20	1/2 1/2 Charuto e Leite de S.	OP	3.500
				327.960
			OP	137.510

E certifico a quantia acima
 Campinas, 21 de Setembro de 1881
 Carolina Florence
 E. L. Florentino

Ilustração 31 - Despesas de Carolina Florence, relativa a
 mantimentos para a instituição, na Loja de
 seu irmão, Francisco Krug, no ano de 1881
 (Coleção Cyrillo Hércules Florence)

sr.Francisco Krug á rua S.Carlos foram reclamar do sr.José Paulino Nogueira, presidente da Camara contra a morosidade com que foi feito o enterramento do cadaver que permaneceu insepulto desde ante-hontem (29) ás 4 horas da tarde até hontem às 10 horas da manhã.

A responsabilidade deste abuso cabe unicamente às pessoas incumbidas de enterramento e só a ellas se devem as justas queixas a que alludimos. Abusos destes só servem para agravar mais ainda o mau estado sanitario desta cidade e elevarem maiores afflições aos que procuram resguardar o mal que nos flagella."(Jornal "O Diário de Campinas" seção noticiário, 31 mar 1889).

Os médicos que trabalhavam no combate à doença eram também alemães, como o Dr.Melchert, que muito contribuiu, incansavelmente, para amenizar o mal que assolava a cidade. Assim também trabalharam, arduamente, o farmacêutico Jorge Florence, seu irmão Henrique como engenheiro de saneamento, entre outros. Entretanto, a febre fazia cada vez mais vítimas. Em fins de março a estatística era de 467 cadáveres enterrados no mês. (Jornal "O Diário de Campinas", seção noticiário, 2 abr 1889).

O editorial do Jornal "O Diário de Campinas" revelava o estado de calamidade pública que reduziu Campinas a um imenso sepulcro:

"A cidade, uma monotonia em seu abandono, entregue a devastação da peste e sitiada pela morte, adquiriu um aspecto lúgubre. As ruas despovoadas os edificios fechados, o commércio paralysado, tudo contribui para o desânimo geral, tudo indica o estado de aniquilamento desta população laboriosa e activa. Aqui e ali crepitam, sob a espessa nuvem de fumaça negra, fogueiras de alcatrão. A cidade assemelha-se a uma enorme camara mortuária. Os carros fúnebres em desusada furia, conduzem os despojos da peste a este pavoroso sorvedouro, - o cemitério, que dia a dia insaciavelmente abrindo

espaço as vítimas do flagello. Os enterros de classe, como os dos indigentes, não tem acompanhamento. As grandes calamidades não têm acompanhamento."(Jornal "O Diário de Campinas", seção editorial, 3 abr 1889).

Alguns moradores da cidade, ao saberem que estavam contaminados, buscaram alternativas que causavam espanto e temor. Foi o caso de um jovem italiano: *"Bonfiglio Pelegrini, de 23 annos de idade, se suicidou dando golpes profundos de navalha no pescoço e atirando-se em um poço, victima da febre amarela. O pai tambem está gravemente doente.*"(Jornal "O Diário de Campinas", seção noticiário, 10 mar 1889).

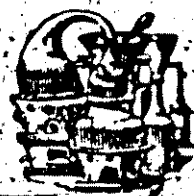
Em maio, a situação da epidemia continuou a mesma. D.Armelina Lamaneres, ao escrever à sua diretora, diria: *" Querida d.Carolina. Os dias se sucedem, o mes acaba sem que vejamos o termo do mal assolado que dizima a minha infelicidade."* (Carta de Armelina Lamaneres, Amparo 1 mai 1889). Contava, ainda, sobre as atividades que teve que realizar na cidade de Amparo, a fim de garantir seu sustento até que a situação em Campinas regularizasse. *"Quando a família daqui foi a cidade, na semana santa, tinha a intenção de convidar a nós professoras, para passar um tempo na fazenda. Assim encontrei de todos a melhor boa vontade. Dou a Delfina lições de piano e de outras matérias. Arranjei livros necessários. O trabalho é leve e agradável, de maneira que penso lucrar a minha saúde com a estada aqui."*(Carta de Armelina Lamaneres, Amparo 1 mai 1889).

O Circolo Italiani Uniti, que tinha como um dos fundadores o prof.Emílio Giorgetti - professor do Colégio Florence e genro de Carolina Florence - com outros italianos, abriu uma enfermaria para os cuidados com os doentes, ficando como médico Dr.Costa Aguiar. Com o passar do tempo, por excesso de trabalho, Costa Aguiar e uma freira da ordem das Irmas de S.José de Chamberry, Irmã Serafina, morreram da febre. 42

42 Soror Irmã Serafina, uma das freiras que veio com Madre Voiron para fundar a

Campinas, 21 de Novembro de 1883

FARMACIA E DROGARIA



JORGE FLORENCE & COMP.

25--RUA DO SACRAMENTO--25

Dr. Collegio Florence.

Deve:

A VAPOR DA «GAZETA»

Importancia de medicamentos fornecidos para sua casa. 348 000

. 98 000

Tamma. Rs. 348 000

Recbemos:
Campinas, 16 de Janeiro de 1884
Dr. Jorge Florence & Cia.
J. Eisenberg

Ilustração 32 - Demonstração de despesas efetuadas pelo Colégio Florence, na Farmácia de Jorge Florence, filho da diretora da Instituição em 1883 (Coleção Cyrillo Hércules Florence)

A fábrica de Chapéus que as alunas do Colégio Florence visitaram em 1882, transfere-se para a capital. (Jornal "O Diário de Campinas", seção noticiário, 14 abr 1889).

O caos era de tamanha ordem na cidade que o Jornal "A Gazeta de Campinas", órgão responsável pela publicação das notícias sobre a cidade de Campinas desde 1869, abruptamente, suspende sua publicação por falta de pessoal, reabrindo para suas atividades em 25 de Maio de 1889. Muitos funcionários morreram ou abandonaram a cidade. O único jornal que veiculava as notícias das mortes, nesse período, era o "Jornal O Diário de Campinas".

Também o filho farmacêutico de Carolina Florence, Jorge Florence, que até então era o único que continuava com a farmácia funcionando, adoece e dessa forma o seu estabelecimento também necessitou de interrupção temporária:

"Estando o nosso sócio Jorge Florence doente ha 6 dias, e estando nossos empregados adoentados em consequencia do trabalho excessivo, vem-nos forçados a fechar temporariamente nossa pharmacia depois de ter empregado em vão nossos esforços para supprir a falta de empregados." J.Florence & Com."(Jornal "O Diário de Campinas" seção noticiário, 14 abr 1889).

Outro alemão de reconhecida contribuição para os trabalhos relevantes à sociedade campineira que faleceu, foi o Sr. Alberto Müller, delegado de Polícia, pai de alunas que freqüentavam o Colégio Florence e responsável pela Apólice de Seguro que Carolina Florence fizera para a instituição. *"Hontem, pelas 10 horas da manhã, succumbiu da febre amarela, o sr. Alberto Muller, negociante desta praça, que exercia o cargo de*

Congregação das Irmãs de S. José de Chambery, da França. Fundou o Lazareto Guanabara. (Jornal "O Diário de Campinas" seção noticiário, 16 abr 1889).

delegado de polícia. O falecido era muito estimado, sendo a sua morte geralmente sentida nesta cidade."(Jornal "O Diário de Campinas" seção noticiário, 17 abr 1889).

O jornal sendo o único veículo de informação sobre os acontecimentos provenientes da epidemia era esperado com ansiedade e receio por todos aqueles que se encontravam refugiados em outras cidades, a ponto de noticiar essa situação:

"Os jornaes de Campinas são esperados com anciedade e lidos avidamente por todos. Quando se abre uma folha (as vezes é uma pessoa incumbida da leitura em voz alta), forma-se uma grande roda, e todos, anciosos pelas notícias, nem esperam que a leitura comece, interrogando:

-Quantos casos novos? Quem está doente? -Morreu algum conhecido? ou exclamando Meu Deus? O que será de Campinas? (...) todos os que sahiram da cidade suppunham que a epidemia não se prolongasse por tanto tempo. (...)"(Jornal "O Diário de Campinas", seção editorial, 17 abr 1889).

Em 18 de Abril, Henrique Florence apresentou ao Presidente da Província, o mapa do caminho que a epidemia havia trilhado pela cidade, mostrando com fidelidade os pontos e ruas em que a moléstia atacou primeiro: *"Aqui, nos disse ele, mostrando um dos pontos mais elevados da cidade, teve lugar o primeiro caso da molestia, e, daqui irradiou-se como uma mancha de azeite sobre o papel pelos diferentes bairros da cidade".* (Jornal "O Diário de Campinas", seção noticiário, 14 abr 1889).

Em maio foram sepultados 373 cadáveres; em abril, 890, em março, 467; e em fevereiro, 223. De janeiro, portanto, até o começo de junho foram enterrados 2.205. Emigraram da cidade três quartos da população. (Jornal "O Diário de Campinas", seção noticiário, 1 jun 1889).

As mortes foram declinando na medida em que o calor,

que durante esses meses fora abrasador, ia amainando. A temperatura foi caindo a ponto de diminuir as possibilidades de contaminação pelo mosquito da febre amarela.

As mulheres - muitas ficaram viúvas - começaram a assumir o trabalho dos maridos falecidos, como foi o caso da cunhada de Carolina Florence, d.Helena Berckeuse Krug:

"Viuva Francisco Krug participa aos srs.freguezes da antiga casa Francisco Krug que a dita casa continua no antigo regime com o mesmo ramo de negócio debaixo da firma Viuva Francisco Krug sob a gerência do sr.Henrique Florence a quem foram dados plenos poderes. Viuva Krug."(Jornal "O Diário de Campinas" seção anúncio, 23 jul 1889)

5.1 - A TRANSFERÊNCIA DO COLÉGIO FLORENCE PARA JUNDIAÍ

A imprensa e a sociedade campineira, preocupadas com o prosseguimento das atividades cotidianas da cidade, registram a solicitação dos estudantes para a abertura das instituições educacionais a fim de continuarem seus estudos:

"Como é sabido, a grande calamidade da recente epidemia desorganizou completamente o ensino, quer publico, quer particular, afugentando para os sítios e para as cidades visinhas os estudantes que frequentavam collegios ou salas particulares. Na expectativa de que a epidemia cessasse logo, os alumnos não cogitaram de se matricular em outros collégios, contando poder regressar, dentro em pouco, a Campinas e continuar os estudos interrompidos..."(Jornal "O Diário de Campinas,

seção particular, 31 jul 1889).

O Colégio Florence, entretanto, foi uma das instituições, assim como as fábricas e outros estabelecimentos de ensino que não retomaram suas atividades na cidade. Passada a epidemia, Carolina Florence, com a ajuda de alguns moradores residentes na cidade de Jundiaí, entre eles, pais de suas alunas, resolve estabelecer definitivamente o Colégio Florence naquela cidade. Primeiro porque a epidemia poderia voltar no verão dos anos seguintes, como, de fato, aconteceu causando muitas mortes. Também porque o clima e o local onde se encontrava Jundiaí favorecia a transferência para essa região, que ficava muito próxima à cidade de Campinas.

Assim, de forma precária, abriria a instituição no mês de agosto de 1889, depois de ter permanecido por vinte e cinco anos em Campinas. As contas e negócios relativos ao colégio ficaram sob a responsabilidade da sua cunhada Helena, de quem tinha muita estima e confiança. Tanto assim que colocou anúncio no jornal autorizando-a a ser representante de suas contas. É interessante registrar esse fato porque Carolina Florence tinha outros parentes e poderia delegar a eles esses poderes. Preferiu designar uma mulher, sua cunhada, como administradora de seus bens: *"Autoriso a casa Viuva Francisco Krug a receber importes das contas com o Collegio Florence"*. (Jornal "O Diário de Campinas", seção anúncio, 7 ago 1889).

Já estabelecidos em Jundiaí, Isabel Florence, filha de Carolina, envia carta ao seu irmão Paulo, estudante na Europa, contando os sofrimentos e flagelos vividos durante o período da Epidemia e o retrato fiel do que se perdeu com os cinco meses em que houve mortes e abandonos:

*"Paulo,
Temos passado uns meses bem tristes e com*

bastante cuidados. Felizmente nada houve para com nossos tres irmãos que tão nobremente fizeram o seu dever. Jorge ficou bem doente (...)

Quantos conhecidos e até nosso bom tio Francisco foram levados por esta peste que trouxe luto para tantas famílias. Entre outros, os Langaards, que perderam o único filho e ainda a irmã Tina, amiga minha tão boa, tão bonita, o ídolo dos pais, o encanto de quantas a viam. Nunca me esquecerei dela e o Tio Francisco.

E nós aqui na chácara sem poder impedir tanta desgraça. Fez-se o que se pode. De todos os pontos mandavam recursos aos campineiros. Só a Imprensa Fluminense organizando festas sobre festas para socorrerem as vitimas de Campinas arranjaram sessenta e sete contos de réis. Os fazendeiros mandavam sacas de mantimentos para que não morressem de fome. Era tanta a miséria. Henrique nunca nos contou nada. Ao contrário, fazia graça, ria-se para animar-nos. As dádivas espontaneas, a generosidade franca que nunca se esquecem. E quem viu como campineiros e outros que ajudavam os pobres e os dontes terá sentido um alívio, terá pensado que é impossível haver egoísmo nesse mundo"(Carta de Isabel Florence para seu irmão Paulo, 27 jun 1889).

Na estatística de Domingos Freire a epidemia de 1889 foi a primeira e mais forte das que se seguiram por quase dez anos: De 20.000 habitantes reduziu-se a população para 4.000 mil durante o flagelo. Muitos entre esses fugiram para outras regiões e desses 4.000 restantes 1.200 foram vitimadas pela febre amarela, um terço da população daquela época. Portanto, o município de Campinas, que em fevereiro de 1889 possuía vinte mil habitantes, em cinco meses viu-se apenas com mil e duzentas pessoas.(Jornal "O Diário de Campinas" seção noticiário, 9 fev 1890). ⁴³

Isso representou um descompasso no desenvolvimento do município que naquele período era um dos mais progressistas da Província,

⁴³ A história da febre amarela na cidade de Campinas durante o ano de 1889 foi escrita no jornal "O Diário de Campinas" por Alfredo Carneiro, 11 de julho de 1891.

não deixando nada a dever à Capital. Aliás, muitos republicanos que contribuíram para as mudanças políticas no Brasil residiam em Campinas, além de a cidade possuir os fazendeiros mais bem sucedidos economicamente e que ajudavam a capital a possuir escolas, edifícios, etc. Acredito, pela documentação que analisei até aqui, que, se não tivesse havido a grande epidemia de febre amarela em 1889, sucedida por tantas outras, Campinas teria tido grandes chances de se tornar tão desenvolvida quanto a Capital.

A cidade teve que recomeçar suas atividades e o Colégio Florence também. Em carta de Leonor Gomes, enviada a Cândida Florence, encontra-se o relato do desconforto causado com a mudança do Colégio para Jundiaí. A saída da cidade de Campinas trouxe dificuldades, de toda ordem: econômica, emocional, afetiva, enfim, acarretou transformações que implicavam um recomeçar árduo:

"Já alguns dias estamos em Campinas e logo a deixaremos. Sinto muito. Pois aqui ficam todas as nossas conhecidas e amigas. Vamos para uma cidade a nós estranha. Mas embora não se queira precisamos sempre formar novas conhecidas e amigas.(...)As tristes recordações as quais estamos tomadas pouca vontade nos dá de sair. Vamos ficar agora todas separadas. Dr.Ataliba e Olivia vão para bem longe de nós.(..)De Campinas levamos poucas meninas. O número delas se eleva de 41 a 42. De hoje a 15 estaremos já metidas na lida."
(Carta de Leonor Gomes para Cândida Florence, de Ago 1889).

A diretora da instituição achava-se tranqüila com a resolução que havia tomado. Campinas representava riscos que envolviam a morte. Sendo ela responsável pela vida de muitas discípulas, considerava a hipótese de voltar a residir na cidade totalmente descartada. Em 1892, na terceira vez que a epidemia retornou a cidade, Helena Krug, sua cunhada,

revela as apreensões de Carolina Florence: *"Vejo que você considera um horror, pelas suas cartas, estar nessa ocasião aqui em Campinas, pois eu lhe asseguro que para mim é menos penoso estar nesta calamidade do que estar longe dois anos. Também voce pode acreditar que as coisas não estão tão ruins como se pintam por fora. O número maior de mortes num dia foi 31"* (Carta de Helena Krug para Carolina Florence, em Jundiaí. 10 mar 1892).

Helena Krug resistia em abandonar a cidade por razões que envolviam também a questão econômica. Com a morte do marido, era necessário que ela permanecesse para tocar em frente os negócios da família: *"Não vejo por ora motivo para fugir porque tanto posso ficar aqui doente como em outra parte, a minha posição é crítica em casa. Se eu saísse todos os trabalhadores abandonariam o trabalho que não combina nesse momento em que temos algumas obras a entregar com dinheiro adiantado."* (Carta de Helena Krug para Carolina Florence, 7 mar 1890.)

Da mesma forma que Helena Krug assumiu a coordenação dos negócios da família, num posto de chefia que a princípio deveria ser ocupado pelo sexo masculino naquela época, Carolina Florence, também viúva, teve que recomeçar a montar toda a infraestrutura do estabelecimento. Transferida a instituição para Jundiaí em meados de Agosto de 1889, ainda em 1891 as instalações não estavam totalmente adequadas para a administradora se sentir tranquila. O trabalho continuava:

"Temos tido uma semana bastante trabalhosa e todos tem ajudado sem descansar. A casa em frente agora está em boa ordem. Cinquenta camas estão colocadas ali. Faltam, entretanto serventes e uma professora, o que incomoda muito, porque por ora não pude arrumar pessoa conveniente. Agradeço muito o bom quarto de carneiro que recebemos" (Carta de Carolina Florence para Candida Florence (Zinha) de Jundiaí, 09 fev 1891)

O mobiliário do estabelecimento teve que ser comprado e Carolina Florence fez uma pesquisa na cidade para ver qual era o preço acessível em relação a camas, portas e demais mobiliários para a instituição. Em várias cartas, percebe-se seus acertos financeiros com Helena Krug, sua cunhada:

"Agora uma outra coisa: Desde quando você está acostumada apagar uma mercadoria antes de recebe-la? Eu estou contente quando me paga depois de mandar a conta em duas ou tres vezes. A vista de seu interesse de mandar as camas para o colégio aceito nas mesmas condições de Luiz de Tullio, isto é vinte e oito mil réis cada com colchão feitas com a mesma solidez das dele. Mandarei na proxima semana João Barlh tomar medida e observar bem o trabalho que sejam feitas tal qual. Eu conheço as camas, e se for o caso eu tenho algumas ainda inda aqui no seu colégio. Fica mais fácil tomar medida aqui. Informe-me a respeito. Augusta lhe entregará dinheiro que o sr.Bruleming cobrou de contas do colégio. Para regularidade dos negócios será bom que você acuse o recebimento pois penso que até agora o sr.Brumeling não teve carta sua a esse respeito."(Carta de Helena Krug de Campinas à Carolina Florence, em Jundiaí. 11 set 1889).

Em continuação a essa carta, Helena Krug revela as dificuldades por que vinha passando depois da morte do marido e do fato de ela assumir o cargo do esposo. Tratam elas de assuntos que envolvem seus trabalhos, a dificuldade de manter os filhos estudando e a separação que ela e Carolina Florence fazem com relação à amizade e aos negócios:

"Agora um outro negócio, querida Carolina, mas esse é se lhe fizer conta. Portanto quero que me responda com toda a franqueza, costuma-se dizer amizade amizade, negócios à parte. Eis o caso:O

padeiro Emilio Rodrigues deve-me mais de 500 mil réis. Declara-me positivamente que não me paga porque não tem dinheiro. Porém quer que fornecer pão ao colégio para descontar na dívida. A minha casa ele já fornece a muito tempo mas com o pão que gasto pode levar ainda muito tempo antes de pagar-me. De mais a mais, estou com medo com um pouco de tempo abra a falência, então perco tudo. O pão é bem feito, somente menor do que o do padeiro suíço (...) Ele obriga-se de por o pão na estação de Jundiaí. O mais seria trabalho. A despeza poderia por na minha conta. Eu não receberia esse dinheiro de sua mão, e deixava para descontar a minha dívida com você que tanto me aflige. Responda francamente sem nenhuma cerimonia.(...) Estes e outros querida Carolina são os negócios que tenho que cuidar(...) coragem não me faltaria se em vez de vestido tivesse calças... Voce me compreende... A Educação dos meus filhos tomou mamãe sobretudo... As minhas casas, excepcionando duas, estão todas por alugar." (Carta de Helena Krug à Carolina Florence, 11 set 1889).

Os filhos de Helena Beckeuse tiveram, apesar da morte do pai, Francisco Krug, uma educação esmerada. Tornaram-se eles ilustres conhecidos na cidade de Campinas e deram continuidade aos negócios.⁴⁴

A peste, entretanto, continuava a preocupar Carolina Florence. O receio de epidemias fez com que a diretora do Colégio Florence tivesse que tomar precauções para evitar a peste em seu estabelecimento. Em 1890, surge um boato de que havia alunas infectadas na instituição, o que a fez desmentir os rumores, porque isso poderia causar pânico entre os familiares

⁴⁴ Na Revista do Centro de Ciências e Letras encontramos os seguintes dados sobre os filhos de Helena B.Krug com Francisco Krug, por ocasião da reunião que fizeram para fundarem o Centro de Ciências e Letras de Campinas: " *A residência de um dos confidentes, dr.Edmundo Krug, foi escolhida para a realização do primeiro cenáculo iniciador, tendente a concretizar os anseios de uma equipe de amigos da ciência.(...) Lá se encontravam os dois irmãos,Edmundo e Alexandre Krug, engenheiros arquitetos e industriaes, gerentes do antigo estabelecimento industrial fundado em 1853 por Francisco Krug*".(Revista do Centro de Ciências e Letras de Campinas, Ano LII, 1953, no.58).

das alunas. Para tanto colocou anúncio no jornal afirmando que eram: *"Inteiramente falsas as noticias de febres em Jundiahy. Nenhuma menina acha-se doente no Collegio Florence. Peço comunicar aos conhecidos e interessados."* (Jornal "O Diário de Campinas" seção anúncio, 12 mar 1890).

A última década do século XIX seria infelizmente, o tempo das enfermidades coletivas. Além da febre amarela, outras doenças contagiosas e desconhecidas surgiriam.⁴⁵ Passado o susto com o boato do surto de febre amarela, em Abril de 1890 o colégio sofreria o contágio de um vírus denominado "Influenza". Quase todas as alunas e professoras no estabelecimento adoeceram:

*"Querida mãe,
Aqui esta tudo regularmente, quase todas já estão frequentando a aula. Eu só desejava que as que não ficaram com a "Influenza" a tivessem agora para não esperarem a entrada do inverno. Com grande satisfação digo-lhe que já comecei a ajudar um pouco e espero em maio recomençar o meu trabalho regularmente. Sinto ter perdido tanto tempo, já se foram mais de dois meses e quando justamente eu devia ajudar então, em vez de auxiliar fiz ao contrário. Aumentei o trabalho de todos. E a senhora que tudo devo. A senhora que sempre sacrifica sem jamais pensar em si. As minhas obrigações aumentaram enormemente e de que modo poderei mostrar-me grata e reconhecida, amando-a como uma boa filha e tornando-me util em tudo que puder. D.Armelina já levantou-se fazem dois dias. Hoje com muita teima dela foi a classe. As criadas todas estão de novo em pé. Mila foi a ultima que caiu. D.Helena e d.Augusta estão*

⁴⁵ Em julho de 1889, a imprensa anunciava com grande alarido uma nova moléstia, que nos dias de hoje nos é tão comum: a gripe. Porém, na época representava o temor pelo desconhecido e suas reações: *"Em uma das últimas sessões da Academia Imperial de Medicina, o sr.Carlos de Vasconcellos entrou em consideração sobre uma nova epidemia de que estamos ameaçados e que lheparece já existente na corte. Denomina-se ella pelo nome de "Grippé", e caracteriza-se ora pela simples rhinite, ora pela rhino-laryngite, rhino-trackeite, rhino-tracheo-bronchite."* (Jornal "O Diário de Campinas" seção noticiário, 28 jul 1889).

incansáveis, tudo vai muito bem e a senhora pode estar descansada." (Carta de Leonor Gomes para Carolina Florence, 25 abr 1890).

Em agosto desse mesmo ano o contágio seria pelo sarampo. Em carta de um parente de Carolina, a pergunta aparece com a preocupação de quem conhecia os problemas pelos quais o colégio passava nessa época, com doenças contagiosas. *"Como vai o sarampo no colégio? Vi com prazer que d.Cecília Almeida está com saúde..."*(Carta de Theodorina para Augusta F.Giorgetti, 24 ago 1890).

Finalmente, depois de 33 anos de trabalho com educação, Carolina Florence resolveu afastar-se da direção do Colégio Florence. Na direção do estabelecimento ficaram d.Herminia Michaelis e Cecília Almeida, antigas professoras da instituição, juntamente com sua filha Augusta.

A ex-diretora continuou morando no Colégio até 1894, e, no ano seguinte, mudou-se para Vila Arens, na mesma cidade de Jundiáí. Os problemas que frequentemente surgiam em decorrência de doenças adquiridas pelas discípulas, continuaram. Em carta a Evangelina Florence, casada com seu irmão Henrique, Augusta diria:

*"Nós também temos passado alguns dias bem aflitivos com uma pequena doente, que porém, graças a Deus já está bem melhor quando chegou o pai de lá de Ribeirão Preto. **Para quem não conhece nossa vida parece muito mais brilhante e fácil do que é.**(grifo meu). Mas você já esteve tanto tempo nos auxiliando sabe que não é fácil lidar com tanta gente. Mesmo quando não há contratempo e doentes."* (Carta de Augusta Florence à Evangelina Florence, 13 nov 1895).

Carolina Florence, ao encerrar suas preocupações com

a administração do Colégio Florence, recebeu o convite de sua cunhada, Helena Krug, que nessa época se encontrava na Alemanha a passeio, para ir descansar na Alemanha, sua terra natal:

"A idéia que você teve de retirar-se do colégio é esplendida. Não só eu como sua mana Ana alegramo-nos que finalmente você procurou descanso. Este voce achará aqui na sua casa patria junto de sua irmã que desde já tem muitos projetos. D.Cecília e d.Hermínia terão nos primeiros tempos suas lutas depois talvez vençam... isto enfim é cousa secundária. O que queremos é saber do seu sossego." (Carta de Helena Krug, de Cassel, para Carolina Florence, 27 nov 1895).

Helena Krug entusiasmada com a educação e seus novos métodos, na mesma missiva, descreve à Carolina Florence um estabelecimento alemão com características semelhantes ao Colégio Florence:

"Um outro estabelecimento que muito me agradou é o Fachoule de que Maria faz parte. Vi o estabelecimento em vários compartimentos. Sala de bordados (Colégio Florence apresenta mais variedades e gosto) sala de costura branca bem boa, sala de vestidos aonde estão uma duzia de moças cortando, alinhavando e cozendo na maquina. Estas são bem feitas, as que vi. Estive na dispensa e na cozinha. Num grande quarto existe um fogão em largura maior do que você recebeu daqui cuja chaminé está colocada por baixo do assoalho no depósito de carvão está no mesmo fogão ao lado.

Na segunda cozinha o fogão é aquecido a gás. Pela limpeza é superior, mas os assados feitos no forno deixam a desejar pelo cheiro que não se pode evitar. Uma mesa grande de diferentes máquinas que servem de auxilio a umas doze moças que continuamente estão preparando guizados não só para o estabelecimento mas para encomendas de

batizados, casamento, etc. Conservas de frutas e legumes também são feitas no estabelecimento. (...) Se uma vez parar aqui procure visitar este estabelecimento, é bem bonito."(Carta de Helena Krug para Carolina Florence. 29 set 1895).

Em 1903, o prédio do colégio Florence estava devidamente estruturado em Jundiáí, à Rua Barão de Jundiáí, fronteiro ao velho largo São Bento.

"Aquele casarão convenientemente adaptado para funcionar o colégio, possuía em sua extensa fachada, além de suas portas, treze janelas que iam desde a divisa com os terrenos que mais tarde se contruiria o Grupo Escolar Conde de Parnaíba; daí até alcançar o "Chalet" de madeira que era uma típica construção em estilo da Região da Floresta Negra, da longínqua Alemanha" (Jornal de Jundiáí, 10 mar 1978).

Isabel Florence, a filha caçula de Carolina, ainda cuidava das apresentações musicais do Colégio. A mesma tinha a intenção de realizar um concerto musical, com um músico amigo da família. Em carta ao irmão Paulo, músico, coloca as questões que sempre permearam a vida do estabelecimento. Durante o período do Carnaval, a permanência das alunas era muito fraca. O número de alunas tinha aumentado muito:

"Paulo:

Eu fui ao colégio falar a respeito do concerto. Disseram-me as moças que as meninas só pouco a pouco vão chegando. Caso queira o prof. Albertini esperar até depois do Carnaval será mais lucrativo para ele. Por enquanto estão reunidas no colégio só cinquenta, preferindo a maior parte das alunas passar ainda o Carnaval em casa. Não será melhor realizar-se o concerto, em princípio ou mesmo em meados de março. Julgam até as diretoras do

colégio que na semana santa, sábado de aleluia, haverá maior concorrência, estando por esta ocasião mais pessoas na cidade." (Carta de Isabel Florence para seu Irmão Paulo, em S.Paulo. 11 fev 1901).

Apesar do Colégio Florence não estar mais sob a direção de Carolina Florence, mantinha a mesma qualidade e credibilidade perante a sociedade que o acolhera. O Almanaque da Cidade de Jundiaí para o ano de 1911, qualificava-o como a melhor instituição de Ensino do Estado de São Paulo:

"...afóra diversas escolas particulares algumas das quaes recebem auxílio da municipalidade. Temos ainda o "Collégio Florence" para o sexo feminino, fundado ha mais de 45 annos e que é considerado um dos melhores, senão o melhor estabelecimento de ensino do Estado;" (Almanaque de Jundiahy. Anno 1911, p.203).

Em 1904, residindo em São Paulo, Carolina Florence retornou à cidade de Campinas, para prestigiar a homenagem que o "Centro de Ciências e Letras e Artes" da cidade, realizou por ocasião do centenário do nascimento de seu falecido esposo, Hércules Florence. O orador, no momento da homenagem, agradeceu o trabalho que Carolina Florence prestou a educação em Campinas:

"Hércules Florence contraiu segundas nupcias, em 4 de janeiro de 1854, com a exma.sra.d.Carolina Krug, a venerável matrona que alli está, com a cabeça embranquecida pela neve dos annos - a mesma que prestara outrora á sociedade campineira os mais assignalados serviços. Pois bem - ella que foi esposa exemplar, de cuja qualidade acaba de dar mais uma prova, vindo especialmente



Realisou-se, no dia 30 p. p. a commemoração do quinquagesimo anniversario do Collegio Florence, acreditado estabelecimento de ensino de Jundiáhy.

Convidados gentilmente pela exma. sra. Rosa Fladt directora daquelle collegio, seguiu para aquella importante cidade o nosso representante sr. Francisco Boucher, em trem especial, no qual tambem seguiram outros convidados, entre os quaes o sr. dr. Eloy Chaves, illustre secretario da Justiça.

O programma que consistia em diversos numeros de musica e tres pequenas comedias, teve optimo desempenho, despertando muitos applausos.

Os numeros de musica foram magistralmente executados, denotando o esplendido preparo artistico que as alumnas do Collegio recebem.

Em um dos intervallos a exma. sra. Rosa Fladt, directora do Internato, pronunciou um longo discurso,



Exma. sra. d. Rosa Fladt, actual directora do Collegio

O Collegio Florence, muito acreditado, tanto que já conta me o seculo de existencia, foi fundado pela benemerita sei hora d. Carolina Florence, que a elle dedicou toda a sua affeição.

O Collegio possue hoje grande numero de alumnas, todas de importantes familias do nosso Estado e dos visinhos.

A data do quinquagesimo anniversario do Collegio, foi festivamente commemorada.

A' solemniidade, alem dos convidados da Capital, compareceram as familias das alumnas e outras pessoas gradas.



Sala de recepção do Collegio Florence

no qual fez o historico do Collegio, rendendo significativa homenagem á sua fundadora.

Tambem fallou, fazendo uma bella allocução a senhorita Luiza Cramer, que em nome das colegas despediu-se de suas professoras.

Os convidados foram fidalgamente tratados, retirando-se com agradavel impressão da festa e da fidalguia do acolhimento.

O Collegio tambem provocou geraes louvores, pela sua direcção, methodo de ensino, etc., recebendo a sua distincta directora muitos cumprimentos.

Effectivamente, o Collegio Florence é um exemplar internato para moças, digno de todos os louvores, um verdadeiro modelo dos estabelecimentos de seu genero.

A' sua directora e ás suas alumnas, o nosso representante apresentou felicitações, agradecendo tambem o trato gentil que recebeu.

Ilustração 34 - Revista "Correio da Semana", s.d., com artigo referente à comemoração do 50º Ano de Fundação do Colégio Florence, em 1913 (Museu Histórico de Jundiá)

de S.Paulo para assistir a esta sessão, presença nesta sala como a mais bela flôr de homenagem que prestamos à augusta memória de seu saudosissimo esposo." (Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas, Ano 1904, III, 30 abr).

Em 1907, a ex-diretora do Colégio, partiu para a Europa, por motivos de saúde. Já há alguns anos que estava sofrendo da vista, com catarata nos dois olhos. Dirigiu-se à terra natal, a Alemanha, a fim de aí submeter-se a uma operação, cujo êxito infelizmente não foi completo. Não podendo mais ler, passou algum tempo na Alemanha, ora com sua irmã, ora com o filho mais velho, que então se mudara para Dresden e, também, na Itália, onde em Florença, residiam Emilio Giorgetti e sua filha Augusta. Agradando-lhe o clima da Itália, decidiu-se estabelecer-se definitivamente com sua filha mais moça, em Florença. *"Teve aí o prazer de receber as visitas dos filhos e mais parentes, assim como de várias antigas discípulas, pois, como mãe exemplar e amiga dedicada conservou, mesmo longe, o maior interesse para com todos"* (Kupfer, **Diário**, s.p.)

5.2 - FALECIMENTO DE CAROLINA FLORENCE

Em 7 de abril de 1913, com a idade de oitenta e cinco anos, Carolina Florence faleceu, sendo enterrada no cemitério protestante de Agli Alloni, em Florence.

No dia 3 de novembro desse mesmo ano o Colégio comemorava seus cinquenta anos de existência. A diretora da época, d.Rosa Fradt convidava as pessoas amigas do colégio para uma festa nos mesmos moldes do tempo em que Carolina Florence permanecera à frente da instituição. No convite, a execução das atividades aparecem por conta das professoras que faziam parte do corpo docente do Colégio na cidade de Jundiaí:

"PROGRAMA DO FESTIVAL EM COMEMORAÇÃO DO QUINQUAGÉSIMO ANIVERSÁRIO DO COLÉGIO. 1863-1913.

1.Mendelson Bla.Ouverture - D.Oravia Arruda, Laura Lopes, Maira Elisa Gomes e Lucila Florence.

2.O Gênio do Colégio - O gênio. D.Armenia Salles de Oliveira, Língua Portuguesa. D.Mercedes Bueno de Carvalho, Língua Alemã, d.Ermenegilda Manenti. Língua Francesa. D.Alice França. História Universal. D.Iraci Ferreira. Geografia. D.Nair Lima. História Natural. D.Tarcilla de Souza e Silva. Aritmética. D.Lucila Cerqueira César. Trabalhos Manuais. D.Teodósia Palma. Ginástica. D.Laura Camargo. Desenho. D.Jacinta Palma . Canto. D.Lidia Leite Ribeiro. Religião. D.Alzira Salles de Oliveira.

3.Bethoven - Grande Ceptuar Alegro, Adagio, Menuet, Presto. Vastoeinkel. Louiza Cramer.

4.Hiaiveen - Dois minuetos. D.Edite Arruda, Odila Campos, Conceição Negreiros.

5.Hayden - Sinfonia Infantil - Maestra D.Ette Gomes -Trompetta.- D.Aurea Machado - Piano - D.Lygia Pontes -Matraca. - D.Antonieta França.- Violino - D.Antonieta Marinho.- Triângulo.- D.Edite Cunha Cesar.- Violino.-D.Herminia Can-Can Gandra. D.Finoca Cardoso.- Bandolin -D.Aydee Tomangin. - Pandeiro- D.Ilda Teixeira Maria Leão -Rouxinol.- D.Maria Tavares Cordoniz D.M.T. Carvalho-Castanhola - D.Odila Campos.

6.Husarenript, Spindler - Bartira Socorro, Alzira e Arminia Salles de Oliveira e Olita Nascimento.

7.Weber. Freischutz Ouverture - D.Onorina Silveira, Antonieta e Alice Campos.

Superticiosa comédia em 1 ato. Laura, a superticiosa. D.Maria José Tavares, D.Brazilia, D.Maria Luiza Marinho, Ana, D.Ada Mesquita, Alfredo C.Zuleira da Mota Suzana, criada D.Anika Palmma.

9.Carlos Gomes. "Il Guarani" D.Armenia Salles de Oliveira e Naná Camargo.

II parte

10.Foschini Ouverture Simphonic. D.Louise Crammer. Lydia Leite, Alice França, Arminia Salles de Oliveira.

11.Magalhães. Visão Eterna. Poesia. D.Lydia Leite. Quadro Vivo. D.Raquelina Caielli, Orávia Arruda, Cezarina Palma.

12.Vangael -Gavotte Comme autre.foi.valse. Parfum de Rose. D.Edith Arruda, Odila Campos, Conceição Negreiros.

13.Mozart. D.Juan D.Lucilla Eurydice e Marina Cerqueira César.

14.Chaminade.- La Lyvre, air de ballé. D.Maria Elisa Iette Gomes.

15.Peça Peralta. Comédia em um ato. D.Emilia D.Ruth Fonte D.Elza d.Vera Cintra Catarina . Criada D.Naná Camargo.

16.Gottschalk. Hino Nacional. D.Euridice e Lucilla Cesar.

III parte

17.Verdi. Ayda - Grande Finale . Louise Crammer. Lydia Leite, Jacinta Palma. Ligia Pontes.

18.Wagner - Chouer des Sileuses do navio fantasma. d.Louise Cramer e Alice França.

19.Les mensagens de la marquise.

20. Operette em un acte. La marquise jeune fille bone jenereuse. D.Mercedes de Carvalho. La grand duchesse. Tant de la marquise. D.Conceição Negreiros.Marinete.Camariste de la marquise. D.Evangelina Guimarães. Justine cousine de Marinete. D.Maria Elisa Gomes. Louison, soeur de la justine D.M.Odete de Campos. MM.Madame Pomponne. D.Eurydice Cerqueira Cesar. Mdme.Dubourj Bijouterie D.Ercilia de Almeida. Olimpe Modista D.Helena Borges. Girofla parfumeuse d.Josefina Recch Choeuer des Marchandes D.Lucila Cerqueira Cesar e Olita Palma e Maria Luiza Marinho. La cene se passe sous Louis XV pres de Paris chess de la Marquise.

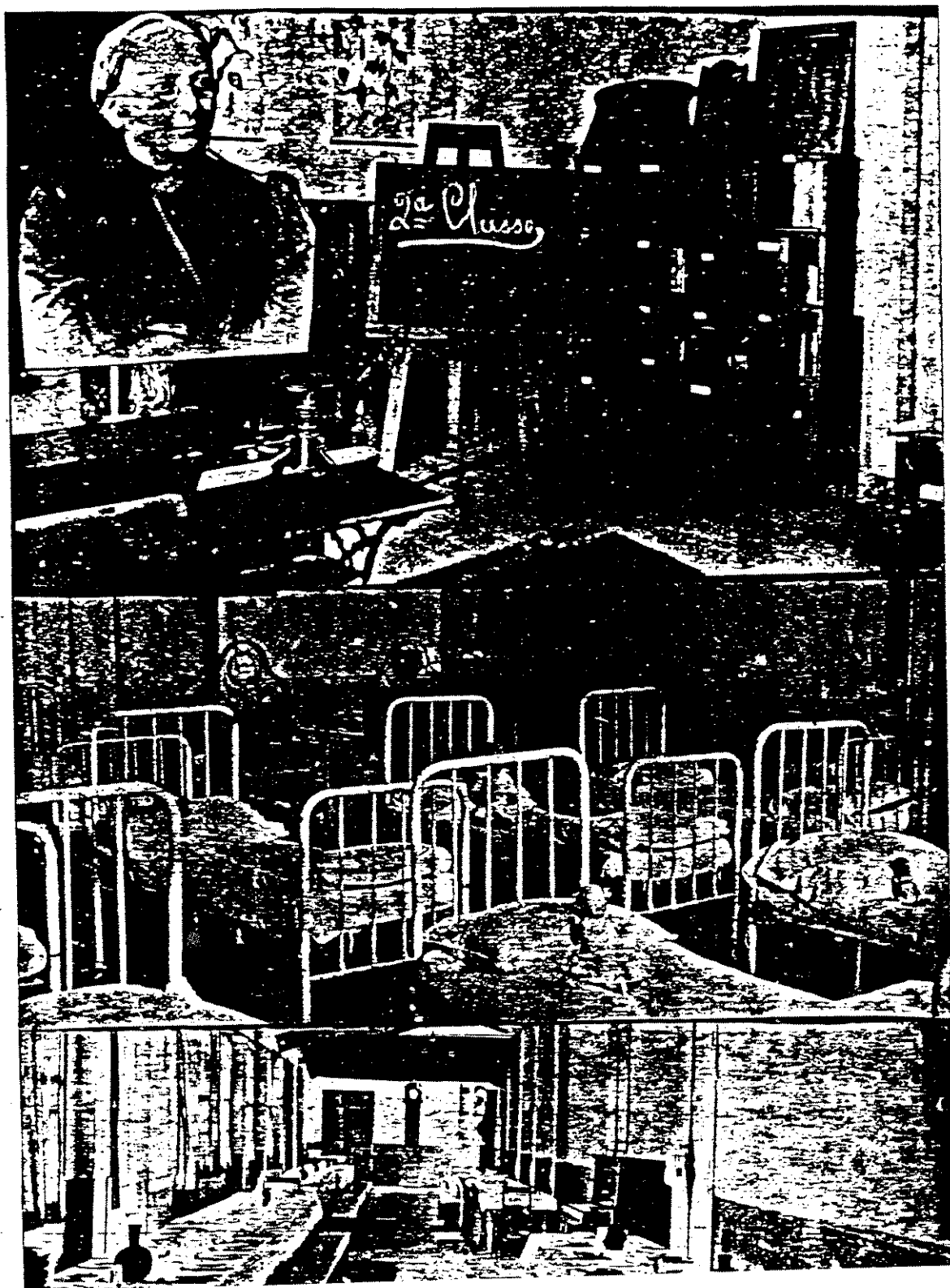


Ilustração 38 - Estalações internas do Colégio Florence, em Jundiá (Museu Histórico de Jundiá)

Ao comentar o convite, o jornalista do "Jornal de Jundiaí" diria sobre o Colégio Florence de Jundiaí:

"Bons tempos os do nosso Colégio Florence de muita cultura, bons costumes e educação aprimorada. De todos os nomes citados nos lembramos de d.Aydee Domangin, falecida esposa do Dr.Pedro C.Monjola e autora do hino de Jundiaí. Colégio para meninas, até nas peças teatrais os papéis masculinos eram desempenhados pelas alunas." (Jornal de Jundiaí, in: Recortes de Jornal, s.d. -Biblioteca de Jundiaí)

discipulas e diretoras gostariam que fosse colocado no túmulo da ex-diretora do Colégio Florence:

"Henrique:

Isabel me escreveu a respeito do monumento que deve ser colocado sobre a sepultura da mãe. Alunas e amigas enviaram por iniciativa de D.Cecília Almeida e D.Herminia Michaellis para Florença 166l \$ para uma coroa de bronze com a dedicatória: "Lembranças das discípulas e amigas do Brasil". Isabel propõe a seguinte idéia para o monumento: Uma grande cruz sobre um bloco, de mármore, um livro com a inscrição: "Amor e instrução" sobre o livro, com nomes das subscriptoras. Isabel pede um esboço do monumento feito por mim ou por você." (Carta de Guilherme Florence para seu irmão Paulo Florence, em 11 mar 1914).

No seu Diário de Anna Kupfer, irmã de Carolina, constam os últimos detalhes sobre sua vida:

"Não cheguei a ver minha querida Lina. No dia em que resolvi fazer a viagem ela falecia de um surto cerebral sem ter estado doente terminando assim

uma vida cheia de trabalho e abençoada. No lindo cemitério florentino, esta ela descansando junto ao túmulo de Bocklin, a inscrição de seu túmulo é: "Nem todos que morreram estão mortos." que se adapta perfeitamente a minha irmã." (Kupfer, Diário, s.p.).

Como homenagem póstuma, também o Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, escreveria um voto de pesar pelo falecimento de Carolina Florence:

"Pede a palavra o dr.Estevam Leão Bourroul, e, em brilhante discurso requer seja lançado na acta um voto de pezar pela morte de uma dama ilustre, que soube honrar S.Paulo, como mãe de família e educadora. Refere-se áexma.sra.d.Carolina Florence, a qual, em Jundahy e em Campinas, educou as mais distintas famílias paulistas.(...) O dr.Luiz Piza discorre sobre a individualidade de d.Carolina Florence, salientando a cultura de seu espírito e demonstrando influência que tão veneranda senhora exerceu sobre a sociedade paulista." (Revista do Instituto Histórico de S.Paulo, no.18, 1913, .637).

5.3 - DESDOBRAMENTOS DO COLÉGIO FLORENCE

Quanto ao Colégio Florence, depois da direção das sras.Hermínia Michaellis e d.Cecília Almeida, o mesmo foi dirigido por d.Elisa Sampaio, Rosa Fladt e Regina Martins (D.Guina). Foram professoras na cidade de Jundiaí, entre outras, antigas alunas do Colégio Florence de Campinas: D.Armelina Lamaneres, Regina Rolemberg, Adelaide Florence, Olga Schneider, Esperança Geane, Eponina Florence, Alice Lamaneres de Oliveira, Celina Florence, Maria do Socorro e outras.



Collegio Florence



Corpo docente do Collegio Florence

Ilustração 35 - Corpo docente do Colégio Florence, com a diretora D. Rosa Fladt, em Jundiáí (Museu Histórico de Jundiáí)

Em 1928, precisamente em 04 de Abril, foi transformado o Colégio em **Escola Normal Livre**, tendo começado a funcionar sob a direção de d.Anna Pinto Duarte Paes, antiga professora do Colégio Florence.⁴⁶ O corpo docente ainda continuava com antigas alunas da instituição, entre elas: Alice Lamaneneres de Oliveira, Helena M.Maia, Matilde Witzing, Anália Adelizze e srs.Alvaro Penteado de Castro, João F. de Campos, Luiz Felipe de Araujo Lima.

O anuário de Jundiaí mencionaria o Colégio Florence, em 1928, como uma instituição ligada à Escola Normal, colocando-o como uma instituição de valor para a comunidade local:

"O ensino particular largamente desenvolvido, conta com um esplendido collegio para moças, o Collegio Florence, muito antigo e afamado em todo o Brasil, tendo, agora, annexa uma Escola Normal, reconhecida pelo Governo do Estado, com dois ótimos gymnasio, o José Bonifácio e o Rosa"
(Anuário de Jundiahy,n.1 , 1928.)

No ano de 1930 foi diplomada a primeira turma, constituída de 10 professoras. No fim do mesmo ano, todas as escolas normais livres foram extintas por ordem do governo. Assim, em 30 de dezembro de 1930, era publicado no Diário Oficial o decreto estadual 4.794 que estabelecia as condições para a reorganização das escolas normais livres. Em fevereiro de 1931 foi reorganizada a escola de acordo como o referido decreto. Começou funcionando, ainda sob a direção da profa.Anna Pinto Duarte Paes e do

⁴⁶ As escolas normais estavam até o momento, a cargo do Governo Central. Apenas em 1927, houve a possibilidade das escolas particulares adquirirem o direito de serem reconhecidas como Escolas Normais: *"O respeito à organização traçada no início da República e a especial atenção com que o poder público distinguiu o ensino normal parecem ter influido tardiamente, ou seja, em 1927, o Governo deixasse tardiamente de exercer o monopólio do preparo de professores para as escolas primárias da rede estadual. Nesse ano estendeu-se as particulares e às municipalidades o direito de fundar escolas normais livres, equiparadas às oficiais."* (Tanuri, **O Ensino Normal no Estado de S.Paulo**, p.10).

Sr.João Paes, tendo sido designado para professor fiscal dr.Paulo Gomes Cardim, que tinha sob seu encargo as aulas de Pedagogia. (Oliveira, **História Geral de Jundiaí**, p.52).

A escola compunha-se de cursos complementares e normal. Em 1934 foi o curso complementar transformado em curso ginásial estadual, e em 1935, conseguiu a escola inspeção preliminar federal, para o curso ginásial que passou a ser designado pelo nome de **Ginásio Alvares Azevedo**.

Após o reconhecimento federal, ficou a Escola Normal Livre de Jundiaí constituída dos cursos ginásial federal e cursos estaduais primário e normal.

Durante quinze anos de sua existência esse educandário diplomou 240 professores. Em 1946 foi o estabelecimento incorporado pela Prefeitura Municipal que o transferiu para o Governo do Estado, com a denominação de "**Ginásio Estadual e Escola Normal**", depois "**Instituto de Educação**" e "**Colégio Estadual de Jundiaí**".

Atualmente o antigo Colégio Florence, fundado em 1863, permanece com a denominação de **Instituto de Educação Experimental**. (Oliveira, **História Geral de Jundiaí**, p.52).

5.4 - O RESSURGIMENTO DO COLÉGIO FLORENCE NA CAPITAL

Em 1957, D.Zulmira Mendes Pereira Florence, esposa do neto de Carolina Florence, Cyrillo Hércules Florence, filho de Henrique com Evangelina (Yayá) Florence, fundou na cidade de São Paulo, o **Instituto de Educação Florence**, na Av.Pompéia, 634.

Sete anos após o início das atividades desse instituto, D.Zulmira Mendes Pereira Florence programou as comemorações do Primeiro

INÍCIO DAS COMEMORAÇÕES DO PRIMEIRO CENTENÁRIO DE FUNDAÇÃO DO COLÉGIO «FLORENCE».
HOJE INSTITUTO DE EDUCAÇÃO «FLORENCE»

- 1963 — Campinas — Colégio «Florence»
1989 — Jundiaí — Colégio «Florence»
1957 — São Paulo — Instituto de Educação «FLORENCE»
instalado à Avenida Pompéia, 634.

PROGRAMA

- a 1.º de Dezembro — sábado, às 9 horas — Primeira Comunhão dos alunos. Paróquia Nossa Senhora do Rosário de Vila Pompéia — Celebrante: Monsenhor Vitorino Gândara Mendes. Após a Missa, chá no Colégio.
a 1.º de Dezembro — sábado, às 15 horas, inauguração da herma da fundadora CAROLINA FLORENCE. Após a inauguração: COQUETEL EM HOMENAGEM AS ANTIGAS ALUNAS.
a 3 — 2.ª feira — Comemorações internas no Colégio
a 4 de Dezembro — 3.ª feira, às 18 horas, no Teatro Tupi, festival em benefício da criança pobre.
A entrada custará um donativo ou uma peça de vestuário para a criança pobre de 0 a 12 anos, do Externato Maria Gertrudes.
a 5 de Dezembro — 4.ª feira.
Comemorações internas no Colégio
a 6 de Dezembro, 5.ª feira, às 9 horas, Missa na Catedral, em ação de graças às antigas alunas presentes e à turma dos formandos do Primário de 1962, celebrada pelo Monsenhor Vitorino Gândara Mendes.
a 7 de Dezembro, 6.ª feira, às 12 horas, reunião na sede do Colégio e em seguida excursão oferecida pela Diretoria do Lapa Country Club.

COMISSÃO:

Maria Alves de Lima Ulhôa Cintra
Comendador António Benedicto Machado Florente e Sra.
Arnaldo Machado Florence e Sra.
Amador Bueno Machado Florence e Sra.
Francisco Alvares Machado Vasconcellos Florence e Sra.
Dr. Luiz Colombo D'Ávila Florence e Sra.
Arnaldo D'Ávila Florence e Sra.
Dr. Geraldo Motta Florence e Sra.
Amador Florence Teixeira e Sra.
Dr. José de Almeida Vergueiro e Sra.
Dr. Paulo Salim Maluf e Sra.
Dr. Paulo Pereira de Souza e Sra.
Dr. Renato Teixeira Mendes e Sra.
Prof. Aníbal Machado e Sra.
Luiz Campos Montes e Sra.
Oswaldo Tomazelli e Sra.
Dr. Plínio Casado de Castro e Sra.
Dr. Mario Florence e Sra.
Dr. Otávio Florence Wagner
Prof. Hércules Machado Florence e Sra.

COMISSÃO GERAL:

Todos os senhores e senhoras, pais dos alunos do Instituto de Educação «Florence».

Ilustração 39 - Programa relativo às comemorações do Colégio Florence, no seu centenário de Fundação (Coleção Cyrillo Hércules Florence)

Centenário da Fundação do Colégio Florence, contando para isso com a presença de antigas alunas, além dos descendentes de Hércules e Carolina Florence. Esse instituto permaneceu na cidade de São Paulo até meados da década de 80, quando encerrou suas atividades por motivos de ordens diversas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise que realizei do processo educativo das mulheres de famílias abastadas na cidade de Campinas, durante o Século XIX, teve como propósito obter o maior número possível de informações, a fim de que uma primeira etapa da historiografia educacional feminina dessa localidade fosse evidenciada.

Essa análise contemplou uma instituição de nível secundário, de origem laica e de iniciativa particular, que possuía aspectos específicos que o diferenciavam de uma grande parte de seus contemporâneos. porque, no Brasil, o ensino secundário para o sexo feminino só principiou a constituir-se na segunda metade do século XIX, graças aos esforços da iniciativa particular. (Haidar, **O Ensino Secundário no Império Brasileiro**, p.231) O uso pedagógico do termo **secundário** origina-se da educação francesa e nela, também, este termo se associou pela primeira vez ao tipo de ensino ao qual, até hoje, o reservamos. (Bastos Silva, **Educação Secundária**, p.117).

Sendo criados por particulares, a história dos colégios envolve os fundadores. Isso ocorre porque os colégios do período, que não eram fundados por associações, eram na realidade, concebidos pelos seus fundadores. Assim como, para estudar o Colégio Pestana, dever-se-ia estudar Rangel Pestana, o mesmo realizei com Carolina Florence.

Os poucos colégios ⁴⁷ femininos que se animaram a organizar cursos completos e regulares de instrução secundária no decorrer dos

⁴⁷ O Ensino francês foi o que restaurou a denominação **Colégio**, " *que passa a ser usado, em lugar de escola secundária, para designar os estabelecimentos criados e mantidos pelas comunidades ou particulares. Colégios, como se sabe, eram de início, na Idade Média, espécie de pensionatos onde se alojavam os estudantes das universidades e que posteriormente se transformaram em locais de cursos.* (Bastos Silva, **Ensino secundário**, p.129).

anos 60 e 70 não encontraram a receptividade que lhes teria permitido levar adiante a sua obra pioneira. Por falta de alunos, viram-se tais estabelecimentos na contingência de cerrar as portas ou de reformular os cursos adequando-os ao gosto geral.

Haidar, no histórico que realizou das escolas secundárias criadas na Corte do Rio de Janeiro e nas capitais das Províncias, retrata as dificuldades dos colégios particulares para se manterem. Cita o Colégio Pestana criado em 1876 em São Paulo por Rangel e sua esposa Damiana e vendido em 1878. As causas do malôgro do empreendimento apontavam como principal fator do insucesso " *o modernismo exagerado do jornalista*" que tivera a pretensão de educar a mulher na liberdade. (Haidar, **O Ensino secundário no Império Brasileiro**, p.241).

O Colégio Florence, que foi criado por imigrantes de origem germânica, ao contrário de muitos contemporâneos, manteve-se como o estabelecimento de ensino de maior durabilidade dos tempos imperiais.

Essa estabilidade e desenvolvimento decorrem, possivelmente, de diversos fatores: a mentalidade e a cultura de seus fundadores, o fato da diretora ter adquirido uma grande experiência pedagógica no país de origem, e, também de ter encontrado na cidade de Campinas o terreno propício para o desenvolvimento da educação.

No primeiro capítulo, procurei mostrar a trajetória pedagógica de Carolina Florence na Europa e no Brasil, bem como sua ligação com Hércules Florence. As características de homem preocupado com o ensino, assim como sua relação de companheirismo, propiciaram à diretora do Colégio Florence enfrentar com estímulo as dificuldades inerentes àquele empreendimento.

Ainda no primeiro capítulo procurei explicitar as razões que faziam de Campinas uma cidade em condições de possuir um estabelecimento de educação feminina. A cultura do Café, os grandes fazendeiros, o regime de parceria favoreceram as transformações do

comportamento social e político dos campineiros. Também o fato de haver muitos liberais e republicanos, opositores do governo monárquico, que viam na Educação a solução para o desenvolvimento do país, facilitou a fundação do Colégio Florence para o sexo feminino.

No segundo capítulo, procurei tratar dos aspectos formais e informais da educação feminina no II Império brasileiro e, particularmente, na cidade de Campinas. As idéias propagadas durante a segunda metade do século XIX e divulgadas pela imprensa, diziam que as mulheres possuíam o cérebro menor e mais frágil do que o dos homens e que biologicamente, a aquisição de conhecimentos, lhes era limitada.

Entre os defensores do aprimoramento da instrução feminina destacavam-se aqueles que, animados por idéias evolucionistas apontavam a ignorância da mulher como um importante fator de retardamento do progresso da humanidade. Entre eles, Tito Livio de Castro, com o livro "A mulher e a sociogenia" e Tobias Barreto. (Haidar, **O ensino secundário no Império Brasileiro**, p. 246).

A campanha em favor do aprimoramento da instrução feminina no Brasil não tinha como objetivo, elevar a mulher a culminância científica e literária. Também não se pretendia prepará-las para funções profissionais, ainda consideradas incompatíveis com a sua capacidade intelectual e desnecessárias à missão que lhe fora reservada pela natureza: a maternidade.

Desobrigados, portanto, de preparar para os estudos superiores em geral, ainda considerados impróprios à mulher, o ensino secundário montado no fim do Império, em alguns poucos estabelecimentos particulares, adquiriu feição própria. No caso do Colégio Florence, liberto da tradição secular que vinha consagrando o predomínio das humanidades clássicas nos estudos preparatórios, caracterizou-se pela importância atribuída às línguas modernas e às ciências, especialmente consideradas em suas aplicações práticas.

Com a ausência de registros de Carolina Florence sobre a pedagogia utilizada em seu colégio, as informações ficaram restritas às cartas e as notícias divulgadas pela imprensa. Essa documentação continha as atividades realizadas no cotidiano da sala de aula, as conferências sobre anatomia de Kopke, a criação da Revista publicada pelas alunas, a excursão pedagógica, as festividades no Colégio, etc. Ao serem analisadas, essas informações revelaram aspectos do grau de intimidade e cordialidade entre professores e alunas.

Tomaz Tadeu da Silva, em seu livro "**O que produz e o que reproduz em educação**" afirma que a educação produz e reproduz os elementos que contribuem para produzir o novo e os elementos que contribuem para manter o existente. Ao dizer que a escola possui também outras características mais prosaicas e cotidianas, além das macro-características estruturais, cita elementos como a arquitetura e a configuração da sala de aula como tal a concebemos, a divisão em séries, a administração do tempo através de períodos, a divisão e a classificação do conhecimento pelas diferentes disciplinas e matérias como contribuições para se entender a educação. (T.Silva, **O que produz e o que reproduz em educação**, p.64). Nesse sentido, a vivência das relações produzidas no cotidiano do Colégio Florence nos dão elementos para percebermos uma gama variada das formas de execução do trabalho escolar e da aquisição do conhecimento produzidos e reproduzidos na época.

As cartas e jornais trazem à tona informações sobre a atuação das alunas na sala de aula, no pátio de recreações, nas apresentações em festas públicas, na assimilação dos conteúdos ministrados por seus professores, dificuldades, doenças, etc. Retratam o meio em que viviam e o cotidiano escolar do século XIX. Essas informações mostraram também como pais, parentes e amigos, além dos próprios professores vivenciavam suas preocupações educacionais no período analisado.

De acordo com T.Silva, estão faltando nos trabalhos da

historiografia educacional uma descrição e uma compreensão dos processos específicos do interior das escolas e que fazem a mediação entre elementos da estrutura social mais ampla e os outros resultados da escolarização supostamente conectados com processos de reprodução social. Para isso, era necessário que os pesquisadores se sentissem desobrigados de dar conta, *"através de suas pesquisas, da totalidade da vida social"* (T.Silva, **O que produz e o que reproduz em educação**, p.23 e p.113).

Nesse sentido, no que diz respeito ao conteúdo ministrado, procurei no segundo capítulo arrolar as disciplinas adotadas no Colégio Florence e a relação dos programas festivos nos finais de cada ano com o intuito de evidenciar o adiantamento das alunas. Através de cursos completos e regulares compostos de estudos de várias línguas, disciplinas como geometria, ciências naturais e trabalhos artesanais é possível verificar o grau de aperfeiçoamento, destreza e aplicação adquiridos na instituição. A natureza do padrão de trabalho que as alunas realizavam possibilitava-lhe obter informações imediatas sobre os seus resultados porque, frequentemente, apresentavam-se ao público.⁴⁸

O papel da Imprensa, foi ressaltado como elemento fundamental de apoio às atividades educacionais particulares, considerando o fato de que o governo não se interessava pelo ensino secundário.

No terceiro capítulo, referente aos professores que lecionaram no Colégio Florence, destaquei os mais expressivos, considerando a dificuldade em possuir uma relação completa dos mesmos. Assim, omiti as atividades das perceptoras alemãs por não ter podido obtê-las. Nas cartas, no

⁴⁸ T.T.Silva, ao pesquisar uma escola particular diria sobre essas vivências: *"A própria natureza do padrão do trabalho escolar predominantemente nas classes observadas garantia que as crianças obtivessem informação imediata e frequente sobre o resultado de seus trabalhos. Uma vez que elas frequentemente tinham que relatar os trabalhos na frente da turma ou fazer alguma outra forma de apresentação pública dos resultados dos projetos que estavam realizando, ou tinham que dialogar com a professora, a oportunidade para o feedback estava de certa forma embutida nas próprias atividades que elas tinham que executar."*(T.T.Silva, **O que produz e o que reproduz em educação**, p.116).

entanto, os autores sempre se referem a elas, permitindo, assim, notar a importância que tiveram na instituição.

Dos docentes masculinos, uma grande parte, posteriormente, contribuiu para a estruturação e a solidez do ensino público no período republicano. Criaram os primeiros livros didáticos brasileiros, muitos utilizados no ensino público, como os livros de Julio Ribeiro e João Kopke. Também tentei, através das cartas, mostrar as dificuldades por que passavam e o desânimo que a educação as vezes lhes imputava.

A família Florence e Krug sempre estiveram presentes na instituição como discentes e docentes. Isso, contribuiu para que o projeto educacional de Carolina Florence pudesse ser bem sucedido e expandir-se posteriormente.

No quarto capítulo procurei resgatar a origem das alunas do Colégio Florence e as dificuldades que a instituição enfrentava com pais, alunas, doenças entre outros. As anuidades eram muito mais caras do que em outras instituições, no entanto, as despesas com a infraestrutura, alimentação, livros etc, retiravam boa parte do lucro arrecadado.

Entre as alunas que mais se destacaram, Maria Monteiro corrobora a credibilidade da instituição, quando na Itália, o Conservatório de Música reconhece seu adiantamento no treinamento da voz.

As atividades culturais desenvolvidas pelas discípulas na sociedade campineira, através de "soirées", clubes literários tiveram sua origem nas festividades promovidas pelo Colégio Florence, que as preparava para viver na esfera pública. Os bilhetes de teatro encontrados na relação das despesas das alunas indicava a frequência com que frequentavam essas atividades culturais, o que as diferenciava das alunas que frequentavam instituições religiosas.

Esse espaço conquistado pelas alunas não foi adquirido naquele período. Desde muito antes, no início do século XIX, as mulheres foram conseguindo aos poucos, frequentarem outros lugares, que não fossem

suas casas e as igrejas.

Com a vinda de D.João VI ao Brasil, as solenidades proporcionadas pela casa real solicitou do sexo feminino um comportamento mais sociável. A presença do Monarca e de fidalgos ricos de Portugal que haviam se transferido para a Corte, influíram nos hábitos da alta sociedade do país, especialmente a do Rio de Janeiro.

Essa sociabilidade exigia das senhoras da antiga elite colonial, um novo perfil feminino. Para esse perfil existir era necessário educá-las. A ausência quase que total de educação prejudicava gravemente o papel que a sociedade destinava às mulheres: o casamento e como consequência, a maternidade.

Em 1815, por exemplo, um viajante inglês ao escrever ao pai sobre sua noiva brasileira, revelava que a mesma não possuía os predicativos necessários a uma dama que frequentasse a sociedade imperial: *"não é rigorista de modas; não sabe dançar, nem tocar, não serve de ornato à janela com o leque e o lenço, não sabe tomar visitas nas salas nem discorre nas guerras."* (Pinho, **Salões e damas do Segundo Reinado**, p.17).

Com o passar dos anos e das mudanças do país, as festas da corte passaram a fazer parte da vida das mulheres das famílias abastadas, e fez com que aumentasse a necessidade da educação para as mulheres de elite. Nas outras províncias, a produção do que ocorria na Corte levava os fazendeiros ricos a imitarem, reproduzirem as novidades, desde a moda, danças, músicas, edificações suntuosas etc. "

Na província de São Paulo, no entanto, a vida social ainda era muito pacata, mesmo depois da segunda metade do século XIX. Alfredo d'E.Taynay, nas cartas à família, daria notícias da vida social paulista em 1865, dizendo que não lhe agradou a cidade e o retraimento característico das mulheres paulistas. As igrejas pobres, os edifícios pequenos: as construções de taipa: embora limpas, as ruas mal calçadas e pouco movimentadas onde quase não se via uma mulher.

No teatro, a frequência era quase inteira de homens e poucas famílias nos camarotes. Nenhuma festa ou homenagem. *"Não lhe agradou a cidade (...) Das damas paulistas pouco poderei dizer por enquanto, pois muito pouco as tenho avistado. São as famílias aqui muito retraídas, como bem sabemos; pouco saem a passeio."* (Pinho, **Salões e damas do Segundo Reinado**, p.102).

Na cidade de Campinas, parece no entanto, que a sociedade tinha um ritmo cultural mais desenvolvido. Taunay diria que: *"Esse retraimento da gente da capital fazia contraste com a expansão e a cortesia da sociedade de Campinas onde tudo exigia elogio do missivista. Na cidade, que já tinha seus dez mil habitantes, próspera e rica, em pleno desenvolvimento, com notável movimento comercial, alguns sobrados excelentes, ostentavam aparêcia luxuosa."* (Pinho, **Salões e damas do Segundo Reinado**, p.103).

Diria ainda que em Campinas as moças eram mais amáveis, conversavam animadamente, e que já não sabia a quantos saraus, bailes, jantares e festas tinha ido. Isso demonstra o quanto a educação já contribuía para que cidade de Campinas possuísse mulheres da elite local desinibidas e desenvoltas. A educação formal e informal possibilitava-as conviver com desenvoltura na sociedade campineira. Seus conhecimentos no entanto não ficaram apenas naquilo que era solicitado. Avançavam quando davam utilidade a essa educação, quando aprendiam muito mais do que a vida social lhes exigia. Nesse sentido, reproduziam o que a sociedade da época solicitava, mas também produziam uma nova forma de convivência, pautada nos ensinamentos assimilados nos estabelecimentos do tipo do Colégio Florence.

Finalmente, no quinto capítulo, coloco as razões da transferência do Colégio para a cidade de Jundiaí e a febre amarela como fator de redução das potencialidades que Campinas sofreu.

Nos anos em que o Colégio Florence permaneceu na

cidade de Jundiaí, o acompanhamento da família, mesmo com a diretora tendo se afastado, foi contínuo.

A transformação que o Colégio sofreu em 1928, em Escola Normal Livre, e depois, passando à responsabilidade do Estado de S.Paulo tornou-o instituição pública, até os dias de hoje.

Finalmente, encerrando o trabalho a que me propus, qual seja o de analisar a trajetória do Colégio Florence, e consequentemente a educação feminina na cidade de Campinas, retrato a tentativa de ressurgimento da instituição na capital, por descendentes, com o nome de "Instituto Florence", no ano de 1957. Este, no entanto, teve suas atividades encerradas na década de 80, deste século.

Por essa análise do Colégio Florence espero ter conseguido passar ao leitor alguns aspectos da história da educação feminina no século XIX, na cidade de Campinas.

A contribuição da iniciativa particular foi necessária para a constituição e manutenção do ensino secundário feminino durante o II Império, já que o governo monárquico ausentou-se dessa tarefa.

É preciso não se esquecer que na Corte do Rio de Janeiro, anteriormente à instalação da Escola Normal, em 1880, os poderes públicos só ofereceram às crianças e adolescentes do sexo feminino a instrução primária. Nas Províncias, as escolas normais que se criaram a partir da reforma constitucional descentralizadora, em geral, franquearam suas portas à população escolar feminina. A instrução oferecida por tais estabelecimentos, cujo número só principiou a ampliar-se a partir da década de 70, via de regra, entretanto, não chegou a ultrapassar o nível primário superior. (Haidar, **O Ensino secundário no Império Brasileiro**, p.238).

Em relação ao ensino secundário de um modo geral, as mudanças ocorreram somente a partir do Ato Adicional de 1834. Até então, era fragmentado em aulas avulsas, à moda das aulas régias. O aparecimento de liceus provinciais a partir de 1835, e a criação do Colégio Pedro II na Corte,

em 1837, representaram, no campo do ensino público, os primeiros esforços no sentido de imprimir alguma organicidade a êsse ramo do ensino.

Em 1854 tentara a reforma Couto Ferraz ampliar a função dos estudos secundários colocando-o na base das especializações técnicas. Animado pelo surto industrial e a extinção do tráfico negreiro, pretendeu articular o curso de estudos do Colégio Pedro II, não apenas com os estudos superiores, mas com cursos comerciais e industriais oferecidos pelo Instituto Comercial e pela Academia de Belas Artes. Visando tal objetivo, o Ministro do Império do Gabinete Paraná, de acordo com Haidar, dividiu o curso do Colégio Pedro II em estudos de 1a. e 2a. classe, confiando aos primeiros a missão de fornecer a cultura básica para as especializações técnicas e atribuindo aos segundos, montados sobre os anteriores, a tarefa de preparar para o ingresso nas Academias. A medida, inspirada nas mesmas intenções que haviam levado à criação das Realschulen prussianas, não encontrou, entretanto, em nosso país, o grau de desenvolvimento comercial e industrial que condicionara o êxito extraordinário do empreendimento nos Estados alemães. (Haidar, **O Ensino secundário no Império Brasileiro**, p. 261).

As condições sociais e econômicas que haviam conduzido ao malôgro a inovação tentada por Couto Ferraz em meados do século não se haviam alterado significativamente ao fim do Império,. Os estudos secundários continuavam a ter por missão a preparação para os cursos superiores. (Haidar, **O Ensino secundário no Império Brasileiro**, p.261)

Assim, a Reforma Leôncio de Carvalho, em 1878, consagrou os estudos fragmentários definitivamente ao manter as matrículas avulsas e ao introduzir a frequência livre aos exames vagos no Externato do Pedro II (Haidar, **O Ensino secundário no Império Brasileiro**, p.260).

O ensino secundário público, dessa forma, teve durante o período do Império, o caráter de propedêutico, fragmentário e destinado ao sexo masculino. Quanto ao ensino secundário masculino privado, também este, se tornou preparador para as Academias: "*Os estabelecimentos particulares,*

cujo renome era em geral função do êxito de seus alunos em tais exames, com pouquíssimas e honrosas exceções que confirmam a regra, limitaram o currículo dos estudos secundários às disciplinas preparatórias e consagraram os estudos avulsos. (Haidar, **O Ensino secundário no Império Brasileiro**, p.16).

Desobrigados de preparar o sexo feminino para o ensino superior, o ensino secundário fornecido pelos estabelecimentos particulares puderam dar às mulheres um ensino fundamentado no enciclopedismo, libertando-se dos vícios decorrentes dos exames parcelados e preparatórios.

O Colégio Florence obteve influências múltiplas das pedagogias propagadas no período. Além de Pestalozzi, Spencer, entre outros que viam a educação caminhando para a vida prática, as "realschulen" alemãs e os liceus secundários franceses que tinham a cultura e o ensino fundamentado no enciclopedismo (Bastos Silva, **A Educação secundária**, p. 101) também influenciaram a educação ministrada no Colégio Florence.

Hércules e Carolina Florence, oriundos da classe média, fundaram uma instituição de ensino através de seus esforços. Em cartas percebe-se que ambos tinham dificuldades para pagar os estudos dos filhos e manter a instituição com a qualidade que exigiam. Tinham um padrão de vida superior porque eram originários de classe média germânica e italiana, que instalada em Campinas, montaram negócios. Porém, trabalharam para manter suas rendas, ao que parece, sem espoliar seus subalternos. É preciso não se esquecer o sucesso que teve a propriedade de Hércules Florence no Sistema de Parceria.

Carolina Florence sabia que os pais, assim como a sociedade imperial, desejavam que suas filhas adquirissem apenas uma educação que fosse suficiente para o convívio social, no entanto, seu estabelecimento ultrapassou essa educação "ornamental" desejada, quando preocupava-se em absorver os métodos pedagógicos que surgiam na Europa.

além de permitir que o corpo docente da instituição elaborasse livremente seus programas de ensino, diferentemente dos colégios religiosos ou de associações que controlavam seus docentes.

Dessa forma, o Colégio Florence reproduzia o ideal da educação feminina que a sociedade da época solicitava, mas avançava quando acrescentava novos conhecimentos que tornavam suas educandas mulheres que assumiram, posteriormente, atividades profissionais como professoras, fundadoras de escolas, instituições de caridade ou simplesmente filântropas.

Carolina Florence conseguiu criar um estabelecimento educacional em um período em que a educação feminina ainda se encontrava em gestação, envolta em concepções que achavam desnecessário um ensino mais aprimorado para as mulheres. Conseguiu também mantê-lo funcionando por vinte e cinco anos na cidade de Campinas, com credibilidade e confiança dos pais, o que era muito difícil para o período.

A mudança da instituição para Jundiaí se deu em função da preservação da saúde de suas alunas, e não por motivos de má administração. Na cidade de Jundiaí manteve-se com o mesmo progresso e foi transformado pelo governo, em instituição pública até os dias de hoje, com a denominação de **Instituto de Educação Experimental**.

Finalmente, concluo acreditando que seja possível que futuras investigações acrescentem às reflexões aqui registradas, muitos aspectos que venham a preencher a lacuna que a área da História da Educação Brasileira apresenta. Pesquisas sobre os outros colégios femininos existentes no período complementariam o quadro da educação feminina na cidade de Campinas durante o Império Brasileiro, por exemplo.

Até o presente momento procurei colocar nesse trabalho aquilo que me foi possível captar, portanto as críticas a serem feitas constituirão a única forma de enriquecê-lo.

BIBLIOGRAFIA

AGUAYO, A.M. **Didática da Escola Nova**. trad. de J.B.Damasco Penna e Antonio D'Avilla. Série A. 3a.Atualidades Pedagógicas. Vol.15. Biblioteca Pedagógica Brasileira. S.Paulo, Nacional, s.d.

AMARAL, Leopoldo. **Campinas, Recordações**. São Paulo, Seção de Obras raras d'O Estado de S.Paulo, 1927.

ARQUIVO DA CAMARA MUNICIPAL DE CAMPINAS. Registro de Casamentos Acatólicos realizados nesta cidade 1869-1889. Campinas, Camara Municipal, 1889.

AMARAL, L. MENDES, C. **Cidade de Campinas em 1900**. Campinas, Imprensa a Vapor Livro Azul, 1899.

AZEVEDO, Fernando. **A Cultura Brasileira**. 4a.ed. Brasília, UNB, 1963.

ALMANAQUES DE CAMPINAS:

organizados por:

ANOS: 1870 - José Maria Lisboa

1872 - Jose Maria Lisboa

1873 - José Maria Lisboa

1878 - José Hypolito da Silva Dutra

1879 - Carlos Ferreira e Hypólito da Silva

1886 - Henrique de Barcellos

1892 - Francisco Cardona e José Rocha

1901 - Francisco Cardona

ALMANAQUE ADMINISTRATIVO COMERCIAL DA PROVINCIA DE S.PAULO. **JORGE SECKLER**. 1886 e 1887.

ALMANAQUE HISTÓRICO E ESTATÍSTICO DE CAMPINAS 1914. Org.Benedito Otávio e Vicente Melillo. Biblioteca Municipal de Campinas.

ALMANAQUE DE JUNDIAHY:

ANO: 1912 - Tiburcio Estevan de Siqueira e João Baptista de Figueiredo. Segundo Anno. Jundiaí, A Folha, 1912.

ANUÁRIO DE JUNDIAHY. Org. João Baptista de Figueiredo e Alceu Pinto. Ano I, n.1 Jundiaí, A Câmara, 1928.

BARBOSA, Irene. **Socialização e Relações Raciais.** Um estudo da família negra em Campinas. São Paulo. Usp.

BARROS, Roque M.S. de. **A Ilustração Brasileira e a idéia de Universidade.** São Paulo, USP/FFCL, 1959.

BERGO, Antonio Carlos. **O positivismo como superestrutura ideológica no Brasil e sua influência na educação.** Campinas, Unicamp, (Tese)

BINZER, Ina Von. **Os Meus Romanos: Alegrias e Tristezas de uma Educadora Alemã no Brasil.** Rio, Paz e Terra, 1982.

BRITO, Jolumá. **História da Cidade de Campinas.** Campinas, 1969.

BRESCIANI, Maria Stela. ARAÚJO, Heloísa. **Campos Salles: A prática Política de um Propagandista Republicano através da Gazeta de Campinas (1873-1883).** Separata da Revista de História no. LII.

BORGES, Wanda Rosa. **A profissionalização feminina: Uma experiência no ensino público.** São Paulo, Loyola, 1980.

CANO, Wilson. **Raízes da Concentração Industrial em S.Paulo.** São Paulo, Difel, 1977.

CARELLI, Mário. **A La Decoubérte De La Amazonie.** França, Gallimard, 1992.

CIPOLATTO, Aldo. O Colégio Florence na história de Jundiaí. in: **Jornal de Jundiaí**, 3 jun 1980:13.

II COLOQUIO DE ESTUDOS TEUTO-BRASILEIROS. Recife, UFPE, 1974.

III COLOQUIO DE ESTUDOS TEUTO-BRASILEIROS. Porto Alegre, URGs, 1974.

COSTA, Emília Viotti da. **Da Monarquia à República: Momentos Decisivos.** São Paulo, Grijalbo, 1977.

DAVATZ, Thomaz. **Memórias de um colono no Brasil (1850)** trad.e pref.e notas de Sérgio Buarque de Hollanda. S.Paulo, Martins, s.d.

DAUNT, Ricardo Gumbelton. **Reminiscências do Distrito de Campinas**

em Bairro, Freguesia e Vila.(1879). Revista do Instituto Histórico e Geográfico de S.Paulo, no.40

----- **Os primeiros tempos de Campinas.** S.Paulo. Tipographia Paulista. 1879. Catálogo da Primeira Exposição Regional do Município de Campinas. Dez. 1885.

DEBRET, J.B. **Viagem pitoresca e Histórica ao Brasil.** 6a.ed. S.Paulo, INL, 1975.

DIAS, Maria Odila leite da Silva. **Quotidiano e poder em S.Paulo no século XIX. Ana Gertrudes de Jesus.** S.Paulo, Brasiliense, 1984.

DUBY, Georges. **Idade Média, Idade dos homens: do amor e outros e ensaios.** Trad.Jônatas Batista Neto., São Paulo, Cia.Letras, 1989.

ENNES, Ernesto. Thereza Margarida da Silva Orta. in:**Revista de História.** S.Paulo, 114:31-45, jan/jun, 1983.

EXPILLY, Charles. **Mulheres e Costumes do Brasil.** São Paulo. Nacional/INL, 1977.

FAORO, Raymundo. **Os donos do Poder.** 3a.ed. Porto Alegre, Globo, 1976. 2 vol.

FEITOSA, Miguel Alves. **Páginas Contemporâneas.** Campinas, Tip.Livro Azul, 1901.

FERREIRA, Salete Beatriz Braga Xavier. **A expansão escolar campineira e a grande lavoura no fim do Império.(1860-1889).** Campinas, Unicamp, 1982. (Dissertação de Mestrado).

FLORENCE, Amador. Municípios Paulistas e seus centenários. in:**Revista Arquivo Municipio S.Paulo, LXII, p.179**

FLORENCE, Carolina. Falecimento da Educadora. Voto de Pesarem. 22-4-1913. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de S.Paulo,** no.18. p.633.

FLORENCE, Evangelina. **Relíquias da Lembrança.** S.Paulo. Diário (Familia Florence) s.d.

FLORENCE, Isabel. CAROLINA FLORENCE (BIOGRAFIA). **Albúm de Comemoração do Bi-Centenário da Cidade de Campinas.** Campinas.

FLORESTA, Nisia. **Opúsculo Humanitário**. S.Paulo. Cortez. 1989.

FREIRE, Gilberto. **Nós e a Europa Germânica**. Em torno de alguns aspectos das relações do Brasil com a cultura Germânica no decorrer do sec.XIX. Rio, Grifo. 1971.

FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS - Mulher Brasileira - Bibliografia Anotada. São Paulo, Brasiliense, 1987. 2 vols.

GEBARA, Ademir. **Campinas 1869-1875 - Republicanismo, Imprensa e Sociedade**. São Paulo, FFLCH da Usp, 1975, mimeog.

GRAMSCI, A. **Os intelectuais e a organização da cultura**. Rio, Civilização, 1982.

GOMES, Guacira Lopes. **Evolução da Educação Escolar no Rio Grande do Sul (A Educação feminina no Instituto de Educação de Porto Alegre)**. Campinas, Unicamp, 1985 - Tese de Doutorado.

GOULART, Edme. **Campinas - Ruas da época Imperial**. Campinas. Maranata, 1983.

GUIMARÃES, Archimedes Pereira. **A Campinas de Meus Pais (1870-1892)**. Belo Horizonte, Gráfica Tamoyos, 1978.

HAHNER, J. **A mulher no Brasil**. trad. Eduardo F. Alves. Rio, Civilização, 1978.

HAIDAR, Maria de Lourdes Mariotto. **O Ensino Secundário no Império Brasileiro**. S.Paulo, Grijalbo/USP, 1972.

HILSDORF, Maria Lúcia Spedo. **Francisco Rangel Pestana: Educador, Político e Jornalista**. S.Paulo, USP, 1986. (Tese de doutorado)

JORNAIS: JORNAL DE JUNDIAÍ - JUNDIAÍ - (1978)

O CORREIO DE CAMPINAS - Campinas - (1885 a 1889)

O CORREIO PAULISTANO - São Paulo (1863 a 1875)

O CORREIO POPULAR - Campinas (1964 e 1978)

O CONSTITUCIONAL - Campinas (1875 e 1876)

O DIARIO DE CAMPINAS - Campinas (1875 a 1891)

A PROVÍNCIA DE SÃO PAULO -São Paulo (1875 a 1889)

A GAZETA DE CAMPINAS - Campinas (1869 a 1887)

KIDDER, D.P. **O Brasil e os brasileiros.** (Esboço Histórico e Descritivo). trad.Elias Doloniti, rev.notas de Edgar Sussekind de Mendonça. S.Paulo, Nacional, 1941. 2 vols.

KUPFER, Anna Krug. **Diário.** São Paulo. (Documentação em poder da Família Florence.). s.d.

LAPA, José Roberto do Amaral. História de Campinas: Tarefa para os próximos dez anos. **Revista de História.** São Paulo, no.54(107): 221-240, jul/set, 1976.

----- . Primeiras notas para uma bibliografia da história de Campinas. **Revista de Estudos Históricos.** no.5 e 6, Marília, 1966.

LE GOFF, Jacques. Memória.Documento/Monumento. in: **Enciclopédia Einaudi.** Vol.I. Lisboa, Imprensa Nacional, 1984.

LOMBARDI, José Claudinei. **Marxismo e História da Educação: algumas reflexões sobre a historiografia educacional recente.** Campinas, Unicamp, 1993. (Tese de doutoramento).

LUZURIAGA, Lorenzo. **História da educação e da Pedagogia.**trad. e notas de Luiz Damasco Penna e J.B.Damasco Penna. 12a.ed. S.Paulo, Nacional, 1980.

MARIANO, Julio. **Campinas de ontem e ante-ontem.** Campinas, Maranata, 1970.

----- . **Badulaques.** São Paulo, Conselho Estadual de Artes e Ciências Humanas, 1979.

MACEDO, Joaquim Teixeira de. A Escola de Froebel e os jardins da Infância in: **Novos Apontamentos de origem alemã para os estudos da questão relativa à Educação Nacional.** Rio de Janeiro, Nacional, 1880.

MANOEL, Ivan Aparecido. **Igreja e Educação Feminina: Os Colégios das Irmãs de São José de Chamberry (1859-1919).** S.Paulo, USP, 1988.

(Tese de doutorado)

MARX, K. **Sobre a Mulher**. São Paulo, Global, 1981.

MENDES, Antonio de Castro. **Casa do Livro Azul: Memorial comemorativo dos 50o. anos aniversário de sua fundação. 1876- 1926**. Campinas, Tip.Livro Azul, 1926.

----- . **Efemérides Campineiras**. Campinas, Graf. Palmeiras, 1963.

MOACYR, Primitivo. **A instrução e o Império**. V.II (1854-1888) e vol. III (1854-1889). São Paulo, Nacional, 1936.

----- . **A instrução e as Províncias**. (Subsídios para a história da Educação no Brasil) II vol. Sergipe, Bahia, Rio, S.Paulo e Mato Grosso. S.Paulo, Brasiliana, vol 147-A, s.d.

MONOGRAFIA HISTÓRICA DO MUNICÍPIO DE CAMPINAS. Rio, Serviço Gráfico do Inst. Histórico e Estatístico. 1952.

MORAES, Carmem Vidigal de. **O Ideário Republicano e a Educação. O Colégio Culto à Ciência de Campinas (1869-1892)**. Campinas, Unicamp, 1982. (Dissertação de Mestrado).

MULHER CAMPINEIRA. Documentários. Prefeitura Municipal de Campinas. Biblioteca Municipal. Recortes de Jornal.

OBERACKER, Carlos H. **A Contribuição Teuta à Formação da Nação Brasileira**. 4a.ed. Rio, Presença, 1985 2 vols.

----- . **A Imperatriz Leopoldina. Sua vida e sua época**. Ensaio de uma biografia. Rio, Dpto.Imprensa Nacional, 1973.

OLIVEIRA, Comendador Albino José de Oliveira. **Memórias de um magistrado do Império**. Revistas e anotadas por Américo Jacobina Lacombe. São Paulo, Nacional, 1943.

OLIVEIRA, Antonio Raymundo de. **História Geral de Jundiaí**. Jundiaí, Gabinete Literário, 1965. Mimeog.

OCTAVIO, Benedito. **Campinas e a Independência**. Campinas, Lisotypia da Casa Genoud, 1922.

----- . Mellilo, Vicente. **Almanch Histórico e Estatístico de**

Campinas. Campinas. Typographia da Casa Mascotte. 1914.

PARIS, Mary Lou. **A Educação no Império: O jornal e a Província de São Paulo. 1875-1889.** São Paulo. USP. 1980. (Dissertação de mestrado).

PAULA, Carlos F. de. **Culto à Ciência: Colégio, Ginásio e Colégio Estadual.** Monografia Histórica. Campinas. 1946.

PATEO, Luiza. **História Oral, Universo mágico da lembrança.** Campinas, Unicamp/IFCH, 1991. mimeog.

PESTALOZZI. in: **Enciclopédia Larousse.** Tomo V. Rio, Delta, 1962.

PRADO JR, Caio. **História Econômica do Brasil.** S.paulo, Brasiliense, 1949.

PIGNATARO, Lucia Capri. **Mudança estrutural da família tradicional campineira.** Campinas, PUCC, 1970 (Tese de doutorado).

PINHO, Wanderley do. **Salões e Damas do Segundo Reinado.** S.Paulo, Martins, 1970.

PRIORE, Mary del. **A mulher na história do Brasil.** 2a.ed.S.Paulo, Contexto, 1989.

PUPO, Benedito Barbosa. **A margem da História de Campinas.** Campinas, Palmeiras, 1973.

PUPO, Celso Maria de Mello. **Campinas, Município do Império: Fundação e constituição, usos familiares, a morada, a sesmaria, engenhos e fazendas.** S.Paulo, Imprensa Oficial do Estado, 1983.

----- . **Campinas, seu berço e juventude.** Campinas, Academia Campinense de Letras, 1969.

QUEIROZ, Vitalina Pompeu de Souza. **Reminiscências de Campinas.** Campinas, s.e. 1951.

RELATÓRIO DA PROFA. CAROLINA FLORENCE AO DIRECTOR DA INSTRUÇÃO PÚBLICA DE SÃO PAULO. 31 out 1889 - Arquivo do Estado de S.Paulo - Instrução Pública - ordem 5068.

RELATÓRIO DO SR. HÉRCULES FLORENCE AO INSPECTOR DA INSTRUÇÃO PÚBLICA DE SÃO PAULO. 24 dez 1867 - Arquivo do Estado de S.Paulo - (Família Florence - Documentos).

RELATÓRIO DO SR. QUIRINO CAMPOS DO AMARAL AO INSPECTOR DA INSTRUÇÃO PÚBLICA DE SÃO PAULO - 25 out 1870 - Arquivo do Estado de S. Paulo - ordem 5068.

RELATÓRIO DE LUIZ SILVÉRIO ALVES CRUZ AO INSPECTOR DA INSTRUÇÃO PÚBLICA DE SÃO PAULO - 14 out 1869 - Arquivo do Estado de S. Paulo - ordem 5068.

Comemoração do Centenário do Nascimento de Hércules Florece, in: **REVISTA DO CENTRO DE CIÊNCIAS E ARTES DE CAMPINAS**. Ano III, no.2, 30 abr 1904.

RODRIGUES, João Lourenço. Subsídios para a História de Campinas, in: **Monografia Histórica de Campinas**, Rio, Gr. Ins. Hist. Est. 1952.

RIBEIRO, Arilda Ines Miranda. **A Educação da Mulher no Brasil-Colônia**. Campinas, Unicamp, 1987. (Dissertação de Mestrado).

RIBEIRO, Jose Alexandre dos Santos. in: **Octícia bilbiográfica e Histórica da Pucc.** Ano 5, no.48, 1973.

RODRIGUES, Leda Maria Pereira. **A instrução feminina em S. Paulo: Subsídios para a sua história até a proclamação da República**. S. Paulo, Sedes Sapientae, 1962.

SAMARA, Eni de Mesquita. **A família na sociedade paulista do sec. XIX (1800-1860)**. São Paulo, USP, 1980. (tese de doutorado).

SANTOS FILHO, Licurgo de Castro. **Campinas (Evolução Histórica)** Campinas, s.e., 1969.

SANTOS, José Maria. **Os Republicanos paulistas e a abolição**. S. Paulo, Martins, 1942.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Retrato em Branco e Negro: Jornais, escravos e cidadãos em s. Paulo no final no século XIX**. S. Paulo, Cia das Letras, 1987.

SESSO JUNIOR, Geraldo. **Retalhos da velha Campinas**. Campinas, Palmeira, 1970.

SILVA, Geraldo Bastos. **A Educação Secundária**. São Paulo, Nacional, 1969.

SILVA, Tadeu Tomaz. **O que produz e o que reproduz em educação**.

Porto Alegre, Artes Médicas, 1992.

SILVEIRA, Carlos da. Et alii. **Notas Genealógicas e outras notas.** S.Paulo, Inst.Hist.Geogr.S.Paulo, 1968.

SNIDERS, George. A Pedagogia em França nos sec.XVII e XVIII in: **Debesse, Maurice e Miliaret, Gaston. Tratado das Ciências Pedagógicas. vol.2**

TAUNAY, Visconde de. **Homens e cousas do Império.** Rio, Cayeiras, 1923.

----- . **O Senado do Império.** Brasília, Senado Federal, 1978.

----- . **Viagem fluvial do Tietê ao Amazonas.**

----- . **A zoofonia.** Rev.Inst.Histórico Geográfico Bras. Tomo 39, II, 1876.

TANURI, Leonor M. **O Ensino Normal no Estado de S.Paulo.** S.Paulo, USP, 1979.

TEIXEIRA, A.M. **Cartas Sertanejas.** 2a.ed. Lisboa, Livraria Clássica, s.d.

TOMANIKI, Geraldo. O Colégio Florence, uma tradição na cultura jundiaense, in: **Jornal de Jundiaí**, 10 mar 1978:5

TSCHUDI, J.J. **Viagem às Províncias do Rio de Janeiro e São Paulo.** São Paulo, Martins, 1954.

UHLE, Águeda Bernadete. A filantropia e a educação. in: **Educação & Sociedade.** no.42 pg.274-279 - Ago 1992.

VIDIGAL, Alba Carneiro. **Folclore em Campinas: Artesanato.** São Paulo, Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia, 1978.

VIELLIARD, Jacques. **A Zoofonia.** Campinas, s.e., 1993.

VISÃO de Campinas ao tempo em que Carlos Gomes aqui viveu in: **Correio popular, Suplemento Especial.** Campinas, 11 julh, 1978, p.2

VOLKART, Christiano. **Monografia de Campinas para uso dos alunos da instrução preliminar por Crhisthiano Volkart, professor normalista, Director do lo.Grupo escolar.** Campinas, Tipographia a Vapor Livro Azul, 1903.

ZALUAR, Augusto Emílio. **Peregrinação pela Província de São Paulo (1860-1861).** São Paulo, Martins, 1913.

ZIMMERMANN, Maria Emília Marques. **O PRP e os fazendeiros de café; um estudo sobre as estratégias e as propostas do partido republicano em S.Paulo 1870-1889.** Campinas, Unicamp/IFCH, (dissertação de Mestrado.)

WILLENS, Emílio. **A aculturação dos alemães no Brasil: estudo antropológico dos imigrantes alemães e seus descendentes no Brasil.** 2a.ed.e ampl.ilustr.São Paulo, Nacional/INL, 1980.

ANEXOS

Anexo 1 - ENTREVISTA COM PROFESSORA DO COLÉGIO FLORENCE

Consegui entrevistar d.Analice Hoessler, professora de origem alemã, que ministrou aulas no Colégio Florence de Jundiaí, no ano de 1924, e hoje se encontra com a idade de oitenta e cinco anos. Iniciou em 1923, ficando nesse estabelecimento dois anos. Inicialmente era responsável pelas discípulas menores, pois ainda não tinha domínio da língua portuguesa. Havia, por parte da direção, a orientação com respeito à responsabilidade e os cuidados que os conteúdos das disciplinas exigiam. Disse-me que, enquanto foi docente da instituição, percebia o respeito que havia entre a direção , professoras e alunas. As aulas teóricas, apesar de estafantes, eram realizadas somente no período da manhã. O período da tarde e algumas noites eram reservados para a parte lúdica: recreações, exercícios de ginástica, cantos e os trabalhos manuais.

Nos finais de semana, havia, geralmente, uma programação recreativa. Nos domingos, as professoras levavam as alunas à missa e depois iam tomar sorvete na mesma padaria que fornecia o pão para o Colégio.

D.Analice Hoessler lembra-se dos passeios de trem, entre as cidades de Jundiaí e S.Paulo, e que muitas alunas chegavam na instituição por meio de sua utilização.

Não havia repetência entre as alunas. A passagem de ano para ano se fazia por capacidade das alunas. Passava-se de uma classe



Ilustração 36 - Corpo docente do Colégio Florence, com a diretora
"D. Guina" (Coleção D. Analice Hoesller)

para outra, dependendo do grau de adiantamento. Os serviços gerais do estabelecimento ficavam à cargo das serventes. A roupa, por exemplo, tanto de professoras como das alunas internas, era lavada pela criadagem da instituição.

Quanto ao edifício do Colégio na cidade de Jundiá, d.Analice Hoessler lembra que era de bom comprimento. Tinha um pátio muito grande, com árvores frutíferas. No hall de entrada, à direita, ficava o grande refeitório, que ia até o final do corredor. Do outro lado, ficava o gabinete da direção, ricamente decorado com papel importado da Alemanha, muitos quadros e a sala do piano. Continuando o corredor, ficavam os grandes dormitórios. Ao lado desses, um quarto onde as professoras dormiam em dias de revezamento. Tratava-se de uma espécie de ama-seca noturna. Quando, eventualmente, as discípulas adoeciam ou tinham pesadelos ou outro tipo de problemas, essas docentes de plantão se tornavam responsáveis por todo tipo de ajuda as alunas.

No final do corredor do grande refeitório, localizava-se a cozinha, onde ficavam os grandes fogões e os utensílios para o preparo dos alimentos, tipicamente brasileiros. As frutas, do próprio colégio, eram servidas como sobremesa: goiabas, laranjas, mangas, etc. Delas faziam-se os doces, muito apreciados pelos convidados, quando o visitavam.

D.Regina (Guina), diretora do Colégio Florence no período em que d.Analice Hoessler esteve na instituição, era severa nas tarefas do cotidiano. Entretanto, apesar da severidade, era mulher de bom trato, de quem todos gostavam e respeitavam. Andava sempre com um cão, que, ao acompanhá-la, não incomodava. Nas refeições, ela sentava-se à cabeceira da mesa, as professoras sentavam-se de ambos os lados, perto dela, e as discípulas sentavam-se em seguida aos lugares de suas mestras.

O piano instalado estrategicamente no refeitório era utilizado por alunas ou professoras sempre ao final das refeições. D.Analice Hoessler lembra da limpeza do estabelecimento, principalmente no refeitório. Depois de vários anos convivendo com epidemias, febres, era natural que os

Florences tivessem uma preocupação esmerada com a assepsia. As diretoras que sucederam Carolina Florence seguiram à risca suas instruções com respeito à higiene.

Anexo 2 - RELAÇÃO DAS ILUSTRAÇÕES

- 01 - Fotografia de Carolina Florence. p. 11
- 02 - Fotografia de Hércules Florence . p. 21
- 03 - Desenho do Colégio Florence feito por Hércules Florence em 1863, por ocasião da Fundação do estabelecimento. p. 40
- 04 - Xerox de Impostos pagos ao Município de Campinas, por Carolina Florence. p. 42
- 05 - Despesas relativas a taxa de escravos e rede de esgotos, por Carolina Florence. p. 48
- 06 - Recibos de contribuições referentes a construções das Igrejas: Matriz e S.Benedito, por Carolina Florence. p. 86
- 07 - Fotografia do Colégio Florence, na década de XX. p. 96
- 08 - Exemplo de um programa de apresentação artística do Colégio Florence. p. 117
- 09 - Jornal "O Diário de Campinas" p. 119
- 10 - Recibos de anúncios, assinaturas e trabalhos de gráfica realizados pelos jornais para Carolina Florence. p. 120
- 11 - Jornal "A Gazeta de Campinas" p. 121
- 12 - Trecho da carta de Miguel Alves Feitosa, enviada para Carolina Florence referente a empréstimos de livros à professora Armelina Lamaneres. p. 148
- 13 - Carta do Professor João Kopke, enviada em 1884 à directora do Colégio Florence. p. 153
- 14 - Trabalho musical realizado pelo Prof.Emílio Giorgetti. p. 161
- 15 - Fotografia de Carolina Florence e os professores do Colégio Florence. p. 167
- 16 - Trecho de carta enviada pela profa.Armelina Lamaneres à Carolina Florence, por ocasião da Febre amarela em Campinas. p. 174

- 17 - Fotografia de Alunas do Colégio Florence, na cidade de Jundiá. p. 190
- 18 - Trecho da carta de um pai, enviada por ocasião das festas de final de ano, às suas filhas que se encontravam no Colégio Florence. p. 197
- 19 - Exemplos de recibos de despesas relativas a dentistas e remédios realizados para as alunas do estabelecimento. p. 204
- 20 - Exemplo do livro de Contabilidade do Colégio Florence, realizadas de próprio punho por Hércules Florence. p. 209
- 21 - Exemplos de despesas com a compra de livros para as alunas do Colégio Florence. p. 210
- 22 - Despesas com calçados e utensílios gerais para alunas do Colégio Florence. p. 211
- 23 - Seguro realizado por Alberto Müller, a favor de Carolina Florence. p. 212
- 24 - Compra de Livros na Loja Garraux, em S.Paulo, para o Colégio Florence. p. 212
- 25 - Recibo de Castro Mendes de compras de artigos de escritório para o Colégio Florence. p. 213
- 26 - Carta de Zulmira Guimarães, enviada à diretora do Colégio Florence, por ocasião do seu aniversário e de sua ex-discípula Ambrosina. p. 219
- 27 - Convite do Club Amisade para Yayá. p. 227
- 28 - Recibo de contribuição do Club Semanal, de Carolina Florence. p. 229
- 29 - Ações do Theatro S.Carlos, de propriedade de Carolina Florence. p. 230
- 30 - Recibo de pães fornecidos pela Padaria de Baenninger para o Colégio Florence. p. 238
- 31 - Nota fiscal da Loja de Francisco Krug. p. 240
- 32 - Nota da Farmácia de Jorge Florence. p. 242
- 33 - Certificados alemães de transações de compras de Carolina Florence para o Colégio Florence, que estava sendo instalado em Jundiá. p. 249
- 34 - Revista com reportagem sobre a comemoração dos 50 anos do Colégio

Florence, sem referência bibliográfica. p. 256

35 - Fotografia de d.Rosa Fladt com professoras do Colégio Florence em Jundiaí. p. 257

36 - Fotografia de D.Regina (D.Guina) com o corpo docente do Colégio Florence, em Jundiaí. (ANEXO I)

37 - Exemplo de texto publicado por Geraldo Tomaniki no "Jornal de Jundiaí." p. 262

38 - Fotografias das dependências do Colégio Florence em Jundiaí. p. 259

39 - Programa de Comemoração dos 100 anos do Colégio Florence, realizado no Instituto Florence, na cidade de S.Paulo. p. 263